

César Bogo

Amália Domingo y Soler
A Grã-Senhora do Espiritismo

Título do Original Castelhana
La Cronista de Los Pobres: Amália

Tradutor
Wallace Leal V. Rodrigues

Especial homenagem ao Espírito Imortal de Dona Concepción Concalia Balester sem cujo auxílio providencial o túmulo de Amália estaria perdido para sempre. Prova de amor e respeito em um ramalhete de violetas espirituais. Gratidão do tradutor.

MATÃO — Est. de São Paulo
EDIÇÃO — 3.000 exemplares
1.974

CASA EDITORA
O CLARIM
MATÃO

Sumário

Breves anotações sobre o autor / **03**

Prólogo / **06**

Prefácio do tradutor / **10**

I - A história humilde de um sacerdote / **18**

II - Renasce uma alma / **25**

III - Amália / **28**

IV - O Auto de Fé revelador / **48**

V - A Poetisa no periodismo / **68**

VI - Polêmica: Satã ou Deus / **88**

VII - A cronista dos pobres / **136**

VIII - Apaga-se uma luz / **233**

Breves anotações sobre o autor

O Intelectual e escritor argentino, César Bogo, autor deste livro que vertemos para o português, iniciou-se no Espiritismo depois de freqüentar algumas sessões realizadas em grupos familiares, compostos por números reduzidos de assistentes e, por isso mesmo, onde habitualmente colhem-se os melhores resultados.

Nasceu a 19 de janeiro de 1909, em Buenos Aires, capital da Argentina. Aos 15 anos começou a trabalhar no diário La Nación, onde foi escalado para exercer funções no Departamento Gráfico, de âmbito interno:

Sua adesão ao Espiritismo deu-se em 1944 no Circulo de Estudios Progreso Espírita. Nessa entidade desempenhou as funções de Vice-Secretário e outras responsabilidades, até que foi eleito para a Presidência (1949/1957). De 1970 até os dias que correm, voltou a ser Presidente da mesma entidade. E membro do instituto Kardeciano da CEA e do instituto Neo-Pitagórica de la Argentina. Em 1949 foi eleito vice-diretor da revista da Confederación Espiritista Argentina.

A revista La Idea conseguiu a sua colaboração e, de 1950 a 1955 ocupou o cargo de Diretor da mesma. Em 1963 voltou a assumir a sua direção, cargo que manteve até 1970.

Presidiu a Confederación Espiritista Argentina no período de 1955/1959 tendo, desde 1949 ocupado diversos cargos na Mesa Diretora, ininterruptamente, até a atualidade, sendo hoje Vice-Presidente da mesma. Desde 1952 é professor do Instituto de Enseñanza Espirita da CEA e, por duas vezes foi diretor desse organismo espírita; mantém esse Cargo na atualidade.

Vem pronunciando grande quantidade de conferências mantendo digna atualização doutrinária em diversas instituições de Buenos Aires e em várias cidades da República Argentina, ocupando com brilho e continuamente as tribunas espíritas.

Integrou a equipe de comentaristas do Departamento Bibliográfico do Diário La Nación, onde realizou comentários de livros para suas edições dominicais.

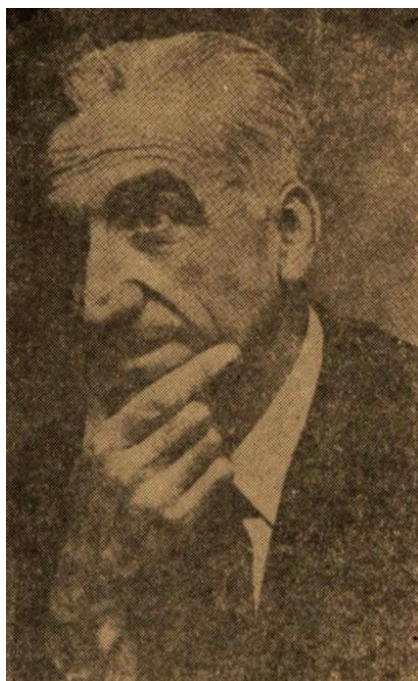
Escreveu inúmeros artigos espíritas para publicação na Argentina, Brasil, Porto Rico, México, Venezuela e Cuba, incluindo Londres, na Inglaterra, Colabora ainda em inúmeras publicações não-espíritas da Argentina, desde 1928 quando começou a escrever seus primeiros trabalhos literários.

Diversas casas editoras monografias e estudos de sua autoria, entre os quais: Glosas Kardecianas (1958); El Espiritismo ante la Psiquiatria (1959); Democracia Del Espirito (1965); Sociologia Incompleta (1968); Perfil de um arquétipo: Antonio Ugarte (1970); um conto Sursum Corda (1970); Doutrina Espiritista (1955) e a biografia da imensurável Amália Domingo y Soler, que hoje oferecemos ao leitor da língua portuguesa.

Esta é, uma parte, a tarefa que vem cumprindo nos seus quarentas anos de atividade doutrinária, sem tréguas, pois César Bogo encontrou na doutrina dos Espíritos uma atitude diante da vida pela qual sua alma anhelava até que se deu esse encontro.

Quando se lhe pede que diga algo a respeito do Espiritismo, ele costuma meditativamente dizer:

“Se algum pequenino mérito tem, quanto fiz, jamais poderá igualar-se a quanto me foi oferecido por esse querido ideal”



O Autor - César Bogo

O autor presta um tributo de gratidão a pessoas e instituições que lhe facilitaram elementos para a realização deste trabalho, Elas são: Agustín Naroí Humberto Mariotti, Constantina Tavassa, Asociacion Constanca, Asociacion Taller de los Humildes.

Igualmente aos que já se transferiram para o mundo da imortalidade e, oportunamente, o auxiliaram: Lola V. de Arámburu, Hugo L. Nale, Rafel El Busto, Manuel Pallás.

Prólogo

Dr. Luis Di Cristoforo Postiglioni
Presidente da Federação Espírita Internacional

Canalizar as próprias inquietações com o propósito de fazê-las conhecidas e eventualmente; compartilhadas, e, sem sombra de dúvida; a principal preocupação de todo o autor.

Esta e a reflexão inicial que nos vem ao espírito mal, terminamos a leitura da obra que agora, leitor amigo, te é confiada.

Certamente ela agradará e, nas páginas que se vão suceder, encontrarás, nos muitos conceitos valiosos, a fisionomia verídica de uma alma grande e generosa, toda e imensa lucidez, apesar de seus olhos materiais quase apagados, a ininterrupta luta da magnífica Dona Amália Domingo y Soler, heroína de mil batalhas que para seu próprio bem, não se encontram registradas em nenhum compêndio de táticas guerreiras.

É que Amália é a definição luminosa de uma encruzilhada da História Humana. Mais do que uma bandeira de definições é uma plataforma de princípios para os que se reencarnam como um modelo que o devenir dos anos não de estereotipar como um modelo a ser seguido.

Fisicamente pequenina, constantemente enferma, gigantesca na projeção de uma vontade criadora, e uma militância viva de realizações esplendentes que encontram âmbito natural e vigoroso caudal, - por menos respeito conheçamos, na alma de todas as mulheres. E o autor desdobra-se para que esta heroína do civismo se torne intimamente conhecida por todos, cantiga nos fez carne para viver nos lábios de tantas almas gêmeas da sua, que, com ela, vivem, que a amam, tomando-a como exemplo vivencial tal como ela o fora em sua perfeita integridade.

Este livro favorece a compreensão de uma mulher singular: poetisa da dor que cria condições para a reparação de faltas cometidas, da renúncia e, - Isto sem nenhum paradoxo, - das esperanças sem vacilações, da fé transformada em convicção e força bebidas na fonte da verdade eterna, da verdade-azul, da verdade-progresso.

Este livro reúne os fervores de quantos a conhecem, se bem ofereça um

panorama parcial desta vida exemplar, da qual se conhecem, colhidos aqui e acolá, fases e acontecimentos de épocas mais relevantes. Nele, entretanto, existe um fio de continuidade e um farto material até hoje desconhecido pelo grande público, constituindo, a bem dizer, quase uma enciclopédia da biografada. Não conhecemos nada de semelhante na bibliografia soleriana e isto, por si, já constitui um mérito para o autor e um convite formal a sua leitura, visto que o livro contém passagens que muito convém as nossas meditações, sejam de ordem espiritual, seja de ordem cultural.

Amália é o símbolo do ser predestinado à prova do avatar, que se realiza queimando em si um passado ensangüentado para a própria superação.

O mérito, o indiscutível mérito de Amália, é que sua condição de escritora, se beneficia em uma noção de realidade: seus artigos não profetizam um "amanhã" e nunca envelhecem no "ontem". Sua perenidade resulta da verdade. Ela trata da dor constante do homem, de sua movimentação na condição de homídeo; são proféticos ou rebeldes, grafados em intimismo silencioso ou em gritos de libertação, destacando uma qualidade: A condição humana.

Ela, nossa excelente protagonista, — com vocabulário límpido e acessível a todos os graus de instrução, põe-se ao alcance de todas as mentalidades (outro mérito de Amália), joga por terra o conceito de que "muitas perguntas não podem ser respondidas, viste que há verdades tão amargas que não devem ser reveladas". Nada existe que não possa saber o rei ou o povo, e Amália, rebelde, imaculada, arremete contra cem causas injustas, põe na própria carne esse propósito e o galvaniza nas profundidades de suas preocupações irrenunciáveis. Colocar Amália em seu meio ambiente interpretá-la nas angustias de sua alma atezanada por dores físicas, lutadora por antonomásia, é tarefa que o autor, - Fazendo uso de um estilo claro, simples e assimilável, — consegue, a nossa ver, alcançar plenamente. Talvez a crítica leviana julgue-o pelo seu pecado maior: a limpidez fácil de cristal com que seu estilo coloca esta heroína, todavia, pelo contrário, isto constitui o seu mérito maior: urge compreender que Amália, cronista de um periodismo menor, por não se ter deslocado para a submissão dos grandes órgãos, ergue-se solitária das

atribuições de sua posição social, pois que a sua linha de conduta se define por uma reivindicação humana, Fênix mil vezes batida e combatida, mas que mil vezes ressurgue de suas próprias cinzas.

Nesta espécie de diário que nos oferece o Autor, Amália surge como, a cronista que superpõe peças sobre peças, segurando-se firmemente nas minudências e no barro humano, esse mesmo barro que resulta, de cada dia vivido, esse barro de que fazemos parte, esse barro de que se constitui todos aqueles que nos rodeiam. Toma entre os dedos o colar de angustias e necessidades, este colar de claudicações e de triunfos no âmbito de nosso próprio mundo interior: São para a pena de Amália, um balanço da vida real. O impropriamente denominado "jornalismo menor", como é denominado o jornalismo em que colabora Amália, é justamente, aquele que se realiza com maiores esforços. A própria vida se escreve com a tinta de sangue fluindo das veias, palpitando em cada fato, gritando em cada desgraça, vivendo na carne dilacerada de cada dia infame, a luz das misérias humanas, mas que, vez por, outra deixa-se de assim mostra-se, transformando-se no clarão luminosos da nossa vida superior.

Pujante diretora de jornais livres e orientadores, sua pena. – A famosa pena de Amália - torna nobre toda e qualquer tarefa periodística; cantora de angústias próprias e alheias (para ela nunca houve dor de que compartilhasse) vivia a azáfama de seu mundo exterior, melancólico tal qual o seu mundo íntimo e o alheio que a cercava, mundo burilado à força do reconhecimento de erros superados dia-a-dia, em holocausto de uma verdade retificadora e condutora de almas.

Poderíamos, amigo leitor, prolongar excessivamente estas considerações em torno da periodista salvacionista, dessa luz feita carne e mulher, que foi Amália durante toda a sua vida, em forma de apostolado. Desde o seu primeiro trabalho, publicado no n.º 9 da revista El Critério, em 1872, provou ser uma pena permanentemente burilada. Trata-se de um artigo em prosa. Dois anos passados, faz uma segunda aparição e 4 de abril de 1874, agora em versos de homenagem. Amália contava 38 anos de idade e já configurava o perfil da audaz andaluza, que desconhece fronteiras, espanhola filha de todos os lares do mundo, cujas diástoles e sístoles vibraram em todas as latitudes, onde quer que houvesse dor, levando esclarecimento e aconselhando quanta á maneira de restabelecer-

se o equilíbrio.

Amália, símbolo do jornalismo feito de suores e sacrifícios, que ignora limites, que não conhece abrolhos, esse jornalismo-menor que canta tantas verdades!

Amália é a poesia que, apesar de chapinhar no barro, aponte para as estrelas! Amália, símbolo da mulher e mãe! Amália, imortal defensora das causas nobres! Amália tornada no sistema nervoso do povo, toda ela está contida neste livro, cujas portas acabamos de abrir para que o caro leitor o penetre.

Este livro, leitor, é teu e tua bandeira é o teu caminho.



Dona Amália Domingo y Soler

A Grã-Senhora do Espiritismo

Prefácio do tradutor

Se fôssemos árabe, diríamos: Maktub.

Estava escrito que nos caberia a tradução de tantas obras quantas Dona Amália Domingo y Soler houvesse escrito. Nossa "far memory" nos diz que vivemos juntos atribulados dias na corte de Espanha onde, certamente, atuava também a Grã-Senhora.

As "Memórias do Padre Germano" foi o primeiro livro espírita que lemos e já pensávamos em reunir material para uma biografia de Amália quando, em uma carta, o intelectual César Bogo contou-nos que escrevera acerca da vida e obra de Amália, principalmente no enfoque jornalístico, mas que ainda não tinha editor para La Cronista de los Pobres: Amália, título que dera ao seu trabalho. Imeditamente respondemos que a "Editora O CLARIM" estava disposta a fazer a tradução e o respectivo lançamento. Nesse meio-de-tempo, todavia, aconteceu que a "CEA EDICION"

apresentava a obra no original.

Tudo, entretanto, começara ano atrás. Fomos educados por uma irmã católica, muito embora nossos pais fossem espíritas. Éramos um menino abismado em livros e, aos 15 anos, já líamos em vários idiomas estrangeiros, desordenadamente, de modo que tanto o Mein Kampf, de Adolf Hitler quanto o Manifesto do Partido Comunista; Marx & Engels; Tomás de Aquino, Voltaire e Rousseau já haviam passado por nossas mãos. Começamos a leitura da Bíblia pelas aventuras e desventuras do Velho Testamento, uma espécie de curtição de cronistas antigos e ao adquirirmos a certeza de que não tínhamos condições para sermos católicos, descobrimos que sob Calvino e Lutero estaríamos apenas trocando de prisões. Podíamos respeitar todas as crenças no mundo mas parecíamos fadados a deísta, pautando nossa vida por dois slogans, um deles lido não sabemos onde: *Toujours l'attaque!* e a despedida de Polonius quando Laerte parte para a França, no Hamlet de Shakespeare:

Meu filho: isto acima de tudo!
 A ti mesmo sê fiel. E seguir-se-á
 Tal como a noite segue o dia
 Que a ninguém tu podaras ser falso
 Adeus! Amadureça em ti a minha bênção!...

A história é longa, todavia, finda a leitura do Padre Germano e nos embrenhando por Allan Kardec, encontramos um lugar para nós. Atiramo-nos com furor à leitura das obras espíritas e as nossas expectativas resultaram satisfatórias. Todavia, Amália passou a fazer parte do nosso mundo interior, ao lado de outras maravilhosas e audazes mulheres encontradas nas barricadas sem sangue do Espiritismo: Emma Hardinge Britten, Anália Franco, etc.

Os anos correram e quando Francisco Cândido Xavier anunciou sua ida ao Velho Mundo, ocorreu-nos que talvez situasse, em Barcelona, o túmulo de Amália. Não contávamos com a ferocidade do clero espanhol e

o triste preconceito religioso ali vigente. Não se trataria da busca de relíquias e sim da visita ao mausoléu de um líder carismático, como, por exemplo, se faz com relação ao dólmen de Kardec no Cemitério do Père Lachaise, em Paris.

Houve, entretanto, motivos que levaram o médium a deixar a Espanha e que perlongaria este prefácio. Dona Amália dera trabalho aos clérigos em debates dos quais ela saíra coroada de louros, vencendo os mais veementes homens dos púlpitos. Era, pois, odiada pelas autoridades representativas do ultramontanismo junto a um poder Governamental execrável e detectado com perfeição pelo escritor Elliot Paul em *Lif e and Death of a Spanish City* (Vida e Morte de uma Cidadela Espanhola).

Mas não nos demos por vencido. Mal nos caía às mãos um endereço de Barcelona e atravessava o oceano uma cartinha nossa. Ao mesmo tempo adquiríamos um habito que muito divertia os nossos amigos: periodicamente endereçávamos cartas a Salazar, em Portugal e a Franco, na Espanha, brandindo a "Carta dos Direitos do Homem" e protestando contra a segregação religiosa naqueles países ou denunciando a perseguição de outros credos que não o católico. O próprio Papa João XXIII nos deu, muitas vezes, poderosos argumentos. É certo que essas missivas nunca alcançaram as mãos às quais se dirigiam, mas ainda hoje, se nos sobra um tempo, lá se vai uma carta a Franco.

Enquanto isso o cinquentenário de desencarnação de Dona Amália, (1919 — 1969) se aproximava e ainda estávamos no marco zero.

Foi quando nos veio ter às mãos o endereço do Sr. Joaquim Oliva Anglada, do underground espírita espanhol, residente em Mataró, próximo a Barcelona. O sincero Anglada nos confessou com humildade:

Com referencia a la tumba de la hermana desencarnada Amália Domingo y Soler, nos encontramos ignorantes por completo de su ubicación... alio constituye una verdadera verguenza por todos los que pertenecemos a la unidad de la Ley Universal.

Ley Universal é a maneira que Anglada emprega para significar Espiritismo.

Rogamos-lhe que procurasse endereços de velhos espíritas barceloneses e, de certa feita, sugeriu-nos ele que recorrêssemos a D. Concepción Convalia de Ballester. Imediatamente lhe escrevemos e, mais

tarde, soubemos que ela chorou ao receber nossa missiva.

"Sim, ela conhecia o local (ubicacion) do túmulo de Amália. Acompanhara o seu préstito fúnebre aos doze anos. Era filha de Amparito, uma das médiuns e amiga fiel de Amália. Esta se encontrava em um dos nichos da parte que desde há muito, era destinada aos protestantes.

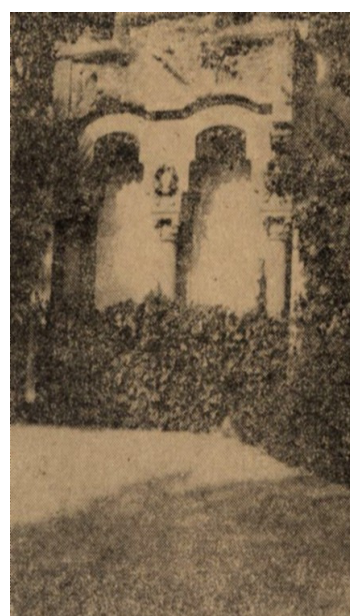
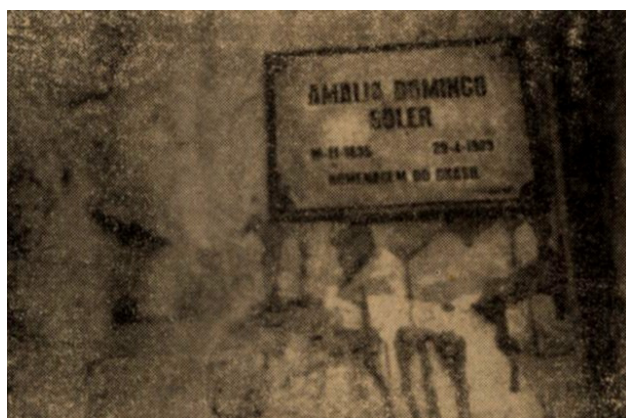


Nicho como se encontrava, perdido e abandonado



Placa que mandamos do Brasil, evitando a palavra “Espiritismo” para não ser arrancada

Amália não tivera direito à "terra consagrada" (o que seguramente bem pouco importou ao seu espírito imortal). O local se encontrava no Cemitério de Montjuïc, Via San Carlo, nicho 35 de quem entra pela Via Santa Eulália, recinto livre. Não muito distante nos n.ºs 1 e 6 se encontra José Fernandez Colavida, denominado o Kardec espanhol e Felipe Senilosa, desencarnado em Buenos Aires e trasladado para Barcelona. Dona Concepción, conhecida pelos amigos pelo apelido de Conchita, tratou-nos como a um filho. Propusemos-lhe uma façanha. Ela nos contara que o local estava abandonado, por causa e invadido pelas ervas daninhas. Mandaríamos do Brasil uma placa para identificar o nicho e ela faria com que fosse afixada. D. Conchita, já muito doente, aceitou o desafio e a placa lá se encontra. Pena foi que não pudéssemos mencionar a palavra Espiritismo. Diz apenas: "Homenagem do Brasil". De outro modo seria fatalmente arrancada.



Túmulo de Amália Domingo y Soler no cemitério de Montjuïc ala dos Protestantes na cidade de Barcelona

Não se passou muito e soubemos que o local estava sendo zelado e visitado tanto por turistas brasileiros, de crença espírita, quanto, disfarçadamente, pelos próprios espíritas espanhóis. A "guerrilheira" espírita volta a ser lembrada.

Mas as cartas de Dona Conchita rareavam. Em maio de 1970 seu marido comunicava-nos que ela desencarnara pacificamente e fora sepultada não muito longe de Dona Amália. O fato se dera a 25 de fevereiro às 5 horas da madrugada. Nossa querida amiga contava 74 anos e, para surpresa nossa, deixava-nos por herança, tudo quanto fora de Dona Amália e que coubera, antes à sua mãe, Amparito, depois a ela própria. De sorte que, presentemente, somos a pessoa que possui tudo quanto resta de Dona Amália Domingo y Soler, cartas, objetos vários e até uma caixa de madeira artisticamente trabalhada em sândalo e que lhe fora oferecida pelos espíritas das Filipinas. Nela Dona Amália guardava suas canetas, instrumentos de façanhas inesquecíveis na História do Espiritismo.

Neste volume estampamos a foto de um monumento que foi dedicado à Grã-Senhora do Espiritismo e que deve ter sido demolido depois de 1936 quando, em Marrocos, uma sublevação militar, que se estendeu às demais guarnições espanholas, deu início a uma cruenta guerra-civil que durou até 1939.

O caudilho Francisco Franco pos-se à frente da revolta. A guerra, na qual intervieram legiões estrangeiras e é o leit-motiv de Por Quem os Sinos Dobram, de Ernest Hemingway, com apoio de ambos os lados, terminou com a rendição de Madri aos nacionalistas e a dominação de todo o território espanhol por Franco, intemorato do ajuizamento da História.

A religião católica tornou-se oficial e o ensino do catolicismo se fez obrigatório em todas as escolas, colégios e universidades. Todas as demais religiões, o Espiritismo inclusive, foram postas fora-da-Lei. Todavia vêm se mantendo através de movimentos subterrâneos. Daí a dificuldade em localizar companheiros nossos na terra de Cervantes. O terror é tão grande que nos pedem que envolvamos a Revista Internacional de Espiritismo de forma a que a palavra "Espiritismo" não fique exposta.

D. Concepción era uma mulher intrépida. Ela nunca nos fez tal pedido.

O terror acolá, entretanto, é epidérmico: o espírita pode inesperadamente "desaparecer".

As cartas cujo teor reproduzimos, foram doadas ao "Museu Cairbar Schutel" pelo intelectual César Bogo e sua esposa, Dona Juanita Bogo. São dirigidas a Isabel Pena de Córdoba, amiga íntima de Amália e que, casando-se, foi viver na Argentina. Uma das filhas de Dona Isabel conservou as cartas e uma parte delas foi dada a César Bogo.

Aqui vale dizer que Don Francisco Ballester Galés, na intimidade simplesmente Paco, informou-nos com emoção, para ele e para nós, que Dona Concepción escrevera ela própria o seu epitáfio:

Si me dierem a elegir
 Entre la vida y la muerte
 Escogeria la muerte
 Porque lo que ansio es vivir.

Visitantes do nicho de Amália narram que o encontram enfeitado de violetas, sua flor preferida. A visita se prolonga aos jazigos dos demais heróis do Espiritismo na Espanha, onde oram e depositam homenagens florais.

Não obstante as determinações do último Concílio Vaticano acerca da liberdade de culto religioso, ainda recentemente recebemos de um correspondente, J. M., de Madrid, carta em que dizia: El Espiritismo en Espana sigue proibido. Em la casa que vean reuniones asiduas, va la policia y se los llevan a todos detenidos. Con gran pesar hemos de comunicarles que en este pais se avecinam tiempos muy sombríos; pueden perjudicarnos personalmente, por lo que será conveniente que suspendam el envio de la Revista, la que, con grandes titulares pueden comprometer seriamente. Es una fatalidade que desde a guerra civil espanola nos conocemos demasiado y actualmente el malestar se acentua hacia una peligrosa confusión con afán de revanche.

Sabemos, não obstante, que as sessões continuam e que, o Espírito imortal de Amália já encontra médiuns que com ela se afinam e têm transmitido lições tão belas quanto aquelas que escrevera no passado.

Um dos assistentes, ao escrever-nos, nos enviou trechos dessas

comunicações. E, ao terminar o nosso prefácio de abertura deste livro, que traduzimos com especial carinho, desejamos transcrever certa frase de uma comunicação de Amália:

Ela procura que nos unamos, que nos demos las manos a traves de este inmenso mar que nos separa.

Sim, querida Amália, as nossas mãos já se uniram e por mais extenso seja o oceano, assim estarão, até a vitória da Lei Universal...



I

A história humilde de um sacerdote

Filho do mistério, — Assim ele mesmo se chamava. — não conheceu seus pais. Disseram-lhe que sua mãe morrera ao dar-lhe à luz.

Cresceu em uma comunidade religiosa.

Sua primeira noção de existência transcorreu entre um casal de cães Terranova, Zoa, a cadela, sobre cujo corpo dormia a criança suas sextas no horto do templo, e León, o forte animal com o qual realizava suas primeiras correrias e brinquedos.

Uns encapuçados negros, sombras humanas que viviam em seu redor, se bem não tivessem para com ele frases ásperas e nem lhe ministrassem castigos corporais, outrossim não sabiam articular a palavra cálida, amorosa, que faz o deleite da alma infantil.

Não houve uma mulher que enchesse o vazio de amor que, naquele coração terno, se abria como uma ferida sangrenta.

— Serás ministro de Deus. — Haviam-lhe dito os encapuçados certo dia. — E fugirás da mulher, porque dela se vale Satanás para conseguir a perdição do homem.

E homem-feito, sagrado sacerdote, governado pelos convencionalismos assimilados no âmbito em que decorrera sua educação, fugiu da mulher, crendo assim ser agradecido ao Deus que seus preceptores invocavam. Em certa ocasião, cumprindo com suas obrigações sacerdotais, deu-se conta de que sua fuga não passava de uma transgressão às leis naturais, que reclamam, imperativamente, a sadia união dos sexos.

Foi confinado em uma pequena capela perdida em uma aldeiazinha longínqua, pois, quando começou a ler, com avidez, a experiência viva que transcende das obras dos grandes sábios, deu-se conta de que o sacerdócio ia de encontro a uma missão essencial do homem. Todavia humildemente calou o seu protesto ardente nas profundezas da alma. Não mais fez sua voz ser ouvida em favor da justiça. Compreendeu que isso lhe ocasionava inimizades cruéis, que feriam sua doce sensibilidade.

Aceitou a missão com humildade, procurando fugir a todos os compromissos que lhe dessem maior realce na tarefa que lhe fora confiada. Todavia a fama de sua nobreza, da pureza de sua alma, que irradiavam além do seu ser material, fez dele o confessor mais procurado em muitas léguas ao redor de sua aldeia.

De cidades importantes, personagens da nobreza e destacada posição social, vinham ao seu encontro em luxuosos coches cercados de lacaios e serventes, em caravanas magníficas, a fim de receber bênçãos e solicitar confissões, reclamando os serviços do clérigo simples, que só desejava por companhia, além das crianças que o cercavam, proporcionando-lhe um carinho que ele correspondia, seu fiel Sultão, filho de Zoa e León, que ganhara pequenino: uma herança colhida em um berço de trapos.

Gozava da maior felicidade quando, juntando-se ao alvoroçado grupo de crianças que acorriam ao templo, fugia para o campo-aberto, inflando os pulmões com os benefícios da natureza.

Saltava e brincava com os diabretes que tinham, como fiel guarda, o atento Sultão. Sentava-se à sombra de uma velha oliveira e, ali, obrigado pelos insistentes pedidos das crianças, contava-lhes ingênuos e belos contos, os quais aquelas mentes virgens escutavam com atenção e deleite.

Certo dia, — Contava o padre 35 anos de idade. — ouviu a cândida confissão de uma juvenzinha, integrante de um grupo de educandas de um colégio de meninas filhas da nobreza, que se dirigiram à capela para ouvir os seus conselhos espirituais.

— Amar é um mal, padre?

— Amar é bom, mas é preciso ter-se muito cuidado. Devemos amar a Deus, a nossos pais, ao próximo. Mas, no mundo, o amor pode engendrar paixões! — E isto lhe dizia o cura com um peso no coração.

— És muito jovem e não sabes ainda em que situações amar é um

delito.

—Eu amo a Deus, Replicou firme e sentenciosa a mocinha. — amo a meus pais e meus irmãos... mas amo a um homem também...

E o homem amado tão intensamente pela jovem, depois que todos partiram, permaneceu chorando de angústia, largo tempo, na pequena capela.

Chorava porque o amor também a ele chamara, cândida e solenemente, de maneira terna e pura, em uma voz que vinha dos mais altos cumes da sublimidade. Entretanto não podia abandonar o caminho no qual os homens encapuçados o haviam posto. Não estava em condições de aceitar o glorioso convite que o amor do mundo lhe oferecia.

Fechou seu coração usando as sete-chaves-do-desconsolo. Uma jovenzinha pálida, de negros cabelos encaracolados, fez-se um novo tipo de Satã atormentador. Não era o lúgubre personagem que lhe descreveram os mentores e sim Eros, o deus rosado e florido, cantando todas as virtudes celestiais.

Oito anos durou o suplício do pobre cura. Em suas orações diárias rogava a Deus fervorosamente que o livrasse do tormento dessa recordação que se mantinha indelével em sua lembrança. Embora como sacerdote adquirisse, dia a dia, por suas impecáveis atitudes, fama de santidade, depois de fechado em sua alcova lutava contra a paixão que lhe atenzava a alma, a ponto de faltar-lhe a respiração.

Até que um dia chega à aldeia um cavaleiro bem vestido, perguntando por ele.

—Vinde, senhor, minha esposa agoniza e só aceita a vós por seu confessor! — Disse-lhe o homem em um tom de voz que tanto tinha de súplice quanto de exigente.

— Olha-me! Não me reconheces? — Foram as palavras com que o recebeu a dama que jazia no leito e em cujo pálido rosto marcava-se o tom rubro de uma febre mortal.

Embora fosse algo difícil reconhecê-la, o coração do padre, que se desritmava em seu peito, como desejoso de saltar para fora, rompendo-o, já lhe revelara de quem se tratava. Era a jovenzinha de cabelos encaracolados que reencontrava no limiar do Além. Provando que o amor, que um dia confessara ao sacerdote, ainda ardia vivo em seu coração

prestes a silenciar, desejava ter a seu lado, nesse instante supremo, aquele a quem tanto amara.

Ele permaneceu a sós com a dama agonizante, na alcova da régia habitação.

—Há oito anos confessei-te que te amava, Dizem que vou morrer e quis dizer-te que, acima de todos os seres da Terra, amei-te... unicamente a ti...

Que estranho destino enlaçara aquelas duas almas? Ela, a dama opulenta, cercada de luxo e de todos os bens que a riqueza pode conceder, ele um humilde, um solitário sacerdote banido para um rincão perdido nos mapas, onde apenas brilhava e reinava, depois do pôr-do-sol, a sua absoluta pobreza.

O mistério da destinação das almas, com seus dramas estabelecidos em divinos argumentos, quem poderá devassar?

A jovem duquesa morria dois dias mais tarde, ordenando em seus últimos instantes:

—Desejo que me enterrem no cemitério da aldeia. Morta, quero estar ao teu lado, uma vez que não pude estar em vida...

Com este pedido deixou que se escapasse o último suspiro.

A febre epidêmica fizera vítimas igualmente na aldeia. A morte rondava implacável por aquela região e punha em fuga os habitantes temerosos de contágio. A situação se agravou a tal ponto que, ao morrer o coveiro, coube ao cura sepultar os mortos. E assim pode ele descer à terra, com suas próprias mãos, o corpo que não lhe pertencera, mas que lhe dera sua alma.

* * *

Quando alguém recorria ao seu confessor, a fim de aliviar-se de suas angústias, penas e problemas, por vezes de crimes cometidos e que conduziam a perspectivas sombrias para o futuro, buscava, na missão do sacerdote a compreensão, o perdão, a cumplicidade do silêncio, libertando-se do desespero que tirava a paz, ali encontrava, em seu posto, embora seus terríveis pesares, o humilde padre, pois fazia parte de seu mister, ter de suportar com piedade todas as desditas e a perdição humana.

De seus lábios, entretanto, fluíam consolo e alento, sugestões para que a justiça fosse exercida, uma solução adequada a cada uma das questões.

Aquele homem humilde, fisicamente frágil e capaz de atitudes sempre benévolas, era dotada de uma alma cândida e guardava o infantil desejo de ter uma vida pura, suave, terna, cordial. Todavia parecia crescer e ganhar uma força ciclópica quando deparava o vício e o pecado. Era inflexível ante os maus procedimentos, firme, enérgico a ponto de desconhecer-se a si mesmo; encontrava forças em sua fraqueza, vigor na sua candura, um magnetismo ardente, que dominava as almas, fazendo-se dominante e rígido, sem recorrer às violências nem aos extremismos, sutil para localizar as manobras da astúcia que sempre pretende ocultar o mal sob os véus das convenções humanas. Encontrava a palavra justa, o pensamento oportuno, o conselho sábio para dominar as situações que se lhe apresentavam, diariamente, em sua capela humilde, onde fracos e poderosos, pobres e ricos confessavam suas culpas, procurando paz para suas almas atormentadas.

Muitas vezes se desesperava ante o testemunho vivo de tanta iniquidade e pobreza que o faziam desfalecer, secretamente lamentando-se por sua desdita. Em tais circunstâncias, corria pressuroso para o campo esquecendo-se de seus problemas e participando das cascatas de risos das crianças, de suas brincadeiras e ouvindo sofregamente suas vozes alegres. Então recordava-se do Nazareno: "Deixai vir a mim os pequeninos". E ali, à sombra das árvores, entre a brisa fresca e o murmúrio dos regatos, ouvia o concerto feliz da tranqüilidade e da paz. Assim e reconfortava e se preparava para ouvir e participar de um próximo e conflito de almas.

No ocaso de sua existência, sobrecarregado de anos e de recordações, via que, cada vez mais, o seu corpo se inclinava para a sepultura. Foi quando surgiu em sua capela, já famosa, uma mulher que recolhia em sua alma todas as espécies de intrigas, crimes e maldades.

O velho sacerdote sentiu-se tomado de surda e funda revolta. Conhecia a visitante e sua horrenda história. Orgulhosa, agressiva, pretendia impor-lhe sua vontade, para que lhe outorgasse o perdão de seus pecados em

troco de uma doação vultosa para o melhoramento da capela.

Esmola tão farta quanto viciada de iniquidades...

O sacerdote, já débil para fazê-las compreender sua desaprovação, apostrofou a infeliz por sua maldade e expulsou-a do templo sem dar ouvidos aos rogos desesperados com que a mulher reclamava o perdão.

Este não foi concedido. O clérigo, que perdoava crimes, que soubera reconhecer os erros graves da alma humana não se portou, como sempre o fizera, com honrada atitude.

Sob cruel golpe moral, o sacerdote sentiu que o arrependimento abreviava os seus dias. Queria partir levando consigo a paz. Em seu leito, chorava enquanto as crianças o cobriam de beijos e carinhos que poderiam refazê-lo do colapso. Quando se erguia encaminhava-se para o túmulo da amada jovem pálida de cabelos negros como a noite, rogando à sua alma que o perdoasse por sua inexplicável cegueira. Os aldeões que dele cuidavam amorosamente, buscavam por mil artifícios dar-lhe algum sossego. E levavam as crianças para cantar em coro a composição que o cura lhes ensinara e que a ele mesmo era devida, quando desejara, de certa feita, alegrar um ancião enfermo:

Ancião, não te vás! Fica conosco!
 Na Terra está a nossa tarefa
 No mistério da vida que nos foi confiada!
 Deves ficar ainda, pois há quem necessite de ti,
 Amorosas mulheres que não sabem a quem amar,
 Crianças carecentes de sorrisos
 E outros anciões carecentes de amparo!
 Não te vás! Fica conosco!...

As vozes infantis elevavam-se cálidas e doces. O velho padre sorria tristemente e seu coração se banhava entregue ao inefável prazer daquela espontânea prova de estima.

Em uma pálida tarde de Outono entregou ele a alma ao Criador. As crianças o cercavam, regando com o manancial de suas lágrimas a figura débil e frágil daquele que tanto haviam querido e venerado.

Homem e mulheres que se tinham feito adultos à sombra daquele a

quem chamavam "Santo", os anciões que tinham recebido de seus lábios conselhos sábios, entremeados de amor e sadio raciocínio, mesclavam-se tristemente às crianças.

As autoridades eclesiásticas desejaram reparar o esquecimento e o desconhecimento daquele homem virtuoso. Vestiram o cadáver inanimado com os trajes de bispo.

E enquanto o corpo descia ao sepulcro, um pássaro trinava em um galho. As vozes misteriosas do vento, nas frondes do arvoredado, pareciam fazer-lhe coro...



II

Renasce uma alma

De entre as sombras de um crepúsculo denso e asfixiante, ele ia emergindo para a claridade da razão, pois tinha a alma pura aquele que, na Terra, fora um amável e humilde cura-de-aldeia.

Padre Germano, era como o chamavam.

Seu espírito renascia para a vida do eterno "hoje", elevava-se para além do marasmo da vida física. Uma aguda sensação de dor íntima, que não teria explicação para os que vivem enfaixados na carne, — a dor da Alma e do arrependimento — aprisionavam-no. Vinha-lhe o desejo de soluçar sem pranto, de gritar sem voz. Sentia a lenta sensação de fundir-se em um abismo. Sua dor não tinha remorsos mas a sensação de inconsciência era aguda e desagradável.

A figura translúcida da jovem pálida, de negros cabelos, surgiu de repente ante seu olhar. Uma intensa alegria substituiu as angústias anteriores.

— Onde estou?

— No Além! — Respondeu sem palavras a doce amada.

Olhou às suas costas. Uma estrela de cintilante luz marcava um misterioso roteiro. Muito além, aos seus pés, via os despojos mortais do velho cura. Sobre ele vários palmos de terra regada pelo pranto dos que o amavam. Cercando a cruz, em que se lia: Aqui jazem os restos mortais do Padre Germano, centenas de flores, delicados presentes da natureza,

havia sido trazidos pelas almas piedosas que o guardavam vivo em seus corações e que, seguindo seus sábios conselhos, conheceram a felicidade na Terra.

— Vem! — Convidou docemente a jovem.

Imediatamente sentiu-se rodeado por milhares de almas que tinham vindo para recebê-lo, agasalhá-lo, cantar-lhe hosiânas de gratidão, pagando a dívida sagrada do reconhecimento. Tudo era tão natural e tão maravilhoso ao mesmo tempo! Uma cena repetida cem vezes em diversas circunstâncias. Nada que não fosse assim... Tão... natural!

Era um reencontro de almas conhecidas: de ontem, de hoje... de sempre!

E, em seguida, um vôo amplo, impetuoso, sem longitudes e sem entraves, uma volição incontível e um infinito em tempo eterno, deixando vagar a mente (sem circunvoluções cerebrais imprecisas), aguçando o ouvido e a vista (sem trompa de Eustáquio ou córneas), um mundo novo e velho (permanente, eterno), manifestando-se a perder de vista em seu redor.

— Quando uma alma é chamada pela morte, renasce como um espírito.

— Ouviu, partindo da atmosfera peculiar que o circundava.

— Eu sou um espírito! — Pensou. — Encontro-me na eternidade. Continuo vivendo, pois que respiro e tenho todas as sensações.

— Vives! — Repetiu a voz. — Espiritualmente isto significa que esperas o momento de te reencarnares.

Ele não carecia de novas informações. O fresco hálito de nova e desconhecida vida dotava-o de um percuciente raciocínio. Finalmente sabia o que significa ter-se consciência. Vivia, porém, não no céu mencionado tantas vezes em seu magistério, mas em uma esfera de imortal beleza e sublimidade indescritível.

A nenhum espírito apraz voltar aos lugares onde sofreu, sobretudo se as lembranças não se amainaram.

Mas é lei que se retorne...

Em Gracia, aldeia de Barcelona, uma antena espiritual exercita o

sensível radar de sua alma e procura captar os soluços das almas que partiram, deixando o mundo terreno entre suspiros, pois que a ele ainda pertencem.

Havia ali um médium-de-incorporação: Eudaldo.

Freqüenta um centro espírita barcelonês, "La Buena Nueva" e, nele, exerce a sua faculdade de comunicação com o mundo invisível. Aspira obter; pela narrativa dos desencarnados, lições que ilustrem a necessidade de dedicação e amor.

Amália é a coluna da instituição, a diretora e aquela que se encarrega de copiar as mensagens. Um fluido simpático de imediato liga-a ao Espírito do Padre Germano. Essa afinidade, sem dúvida, data de séculos.

Da conjugação de aspirações que ligam estas três inteligências, duas delas na matéria, a outra viva em espírito, surgem as MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO. O humilde cura dita; Eudaldo capta intelectualmente e transmite através de sua voz. Febrilmente Amália copia.

Recorda o Padre Germano suas angústias na Terra, principalmente nos seus derradeiros anos, de maneira a que, quem as leia, tire delas exemplos, estímulos e avalie as conseqüências de atos praticados.

O livro resulta em virtual ensinamento da aplicação do Evangelho. A celebridade (*) que justamente cercava o nome de Amália já nesse tempo, faz com que seja lido em toda a Espanha e nos países de fala castelhana, provocando alegrias e tristezas, fazendo igualmente famoso o humilde cura de aldeia.

() O cofre, de sândalo esculpido, presente dos espíritas das Filipinas, e onde Amália guardava suas canetas, é hoje peça do Museu Cairbar Schutel. Nota do tradutor.*

A morte não consiste em mais do que a decomposição da matéria que susteve uma apresentação precária da vida.

Amália e Padre Germano!

Duas energias postas em um mesmo plano e grau evolutivo, laborando num afã comum. Figura e contrafigura de uma história. Sol e Terra, luz e sombra competindo com a fantasia e a admiração.



III

Amália

Chegavam ao fim às folhas do almanaque de 1835. A 10 de novembro anunciaram que Sevilha ganhava um novo habitante, de corpo rosado e frágil, ao qual se deu o doce nome de Amália, que, poucos anos depois, completado com os sobrenomes paternos, Domingo y Soler, ressoariam epicamente por toda a sua Espanha natal e pelos países de fala espanhola.

A oriental Sevilha do Alcazar mourisco, dos bosques de laranjas e limoeiros, banhada pelo Guadalquivir e adornada por templos magníficos, foi o local escolhido para a sua entrada no palco da vida. Sua infância e juventude decorreram tendo por pano de fundo a Catedral, a Giralda, a Casa de Pilatos, o Arquivo das índias, a Torre de Ouro. Sua alma sensível vibrava às influências telúricas daquele ponto geográfico, museu que reavivava a sua nostalgia, visto que suas antenas espirituais captavam a herança heterogênea, os ressaibos dos fenícios, que a fundaram e deram-lhe por nome Hispalis, iniciando o trabalho de dar-lhe fisionomia e caráter. Mais tarde os romanos, dominando-a, trocaram-lhe o nome para Colônia Rômula. E seguem-se os árabes que a tornam capital do reino de Abel Azis, depois os reis católicos que nela sediam sua corte. Todos os que passam deixam suas pegadas, uma vibração de acontecimentos de peculiares características em seu destino; e todos esses acontecimentos ocupam-lhe a mente singular: placa indelével de uma inteligência

invulgar.

Pelas suas ruas viu passar, nos domingos, centenas de mulheres que cantavam em voz tremula e queixosa o Santo Rosário. Menina ainda experimenta um estremecimento que partia do fundo de seu ser, fazendo emergir um protesto mudo, que levava à conta de uma profanação.

A seu ver a oração não devia ser pronunciada em público, mas em segredo. Considerava que, ao elevar-se o pensamento a Deus, essa exibição exterior punha a perder o melhor de sua essência, o delicadíssimo perfume! O certo seria por-se em íntimo colóquio com a amorosa paternidade.

— Se Deus tudo vê e tudo sabe, — Refletia. — não necessita das palavras de seus filhos em suas intercomunicações. Por que externar, por que pedir, por que gritar rogando misericórdia se um dos atributos de Deus é a justiça?...

Oito dias durou a primeira impressão de alegria no lar dos Domingo y Soler.

Oito dias e a constatação de uma horrível realidade, apagando as esperanças e ilusões: A pequenina era cega...

No decorrer de três meses — Longos e angustiosos! — luta a ciência infrutiferamente por devolver a luz aos tarais daquela alma. A medicina especializada fracassa em todas as tentativas, aumentando a dor da pobre mãe que chega a desejar que, melhor do que passar a vida a caminhar nas trevas, seria ver morto o fruto de seu ventre. Foi um humilde farmacêutico, sábio, porém ignorado pelo mundo em vista de sua modéstia, quem contém o progresso do mal. Reapareceram as imagens para aquele olhar ainda sem consciência real. Não obstante, desde então, algo como um véu, faria opaca a visão integral da criança.

A pobre e sofrida mãe viu entrar em sua vida um hausto de felicidade. Tinham sido tão desditosos os seus dias...

Amália cresceu em um núcleo familiar que tinha por lema o terror. Não conheceu o carinho de que está impregnada uma carícia, a cálida palavra que vem enlaçada em um presente, por mais simples que seja. O rigor e o

medo imperavam como método de educação em seu lar. Sua mãe, ao eleger um companheiro, para furtar-se aos azares familiares, não fora feliz. O companheiro contribuiu para a destruição dos seus sonhos com o vazio de largas ausências inexplicáveis. Por isso a desditosa mulher prendeu-se filhinha como o náufrago ao escolho que poderá salvá-lo. O tesouro de carinhos que havia em sua alma fez correr em caudais de cuidado, de forma a garantir a sobrevivência do ser que Deus lhe havia enviado para o consolo de seus pesares. Preocupava-se continuamente em dar à menina todos os prazeres possíveis, sobretudo ao se dar conta de sua enfermidade. Amália tinha dois anos de idade quando sua mãe decidiu-se a iniciar a educação e o cultivo daquele espírito que desabrochava. Tais foram seus desvelos e sua obstinação que, ao completar cinco anos a menina já lia correntemente.

E, enquanto isso, solidificava-se entre as duas almas, um laço inquebrantável de amizade, profunda harmonia espiritual e inefável ternura. A menina via na mãe o protótipo do melhor que uma personalidade poderia exhibir na Terra. A mãe retribuía o carinho da filha vendo nela o único motivo de viver no cenário de pauperismo que a vida lhe reservara.

Vinte e cinco anos viveram assim unidas essas duas almas confinadas em recíprocos carinhos, acrescidos na mãe com o passar dos anos e a certeza de que a esperava um prematuro fim. Empenhou-se em dar à filha instrução, ofícios diversos, conhecimentos do elementar à vida, para que pudesse defender-se das ciladas armadas pela pobreza.

Mas a falta de uma visão perfeita prejudicava a menina, fazendo com que surtisses vãos os esforços da progenitora. Talvez para compensar essas tentativas baldas, a menina, já adolescente e, por isso, mais consciente de seu destino, antevia que, em breve, seria uma adulta. Isso fazia com que se concentrasse em suas possibilidades, ao mesmo tempo que se apegava ao calor com que a progenitora a cercava com quase ansiedade.

Naquele lar sevilhano vivia-se com constante falta de meios, embora a senhora da casa evitasse que o fato se fizesse ostensivo e que isso viesse a ser humilhante para a filha. Gastava-se para a manutenção a pequena herança deixada pelo pai da menina. Esse recurso durou exatamente o

espaço de vida de sua mãe. Esta, apesar dos magros recursos, esforçou-se por criar a filha segundo os hábitos de uma grã-duquesa. Amália era cuidada e recebia os mimos de uma menina rica, educada para a vida despreocupada da burguesia. A mãe abnegada desejava, talvez, demonstrar o agradecimento com que recebera a tarefa de dar à filha os últimos instantes de felicidade que desfrutou em toda a sua vida.

A senhora mantivera uma velha criada, que auxiliava nos trabalhos da casa e que dava toda a sua atenção à menina. Era a única pessoa com ordens de levar Amália a passear, na impossibilidade da mãe, tarefa realizada com o mesmo zelo maternal. Era uma criatura exemplar e que se considerava como um membro da família. Tinha o seu lugar, ao lado da sra. Domingo y Soler, na mesa em que faziam as refeições. Quando já fatigada pelos anos, essa doméstica regressou ao lar de sua família, periodicamente Amália e sua mãe iam visitá-la. Ao sentir que era chegado o momento de se despedir do mundo pediu que chamassem a senhora e a menina. Em seu leito de agonia o seu olhar pervagou sobre os familiares que choravam desconsoladamente e deteve-o em sua nobre protetora. Repetiu-lhe o nome duas vezes e deixou que se lhe escapasse o derradeiro hausto. Havia, desse modo, exteriorizado sua homenagem e seu afeto.

Os ricos templos sevilhanos muitas vezes atraíam Amália quando suas ânsias de falar a Deus se faziam incontáveis. Essa inquietação, todavia, firmava-se em seu espírito racionalisticamente inato e que se fortalecia nas leituras cuidadosamente selecionadas por sua mãe, esquecida da pobreza ocular da menina.

Esta penetrava nas magníficas igrejas onde se veneravam potestades tidas por sublimes. Todavia, mal dava o primeiro caso em seus interiores, enchia-se de medo e horror. E quanto mais aparatosos eram os rituais eclesiásticos, e quando os clérigos iam ajoelhar-se ante os altares, envergando suas longas vestias e suas mitras, mais intenso se lhe vinha o desejo de correr para os campos, internar-se nos bosques, encontrar os regatos que refletiam alegremente os reflexos das policromas flores silvestres.

Era ali que podia falar a Deus, aspirando o perfume cálido e gratuito da exultante vegetação. Assentava-se, concentrava-se e sentia as vibrações de Deus pairando-lhe sobre a cabeça.

Sua paixão pelos livros era constante. Foram o brinquedo de sua infância e consolo de toda a sua vida. O simples fato de entrar em uma livraria causava-lhe uma religiosa e respeitosa emoção.

Certo dia visitando em Deva o palácio de D. Leopoldo Augusto, marquês de Valmar, crítico e poeta de renome, Membro da Academia Espanhola de Línguas, o qual possuía uma valiosa biblioteca, verdadeira maravilha, como ela mesma escreveu com sua autoridade e sempre acertada avaliação, um imperioso impulso invadiu-a levando-a a prostar-se de joelhos, como ante um altar do saber. Assim se apresentara à sua alma ávida de saber, a visão daquele salão que lhe produzira uma peculiar sensação de religiosidade.

Seus olhos haviam recobrado a faculdade de ver, porém não com a intensidade desejável e necessária. Esta circunstância, associada à sua permanente inquietude de saber continuamente alguma coisa nova, deram-lhe uma melancolia que recrudescia com a chegada do Inverno, quando as folhas outonais constituíam almofadas sob o arvoredos dos bosques e o crepúsculo vespertino, tão breve quanto as horas felizes de sua vida, impunha sombras à luz. Quando as noites iam-se fazendo úmidas e as manhãs melancólicas, vinha-lhe uma dor sem nome. O frio e a aparente destruição da paisagem se lhe comunicavam ao fio dos pensamentos. E ela dava um triste adeus aos lírios do vale, às frondes opulentas, à brisa primaveril e às virações mornas do estio. Então dizia com amargura:

— Quem sabe se quando as amendoeiras florescerem de novo eu já não terei partido... E ninguém irá depositar em meu túmulo uma lágrima ou uma flor...

Em dezembro, ao se modificar a estação, uma atmosfera oprimida se apossava de sua alma e ela monologava sobre quão efêmera é a vida. E pensava em seus dias, mergulhada no crepúsculo em plena Primavera, dadas as inclemências morais que padecia. Então a dúvida a oprimia, sua natureza se enevoava. Ela criticava as convenções vigentes e o quadro da existência se apresentava enublado ante seus olhos débeis. Por isso

quando as tênues luzes do céu outonal iluminavam o mundo em seu derredor, sua angústia, seu temperamento arrebatado tocavam os limites da desesperação e do desassossego.

Profundas apreensões cruzavam por sua mente enfebrecida. Ouvia falar do mar e sentia por ele uma secreta atração. Sem nunca tê-lo visto, intimidava-se à sua descrição. Uma voz lhe dizia então:

— "Ali se encontra a imagem de Deus!"

Em Cadiz pode, um dia, pela primeira vez, admirar a imponente espetáculo. Começou então a duvidar, a inquirir, pois se sentia excessivamente minúscula para considerar-se a derradeira obra da Criação, como lhe haviam ensinado. Pôs-se a tecer idéias sobre o que a religião ensinava, a noção de Deus e todo o mais lhe pareceram tão absurdas quanto absurda lhe surgia a sua própria figura ante a ciclópica extensão do mar.

E quando certo dia experimentou o que denominava a suprema verdade, pareceu-lhe tudo tão lógico, tão natural, que retornou ao mesmo cenário, dessa vez, para buscar a esperança e prosseguir vivendo, a resignação para perdoar e a fé para raciocinar e crer.

— Deixei-me em imaginação ser levada pelo suave embalar das ondas encrespadas, — Escreveu ela mais tarde em seu livro "Ramos de Violetas". — admirando nelas o que é o retrato fiel de nossa existência.

Erguendo a cabeça, viu o horizonte velado por uma bruma azulada, enquanto, no Oriente, o Sol, o rei dos planetas, difundia com seus raios calor e vida.

Uma tarde passeava a jovem Amália ao lado de sua querida inseparável mãe. Percorriam os formosos jardins do Alcázar de Sevilha, fruindo, a plenos pulmões o oxigênio emanado pelas árvores que povoam de maravilhas o encantador recanto.

A primavera acentuava as vívidas cores da natureza e um Sol de claridade inigualável brilhava com seu doirado esplendor. Mulheres formosas e jovens cruzavam-se em todas as direções enchendo com seus risos e a garrulice de seu infundável palrear, de peculiar musicabilidade,

todo o ambiente.

Os encantadores vergéis, com suas paredes cobertas de folhas de laranjeiras e suas gloriosas murtas, com seus perfumes e sua policromia, representavam luz e emoção, emprestando um aspecto glorioso à paradisíaca paisagem. Roseirais florescidos dominavam por onde quer que a vista descansava, fartos em seus produtos, artísticos e abundantes no dispêndio de aromas...

A jovem, de tez muito branca e ruivos cabelos, o corpo virginal vestido cor-de-rosa e rendas brancas, admirava com seu natural sentido poético a beleza local. Deixava que sua imaginação vagasse pelos sugestivos encantos que, para sua alma, possuía cada flor, o canto dos pássaros, a brisa sussurrante, que tenuamente acariciava seus cabelos e punha sutis ondulações em sua ampla saia. Seu êxtase se aproximava do delíquio enquanto deslizava pausada e solenemente pelas aléias do Alcázar.

Um dos jovens que passa, alma arroubada pelos encantos do lugar, apercebe-se do suave feitiço que envolve a juvenzinha em flor. Ela o nota e os dois envolvem-se nas emoções de um namoro. A ele, algo dizia que a jovem era muito desditosa. Sente um impulso. Em seu peito ardem descontraídos sentimentos, vê-se, — Quem sabe! — como os cavaleiros andantes das lendas que correm pressurosos a salvar do perigo a bem-amada. Em poucos instantes, entretanto, seu entusiasmo esfria. Ele está comprometido, deve casar-se com uma jovem que tece com seu nome os seus sonhos de amor. Mas o cativante mistério daquela jovem desconhecida, fada dos jardins do Alcázar, ascende em sua alma a paixão. Suas reflexões tocam todos os extremos: da prudência, da fantasia e da exaltação.

Colhe a flor sobre a qual a jovem estivera debruçada e lha oferece galantemente. Um fio de pérolas surge entre os lábios da mocinha quando ela sorri docemente agradecendo. Há um brilho diferente em seus olhos. Antes que as palavras sejam pronunciadas trocam-se sutis mensagens alma a alma. Um pouco à distância a bondosa mãe compartilha o momento de alegria. Sente-se alvoroçada por ver sua pobre filha cortejada por tão bem posto jovem cavalheiro.

A flor enseja a conversação.

— Obrigada! A flor é linda como a tarde! — Foi o prólogo do diálogo

iniciado por ela.

—Tendes razão. — Replicou o encantador moço. — Ambas são igualmente róseas a flor, a tarde e... o teu lindo vestido. A rosa, cuja fragrâncias aspirais, perderá o perfume que, se quiserdes, será guardado para vós somente.

—Como assim?

—De muito simples maneira: dedicando versos a essa rosa, cujas pétalas, por melhor que as guardeis, se converterá em pé, enquanto o vosso encanto, senhorita, permanecerá para sempre: Ouvi... A uma rosa.

Flor de hermosura ideal
 Bela y delicada rosa,
 Yo te contemplé orgullosa
 En un jardin oriental.
 Hubo um ser que comprendió
 Que admiraba tu hermosura;
 Temerário te arrancó:
 En mi mano te dejo
 Y le miré com ternura.
 Otra vez nos encontramos
 Y em memoria de la rosa
 Carino eterno juramos;
 De amistad pura e preciosa
 Un santo lazo formamos.

O destino impede ao jovem o cumprimento do compromisso contraído: Deve unir-se à mulher à qual está preso por formal promessa de casamento! As instâncias das duas forças que se lhe agitavam no íntimo, triunfa a que devia desfazer as ilusões alimentadas por Amália.

Enquanto permaneceu em Sevilha viveu dores e angústias, depois a lembrança, cada traço daquele amor que fora além das formalidades, das convenções, do carnal, envolvendo-se nos meandros da mais pura espiritualidade. Apenas as frases daqueles versos sugestivos podiam dar paz a sua alma.

O moço, cumpridas as bodas, por excesso de zelo e fidelidade

conjugal, destruiu o papel em que os versos foram escritos, na miúda e nervosa letra daquela alma gêmea da sua. Só a recordação, inapagável se lhe marcara na mente; as sílabas harmoniosas, permaneceriam pelos anos futuros nas lembranças daquele homem. Permanecendo com a esposa, respeitável, fizera a mais cruel e difícil eleição de toda a sua vida.

Profunda cicatriz deixa esse encontro nas duas almas vítimas dos caprichos da existência na Terra. Os anos se passariam e, uma vez mais ocorreria uma nova e singular entrevista entre ambos.

José Álvares já não mais se encontrava em sua prisão carnal. No espaço, do mundo espiritual, tem um novo colóquio com Amália, já vencida pelos anos, para recordar, na eternidade, aquele instante em que seus corações vibraram uníssonos.

Enquanto a menina se ia tornando mulher, rodeada pelos afagos e cuidados de sua bondosa mãe, começa a sentir angústias indescritíveis.

Buscava a Deus...

Buscava-O dentro de si mesma.

Todavia, não achava forma de encontrá-lo. Sentia-se desolada. Saindo da intimidade do lar, buscava os templos. Ali, fitava as imagens das virgens dolorosas, os Cristo moribundos, os santos aos quais se atribuíam milagres. Concentrava-se nas relíquias dos mártires e tinha a simples sensação de estar passando em revista a uma coleção de antiguidades mais ou menos autênticas. Sua alma permanecia muda. Em seu peito o coração não se agitava. Sua alma permanecia indiferente.

Não que fitasse com prevenção quanto lhe rodeava. Pelo contrário! Havia nela uma ânsia extrema de crer, de ter algo a esperar. Sentia inveja das mulheres que rezavam fervorosamente ao pé dos altares.

— "Quanto não daria eu, — Pensava. — para crer nos mistérios religiosos! Tão má serei que Deus me afaste de sua igreja?

Tinha a impressão de não ser aceita porque todas aquelas imagens não lhe causavam nem ao menos respeito. Admirava-as como expressões da arte-religiosa, dignas, como tal, de um reconhecimento estético. Mas como os iconoclastas do século VIII, vinham-lhe impulsos de deitar tudo

aquilo por terra. Esculturas bisonhas, pinturas ridículas que via pintadas nos lenços, presenteados com um tolo sentido, como evocações à fé, lhe causavam riso. Toda aquela feira mitológica servia apenas para causar-lhe revolta. Não podia conceber que, para adorar a Deus, fosse necessário apelar para bonecos de barro e pintar aquelas estranhas caricaturas.

Saia dos templos contrariada. Embora tivesse tantas necessidades, era-lhe imperativo "crer", para seguir vivendo. O seu empenho a tal respeito não conhecia descanso. Voltava a visitar as catedrais, os templos, de grande beleza e luxo, ouvia os mais famosos oradores sacros e, ao terminar o ritual religioso, dizia a célebre frase de Santo Agostinho:

— "Vaidade das vaidades. Tudo vaidade..."

Encontrando-se em Madri, de certa feita, depois de haver procurado Deus em sua pureza e verdade, com quase desespero, por muito tempo e em todas as religiões, em uma quinta-feira santa, saia da faustosa igreja de S. Sebastião, freqüentada pela fina flor social da Calle Atocha; dirigiu seus passos para a humilde Calle de Calatrava. Ali erguia-se um modesto templo evangélico. Era apenas um salão amplo e destrambelhado. Nas paredes, onde não caíra o reboco, haviam escrito versículos da Bíblia. Os fiéis, sentados em rústicos bancos bem alinhados, ouviam o pastor que, sobre um estrado, podia ver todo o recinto, por detrás de sua mesa coberta por uma tapeçaria carmesim, sobre a qual descansava um majestoso volume da Bíblia.

O ambiente era singelo, muito de acordo com seu temperamento avesso às pompas. Ali Amália sentiu-se à vontade.

— "Sim! Eu encontrarei aqui o que desejo!" — Ela pensou.

Foi uma emoção de primeiro momento. Sua ilusão bem rapidamente se desfez.

— Quem crê em Jesus está salvo! — Preconizava o oficiante.

— "E as milhares de pessoas que nem ao menos ouviram falar em Jesus?" — Refletiu Amália. — "Que será delas?"

E bem cedo ouvia a frase em torno da qual movimentavam-se os crentes daquele culto:

— Aqueles que têm a perniciosa mania de discutir e racionalizar — Disse o pregador. — não podem crer no que ensinam as religiões. É de todo impossível conciliar as situações.

Amália levantou-se e saiu. Para distrair sua mente, debruçou-se em uma ponte que passava sobre a Guadalquivir, na terra andaluza que o via nascer e, entrefitando-se no límpido espelho onde se refletia amplidão maravilhosa, perguntou às águas tranqüilas:

—Onde se encontra a alma gêmea da minha?

Estremeceu. Seu espírito sentia frio no vergel a que seus passos a tinham levado. E, não obstante, perguntava às aves que se beijavam com os róseos bicos, às flores que abriam seus cálices, aos raios do Sol e da Lua, que estendiam mantos de ouro e de prata sobre o rio, a tudo quanto parecia sorrir ao seu redor:

—Onde se encontra a alma gêmea da minha?

Sentia, evidentemente que, ali, tudo vivia, tudo respirava. E seu espírito necessitava de viver e de amar...

Extasiava-se nesses jardins maravilhosos da Andaluzia, admiradora fervente da natureza. Contemplava os pequeninos bosques de jasmims, os arcos-de-triunfo construídos por belíssimas rosas de "pitimini", e, aspirando com prazer o penetrante aroma dos limoeiros e laranjeiras, dos lírios e açucenas, comentava com sua mãe ou as amigas que lhe serviam de companhia:

—Como seria agradável morrer-se aqui. Que lembranças formosas levar-se-ia da Terra.

—Que loucura!

—Que bobagem!

—Que romantismo exagerado!

A resposta, esse coro de incompreensões. Ninguém entenderia o tormento daquele ser profundamente sensível. Queria morrer em um momento de felicidade. Não lhe agradava que o fim de seus dias ocorresse em horas de tormenta. Fugia da dor, talvez pressentindo o seu futuro sem alegrias compartilhadas com amigos, sem felicidades fáceis.

Alguém que a conhecera pessoalmente dizia que... "sua forma física tinha muito pouco da estética e da beleza que o cinzel empresta à estatuária, tal como se entende nas rodas das artes plásticas, as quais julgam pela proporção e conformidade das linhas, fazendo de Vênus Citérea o modelo supremo de beleza na mulher, e de Apolo de Belvedere o exemplo da perfeição masculina.

"Amália nasceu na terra do Sol, na região das mulheres formosas, risonhas, graciosas, na Andaluzia, onde nas noites escuras o céu cintila com serenidade e as estrelas rebrilham como diamantes e pedrarias; ali onde as mulheres de olhos negros deixam cair sobre suas espáduas as tranças de ébano, que as obriga a erguer as cabeças estendendo os braços aos céus como se desejosas de fugir da Terra. E dançam em um delírio possuídas pelo som das guitarras sonoras; cantam canções de amor, tristes como uma elegia sustida e harmonizada em ampla cadência, quais pérolas caindo harmoniosas em um púcaro de cristal da Boemia.

"E andaluza era Amália!

"Que dor tão compreensível abrigaria em seu íntimo uma mulher nascida em meio a um paraíso, vendo em seu derredor as paixões arrebatarem suas companheiras na intensidade de um clima ardente, vendo-as roubarem ao céu a luz para acendê-la em seus olhos negros, relampagueantes de paixão sob as sedosas sobranceiras e entre imensos cílios cor-de-ônix; as tranças fartas animarem-se como serpentes, enroscando-se nos colos brancos; que dor tão compreensível, mais profunda e indizível pode ser a de nascer-se entre jovens formosas e exuberantes e ser uma exceção, uma mulher relegada ao esquecimento, incapaz de associar-se a um companheiro, por toda a vida, e sentir os agulhões de um corpo frágil, uma saúde instável, um organismo enfermo sem a luz dos olhos, permanecendo a largos espaços quase de todo cega, sofrendo, juntamente, todas as torturas da matéria e todas as amarguras da alma..."

Outro esboço escrito por autor anônimo, assim a descreve:

"Seu caráter, muito andaluz, possui um traço peculiar no seu ceceo (pronunciar os s como c e dizer ce, ce, para chamar alguém) de sua linguagem, na vivacidade de seu diálogo e na hábil ironia de sua conversação aqui e acolá salpicada pela descrição de ocorrências a que assistira. Sabia ser satírica em certas ocasiões e os seus comentários acerca de pessoas e acontecimentos, não podiam ser mais oportunos, causando a admiração daqueles que com ela conviviam.

"Seu "eu" interior, — Continua nosso informante. — parecia envolver sua forma carnal: era formoso como um anjo que distende suas asas elevando-se com suas plumas luminosas, alcançando alturas

inconcebíveis. Surpreendia aos íntimos e aos estranhos com sua criatividade impressionante, sua poderosa inspiração e sua admirável perseverança em alcançar o ideal.

"Se a Natureza tivesse sido mais pródiga com Amália e o cenário de sua vida tivesse sido os salões de um palácio, poucas mulheres teriam, como ela, se destacado no mundo por sua influência genial, e se, aos vãos de sua inteligência, se tivessem unido o encanto físico e os requintes que uma boa posição social proporciona."

Como é difícil fazer, — mesmo depois de termos lido tão incansavelmente, — a figura de um personagem assim descrito!

Mais fácil é falar de glórias, triunfos, felicidades, mesmo que aparentes.

A bondosa genitora de Amália começou a padecer de uma enfermidade incurável. Só a energia de uma férrea vontade e o carinho constante de sua filha mantinham-na de pé.

De certa feita, passeavam sozinhas pelos jardins que cercam o palácio de San Teimo, às margens do Guadalquivir. Era uma noite de Verão e as duas mulheres tomaram assento em um banco. Estavam mudas e tristonhas. Os pálidos raios da Lua iluminavam a cena e o silêncio que as rodeava aumentava-lhes a melancolia. Inesperadamente a mãe toma as mãos da filha, deixando que um abundante pranto lhe salte dos olhos.

— Amália!... Tenho medo!...

— Medo? De que?

— De quanto temos ainda por sofrer. Preocupo-me sobretudo por ti.

— Por que? Algo nos ameaça?

— A lei da Vida! Minha morte!

Amália pos-se igualmente a chorar. Não podia imaginar o que faria sem o amparo maternal. Contava vinte e cinco anos mas necessitava de alguém que pudesse compreendê-la, sustentá-la ou auxiliá-la como o fazia aquela incomparável mulher.

— O que farás sem mim neste mundo? Tua visão defeituosa não permitiu que completasses tua educação. Não tens ofício, nem emprego.

Faltam-te até mesmo o hábito da pobreza. Como enxergas tão pouco, não te podes haver com as fainas domésticas.

Decepcionante constatação!

Sucedem-se dias amargos. A anciã, como a chama de uma vela, extingui-se. Catorze dias durou a sua agonia! Catorze dias de treva e desesperação. A enferma teve uma assistente inarredável que velou por sua angústia e dor. Fiel ao carinho entranhado que as unia, a filha procurou dispor de modo a que fosse amainada quanto possível, a dor daquela que partia.

Quando um bondoso amigo entregou-lhe a chave do ataúde, disse com os olhos secos, pois as lágrimas se lhe haviam esgotado:

—Eis a única coisa que me cabia colher na Terra. Eu parto também... para o mundo da dor...

Veio então a agonia da solidão. O mundo despovoado. A dor de um peito lancetado. Um barco sem timão em meio ao temporal.

Uma amiga propõe-lhe recolher-se a um convento. Comprometia-se a conseguir o dote que as casas religiosas exigiam. Amália vê-se num impasse esgrimindo entre mil considerações e argumentos que, por vezes, ferem brutalmente embora sua realidade.

—Que farás neste mundo? Nada de proveitoso! És pobre! A pobreza e a solidão constituem uma das mais duras condições para a natureza humana. Tua mãe criou-te com os hábitos de uma grã-senhora. Não sabes sair à rua com uma trouxa de roupas, nem com uma cesta, nem mal-vestida. Não podes procurar serviço uma vez que a tua parca visão levar-te-ia a cometer mil confusões. Os únicos parentes que tens, o irmão de teu pai e seus filhos, não te querem, pois que as desavenças da família não permitiram que se criassem afetos. O mais que poderão fazer por ti será manterem-te por três ou quatro meses. E deves dar graças por isso. E depois? Que farás? O melhor que te resta é consagrares-te a Deus. Evitarás assim muitos desgostos.

—Deve haver outro caminho.

—Qual?

Foi aquela uma tremenda exposição da verdade cruel. Era angustiosa a situação.

—Eu não desejo tornar-me monja. Para consagrar-me a Deus prefiro mil vezes uma vida de anacoreta. No alto de uma montanha creio que ouvirei a voz de Deus. Na cela de um convento renegaria uma religião que rompe com os sagrados vínculos da família. A religião que desata os laços feitos pelas leis naturais, não interpreta a lei de Deus.

Ela não deixava sem resposta aqueles que vinham insinuar-lhe situações.

Um amigo mais prático lhe propôs como solução: o casamento com um homem de posição, idade mediana, pobre e enfermo.

A resposta foi cheia de dignidade:

— Desejo ser livre, não enganar-me a mim mesma nem a ninguém.

Aceitou por fim uma pequena pensão que lhe ofereceram os parentes: em pagamento seria a costureira da casa. Vendeu seus móveis. Reduziu seus pertences ao que cabia no quarto em que falecera sua mãe e se dispôs a uma vida de pobre felicidade, sem sobressaltos.

Seis meses durou o pagamento da pensão. Uma vida de extrema provação se iniciou então para ela. Chamada por uma amiga condoída, parte para Sevilha. Um ano passou à distância do túmulo de sua mãe. Ao retornar ao local inesquecível, chorou amargamente:

— Minha mãe... tenho bebido até às vezes o cálice da amargura. Tudo para mim está morto... O amor e as amizades eram torpes mentiras.

Ao cumprir dez anos de idade, Amália começara a demonstrar inquietudes que se extravasavam em forma literária. Aos 18 anos havia publicado uma série de poesias; julgando que em Madri poderia receber alguma remuneração pelos seus escritos, bem como condições reais favoráveis para dedicar-se a qualquer trabalho honesto, garantindo sua subsistência, tomou passagens para aquela cidade.

Encaminhou-se para a corte onde, dia e noite, aceitou toda e qualquer espécie de trabalho que se lhe ofereciam. Todavia seus olhos doentes começaram a negar-se a um esforço tão intenso.

Na casa de uma bondosa família encontrara humilde, mas sadia habitação. Comia frugalmente, era obrigada a pequenos gastos de modo que não podia dar-se o luxo de procurar os melhores oculistas da cidade.

Mas... tudo se precipitou. A ciência não lhe dá esperanças e prevê a cegueira se persistisse costurando. Esgotados os recursos, impossibilitada de prover-se do necessário para sobreviver neste vale de lágrimas, uma nova via crucis se inicia para a órfã. Devia mendigar um prato de sopa. Em troco de alimento, fez-se de moça de recados. Seus olhos não enxergavam senão vultos. A tenebrosa idéia do suicídio chegou a tomar lugar em sua mente. Pouco a pouco vai resvalando no mais angustioso desamparo. Foi obrigada a viver no cômodo de um ateliê de pintores, que uma alma piedosa lhe ofereceu.

* * *

Reinava D. Isabel II, depois de ter vencido as pretensões do Príncipe Carlos, que ambicionava o trono por morte de seu irmão, o rei Fernando VII, pai de Isabel.

Esta falida ambição de Carlos, criou na península ibérica um contingente de partidários denominados carlistas, conservadores recalcitrantes e absolutistas. Antagônicos a estes, surgem os liberais, partidários do estabelecimento de novos rumos à política governamental. Entre os liberais deu-se ainda uma bifurcação conceitual, os progressistas, ousados, renteando o socialismo, estabelecido por Marx na Europa a partir da publicação do Manifesto do Partido Comunista, em 1848.

Essa diversificação de ideais, essa disputa por levar o Governo para o programa que cada grupo apresentava, pretendendo a solução dos males da sociedade, criou infra-fronteiras na Espanha, fenômeno que se repete em muitos países do mundo, — uma situação de intranquilidade, de desorientação, pois, de um lado, lançava-se por terra velhas tradições penosamente sustentadas pelo conservadorismo e, por outro lado, imperava a insegurança, a improvisação e uma conivência por parte dos que sustentavam as idéias atualizadoras.

A Igreja Protestante pode, aproveitando-se da situação, agir mais na Espanha, com certas garantias e segurança, apoiada pelas conquistas do

movimento liberal, vencendo os prejuízos católicos profundamente enraizados nas terras de El Cid desde a Idade Média em que, sob o Império de Felipe II combateram suas hostes em Granada e Lepanto, cruenta cruzada que pretendia sufocar o que se denominava a heresia, visto não concordar com os sentimentos predominantes que procuravam a todo o custo se impor.

Sobrando-lhe tempo, dedicou-se Amália a visitar os templos evangélicos, visto ter tido a mais profunda das decepções depois de uma longa peregrinação pelos numerosos templos católicos. Neles se extasiara com a erudição de mestres da oratória sem que, entretanto, nenhum, ao menos de passagem, procurasse explicar ao povo os motivos das desgraças contínuas com que se via a braços.

—Se estes homens, — Comentava ela. — tão instruídos e que segundo se diz são inspirados pelo Espírito Santo, não sabem explicar os motivos das anomalias e das injustiças sociais, e não obstante reiteram que Deus é grande, bom e justo, onde irei então, encontrar as explicações de que necessito?

Nos templos evangélicos encontra alguma paz para sua alma. E fica conhecendo também a uma querida amiga, por nome Engracia. Esta se compadece de sua cegueira e procura, de todos os modos, auxiliá-la. É Engracia que a aconselha e acompanha quando vai consultar um famoso médico homeopata, que, como oculista, já conseguira curas espetaculares: o Dr. Hysern, homem nobre e altruísta, não lhe escapa a pobreza da cliente e explica-lhe o seu diagnóstico:

—A senhorita tem os olhos em tão mau estado e a enfermidade deles tomou conta de maneira a bem dizer crônica. Sua cura é quase impossível.

Tais palavras não podiam ser mais desalentadoras. Todavia o facultativo prossegue:

—Se a senhorita se abster de fixar o olhar em toda e qualquer coisa, se se resignar a imaginar que não tem olhos, daqui a um ano e pouco poderá recobrar a visão perdida e dedicar-se a diversos trabalhos, desde que não sejam sob luz artificial. Eu lhe darei todos os remédios de que necessitar, e se me obedecer fielmente, findo o prazo que estabeleci confio em que pronunciará o meu nome com um agradecimento.

Um ano! Apenas um ano necessitava para libertar-se da pesada cruz. A

esperança fazia com que as lágrimas descessem abundantes por seu rosto, enquanto ela agradecia ao Dr. Hysern e lhe prometia seguir à risca a prescrição.

Uma nova etapa se inicia na vida de Amália. Difícil como sempre, mas agora visitada pela esperança e fortalecida por uma prescrição científica. Esforçava-se por cumprir com rigor o conselho médico, mesmo que lhe custe o maior sacrifício. Algumas senhoras de posses, que a auxiliavam com suas esmolas a manter sua complexa existência, começaram a colocar venenosos "mas" ao saberem das novas iniciativas de sua protegida. Não podiam entender como, apesar de "escrever versos que chegavam a ser até bonitos e de ter algum talento", podia Amália ir ouvir os pastores protestantes, que eram todos uns hereges e, ainda, aceitava a assistência que lhe oferecia um médico homeopata, que era um louco rematado e que só podia deixá-la cega de uma vez.

Seus aborrecimentos eram esquecidos quando orientava os passos pela Caile Calatrava e via-se rodeada pela simpatia e a bondade dos freqüentadores da capela evangélica. Sentia-se então no plácido conforto de um lar.

Mas o auxílio das senhoras cristalizadas pelos preconceitos, vai minguando. Amália vê-se constrangida a solicitar auxílio a uma amiga de sua mãe, que distribuía auxílios, em forma de bônus, por conta de uma sociedade filantrópica. Esses bônus, quando apresentados, garantiam ao assistido um pedaço de pão de boa qualidade e um nutritivo cozido. Amália educada como uma grã-senhora, compreende, ao receber aqueles bônus, quanto era delicada a sua situação. Chora angustiosamente nessa primeira noite, fazendo com que retrocedesse o tratamento de seus olhos.

No dia seguinte deve vencer suas apreensões e dirigir-se ao palácio onde, em um grande pátio, sentavam-se em filas centenas de pobres e necessitados de todas as categorias. Ante aquele quadro, torna-se-lhe clara, como por arte mágica, a sua capacidade de enxergar. E emprega nova faculdade no exame do quadro que se lhe oferece. Havia ali pobres de todas as condições: dezenas de mulheres humildemente vestidas, trazendo suas mantilhas e que, como ela, levavam a morte na alma; e anciões com seus abrigos puídos, lembrando espectros erguidos de suas tumbas. Eram muito mais numerosos os pobres que se envergonhavam,

do que os de ofício. Estes últimos apostrofavam os que tinham tido a desgraça de não haver nascido na miséria.

Ao seu lado um cidadão lamentou-se:

— Ah! Senhora! Como é terrível a crucificação da miséria.

Daí para a frente Amália contou os meses, os dias, as horas que lhe faltavam para o cumprimento do prazo assinalado pelo Dr. Hysern.

Esse bondoso médico, em palestra, sustentava que era materialista "da melhor cepa". Todas as religiões o aborreciam. Não obstante, um dia disse a Amália:

— Sabes quem te dará uma explicação plausível de tua situação?

— Quem?

— Uns novos loucos que acreditam, com a mais obstinada fé, que a alma sobrevive à morte do corpo. Melhor dizendo, — Continuou o médico. — o espírito (assim denominam ele a força inteligente que dá vida ao organismo humano), vive por toda a eternidade, encarnando-se na Terra quantas vezes forem necessárias, para o seu aprimoramento. E depois em outros mundos. Nessa série de existências, adquire conhecimentos, aperfeiçoa-se e corrige os desmandos, as traições, as felonias, os atropelos e todos os abusos que tenha cometido, por inferioridade, em encarnações anteriores.

Amália ouvia com atenção, ensimesmada.

— Tu por exemplo, — Raciocinava o oftalmologista. — tens os olhos por fonte de preocupações e sofrimentos. A isto os cândidos e ingênuos espíritas diriam que se trata de uma prova ainda inconclusa de que, em outras situações, fizeste mau uso deles, ou cegaste a um próximo. Agora recebes a retificação que eles não têm exatamente por um castigo, mas por infração às Leis Divinas.

— E onde se reúnem esses loucos, como vós os chamais?

— Em uma casa respeitável na Calle Cervantes. — Foi a resposta informativa. — E entre eles há homens de talento e admirável inteligência, excelentes escritores que publicam vários periódicos. A mim costumam remeter-me "El Criterio".

Uma inquietação inexplicável tomou conta da alma de Amália. Aquela novidade da qual tomava conhecimento pela boca do Dr. Hysern, interessava-a sobremaneira. O facultativo parecia não dar grande

importância ao assunto. Discorria a respeito com um sorriso, em um tom de voz algo dissimulado, simpático, e usava de uma argumentação segura e fluente.

—Minha esposa e meu filho gostam de ler essas publicações.

—Prosseguiu. — Mas riem-se quando se trata dos fenômenos da aparição dos espíritos. Depois... não sei que fim dão a essas revistas.

Polidamente, mas insistente, Amália pediu-lhe que lhe deste a ler uma dessas publicações.

—Ora, vê o que acabo de fazer... — Comentou o médico.

—Agora desconfio que é bem capaz de suceder que venhas a tornar-te espírita. Seria engraçado: materialista do meu porte, dar-te os meios de conhecer uma doutrina espiritualista!...

Amália sorriu e algo como uma luz iluminou-lhe o rosto.

—Bem... — Conclui o oftalmologista. — a natureza é muito sábia e se pensasses só em tua moléstia, já te haveriam enterrado há muito tempo. Divagando entre Jesus e seus seráficos "emissários", investigando se o espírito de tua avó se encontra em Marte ou no distante Netuno, tu irás te distraíndo, encurtando as semanas, entretida com esses novos conceitos. E eu não tenho dúvidas de que nada de mal te poderá ocorrer...

El Criterio foi posto entre as mãos de Amália. Leu-o como pode, todavia com um entusiasmo crescente.

Quando tornou a se encontrar com o Dr. Hysern, após a leitura da revista, Amália lhe disse sem sombra de hesitação.

—Meu bondoso amigo, encontrei a verdade no Espiritismo!



IV

O auto de fé revelador

Corria o ano de 1861.

Mais de um século se passara desde que Carlos II, harmonizando-se com as idéias renovadoras que se difundiam na Europa, por obra dos ilustres economistas do século XVIII, permitia a adoção, em seu país, de várias conquistas sociais, as quais davam uma fisionomia nova à vida na Espanha. As idéias passavam por modificações fundamentais. Ninguém poderia pensar que em 1861 poderia existir, nem mesmo remotamente, reminiscências da tristemente famosa Inquisição que, exatamente na Espanha, no decorrer da Idade Média, fizera derramar caudais de sangue, na tentativa de impor um domínio religioso. Todavia...

Maurice La Châtre (*), um editor francês que, quatro anos mais tarde lançaria com o selo de sua empresa, entre outros volumes a "História dos Papas" e a "História da Inquisição, bem como o valioso Nouveau Dictionnaire Universal (O qual faz, pela primeira vez, referência enciclopédica ao Espiritismo), Maurice La Châtre, que se encontrava então exilado na Espanha, tendo abandonado a França por diferenças políticas com Napoleão III, havia se estabelecido em Barcelona. Apercebendo-se do interesse que despertara na cidade condal as obras que tratavam do Espiritismo, — O qual fazia furor na sociedade francesa, tornando-se quase uma moda. — decidiu-se a solicitar uma remessa de livros envolvendo o assunto, para venda em sua livraria.

(*) *Maurice La Châtre, 1814-1900. Editor parisiense e escritor de idéias avançadas, Maurice La Châtre, foi condenado à prisão sob o Império, por haver publicado "Les Myistères du Peuple", de Eugène Süe e o "Dictionnaire Universel" (1856) . Retirou-se para Barcelona retornando a Paris em 1870. Em 1871 colaborou no "Vengeur" de Félix Pyat. Tornou a se refugiar no estrangeiro depois da Comuna. Decretada a Anistia, retornou a Paris e reabriu a sua casa editora. Entre suas obras, além do "Dictionnaire Universal", no qual os verbetes "Espiritismo" e "Espírita" figuram pela primeira vez, lançou: Histoire des papes (1842-1843) ; Histoire du Consulat et de l'Empire (1874); Histoire de l'Inquisition (1880), etc.. Em seu Dicionário refere-se assim ao Espiritismo: "A doutrina espírita contém em si os elementos de uma transformação das idéias e por isso ela merece a atenção de todos os homens ciosos do progresso. Sua influência já se estende a todos os países civilizados, o que confere ao seu fundador uma importância considerável; tudo faz prever que em um futuro próximo, Allan Kardec será tido como um dos reformadores do século XIX". Nota do Tradutor.*

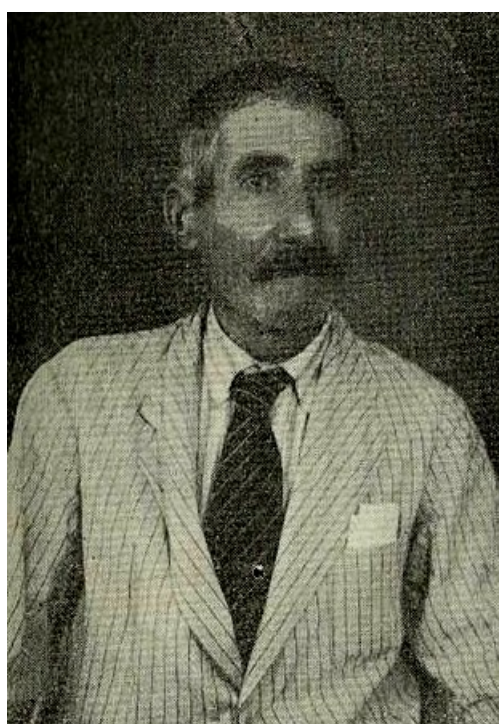
Em Paris, quatro anos antes, em 1857, um erudito professor francês Hippolyte Léon Dénizard Rivail, editara "O Livro dos Espíritos", sob o pseudônimo de Allan Kardec, com o qual expõe-se à luz uma nova ciência da alma, revelada pelos habitantes do Mundo de Além Túmulo, (isto é, o Mundo Espiritual) sob o nome característico de "ESPIRITISMO". Nesse mesmo ano, e relacionado ao tema, fora oferecido ao exame público um outro livro, fruto de idêntica inspiração, "O Livro dos Médiuns", obra organizada de modo a oferecer o discernimento da nova doutrina face à faculdade de certas pessoas que, na história Universal, foram tidas à conta de sibilas, augures, magos, portadoras de outras formas de sensibilidade similares a estas, seres dotado caracteristicamente e que o Professor Rivail havia classificado conforme as faculdades que possuíam, mas sob a denominação geral de médiuns.

O bispo de Barcelona, Don Antônio Palau y Termens, exercia então a função particular de polícia de imprensa. Foram-lhe enviados, mercê de tal autoridade e não obstante o cumprimento das exigências aduaneiras, um tomo de cada livro. Como o prelado se encontrava, por estas alturas em Madri, remeteram-lhe exemplares da importação detida até que se tivesse a sentença eclesiástica.

Sua decisão foi inapelável: os livros eram perniciosos à fé católica e deveria ser confiscado pelo Santo Ofício, restabelecido sob o regime de

Fernando VII, entre 1814 e 1820, quando de sua volta da França ao findar-se o reinado de José Bonaparte.

Viveu no Brasil uma testemunha ocular da queima das obras de Allan Kardec na Cidadela de Barcelona. Trata-se do sr. Bernardo Ramon Ferrar, que foi um dos amigos diletos de Cairbar Schutel. Schutel ouviu de seus lábios a descrição do triste evento. Por mais curioso que seja, Bernardo Ramon Ferrer se tornou espírita justamente depois de assistir ao medievo e teatral ato ordenado pelo bispado barcelonês.



Este homem viu as obras de Allan Kardec serem queimadas em Barcelona.

Ferrer nasceu em 1846, em Barcelona. Estava com 14 para 15 anos quando, na manhã de 9 de outubro de 1861, saindo de casa, viu uma multidão em burburinho de protesto que se dirigia para a Esplanada da Cidadela antiga da cidade, onde eram justicados os criminosos. Ali o tribunal da Santa Inquisição reduzira a cinzas dezenas de infelizes e indefesas criaturas tidas por hereges ou feiticeiros.

Ramon imiscuiu-se à turba. Não era mais uma criança, e o que viu

impressionou-o por toda a vida: uma pirâmide de livros novos, recém-tirados de sua embalagem, erguia-se ao centro da praça. Perto, um padre vestido com trajes especiais, trazendo em uma das mãos a cruz, na outra uma tocha acesa. Enquanto o tabelião redigia o processo verbal do auto-de-fé, gritos de protesto se erguiam em torno. Com seu nariz adunco e seus pequenos olhos impassíveis, o sacerdote, indiferente à multidão, vigiava o escrevente, o empregado superior da administração da alfândega e os três moços encarregados de alimentar o fogo. Tomado de indignação, o agente alfandegário, representante do proprietário das obras que ardiam, vituperava o mandante do ato prepotente.

Pétreo o sacerdote viu as chamas se erguerem até que consumiram de todo as encadernações, brochuras e revistas espíritas. Os personagens do ato retiraram-se sob apupos da multidão, aos quais Bernardo juntou a sua voz:

— Abaixo a inquisição!

A partir daquele dia o seu desejo de conhecer o conteúdo daquelas obras foi despertado. Via Marselha, por mar, as obras tornaram a entrar na Espanha. E Bernardo leu-as. Mais tarde foi companheiro de Amália Domingo y Soler, de Angel Aguarod, de Don Miguel Vives, de Don José Maria Fernandes e do Visconde Torres Salanot, essa plêiade de heróis espíritas que nunca poderão ser esquecidos. Apesar de serem homens cultos, nunca desprezaram Bernardo, que era um simples operário. E se orgulharam dele, pois Bernardo Ramon Ferrer foi o primeiro espírita de Barcelona a se casar apenas no civil, dispensando o ato religioso. Aquele auto-de-fé fizera com que rompesse definitivamente com a igreja.

No Primeiro Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em toda a História, ocorrido em Barcelona, representou o Centro Espírita São Quintin, de Mariona. Era médium de curas de apuradas faculdades, o que lhe permitiu, ao longo de toda a sua vida, mitigar o sofrimento dos seus semelhantes.

Atraído pelas terras livres do Brasil, Bernardo Ramon Ferrer atravessou o oceano com sua família, localizando-se em Pirajuí, no Noroeste do Estado de São Paulo. Ao tempo de Schutel, Bernardo era um líder espírita benquisto em toda aquela região, fazendo parte do Centro Espírita Amor e Caridade. Homem trabalhador, viveu prosperamente, mas

morreu em quase indignância em 1942, aos 96 anos de idade.

Quando no Brasil a imprensa espírita se ocupou do Centenário do Auto-de-fé de Barcelona, Ferrer permaneceu no olvido, mesmo na cidade de Pirajuí, cujas terras regara com o seu suor.

Ao lançar a biografia de sua ex-companheira de lutas, D. Amália Domingo y Soler, esta editora, com imenso júbilo, inclui a foto que o próprio Don Bernardo ofereceu ao seu querido amigo Cairbar Schutel.

Carteava-se com este e muitas vezes esteve em Matão. Nos arquivos encontramos esta foto e as anotações que a acompanham. Nota curiosa, editando que o livreiro Maurice La Châtre encomendara 300 obras a Allan Kardec, Bernardo afirmava que o pedido fora feito a pedido de Don José Maria Fernandes, entusiasta espírita e líder barcelonês. Esta circunstância não é mencionada nos estudos a respeito e se torna em um convite para os pesquisadores de Pirajuí. Segundo D. Bernardo o maior interesse pelos livros espíritas não era propriamente de La Châtre e sim de Fernandes, que pretendia usá-los na propagação do Espiritismo.

O Professor Rivail solicitou por via diplomática pertinente, como era de praxe, que lhe fossem devolvidos os livros, já que não era permitida a sua penetração no país.

O bispo replicou agressiva e impropriamente:

— O Governo não pode permitir que tais obras pervertam a moral e a religião dos países.

Fazia, como se vê, uma pretensa defesa moral, inclusive da própria França.

Don Antonio Palau e Termens nasceu em 1806, em Valls, Tarragona. Estudou no Seminário Conciliar de Barcelona. Graduou-se bacharel e licenciado em Teologia em Cervera, onde também cursou as Matemáticas. Em Tarragona fez cursos de Teologia e Filosofia. Teve parte ativa nos trabalhos preparatórios da Obra de Propagação da Fé; fundou a Revista Católica, que dirigiu durante onze anos e o Boletim Eclesiástico de Barcelona; foi catedrático do Seminário e cônego entre os mais insignes de Barcelona, contribuindo ativamente para o estabelecimento da Libreria

Religiosa. Escreveu várias obras de sua especialidade entre elas "Novena em Obséquio de Jesus Sacramentado (1830); "Memória sobre la Obra de la Preparación a Favor de las Misiones Católicas de Ambos Mundos (1840); "Observación sobre la Importancia de la Educación del Bello Sexo por las Religiosas" (1840); "La Revolución, el Gobierno y las Monjas" (1850); "Historia de los padecimientos y triunfos de la Iglesia de Jesucristo"; etc..

De nada valeram os recursos legais, internacionais ou diplomáticos para essa personalidade opinativa. Enviou ele os livros condenados a serem queimados em praça pública por mãos de um verdugo, — "no lugar onde se executavam os criminosos condenados à última pena" .

Foi na esplanada da Ciudadela, que se fez a leitura do "Auto de Fé" promulgado pelo referido bispo. E a 9 de outubro de 1861 realizou-se uma ridícula cerimônia de incivilidade.

A explanada constituía o amplo pátio dedicado à praça de armas da antiga Cidadela de Barcelona. Fora erigida em 1716 por Felipe V no solar que ocupava no bairro denominado "de la Ribera". Os planos da mesma foram traçados pelo marquês de Verboom, primeiro engenheiro geral que teve a corporação dos engenheiros. A fortaleza geral, cuja planta era de forma pentagonal, media uns 15.000 metros de perímetro exterior, com cinco baluartes. Em seu centro se erguia a famosa torre de Santa Clara, que servia de prisão. Esta fortaleza foi uma das mais importantes jamais existentes no mundo, por seu tamanho, e por suas posições defensivas, consideradas, então, inexpugnáveis.

À sua frente, na explanada que tinha uma extensão de perto de 400 metros quadrados, onde ainda parecia ouvir-se o entrecocar das armas e o ressoar das botas nos exercícios das hostes de Felipe V, se desenrolou a cena medieval.

Eram dez horas e trinta minutos. O Sol iluminava o verde da folhagem, descobrindo, aqui e ali, os primeiros tons amarelos do Outono.

Um surdo sussurro produzido pelo vento na ramalhada, vinha confundir-se ao murmúrio das vozes atônitas que presenciavam o inusitado espetáculo que começava a desenrolar-se.

Um menino, que seu progenitor levava pela mão, perguntou-lhe:

—Papai, o que está sucedendo?

Uma máscula interjeição foi a resposta:

—Raios os partam, a estas aves de rapina.

Dois cidadãos comentam:

—Parece mentira, justamente quando as estradas-de-ferro fazem ouvir o ruído do progresso, o avanço da civilização, esta gente nos quer fazer retroceder a épocas superadas.

—É verdade! Um ato de duzentos anos atrás quando, há dez anos, a via-férrea une Barcelona à cidade de Mataró.

Tangem sinos à distância e seus ecos chegam à praça estrepitosos como cristais que se partem.

Faz então entrada na cena um sacerdote encapuçado levando em uma das mãos a cruz e, na outra, uma tocha acesa. Seguem-no um escriba encarregado de lavrar a ata do Auto de Fé, um servidor deste, um empregado superior da administração da Alfândega, um agente da mesma representando o proprietário das obras condenadas. Finalmente três funcionários da Alfândega que depositam os livros no local, preparando a fogueira que com eles se faria empregando estudada solenidade. O sacerdote realiza todo o aparato do ritual, lê o Auto, desce a tocha e inicia a queima das obras literárias. Uma imensa multidão, que obstruía os passeios e enchia a imensa esplanada onde se erguia o sinistro catafalco, aproximava-se do local, visto que correra a notícia de que se ia reviver um anacrônico processo. Expressões de desagrado erguiam-se da massa ali reunida. De pouco em pouco ouviam-se vozes mais exaltadas, gestos e gritos. Referências à Inquisição começaram a se tornar o assunto das pessoas presentes. Depois que o fogo consome os volumes, a caravana incendiária empreende sua retirada, lúgubres e com indeciso passo. (*)

(*) *Eis como a "Revue Spirite", de novembro de 1861, registra o acontecimento:*

"Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às 10 e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo da cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

"A Revista Espírita, diretor Allan Kardec;

"A Revista Espiritualista, diretor Piérard;

"O Livros dos Espíritos, por Allan Kardec;

"O Livro dos Médiuns, pelo mesmo;

"O que é o Espiritismo", pelo mesmo;

"Fragmentos de Sonata ditadas pelo Espírito de Mozart;

"Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand;

"A História de Jeanne D'Arc ditada por ela mesma à Mlle. Ermance Dufaux;

"A Realidade dos Espíritos Demonstrada Pela Escrita Direta, pelo Barão de Goldenstubbé;

O rumor da multidão adquire então uniformidade enquanto todas as gargantas parecem emitir o mesmo protesto: Abaixo a Inquisição! Os iníquos atores da cena, para sempre lembrada, eram despedidos assim por aquela massa de cidadãos em cujos ouvidos já tinham chegado às expressões do livre-pensamento. Nos tempos renovadores em que se vivia, custava-se a aceitar tão ridícula intromissão no livre discernimento dos homens.

Todos os diários espanhóis, em suas edições do dia seguinte, se ocuparam detidamente do assunto. Os mais liberais carregavam as tintas em sua condenação ao Santo Ofício. O periodismo em Barcelona tinha uma brilhante estirpe, pois que um dos representantes do "Diário de Barcelona" fora fundado em 1792 e era tido como o segundo diário do mundo em antiguidade.

Muitos foram os curiosos que correram até às cinzas e recolheram punhados de papéis que conservavam ainda algo que se pudesse ler, salvo das chamas (*).

(*) *Alguns escritores narram que Allan Kardec recebeu de um admirador um punhado daquelas cinzas, que ele conservou em seu escritório em um receptáculo de vidro. As lembranças do heróico passado espírita se perderam na França, os últimos, diz-se, quando os nazistas, depois da invasão de Paris, ocuparam a "Maison des Spirites".*

— Trarei todos os livros que desejardes em minha próxima viagem a Marselha... — Desabafou em alta voz o capitão da marinha mercante, Ramón Lagier y Pomares.

Aquela ação promanada do Santo Ofício, criou na multidão exatamente a inquietação que desejava evitar. Longe de conseguir a indiferença, conseguiu aumentar a curiosidade pública. Algo de que se tinha apenas informações imprecisas ou informes em conversas de cafeterias, tertúlias familiares ou por informes de segunda ou terceira mão, ganhava agora um

interesse direto. E foi assim que nesse mesmo ano de 1861, passou a pregar o novo espiritualismo na Espanha um homem que gozava de ilustre reputação nos círculos filosóficos e literários, Don Alberto Perón, que detidamente estudara as obras de Kardec, redige da mesma um compêndio, intitulado-o "Carta de un espiritista a don Francisco de Paulo Canalejas". Não obstante, o seu trabalho não teve a repercussão tão alta e sonora como a que alcançou o bispo Palau, embora com propósito contrário.



Gravura da época mostrando a queima dos livros de Allan Kardec na cidadela de Barcelona

Conta a história que, oito anos mais tarde, em 1869, atendendo a repetidas instâncias do povo de Barcelona, derrubou-se a Cidadela, sobre cujos alicerces mais tarde pode-se admirar os jardins do Parque Municipal

Em uma comunicação mediúnica recebida nas reuniões celebradas pelo grupo dirigido por Allan Kardec, em Paris, uma entidade fizera a predição de que o local se transformaria em jardins, lugar de descanso e refazimento para o povo, fato que realmente veio a suceder. Em 1888 realizou-se ali a famosa Exposição Universal, com a qual a cidade condal

deu um expressivo exemplo de seu dinamismo e de sua potencia industrial. A exposição teve por entrada um Arco-do-Triunfo, escultura que ofereceu ao século XIX, em seu final, um panorama assaz diverso ao do lúgubre e deprimente cenário onde se desenrolara o Auto de Fé de 1861.

Em vários lugares da Espanha, homens cultos, livre-pensadores e estudiosos de todas as disciplinas, se reuniam para examinar o fenômeno que chegara da França sob o título de Espiritismo. Haviam-se constituídos núcleos, de modo geral familiares, desejosos de penetrar os mistérios do Mais Além, aplicando os conselhos contidos nas obras do professor Rivail, o eminente pedagogo e distinto discípulo do imortal Hinrich Pestalozzi e que soubera dar à sua obra uma tônica didática que oferecia uma perfeita compreensão de seus princípios filosóficos e experimentais.

Muito embora o Auto-de-Fé não tenha marcado precisamente a penetração do Espiritismo na Espanha, pode-se dizer que foi a ação propagandística mais eficaz que os adeptos deste pensamento puderam ter e justamente efetuada por quem pretendia deter sua difusão.



Vista atual da esplanada onde existia a Cidadela de Barcelona, cenário da queima dos livros de Allan kardec por ordem do Santo Ofício

O bispo Palau e Termens morria pouco depois e quando seu espírito pode comunicar-se em uma sessão, conforme dá-nos conta o próprio

Allan Kardec na "Revue Spirite" de agosto de 1862. Ele pedia:

— Rogai por mim, pois que a oração agrada a Deus, sobretudo quando o perseguido a dirige em favor do perseguidor.

E assinava-se humildemente e de maneira tão diferente de suas manifestações na Terra: El que fue o bispo y ahora no es más que un penitente.

O clero católico procurava a todo custo e sem medir esforços, manter no interior da península uma poderosa hegemonia, criando situações que incidiam na própria sorte política e social do país. Em 1798, por exemplo, em uma reação compreensível contra essa força, o Estado procedera à expropriação das propriedades da Igreja, que ameaçava entronizar um Estado poderoso dentro do próprio Estado legal. José Bonaparte, irmão de Napoleão, por sua vez, suprimira durante o seu reinado todas as casas religiosas e confiscara as suas propriedades. Os eclesiásticos que resistiam, eram tratados com suma violência. Em 1812 as Cortes de Cádiz exilaram os bispos que protestavam, inclusive o núncio papal. Fernando VII anulava em 1814 todas as medidas de repressão, aprofundando ressentimentos e diferenças. Entre 1820 e 1823, durante o seu reinado, produziu-se uma séria revolta, tendo por motivo o restabelecimento do Tribunal do Santo Ofício, fazendo-se sentir fortemente o anticlericalismo. Mendizábal, eminente político da época, assinou, em 1835, como Primeiro Ministro um decreto de emergência suprimindo a maioria das instituições católicas e confiscando suas propriedades. Fernando VII havia morrido e a inabalável regente, D. Maria Cristina, sua esposa, que o sucedeu no trono, suportava o embate das correntes liberais que brotavam de inumeráveis lojas secretas, antepondo-se aos absolutistas. Um ambiente revolucionário pugnava por melhorar as condições reinantes no país, afogado em uma inconcebível ignorância. Em 1837 o Estado, pressionado por esse impulso, anula, com responsabilidade própria, o culto público. Em seguida confisca propriedades de ordens seculares, proíbe a obrigatoriedade dos dízimos e dos primeiros frutos, tributo obrigatório que a Igreja Católica exigia tanto dos grandes quanto dos produtores menores. Persegue e expulsa os bispos e os postos desocupados permanecem sem nomeação. Em 1843, quando a filha de D. Maria Cristina ia ser declarada maior de idade, assumindo o governo,

inicia-se uma era de moderação que dura até 1851 quando o Estado — modificado o peso das influências, — firma uma Concordata com a Santa Sé, a qual, entre seus artigos, estipula:

1 — O Catolicismo continua sendo a única religião da nação espanhola, com exclusão de qualquer outra e há de ser mantido sempre com todos os direitos e privilégios que lhe correspondem, de acordo com a lei de Deus e das prescrições dos sagrados cânones;

2 — A instrução em todas as escolas estará inteiramente de acordo com as doutrinas da religião católica e, por conseguinte, os bispos e seus ajudantes terão pleno direito de vigilância sobre a pureza da fé e dos costumes e a educação religiosa da juventude nas escolas públicas.

3 — Todas as autoridades terão a obrigação de mostrar e fazer que outros prestem aos bispos e ao clero o respeito e a consideração que lhe são devidos de acordo com os preceitos divinos, e o Governo concederá proteção e apoio efetivo aos bispos, sempre que forem solicitados e especialmente quando combaterem "a iniquidade dos que intentem perverter as almas dos fiéis e corromperem os costumes" ou quando for necessário evitar a publicação ou a circulação de livros maus ou perniciosos (1).

(1) — Isto explica a queima dos livros a 9 de outubro de 1861.

4 — Em todos os demais pontos relativos ao exercício da autoridade eclesiástica e ao ministério das sagradas ordens, os bispos e o clero gozarão de plena liberdade segundo os cânones sagrados.

Neste caos de situações extremas encontrava-se a Espanha quando se deu o Auto-de-Fé em 1861. Esta situação perdura até 1868 quando estala em Cádiz um movimento revolucionário que triunfa em toda a península, colimando com a abdicação da rainha Isabel II.

O Governo provisório, dirigido pelo Duque de Ia Torre enfrenta então as concepções mais heterogêneas com respeito à sorte futura da Nação. A tônica principal da maioria das reações constitui-se em ser o clero o primeiro autor da maioria das reações. O Clero movimentava-se de todos os modos para apropriar-se do poder e impor sua doutrina a qualquer custo.

A confusão era um mar de tendências que tocavam a todos os extremos, embora lançando mão, em dadas circunstâncias, de pontos de

conciliação. Entre os liberais que pregavam o estabelecimento da república, encontravam-se os socialistas que, conforme acontecia na França, respondia às inspirações de Saint-Simon (*) e Luis Blanc (**), atendem aos problemas dos desprotegidos e especialmente do proletariado, que os avanços da ciência faziam sofrer rigores que não eram perfeitamente solucionados pelos que, no comando ou comandados, não encontravam quem os socorresse para que problemas graves e específicos fossem solucionados.

(*) — *Claude Henri Saint Simon (1760-1825), foi um dos grandes socialistas utópicos do século XIX: O sistema social de Saint-Simon surgiu na época em que o proletariado se achava ainda pouco desenvolvido, ou segundo Marx e Engels não tinha de sua situação mais do que uma idéia imaginária. Contrariamente aos filósofos de seu tempo, que defendiam o regime burguês, Saint-Simon criticava e sonhava com a substituição da ordem social capitalista pelo socialismo. Mas, por não compreender a natureza do capitalismo, não soube abrir caminho ao socialismo.*

Saint-Simon era de origem nobre, teve como mestres D'Alembert e tomou parte, na qualidade de voluntário, na Guerra da Independência norte-americana. Durante a revolução burguesa de 1789, na França, renunciou ao seu título de conde. A princípio a revolução havia conquistado a sua simpatia, mas decepcionou-se com a implantação do Terror. Saint Simon morreu na miséria. Como disse Engels, foi o espírito mais universal de sua época. No que concerne à história da sociedade humana, Saint-Simon ultrapassou o materialismo francês, do qual compartilhava algumas idéias filosóficas. Tanto é assim que os materialistas franceses consideravam o processo histórico como um simples engrandecimento de efeitos da casualidade. Saint-Simon defende a sua teoria do determinismo histórico. Para ele, cada sistema social constitui, a princípio, um passo adiante na História. O sistema escravagista, como o sistema feudal, assinalam um progresso: tanto um como outro, contribuíram para o desenvolvimento da produção, das ciências e da arte. Saint-Simon rebelou-se contra seus predecessores, Rousseau em particular, que afirmava que o clã, nascido nos albores da Humanidade, representava a ordem ideal. De acordo com sua teoria do progresso histórico, a idade-de-ouro pertence ao futuro. Sem dúvida, como os materialistas franceses, Saint-Simon concebe como idealista, as forças motrizes do desenvolvimento social, que estaria determinado pelo progresso das ciências, da moral e da religião. Divide a história em três fases: Teológica período da dominação do regime religioso, que compreende as sociedades escravagista e feudal; metafísica, período da fusão dos sistemas feudal e teológico; e positivista, ordem social do futuro fundamento na ciência. Apesar de sua orientação idealista, Saint-Simon emite idéias que o aproximam da

interpretação justa da história. O maior mérito de Saint-Simon consiste na concepção do papel da propriedade e das classes no desenvolvimento da sociedade. Explica toda a história da França do Século XV até a Revolução Francesa, pelo deslocamento da propriedade das mãos do clero e da nobreza às dos industriais, e pela luta de classes. Segundo Saint-Simon, os fundamentos da nova ordem social estarão constituídos pela grande indústria organizada cientificamente e planejada. Como Fourier, mantém na sociedade que projeta, a propriedade privada e as classes. Na ordem social futura, a função primordial deve pertencer à Ciência e à Indústria, aos sábios e aos industriais. Entre estes últimos, Saint-Simon situa o operariado com iguais títulos aos burgueses, fabricantes, mercadores, banqueiros. Assim, pois, edifica o seu socialismo utópico, sobre o princípio da conciliação das classes. "Mas Saint-Simon insiste especialmente nisto: O que a ela preocupa sempre e em primeiro lugar é a "sorte" da "classe mais numerosa e mais pobre". (La classe la plus nombreuse et la plus pauvre) (Engels). "Do socialismo utópico ao socialismo científico", em Marx Engels, Obras Escolhidas, t. II, pg. 113, Ed. esp. Moscou, 1952) . Em sua última obra, o "O Novo Cristianismo", Saint-Simon escreve que seu objetivo final é a libertação, a supressão da classe operária da miséria e a elevação do nível material e cultural da "classe pobre". Nisto vê o advento do novo, do "verdadeiro" Cristianismo. Entretanto Saint-Simon, considera o proletariado como uma classe que sofre. Ignora a missão dessa classe, não vê nela a classe social. livre para criar uma nova sociedade. Para Saint-Simon a direção planejada da indústria deve estar de acordo, no essencial, com os interesses da maioria, sobretudo a classe mais pobre da sociedade. Esta deve assegurar todo o direito ao trabalho e fazer com que cada um trabalhe de acordo com sua capacidade. A idéia de Saint Simon sobre a produção planejada e socialmente organizada como base da ordem social futura, representa uma grande contribuição à teoria do socialismo. Ele enuncia, em princípio, a idéia de que a ordem social futura ... implica a transformação do governo político sobre os homens em uma administração das coisas e na direção dos processos da produção..." (Ibid. p. 13). Marx qualificava Saint-Simon como o patriarca do socialismo, juntamente com Fourier e Owen.

A doutrina de Saint-Simon tem caráter utópico. A futura ordem industrial chegará, segundo ele, graças à propaganda da nova filosofia "positivista", isto é, sua. Como Owen e Fourier, Saint-Simon é adversário da solução revolucionista das contradições do regime capitalista. Sua doutrina não constitui um socialismo proletário, nem científico, mas sim um socialismo utópico, ilusório. Não é uma doutrina de dirigentes de massas proletárias como o socialismo científico de Marx e Engels, mas sim uma doutrina de socialistas solitários, cercados pelas massas. Saint-Simon é eclético em filosofia e oscila entre o materialismo e o idealismo. Depois de sua morte, seus discípulos, Bazard e Enfantim, prosseguiram na propaganda de suas idéias. Não obstante a escola de Saint-Simon não tardou a

desagregar-se para converter-se em uma seita religiosa que pregava uma nova religião do Amor. Esta escola renunciou e desbaratou as idéias progressistas de seu autor e exaltou o que havia de concepções retrogradadas em sua doutrina. As obras principais de Saint-Simon são: "Cartas Genebrinas (1802); "Memórias sobre a ciência e o homem (1813-1816); Trabalho sobre a Gravidade Universal (1813); "Sistema Industrial" (1821); "O Catecismo dos industriais" (1823-1824); "O Novo Cristianismo" (1825).

*(**) Luis Blanc — publicista, historiador e político francês, nasceu em Madrid. Autor de "A História de dez anos" (1811-1882).*

Notas do Tradutor.

Em 1871, dez anos depois do tristemente famoso Auto-de-Fé, propugnavam os carlistas pelo entrosamento da Monarquia, com o príncipe D. Carlos no poder. Outros países, França e Inglaterra sobretudo, introduziam-se nos ambientes políticos espanhóis, procurando impor regimes que lhes eram próprios. Napoleão III, superando sua intromissão consegue que seja aceito Amadeo de Saboya, filho do rei Victor Manuel II. Este teve breve atuação, que durou de 1871 a 1873. Em fevereiro deste último ano foi proclamada a República em um mar de sangue, ódios e rancores que dizimou a nação ibérica.

Em crônica da época, assinala-se que, não obstante, "O Espiritismo continua propagando-se por toda parte, nas aldeias como nas cidades grandes, nas cabanas como nos palácios, apesar da guerra civil, acesa e sustentada pelo fanatismo religioso, ensangüentando nosso solo e reduzindo incomensuravelmente nosso povo até ontem florescente. Por mais que as hostes que ergueram o pendão do absolutismo e da intolerância religiosa façam-se sentir, crescidas em número e temível por sua crueldade; por mais que as questões políticas que se agitam com inusitada violência preocupem os ânimos de todos, penetrava nas almas dos homens de bem que desejam paz para seus espíritos, uma vez que é tão difícil encontrá-la no país".

Os pilotos e capitães dos brigues espanhóis que, partindo do porto de Barcelona, abordavam freqüentemente Marselha, eram portadores de la Nueva, que apenas quatro anos após seu nascimento já se difundira por todo o mundo, a partir de sua França natal.

O capitão Ramón Lagier y Pomares, comandava o vapor "El Monarca". Um dia chegou a Barcelona trazendo os aludidos livros e se encontrou em

uma rua, com D. José Maria Fernández Colavida, homem de grande coração, mente vigilante, que trazia a alma amargurada por diversos reveses. Lagier que havia superado um drama pessoal graças à leitura e os ensinamentos da literatura da nova doutrina, deu um dos livros a Fernández.

Tal impacto e emoção realizou a leitura do mesmo na inteligência de D. José que, no dia seguinte, muito cedo, visitava o barco de Pomares, manifestando-lhe o seu entusiasmo. Enquanto tomavam o café no camarote do capitão, analisaram amplamente o assunto e disto surgiu à idéia de fazer-se uma tradução espanhola, da qual incumbia-se Fernández, muito versado na língua de Victor Hugo.

O capitão Lagier y Pomares nascera em Alicante, filho de um proscrito pelas leis monárquicas. Passara sua infância no campo, na casa de seus avós, onde aprendera as primeiras letras.

Levado de volta à sua cidade natal, ampliara seus estudos e se iniciara na carreira de marinheiro. Começara a travessia do Mediterrâneo em barcos de cabotagem ainda muito jovem. Contraíra matrimônio e começara a constituir família que, com o passar do tempo, foi acrescida por quatro rebentos. As exigências de domicílio o obrigavam ao trabalho intenso. E logo se vê comandando seu próprio barco.

Quando supunha ter alcançado suas máximas ambições, morreu-lhe a companheira. Como se isto não bastasse, reveses nos negócios levaram-no a perder seu barco e seu capital. Ficara com os filhos órfãos sem nem ao menos o lar dos avós para abrigá-los. Uma epidemia de cólera, que devastara o país, roubara-lhe a companheira em tão difícil situação.

Consegue emprego em uma companhia marítima espanhola e, por tal motivo, é obrigado a viajar constantemente, com periódicos afastamentos dos filhos. Decide-se então levá-los a viver em Marselha, em cujo porto tocava assiduamente o barco em que trabalhava, já ao comando e onde lhe era permitido permanecer mais tempo em terra, juntamente com os filhos.

Inscreeu seus dois filhos em um colégio dirigido por jesuítas e as duas meninas deixou sob a custódia da família encarregada da casa armadora, estabelecida naquela cidade.

Homem honrado, fiel e apto, trabalhou intensa e eficazmente para dar aos filhos o melhor ao seu alcance. Todavia a fatalidade segue-lhe os

passos. Ao regressar de uma de suas viagens, encontra morto um dos seus filhos, vítima de violências sodomitas que lhe tinham sido submetidas no colégio religioso. Ao mesmo tempo inteira-se de que a casa em que deixara suas filha, tinham-nas prostituído.

Corre indignado a pedir justiça aos tribunais e castigo para os perversos. Bateu em todas as portas possíveis, mas as organizações religiosas gozavam de uma impunidade que tornam vãos os seus esforços. Ao invés de conseguir justiça atribuem-lhe desmerecimentos que lhe fazem perder o emprego, o dinheiro que penosamente juntara em anos de trabalho e a fé nos homens e em Deus. Retornou tomado de profundo desânimo à Espanha, ascendendo-se em sua alma a idéia do suicídio, tão cruel era a dor que o atassalhava. Angustiado vagava um dia pelas ruas na França, — país que lhe fora tão funesto, — e viu na vitrina de uma livraria um grande cartaz anunciando que acabava-se de receber "O Livro dos Espíritos" . O livreiro tem de abrir um dos caixotes para atender ao seu pedido.

Dirigiu-se a um café próximo. Em seu derredor havia o grande mundo cruel. O Sol iluminava fulgurante o casario... Lagier y Pomares, a nada disso deu importância, ávido de debruçar-se sobre a leitura do livro recém-adquirido, advinhando que em suas páginas encontraria consolo para suas desditas. Nada ocupava o seu espírito além do desejo de aprofundar-se naquela leitura. A medida em que esta transcorria, ia adquirindo a certeza de que encontrara o que buscava em uma intuitiva inquietude.

Sentiu que lhe batiam no braço. Era o dono do café que desejava fechar e o convidava a retirar-se. Com os olhos enublados de lágrimas, saiu perambulando pela noite, convencido de que no livro ia encontrar a luz, o consolo, a fé de que tanto necessitava para prosseguir vivendo e vencer a terrível idéia do suicídio que se lhe tornara uma obsessão. Termina a leitura de "O Livro dos Espíritos" com uma coragem nova, disposto a recompor sua vida. Passa a trabalhar para outra companhia armadora. No início sente-se tenso. Aceita a colocação para garantir o seu e o sustento de sua família, e, outrossim, para prestar tributo à libertação de sua pátria. Coube-lhe colaborar com as hostes políticas que se movimentavam do exílio, sub-repticiamente em favor da Espanha, transportando líderes, com

perigo de vida, em seu barco. Já não teme a morte. Tem absoluta convicção de sua imortalidade e ocupa sua efêmera existência em ações que resultam no bem e no alívio dos sofredores.

Em breve vê morrer os três filhos que lhe restavam, um deles recém-formado em advocacia. Sua nova fé o mantém firme, sem cair em desespero.

Decide-se a abandonar o mar e ir residir em uma propriedade rural que possuía em Elche onde, abrindo sulcos na terra, empunhando o arado e plantando árvores, levava uma vida simples e morigerada. Carinhoso para com todos, amando as crianças, soube granjear ali muitas simpatias.

Contraí novas núpcias com uma gentil camponesa, de cuja união nasce um menino. Estas duas almas foram o doce consolo de sua velhice. Com o advento da República é nomeado alcaide de Alicante, em reconhecimento de seus dons morais; todavia bem cedo deve renunciar ao cargo, tendo em vista as mesquinhas ambições que o rodeiam. Retorna então a Elche. Ali, em meio à Natureza passa seus últimos dias, querido e respeitado por todos. Sofrera tanto, — reedição bíblica de Jó, — que podia ter passado esses instantes maldizendo sua sorte e a de quantos o rodeavam, não fora a consoladora esperança que renasceria em sua alma ao ler as obras de Kardec.

Compreendera-as sentindo na carne o bálsamo em que se constituía a doutrina que abraçara. Prosseguiu divulgando-a incansavelmente. Tanto em Alicante entre os humildes e os doutos, como em Elche, entre os camponeses, semeou a fé e a esperança. Ao mesmo tempo que ensinava aos simples e rústicos a agricultura, falava-lhes também a respeito da astronomia. E eles, ao mesmo tempo que se desincumbiam melhor de suas tarefas rurais, tomavam cobro do imenso cosmo de que faziam parte. Devendo mudar-se para Santapola, para ali leva o sublime ensinamento que lhe fizera emergir do desespero.

Com Manuel Ansó e Ramón Alba, compôs um trio que desconhecia o cansaço e que lançou pela primeira vez naquela parte da Espanha, a semente do ideal espírita, em uma terra conservadora, fanaticamente católica e, ao que se dizia, sáfara para as novas idéias.

O campo não era assim, só de espinheiros. A partir do ano de 1870, o povo começa a reagir às idéias espíritas. Surge em campo José Maria

Fernández Colavida, batizado pelo Congresso Internacional Espírita de 1888, — o primeiro que se fazia na Historia do Espiritismo, realizado dois meses antes de seu falecimento —, com o honroso título de El Kardec Espanol. Colavida nascera em Tolosa em 1819, estudara para ser notário e se destacara na primeira guerra civil. Abandonou então aquelas armas e se reuniu às fileiras carlistas, chegando, nelas, a conquistar o título de coronel. Foi íntimo amigo do general Cabrera (*) e teve meritória atuação junto do mesmo. Terminada a guerra, perseguido na derrota, emigrou para a França. Ali aprendeu, com perfeição, o idioma francês. Depois do indulto regressou a Barcelona onde recebeu a notícia da morte de seu pai, fuzilado por rancores políticos e a de sua mãe, por imprudência de um caçador.

(*) *Ramón Cabrera, general espanhol nascido em 1806 e desencarnado em 1877. Após o fuzilamento de sua mãe, por ordem de General Noguerras, desencadeou guerra sem tréguas aos liberais. Recebeu de D. Carlos o título de Conde de Morella, mas continuou lutando. Refugiou-se na França, e, mais tarde, na Inglaterra. Finalmente, reconheceu a soberania de Afonso XII, regressando à pátria em 1875.*

* * *

Logo em seguida falece a irmã, com quem vivia. Somaram-se todos esses acontecimentos, muito próximos uns dos outros. Colavida vive um drama difícil de ser suportado, pois reunia-se às tribulações, uma série de restrições de que era vítima pelos seus antecedentes políticos.

Conhece então o Espiritismo por intermédio de Lagier y Pomares e, com sua própria esposa, Ana Campos, que logo se revelou uma excelente médium, pode encarar com maior segurança seus estudos da Nova filosofia, pois que os trabalhos da Senora Ana, em telegrafia psíquica (**), despertaram poderosamente as atenções dos entendidos e, inclusive, de Allan Kardec, com o qual Colavida trava profundas relações de amizade.

(**) *O autor, fez, possivelmente menção à tiptologia.*

Fernández Colavida era um poderoso magnetizador e profundo psicólogo. Fez magníficos trabalhos de regressão da memória, tais como, por esse tempo, simultaneamente e sem que nenhum dos dois o soubesse, o célebre Coronel De Rochas realizava na França. Essas experiências

resultaram com o estímulo do visconde Antonio de Torres Salanot, no lançamento da Revista de Estudios Psíquicos e no Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos. Fez também as primeiras traduções do francês, das obras doutrinárias.

No decorrer da segunda guerra civil, adere às hostes que lutavam pela liberdade, com uma atuação tão eficaz que mereceu, por reconhecimento, patente de coronel, visto ter estado nas primeiras fileiras do Pretendente e também tendo em vista os grandes méritos de sua ação em benefício da legalidade e do Governo da Restauração, pois havia evitado, com tacto e influência, muito derramamento de sangue. Colavida agradecido pelo oferecimento, não o aceitou alegando que suas arraigadas convicções não lhe permitiam aceitar títulos de instituições que pugnavam por seus próprios ideais.

Faleceu no dia 10 de dezembro de 1888 pobre, querido e respeitado por todos, trabalhando até o último momento e não obstante os seus achaques e reveses, deixou composto o último número de sua revista. Em seus momentos mais tristes ouviam-lhe dizer resignado e forte:

— Seja como for melhor... Para a frente...

Pouco depois desses momentos marcantes na História da Espanha, em 1872, D. Amália Domingo y Soler inicia o trabalho que lhe daria o título que soube honrosamente justificar, o de "a cantora do Espiritismo". Lagier y Pomares, referindo-se a aqueles inícios heróicos, escreveu que:

— O Espiritismo foi batizado na Espanha pelo bispo de Barcelona; D. Fernández Colavida foi o padrinho e eu, por minha vez, ... desempenhei algum papel nisso tudo...



V

A poetisa no periodismo

"El Criterio", a folha espírita que o Dr. Jysern prometera a Amália, veio ter às suas mãos. Os órgãos visuais da moça não estavam ainda em condições de dar-se o "luxo" de ler todo aquele texto, fato que a enchia de ansiedade, desejosa de tomar conhecimento de que se tratava. O próprio oftalmologista toma a si a tarefa de ajudá-la nas leituras. Sua voz era morna e tranqüila, dando ênfase interpretativa na tarefa que, espontaneamente atribuíra-se, sobretudo por que observa que aquelas leituras beneficiavam à sua paciente.

— Embora não seja verdade, — Dizia o doutor externando sua sincera e profunda incredulidade. — tudo isto é muito consolador, e como és vítima de tantos golpes da sorte, far-te-á bem. Por esse motivo prometo trazer-te quantos periódicos espíritas me for possível obter.

A enferma põe-se então a campo para conseguir as obras completas de Kardec. O professor Rivail havia falecido em 1869. Suas obras completas constavam de seis tomos fundamentais, e ainda uma série de folhetos, a revista oficial "Revue Spirite" e uma literatura variada na qual estavam perfeitamente classificados os pontos básicos e normativos da doutrina que já havia alcançado a América em uma acelerada expansão, ganhando a simpatia universal.

Multiplicavam-se os homens do mais alto conceito, como Lagier y Pomares, Colavida, etc., cujos artigos de pouco em pouco, Amália foi

assimilando, absorvendo, alimentando-se espiritualmente com a nova mensagem de paz e de amor, e os profundos conceitos que encontrava na leitura espírita. Foi quando, com plena consciência do que dizia, manifestou, então, o seu pensamento de que no Espiritismo estava a verdade. Essa abertura em sua consciência é expressa em suas "Memórias". É tão importante e recebida, com tão profundo júbilo, quanto à recuperação de seus olhos.

—Certa manhã, — Ela conta. — estando em minha casa, senti inesperadamente na cabeça uma sensação dolorosa e estranha. Pareceu-me que ela se enchia de neve. Experimentei um arrepio de frio intenso, que me penetrava até os ossos... Em seguida julguei ouvir vozes estranhas e confusas. Atiliei os ouvidos e pareceu-me captar uma breve palavra: "Luz! Luz!".

Ela gritou sobressaltada por uma inexplicável sensação:

—Luz é o que desejam minha alma e meus olhos! De luz necessito, Deus meu!

Pos-se a chorar. Chorou descontroladamente, sem ser motivada pela dor física ou por desconsolo moral. Percebia que aquele pranto lhe dava Vida. Olhou-se então no espelho... e teve uma exclamação de júbilo e assombro indescritíveis. Seus olhos estavam abertos de todo. Ela conta:

"Eu já não tinha as pálpebras caldas como antes, quando podia receber apenas uma minguada réstia de luz, mal bastando para uma insuficiente relação com o mundo exterior..."

Correu para o consultório do médico! O Dr. Hysern olhou-a fixamente, apertou-lhe as mãos e esquecido do tom sóbrio com que costumava expressar-se, embora com grande compostura, lhe disse:

— Amália, precisamos render graças a Deus... A partir de amanhã tu poderás trabalhar, porém sem excessos. Lembra-te do que já sofreste e não cometas imprudências.

Uma nova vida se inicia para aquele espírito dinâmico. Procura emprego e o obtém em seguida. Costura e costura, com tanto entusiasmo, com tal alegria... "como se tivesse herdado uma grande fortuna".

Leu, acerca do Espiritismo, tudo quanto encontrou ao seu alcance. Quis ter revistas, muitas revistas. E como o seu dinheiro era escasso para as assinaturas, encontrou um meio de obtê-las enviando-lhes colaboração.

Enviou uma poesia a "El Critério", recebendo, na volta do correio um bilhete muito encorajador e criterioso de seu diretor, o visconde de Torres Solanot; junto vinha um exemplar da obra de Solanot "Preliminares del Espiritismo". Procede de igual maneira com o diretor de "La Revelación", publicada em Alicante. Recebeu um gentil oferecimento para manter uma coluna exclusiva no periódico.

Na página de rosto de "El Criterio", em seu n.º 9, se encontra o primeiro artigo de Amália, — início da sua obra em prosa, — intitulado "La Fe Espiritista". Corria o ano de 1872.

Amália quis participar de uma sessão, no decorrer da qual mantêm-se relação com o mundo espiritual. Seus amigos, seus novos e afetuosos amigos lhe proporcionam essa primeira oportunidade na "Sociedad Espiritista Espanola". Tratava-se de uma reunião solene, no decorrer da qual eram discutidos os princípios sustentados pelo Catolicismo. Ouvia ali o verbo eloqüente de Garcia López, Huelves y Corchado, inteligência de escol que discutiam na mais pura dialética, revelando conhecimento e uma informação singular.

Sentiu-se transportada a um outro mundo, no ambiente intelectual com que sempre havia sonhado. Desde aquela noite não mais perdeu uma única reunião, até que as circunstâncias de sua vida se modificaram.

Enquanto isso continuava costurando e escrevendo com invejável entusiasmo. Um dia, D. Alejandro Benisia, vice-presidente da entidade, dirigiu-se a Amália e, virando-se para os membros da mesa diretora, disse de modo sentencioso:

— Em nossa próxima reunião reservaremos um espaço de tempo para Amália Domingo. Dentro dessa cabecinha há muita coisa preciosa. No justo tempo oferecerá abundantes frutos.

Ela nunca enfrentara o público. Era um compromisso excessivamente grave. Por esse tempo trabalhava no ateliê de uma senhora francesa que se aproveitava de sua boa-vontade para sobrecarregá-la de serviço. Entretanto, enquanto costurava, Amália compunha mentalmente versos que guardava de memória e passava para o papel à noite, em seu quarto. Outras vezes uma sobrinha da proprietária da casa transcrevia as estrofes que Amália ditava. Dessa forma, tão fora do comum, compôs o trabalho que leu na reunião do grupo espírita, como o desejara Benisia.

O amplo salão da "Espiritista Espanola" brilhava engalanada. Uma seleta assistência lotava por completo o vasto salão. Quando não houve mais espaço colocaram vinte cadeiras no estrado. Presidindo o ato, os diretores exibiam fraques e gravatas solenes.

Foi na noite de 4 de abril de 1874 e a reunião se destinava a comemorar o 50º aniversário da desencarnação de Allan Kardec. Por fim chegou a vez de Amália...

Como em uma tela cinematográfica, cruzam por sua mente seus sofrimentos passados. Viu, através das lágrimas que emprestavam singular brilho ao seu olhar, em primeiro plano, a porta do palácio, ao qual se dirigira para recolher seu prato de cozido. Viu a caravana de pobres esparramados, postados em frente ao portão à espera do pão velho e da sopa feita de restos. Agora ela ocupava o luzidio estrado, cercada por homens dignos, que a apresentavam ao público com expressões elogiosas. Na imaginação de Amália em uma rápida projeção mnemônica cruzaram-se por um momento fugaz todas as angústias sofridas.

Foi então que se deu conta de sua situação e percebeu que se encontrava cercada por eminentes homens da Ciência, filósofos acatados por seu saber e que punham todo interesse em pesquisar a doutrina que ela acabava de abraçar. Pos-se a ler com voz firme e clara o artigo fluido e, bem concatenado que escrevera.

A repercussão que teve a sua participação na noitada, consagrou-a de modo a que veio atuar em todas as reuniões da entidade. Prosseguiu dando asas à sua veia poética. Aquela brincadeira de menina, que começara aos dez anos de idade e tivera sua primeira eclosão pública quando completara 18 anos, havia adquirido sólido amadurecimento a esta altura de sua vida, quando 38 etapas cronológicas se haviam transcorrido. Ganhara a consideração de pessoas cultas que a admiravam e lhe ofereciam sua amizade, embora sabendo de sua humilde origem.

Um laureado poeta, analisando de certa feita à obra da poetisa, (referimo-nos a Humberto Mariotti) disse o seguinte:

"A poesia de Amália e toda a sua literatura doutrinária, não estão ainda suficientemente apreciadas com justiça. Muitos se comprazem em ler frases de outros autores, menosprezando a grande sevilhana, esquecidos, além disto de que essa classe de espíritos são os verdadeiros esteios da

causa espírita, não tanto pelo que fizeram ou escreveram, e sim porque o fizeram sem interesses nem proveitos pessoais. Amália voou muito alto como águia sombreada; e como ave livre dos bosques, cantou as verdades da natureza humana visualizando, amplamente, os infinitos caminhos que desvendam às almas as luzes do Espiritismo. Com efeito, sua poesia não foi um ouropel desvaio, com o qual se adornam muitos poetas. Pelo contrário é uma conquista do mundo interior. Por esse motivo foi uma poetisa dos tristes, dos marginalizados, perseguidos e pobres. Por isso amou tanto as violetas. Só uma verdadeira espiritualidade é capaz de inclinar um poeta para a dor dos deserdados da sorte. Amália, com sua poesia de alta estirpe, não pode ocupar as cadeiras das academias nem os cenáculos literários. Toda a sua produção foi o resultado de uma angústia e do amor desmedido que nutria em relação à doutrina espírita. Sem dúvida é a primeira mulher espírita do mundo latino, pois, até hoje, nenhuma outra realizou um trabalho semelhante ao seu".

E em outra situação dizia também Mariotti:

"Seus poemas não passam como sombras do crepúsculo. São permanentes, apesar das modificações a que está submetida a poesia com o passar dos anos. Ela não é romântica nem altruísta nem super-realista: é simplesmente espírita. Em face do tempo não sofre comoções pois manifesta o estro da verdade espiritual. Não se vestiu, com as roupagens do dia e que com o transcorrer do tempo passariam da moda e seriam desprezadas por velhas e ultrapassadas. Seus poemas se vestiram das roupagens da Eternidade. A medida em que o tempo transcorre, mais se aproximam ao novos tempos que virão. Suas canções têm a cadência dos corações sinceros, o ritmo da consciência superior faz suas rimas e as cria, pois Amália Domingo y Soler não escreveu poesias para ser coroada com os louros da glória e da admiração. Ela escreveu poesia para a redenção dos povos e das almas. Sua poesia tem uma rota: o mundo espiritual e o amor entre os homens.

Sua lira vibra, aos impulsos de uma nostalgia infinita: a dos espaços incomensuráveis. É lamentável o esquecimento que os homens atiram sobre as grandes almas, que não rimaram as debilidades de uma época e de uma sociedade. Sua veia poética harmoniza-se rapidamente com sua agilidade no manejo da pena, consagrando-se no complexo mundo das

letras".



Amália Domingo y Soler quando iniciou sua militância espírita. Estava com aproximadamente com 37 anos (Foto rara)

Os diretores de periódicos e revistas espiritistas solicitavam sua colaboração que já se desenvolvia e modificava-se em uma prosa vigorosa e valente, à qual não escapavam os acontecimentos da vida cotidiana. Era-lhe impossível atender a tantos convites que, entretanto, favoreceriam a efervescência de sua imaginação, sagaz e crítica, que se exteriorizava em medidas sintéticas ou analíticas, conforme o dizer de Zorrilla.

Amália não sabia como atender a tantas tarefas. Não tinha sequer um dicionário, nem tratados de gramática, nem livros de consulta de qualquer espécie. Apenas a sua memória abastecia com raciocínios argutos o que lhe faltava.

Logo viu-se presenteada com a obra total de Allan Kardec, — pelas quais tanto suspirara. D. José M. Fernández Colavida, em um esplêndido gesto de amizade e reconhecimento, mandou-as juntamente com toda a coleção de um órgão do qual era o diretor: a "Revista de Estudios

Psíquicos" .

Essa azáfama: leitura e costura, sem medida e descanso, começou a afetar-lhe novamente a vista. Recomendam-lhe, ante o perigo que a ameaçava, banhos de mar. Foi nesse período que percebeu a repercussão de seus escritos para além de Madrid. De Alicante a convidavam. Dedicam-lhe ali uma grande admiração, demonstrando-lhe que havia penetrado na alma daqueles correligionários. Relaciona-se intimamente, na cidade alicantina, com pessoas de alta distinção, entre elas o doutor Manuel Ansó, presidente da sociedade espírita local. Ansó além de médico, era catedrático, homem de alta dignidade e especial prestígio científico e moral. Ele augurou-lhe um formoso futuro, não escondendo a grande admiração que cultivava em relação àquela mulher franzina, sob a qual pesava constantemente a ameaça da cegueira e que vivia em uma situação quase paupérrima, e, entretanto, nada deixava transparecer. Quem a visse não podia, — sem conhecer sua obra, — dar-se conta de quantos quilates eram suas condições intelectuais.

Antes das quatro da manhã já se encontrava de pé para aproveitar inteiramente o dia. Na solidão matutina tomava o seu banho diário na praia deserta, de modo a garantir o prosseguimento de sua tarefa, que, então, ela nem de leve podia suspeitar a que cumes alcançaria. Em face dos imensos vagalhões, pensava, com melancolia e temor, o desconhecido em que se constituía o seu futuro. E quando voltava-lhe à mente o passado, o terror enregelava-a até à medula dos ossos.

Animada por outros correligionários que solicitavam sua presença, visitou Jijona, onde o carinho e o reconhecimento com que foi recebida, lhe demonstraram que seus artigos não caíam no vazio. Em seguida chamaram-na de Murcia e ela conviveu com os que ali praticavam o ideal que constituía seu maior amor.

Nos inícios de 1876, voltou a Madrid, onde o trabalho do ateliê de costura lhe oferecia trabalho melhor remunerado, o que lhe permitia atender com mais facilidade à sua subsistência. Não queria viver às expensas da doutrina e nem tão pouco separar-se das pessoas com as quais compartilhava em brilhantes noitadas de estudo e análise dos princípios espíritas.

Graves momentos toldavam de nuvens espessas e escuras o céu da Espanha, envolvida, então, em discórdias políticas. Corria o ano de 1873. Destronado Amadeu de Saboya, implanta-se a república com os governos efêmeros de Francisco Pi y Margall, Nicolás e, finalmente, Emílio Castelar. Este último viu-se obrigado a renunciar a seu cargo ante a reiterada pressão dos carlistas, que pugnavam por entronizar o príncipe Carlos. O triunfo cabe, não obstante, ao partido denominado alfonsino que, dirigido por Antônio Cánovas dei Castillo, aproveitando-se do rio revolto, entronizou Alfonso XII, filho de Isabel II, restaurando com ele a monarquia em janeiro de 1875.

Estas escaramuças políticas, estas modificações freqüentes, criavam na nação espanhola um estado de incerteza, de confusão e insegurança, ao qual o clero não se aleiava, o que levou o grande filósofo Salvador de Mandariaga, analisar a atuação da monarquia estabelecida até 1923, posta a baixo com o advento da segunda república, escrevendo:

"Onde a facção clerical implantava seus esforços era no campo do ensino. Neste terreno, a política da igreja se inspirava em duas regras: a acumulação de fundos para o cultivo dos ricos e a proibição de toda a inovação no ensino oficial, mediante o jogo de influências políticas e sociais; o resultado deste duplo esforço de conduta levou um eminente técnico espanhol, em 1923, a calcular que cinquenta por cento da juventude espanhola permanecia sem qualquer educação, vinte e cinco por cento recebia educação oficial e vinte e cinco por cento, ensino clerical.

A isto pode-se agregar a autoridade da opinião de um eminente professor norte-americano, Mines Searle Bates, que estudou exaustivamente as questões religiosas, resumindo-as em um valioso livro documental, que teve por título: "Liberdade Religiosa" .

Bates constata o seguinte: "Em nenhuma tradição foi tão significativo o patrocínio e o controle da igreja como na Espanha onde muitos atos eram contrários até mesmo à expressa vontade de Roma".

* * *

A visão de Amália, embora os cuidados, os benéficos banhos de mar ia diminuindo. Todavia não podia nem sequer pensar em abandonar a costura, sem o risco de tornar a viver as angustiosas horas que tivera entre 1860 e 1874. Tão pouco queria abandonar seus escritos, que levavam a todos consolo e fé. Neste estado de coisas, chegam à sua casa duas pessoas que reclamam sua presença em vila de Gracia, na ocasião situada nos arrabaldes de Barcelona.

Ofereciam-lhe os visitantes catalães uma melhor paga por seu trabalho, uma casa amiga, com aposentos exclusivos, exigindo em troca a sua participação em uma sociedade espírita bem organizada. E havia o mar, tão necessário para a cura de seus olhos.

Depois de esclarecidas certas questões, parte a parte, e reconhecendo a seriedade da proposta, bem como a impossibilidade de escolher muito, dada a sua situação, Amália embarcou para a cidade condal que iria ser o ponto de onde realizaria suas mais brilhantes atuações na defesa e propagação dos ideais que havia abraçado.

Foi num dia 20, sábado, do ano de 1876 que ela deixou Madri e partiu ao encontro daqueles que a tinham convidado com tão especial cordialidade. D. Luis Llach foi ao seu encontro, mal havia desembarcado, apresentando-a ao simpático grupo presente. E, após corriqueiras perguntas sobre a viagem, disse-lhe em tom que só ela podia ouvir:

— Já tens um programa a desenvolver em Barcelona, Amália?

— Trabalhar, trabalhar e trabalhar! — Ela respondeu com humildade.

— Oh! Não! Não foi para isso que a trouxemos a Barcelona. Por aqui sobram as modistas e costureiras. O que falta são escritores espíritas.

— Todavia, como escrevendo não ganho para viver, — Replicou-lhe a audaz andaluza. — tenho que coser. As horas em que estiver livre dedicá-las-ei a escrever.

D. Luis Llach, presidente do centro espírita barcelones "La Buena Nueva", entidade que funcionava em sua própria casa, era um homem respeitável, pai de dois filhos, um menino de 14 anos e uma menina de 12. Possuidor de um forte poder magnético, deixou subjugada a bondosa Amália, desde o primeiro encontro. Havia em seu olhar penetrante e em

sua voz uma segurança que lembrava a dos profetas antigos. De imediato infundiu-lhe respeito e consideração.

—Acreditas que terás tempo suficiente para escrever? — Perguntou com mansidão e firmeza. — Disse-me o teu médico que, se prosseguires costurando, mais do que teus olhos podem suportar, tua visão durará mais ou menos três meses. Não desejo alimentar as tuas ilusões! — Comentou lentamente, pesando suas palavras. — Se, em compensação te dedicares ao jornalismo profissional, teus olhos terão luz por ilimitado tempo. E quando já fores uma velhinha colocar-te-emos sob um guarda-sol, na praia e ainda ali continuarás a escrever.

—Confio em que o mar beneficiará meus olhos! — Comentou ela tentando debilmente defender sua proposição. — Prometo coser o menos possível! Compreenderás, senhor, preciso viver a custa de meu trabalho...

— Tu queres, mas teus olhos se recusam a obedecer. Olha-os ao espelho, hoje ainda e, depois, dentro de três meses. Dir-me-ás como se encontram. Estou perfeitamente informado de teu caso.

D. Luis estava com a razão. Por mais que freqüentasse a praia e se banhasse nas cálidas ondas do mar, seus olhos, ao invés de melhorarem se faziam piores. Amália foi obrigada a abandonar a costura, mesmo à meridiana luz do dia... Pesou-lhe no coração... Antes não deixava a agulha senão ao se apagarem os derradeiros raios do Sol. Rendeu-se aos argumentos do novo amigo:

—Cumpru-se o que disseste. Uma espessa neblina tolda-me a visão. Esforço-me por costurar, mas é como se me cravassem agulhas nos olhos.

Amália não se conteve e se pos a chorar.

—Deus meu! — Soluçou ela. — Poderei voltar a escrever?

D. Luis, percebendo o quanto a afligia abandonar o jornalismo, interveio dizendo:

—Abstenhas-te de qualquer trabalho com a agulha por alguns dias. Quando eu te avisar, voltarás a escrever. Verás quantos artigos da melhor qualidade sairão de tua pena, mesmo com as pálpebras meio caídas. Não te inquietes. Faze o que digo. Tu vieste à Terra para propagar o Espiritismo.

Amália, vendo-se sozinha em seu quarto, chorou amargamente, supondo-se condenada a não poder trabalhar para manter-se, como o seu

desejo. Seria obrigada a aceitar os favores de uma família evidentemente pobre, de um lar onde não faltava o necessário com o fruto do trabalho de cada um.

Amália ainda não se habituara ao novo ambiente. A diferença dialetal soava estranha aos seus ouvidos. Era como se tivesse partido para um outro país...

D. Luis não apenas oferecia-lhe uma sincera hospitalidade. Com tacto especial, encorajava-a, tranqüilizava-a, dizendo-lhe que viria ainda a ser extremamente útil, não apenas ao seu grupo familiar, mas à Humanidade, pelos anos em fora. Sabia empregar sua especial faculdade de persuasão e falava às profundidades da alma de Amália, fazendo-a vislumbrar o futuro que a esperava. Era um eficaz e delicado conselheiro. E as incertezas do começo foram se esfumando. Um admirador dos artigos de Amália, vizinho de Alicante, D. Domingo Garcerán, prometeu enviar-lhe constantes remessas de selos postais a fim de que não apenas mantivesse sua grande correspondência, — Fato que ocorre com os bons articulistas. — mas, outrossim, pudesse remeter sua produção. E D. José Arrufat, dono de uma livraria, um certo dia lhe disse:

— Não tenhas problemas com material para o teu escritório. Eu te mandarei papel, envelopes, tinta, penas, um tapete e uma escrivaninha.

Começam então a se moverem às engrenagens de uma nova e rutilante vida para Amália. Os espíritas catalães se davam de corpo e alma para facilitar-lhe a ação, entusiasmados pelas suas vitoriosas atividades na imprensa.

Barcelona é a província espanhola que se destacava especialmente por seu poder industrial. Pródiga na fabricação de inumeráveis produtos, era, na época, possuidora de uma indústria e um comércio pujantes.

Sua história remonta para além da era romana. Os historiadores não conseguiram ainda fixar com exatidão, a época em que ocorreu a sua fundação. Calcula-se que foi na mais remota antiguidade quando se encontram as primeiras menções a Barcino. Durante o Império Romano foi sucessivamente denominada Pia Faventina e Júlia Augusta.

Ataulfo, reis dos visigodos (410-415), vencedor dos primeiros romanos e devastador das Gálias, estabeleceu nessas terras estendidas aos pés do Tibidabo e banhadas pelo Mediterrâneo, a capital de sua monarquia.

Pensa-se que sua origem resulta da decisão de grupos de expedicionários gregos ou de comerciantes fenícios, ou, quem sabe, de aventureiros cartagineses. O certo é que, se bem existam algumas hipóteses de valor, não se está muito seguro quanto à sua verdadeira origem. E isto confere à história de Barcelona tradições que a tornam singular no concerto das cidades mais importantes da Espanha, sobretudo se se tem em conta que a entrada do Cristianismo na Espanha, deu-se pela porta condal .

Assegura-se que Tiago, o Maior, filho de Zebedeu e irmão de João, o Evangelista, no ano 40 foi pregar o Evangelho na Espanha. Ao chegar da Palestina desembarcou no porto de Barcelona dirigindo-se a cidades de Lérida e Zaragoza, onde foi ouvido pela primeira vez enquanto transmitia a palavra de Cristo em terras espanholas.

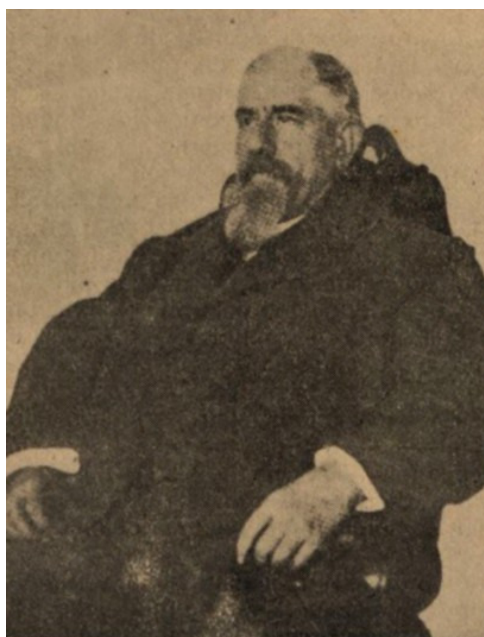
Barcelona, tocada por um dinamismo e predisposições particulares de seus filhos, teve sempre a glória de marchar à vanguarda do progresso nas terras hispânicas. Enquanto o país inteiro, era envolvido pelas convulsões das contendas internas, — que por momentos adquiriam projeções externas, em vinculações internacionais, — e se debatia no caos e na desesperação de revoluções, pronunciamentos e revoltas, ela seguia fortalecendo sua indústria, seu comércio, firme em uma deliberação que a definia.

Nesse cenário telúrico projetou Amália sua ação, seu dinamismo, encontrando eco para o ardor de sua alma, sua fé no futuro, disposta a sacrificar o seu potencial físico em um esgotante trabalho doutrinário.

Gracia, bairro que se estende próximo à cidade condal e que fora agregado a Barcelona por decreto real, em 1897, é o ponto onde estabelece sua trincheira e faz o seu jornalismo que, de pronto, se projeta com pujante influência, abrangendo regiões distantes, muito além da própria Espanha.

Todavia, Amália não se mostrava satisfeita com as sessões de "La Buena Nueva". Não eram da qualidade daquelas que estava acostumada a assistir em Madri, na "Espiritista Espanola", pois que agora, embora os

médiuns fossem dotados de muito boa vontade, só se obtinham comunicações medíocres. Não continham o que o seu rigoroso racionalismo exigia.



Miguel Vives y Vives

Só quando assistia às reuniões presididas por Miguel Vives y Vives, que, residindo em Tarrasa costumava visitar Villa de Gracia, tinha Amália a oportunidade de "encher-se de inocente alegria". As comunicações obtidas através de suas faculdades, pareciam fazê-la retroceder aos tempos de Cristo, criando uma atmosfera de tranqüila humildade inigualável. A mediunidade de D. Miguel Vives deu-lhe a primeira comunicação familiar. Sua mãe, sua doce e bondosa mãe, se manifestou em uma reunião realizada na própria casa do médium, em Tarrasa. Em comovedora manifestação, afirmou-lhe que estava sempre ao seu lado, viva e presente, auxiliando-a, inspirando-a como quando na Terra viviam juntas, partilhando infortúnios.

Enquanto o médium falava, Amália sentia o calor da vida. Esse calor há muito tempo faltava em sua alma atribulada, sem saber como prosseguira luta pela vida na encruzilhada em que fora posta. Miguel

Vives nascera em Barcelona em 1842.

Aos dois anos ficara órfão de mãe e aos cinco levaram-no a Sabadell. Aos onze morreu-lhe o pai, ficando sob os cuidados de seu irmão, Augusto, que sempre teve por ele um grande carinho.

Aos quatorze anos de idade estudava música, executando com grande destreza. Com outros meninos formou sociedades corais. Escrevia peças musicais que vivamente despertaram a atenção dos entendidos, dada a idade do autor. Várias pessoas influentes se interessaram por ele, com a intenção de levá-lo ao Monastério de Montserrat, onde poderia integrar-se em sua célebre Escola que se tornara famosa graças à perfeição dos seus meninos cantores. E houve também quem falasse em custear seus estudos no Conservatório de Paris. Permaneceu, não obstante, em Sabadell, com seus corais, dando lições de música e canto.

No ano de 1869 é acometido por uma enfermidade que o manteve inativo quatro anos. Suspendeu então os seus estudos por completo. Em 1871 levaram-no para Tarrasa, onde residiam uns seus parentes, procurando, na mudança de clima a recuperação de sua saúde. Em momentos difíceis de sua vida, quando já pensava mais na morte do que na recuperação, veio a conhecer o Espiritismo. Sua doutrina transmite-lhe uma forte e benéfica impressão. Lançando mão da cura espírita, melhora e abandona o leito.

Casou-se duas vezes, (em segundas núpcias com uma senhora espírita) e começa a receber em sua casa vários seguidores desse ideal, dando início a sessões que ofereceram bons frutos.

Em 1872 fundou o Centro Espírita que recebeu o sugestivo nome de Fraernidad Humana. Enquanto isso, estudava o tratado de Hahnemann e, empregando a homeopatia, obtém curas notáveis, o que lhe criou rivalidades encarniçadas com os médicos da localidade, a casta clerical e os inimigos do progresso. Chamavam-no ingênuo e infantil quando dizia que era possível curarem-se os doentes através do auxílio espiritual: Em seu caso a ciência fora incapaz de obter bons resultados. Apesar dos ataques, prosseguiu pregando o ensino dos espíritos, inaugurando na Espanha sessões públicas em salões de Tarrasa.

D. Fernández Colavida dizia que Vives era tão bem assistido espiritualmente que tudo quanto fazia para divulgar o seu ideal, dava bons

resultados.

— "Está rodeado de bons espíritos". — Dizia. — E naturalmente haveria de ser assim, pois que até nas peças teatrais que escreve, ensina a doutrina dos espíritos a uma multidão inculta, animada apenas pela curiosidade e pelo desejo de divertir-se. Não obstante os assistentes escutam com atenção e aplaudem com entusiasmo. Somente muitas forças reunidas podem dominar tantas e tão diversas inclinações:

Trabalhou intensamente em Tarrasa durante alguns anos, empregando, com todo o proveito, sua palavra fácil, que advogava em favor dos pobres. Era dotado de um espírito de caridade exemplar e ensinava com carinho, tornando inesquecíveis as suas lições espíritas. Amante da organização e dotado de uma paciência inesgotável, — Condições sine qua non a quem deseje entregar-se a tal atividade. — fundou em 1882 a Federación Espiritista da região, e, três anos mais tarde, passou a dirigir o periódico El Faro Espiritista, que foi o órgão de imprensa da federação até o ano de 1889, em que deixou de circular. Constituiu-se então a Federação Catalana, sendo seu porta voz a antiga Revista de Estudios Psicológicos, até que a Federação criou o seu próprio Boletim.

Vives tomou parte ativa nos congressos espíritas internacionais de Barcelona e Paris, onde fez ouvir suas ardorosas proposituras e fez notar seu fervor e dedicação doutrinários.

Em 1891 transferiu residência para Barcelona, buscando melhores ares para sua saúde algo alquebrada. Nos primeiros dias do ano seguinte, foi eleito Presidente do Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos onde, não obstante seu precário estado de saúde, prossegue na propagação de seu querido ideal. Costumava reunir os pobres em grandes refeições fraternais, nas quais não faltavam os manjares que recompunham o físico, enquanto com sua eloqüência oferecia o manjar do espírito, a fé perdida, a sede de amor, a necessidade da paz interior. Quando sua filha Micaela se casou, um cortejo de centenas de mendigos acompanhou os noivos, oferecendo-lhes sua proteção.

Amália participava freqüentemente das reuniões que se fazia em Tarrasa. Entre todas as suas visitas, uma se marcou especialmente e se tornou inolvidável na crônica de sua vida. Foi a 29 de setembro de 1881.

Na manhã desse dia, bem cedo, Amália levantou-se enquanto as

estrelas ainda "entrelaçavam no céu o nome de Deus". Seguiu para Tarrasa. Ali depara com os tarrasenses que lhe recordam involuntariamente os primeiros cristãos pois que haviam abraçado o Espiritismo em seu aspecto religioso e praticavam com pureza a "formosa e eterna religião", aquela que havia sido ensinada pelo Crucificado. Ali sabia-se amar, cuidar os enfermos com desvelo fraternal, com todas as forças físicas e morais".

A visitante teve comovedora recepção. O filho de D. Miguel, um vivo garoto de seis anos, apresenta-se trazendo nas mãos, orgulhoso e alegre, uma carta. Era um agradecimento dos presos do cárcere de Tarrasa, com felicitações pelo onomástico de D. Miguel, a quem chamavam "protetor" pelas muitas atenções que a eles prodigalizava, fazendo menos triste e aflitiva a condenação que suportavam.

Nesse dia o bondoso homem mandara servir uma abundante refeição a todos os detidos e conseguira, além disso, a promessa do alcaide de que esta se realizasse em um local cômodo e em ambiente de alegria.

Em seu lar, perto de quarenta pessoas rodeavam-no à mesa: eram anciãos, meninos, cegos e enfermos, em uma corte fraternal. Terminada a refeição, foram todos beneficiados pela palavra que, conforme mais tarde narrou a visitante... "poderemos acompanhar conforme foi publicada em Luz, porém nunca as inflexões da voz, a expressão de seu olhar, as lágrimas que rolavam de todos os olhos, naquele ágape divino".

Quando passou ao mundo espiritual, D. Miguel, um ser de valor excepcional, recebeu do povo emocionado as mais sentidas homenagens. Diz-se que uma muralha de pessoas, se entendia aos lados das ruas por onde passavam o féretro "e que as fábricas e oficinas fecharam suas portas para que os operários assistissem em silêncio respeitoso e lágrimas a homenagem prestada àquele homem que foi chamado, a justo título, "o Apóstolo do Bem".

Quando Vives deu a Amália a comunicação do Espírito de sua querida mãe, ela voltou tomada de esperança à sua salinha de trabalho em Villa de Gracia, aos singelos aposentos que lhe cedera D. Luis em sua casa. Sentiu ali renascerem suas energias para se tornar útil, de alguma forma aos amigos que tanto confiavam nela.

Às reuniões de La Buena Nueva comparecia um jovem mestre-de-obras, Eudaldo Pagés y Gomes, amigo de D. Luis e de sua família. Havia perdido a mãe e, de esse momento, abraçara a idéia espírita, na esperança de saber se o Espírito de sua genitora era imortal, tal como as obras de Allan Kardec faziam entender.

Mal começavam as sessões e via-se Eudaldo que se retirava da sala, permanecendo ausente enquanto esta se desenrolava.

Quando lhe perguntavam porque agia daquele modo, explicava:

— Quando os médiuns começam a falar vem-me um sono irresistível. Sei que esse sono não é natural. Sinto frio, calor, angústia, ímpetos de gritar, um peso na cabeça como se eu a tivesse cheia de chumbo. Como não quero me tornar um médium. — Explicava. — abandono à sala. E o mais curioso é que todos os dias faço o firme propósito de não retornar à sala mas há uma força que me impele para cá. Sento-me no café, ali em frente, e maquinalmente, volto. Mas, como ninguém me obrigará a fazer coisa alguma contra minha vontade, recuso-me a me tornar um médium.

D. Luis olhava-o e nada dizia.

— Deixai-o. Que entre e saia e repita quantas vezes queira que não deseje ser médium! — confiava a Amália respondendo às suas interrogações. — Eudaldo é uma boa aquisição para o Espiritismo mas se formos impacientes, tudo se perderá. É preciso dar-lhe tempo.

Eudaldo esteve lutando contra sua mediunidade havia mais de um ano. Certa noite, terminada a sessão, reuniram-se dez ou doze pessoas em torno da mesa que havia ao centro do salão. Eudaldo intervinha nos assuntos que vinham à tona rindo-se a mais não poder, fazendo graciosos comentários sobre o tema tratado. De súbito empalideceu, inclinou a cabeça sobre o peito, fechou os olhos e deixou escapar um profundo suspiro. Houve uma pausa de expectativa.

— Quando digo que não quero estar nesta sala... — Eudaldo defendia-se das influências que o envolviam. — Amália, leva-me ao teu quarto. Ali não me farão dormir...

Todos se dirigiram ao aposento. Apenas se sentou, Eudaldo caiu em profundo silêncio. Poder-se-ia supor que adormecera, mas... a voz do

Mais Além brotou em seus lábios pela primeira vez:

— Sou Benisia. A que te fez conhecida onde ninguém te conhecia...

Era uma presença amiga, feliz coincidência, pois fora Benisia que, em Madrid, apresentara-a, pela primeira vez em um centro espírita. Dava-lhe agora a primeira comunicação através das faculdades de um dos seus melhores colaboradores no futuro.

Eudaldo venceu, desde então, as suas apreensões e, conscientemente, decidiu-se a prestar seu concurso à causa espírita. Amália nele encontrou o porta-voz do mundo invisível, apresentando à opinião pública mensagens que ganharam repercussão internacional, obtidas por seu intermédio.

Desde então, e durante catorze anos, só por enfermidade ou por exigências inafastáveis do serviço, Eudaldo deixou de comparecer às sessões que às quintas-feiras, domingos e dias feriados se realizavam na Buena Nueva, onde podia ser encontrado independentemente da atividade que estivesse tomando o seu tempo. À hora indicada, abandonava o fiscal que o contratara e se dirigia ao Centro para dar cumprimento ao que se tornou para ele, desde aquela noite, um apostolado.

Amália via-se satisfeita e já não pensava em regressar às excelentes sessões das quais participava em Madrid.

Findava agosto de 1877 quando o jornal da localidade, o Diário de Barcelona, publicou um artigo no qual o Espiritismo era descrito com as mais negras cores. Tinha por título: El mundo de los espíritus.

— Amália, — Disse-lhe Don Luis entrando certa manhã em seus aposentos. — é chegado o momento em que irás iniciar a tua campanha. Precisas contestar os argumentos do articulista do Diário e explicar com clareza em que consiste o Espiritismo.

— Eu, Don Luis? Não tenho cabedal suficiente de conhecimentos para defender o Espiritismo. Por muito que eu ame a escola filosófica a que pertencemos, não me meterei, — como diria o povo, — en camisa de onze varas.

Don Luis não aceitou aqueles argumentos e, sem insistir, retirou-se

deixando, entretanto, sobre a escrivãinha de Amália um exemplar do Diário. Amália leu-o, meditou, orou e escreveu o seu primeiro artigo, que foi publicado na Gaceta de Catalunha, merecendo total aprovação por parte do publico. Pouco tempo depois deu-se sua definitiva consagração. Provocada, inicia uma polêmica com um eminente prelado, o sacerdote Vicente de Manterola.

Em seu silêncio ela recordava os dias antigos, vividos em terrível indigência. Agora via-se alçada a um posto de tão transcendente importância, respeitada pelos homens de bem e rebatendo em lide pública e dialética, com uma tão proeminente personalidade. O contraste entre ambos é tão grande, que a franzina moça estremece. Nunca nem ao menos sonharia com algo como aquilo. Entretanto tudo era real, impresso em letras-de-forma, provando serenamente o seu prestígio e a sua evolução que se acentuava a cada dia.

O reverendo Don Vicente de Manterola fora um destacado deputado da facção carlista e antigo conselheiro do príncipe Carlos. No decorrer de boa parte da guerra civil que seu partido desencadeara contra a república. Foi cura-pároco, cargo em que se mantivera em uma importante paróquia da Corte e, conforme descrevem as crônicas, se apresentava como candidato à primeira mitra que surgisse vacante.

Nos inícios do ano 79, não querendo dar-se por vencido, apesar de ter sido batido clamorosamente pelas refutações de Amália, publicou "El Satanismo, o sea la cátedra de Satanás combatida desde la cátedra del Espiritus Santo: Refutación de los errores de la escuela espiritista".

Por essa altura Amália já fizera nome e ganhara a admiração mesmo fora dos cenáculos espíritas, ganhando as simpatias das mais variadas correntes do pensamento, respeitada, admirada, invejada, combatida sempre com todas as honras e todas as armas dignas de uma mande personalidade.

Pode-se ver no número de 20 de setembro de 1880 de El Comercio de Barcelona, a sua foto ao lado da de Manterola e uma epígrafe que dizia:

"Não nos propomos publicar o retrato do reverendo Don Vicente de Manterola e de D. Amália Domingo y Soler, para oferecer uma biografia completa dos dois personagens. O primeiro não necessita disso. A segunda, até certo ponto, pode-se dizer que não a tem".

Com essa campanha começa a criar-se em seu derredor, antes uma curiosidade expectante em pessoas que, até então, desconheciam por completo em que consistia o Espiritismo, depois, promovendo entre os indiferentes, uma inquietude, sobretudo naqueles que supunham ser a doutrina espírita atividade de bruxos ou simplesmente superstição de gente inculta.

Aquela mulher pequenina, fisicamente insignificante, de cultura pouco maior do que a mediana, autodidata e perseguida por todos os azares do infortúnio, havia alcançado, aos quarenta e cinco anos, um prestígio e um crédito público que chegaram a transcender as fronteiras de sua Espanha e tornar-se conhecida e respeitada no México, Cuba, Montevideú, Paraguai, Argentina e até mesmo na Itália, onde lia-se com avidez seus artigos em revistas e periódicos especializados.

A poetisa das frases curtas e profundas, que iniciou empregando este recurso na defesa de seu ideal, penetra em seguida, com amplo êxito, na prosa jornalística que, nela, se extravasava de maneira pouco comum.



VI

Polêmica: Satã ou Deus

O início do grande prestígio alcançado por D. Amália Domingo y Soler na Espanha e em quase todos os países de fala espanhola, nos fins do século XIX e inícios do século presente, produziu-se com a famosa polêmica por ela sustentada com o ilustre sacerdote D. Vicente de Manterola.

A posição do prelado, proeminente no mundo político, nos arraiais da Igreja Católica Romana bem como no campo literário e, sobretudo, por obra e graça de seu reconhecido talento no campo da oratória, não apenas o fizera famoso no púlpito, — o seu território, — mas também nas assembléias políticas, tendo sido deputado pela hoste carlista tendo, ali, ganho a fama de "fugoso, apegado às idéias ultramontanas e dotado de indiscutível talento". (*)

(*) "*Gaceta de Cataluna*", 20 de setembro de 1880.

As idéias espíritas ganhavam mais e mais terreno; corria o ano de 1878, e personalidades prestigiosas por sua inteligência e lucidez, aderiam às suas fileiras, dedicando-se entusiasmadas à elucidação das massas seja por escrito, seja oralmente, nas tribunas. Percebendo que o povo, subjugado pela ditadura da Igreja encontrava na doutrina espírita o hausto de liberdade por que sua alma ansiava, o clero voltava-se para o novo inimigo que punha em perigo a sua estabilidade na Espanha. Os mais destacados nomes do catolicismo se lançaram a campo, dispostos a lutar e

destruir o que tinham por uma heresia, uma falsidade, adjetivando a doutrina de Kardec com as mais néscias qualificações.

El Comercio de Barcelona oferecia ao povo enfoques diversos, pois que o Ateneo Libre, inaugurara sua tarefa esclarecedora em sua Sección de Ciencias Exactas, com a discussão do tema: "A necessidade de nosocômios em Barcelona". No ato de inauguração dizia o seu presidente, Manuel de Lasarte: "O objetivo da secção será o estudo e vulgarização das ciências, que, em nosso país, lutam contra obsoletos preconceitos, com o grave inconveniente de dar a impressão de que sai de um fanatismo para cair em outro. Por exemplo, sair das mãos da Inquisição para cair nas do Espiritismo. Mesmo os cientistas, liberais por adesão, segundo se proclama, têm-se ocupado com o tema" .

Don Vicente de Manterola, por sua vez, iniciava uma séria campanha que o levava aos púlpitos das igrejas de Santa Ana e de Santa Mônica. Buscava ele através de todos os expedientes de sua alta dialética, demonstrar a todos os seus paroquianos e curiosos de toda a espécie que acorriam a ouvir-lhe as invectivas, que os fenômenos do Espiritismo se produziam, ele concordava, eram reais, mas única e exclusivamente por obra e graça de Satanás.

Nem bem chegam aos ouvidos de Amália o teor desses sermões e ela corre a ouvir o prelado. Retornando ao seu quarto, depois dos comentários travados com os amigos, senta-se à sua escrivaninha e prepara a refutação com febricitante ansiedade, procurando reter quanto possível os conceitos vertidos, para dar a cada um a sua devida resposta. Seu bondoso amigo, Luis Llach, animava-a a publicar aquelas refutações e tratou de encontrar o meio de por em andamento o propósito.

O jornal Comercio de Barcelona publicou seis artigos, em sucessivos números de suas edições de novembro de 1878. O primeiro artigo Amália o intitulou com marcado sentido andaluz: Um voto de graças. Nele começa a se desenvolver o seu fino e sutil humorismo, uma dignidade e uma segurança dignos da mais cultivada pena. Diz:

"A escola filosófica espírita deve outogar-vos um voto de graças por vos haverdes convertido em propagandista da religião do futuro, pois que em varias ocasiões V. Reverendíssima converte os púlpitos das igrejas católicas em cátedras de Espiritismo. Com sua elevada inteligência não

desdenhais de estudar detidamente as obras de Allan Kardec. Resulta que desse estudo nos ministrals com minúcias e detalhes, as primeiras noções da doutrina espírita".

O segundo artigo trazia por título Explicações e foi publicado exatamente quando o sacerdote parecia ter dado por findas as suas conferências, nas quais afirmava categoricamente, a presença de Satanás em todos os fenômenos espíritas. Enfatizava suas conclusões afirmando que "é impossível que as almas se comuniquem, pois que Santo Agostinho em seu grande livro "Suma Teológica", desenvolve convincentes arrazoados, através dos quais fica demonstrado que as almas separadas do corpo não podem relacionar-se com os homens da Terra".

Amália defende os princípios da doutrina apoiando-se, segura, na obra kardecista e esclarece meridianamente cada um dos pontos mais importantes da exposição do sacerdote.

E a campanha, como se julgou, não estava finda.

"Torna a voltar" é o título do terceiro artigo e só ele basta para dar uma idéia do que se passou. Ao que tudo faz supor Manterola se encolerizou pois que Amália escreve na nota aludida, com toda a seriedade e altivez:

"O cultivo da linguagem escorreita, limpa, fixa e confere esplendor. Quando V. Reverendíssima apostrofa e impreca os espíritas, chamando-os ladrões sacrílegos, malvados, maliciosos, nefandos, hipócritas, ímpios e outras belezas deste estilo, não dais a impressão de que sois um ministro do Senhor e simplesmente um homem que se impacienta como os demais. Um sacerdote de Cristo deve ser mais doce, mais persuasivo, mais tolerante. Crede V. Eminência, Senhor de Manterola: "um homem dotado de grandes conhecimentos, como é o vosso caso, não deve nunca descer ao terreno dos insultos para convencer. Deixai esse pobre e inútil recurso às inteligências vulgares, não sede ingrato para com a Providência que vos concedeu inspirações e memória bastante e suficiente para engalanar vossos discursos, sem necessidade de proferirdes frases ofensivas".

Como o gato que brinca com o rato, sem perder sua sinceridade e seus movimentos graciosos, continuou rebatendo os pontos salientes de toda a argumentação de Manterola. "Vamos seguindo", — diz Amália em sua quarta nota que se inicia com esta risonha frase:

"Sigamos ambos nossa tarefa, o senhor em seu duplo trabalho de

ALICERÇAR e destruir o Espiritismo, nós outros restabelecendo a verdade quando percebemos que, nas asas de sua ardente fantasia, desfigura as obras de Kardec, a ponto de se tornar difícil reconhecê-la".

"Explicações" e "Com os olhos fechados" se intitulam os dois últimos artigos desta primeira série que se constitui em seis. Pareceu estar encerrada a polêmica que manteve em suspense os leitores barceloneses durante um tempo que pareceu ditado pela prudência.

Mas, eis que um senhor, assinando-se com as iniciais de D. J. B. y P. faz sua aparição em artigos estampados em La Revista Popular, números 21 e 28 de novembro e 5 e 12 de dezembro, assumindo a defesa de Manterola e retornando ao assunto.

Amália, que supunha estar terminado o duelo, volta a esgrimir a pena, em favor da mesma causa. Vê-se impossibilitada de estabelecer polêmica. Na Gaceta de Cataluna é publicado sem reboços:

"Diz-se, e é muito certo, que da discussão nasce a luz. Mas, como vós, incógnito campeão do senhor Manterola, ao defenderdes o grande orador sacro, agis de maneira indigna e empregais em seu linguajar o insulto epigramático — terreno resvaladiço em que não desceremos jamais, — entre vós e nós outros não cabe a discussão. Discuti em momento propício a filosofia com argumentos filosóficos, a razão empregando a razão, a ciência com dados científicos, a política com reflexões políticas, porém nunca a burla torpe com a prudente moderação.

"Com os aludidos artigos, demonstrando o espírito preponderante do jornal que vos dá acolhida, criais visões falsas na opinião pública". Amália oferece as explicações pertinentes, como prometeu, sem todavia descer à liça em que o seu oponente colocou a discussão, intitulando-a, entre outras coisas, com velhacaria e malícia, "A professora de Manterola" .

A tática limpa e sadia de Amália obtém um grande triunfo pois, ocorrendo o fato propício de a publicação que dava acolhida aos seus artigos não ser de tendência espírita, sendo os seus leitores de todas as correntes idealistas, a altura em que ela põe em sua mira, a firmeza de seus conceitos e o volume de documentação sólida, que apresentava em seus rebates ... era una cosa seria!

Sete artigos se sucederam: "Uma réplica", "Algo é algo", "Sempre o

mesmo!" "Continuação", "Hoje como ontem"!, "Quem admitirá?" e "É quase impossível!" são a tônica dos itens que foi desenvolvendo a heróica escritora para deixar bem esclarecidas as questões que o senhor incógnito, como denomina o seu desconhecido contendor, desejava pisotear com ironias despropositadas em uma defesa que pouco benefício trazia ao próprio defendido, neste caso o orador Manterola. Por esse motivo a própria Amália toma a seu encargo dizer que:

"Apreciando pelo grande valor, o talento e a erudição que tem o grande orador católico, que sem tréguas nem descanso defende o seu ideal, bem sabemos que esse mestre em teologia não necessita de preceptores, que sua inteligência lhe basta e até sobra, que muito bem compreende o Espiritismo, que o estudou profundamente e, por isso, combate com febril denodo, pois que... quanto maior e transcendental é uma idéia, mais adversários encontra, permitindo que se possa julgar de sua importância pela violência dos ataques que lhe são dirigidos, somos bastante racionais para não nos supormos com suficiente cabedal para servirmos de orientadora a espíritos tão avantajados como o do senhor Manterola pronunciou em maio de 1877, no púlpito da pequena igreja de mestres e nem tão pouco de certa espécie de defensores.

No dia 9 de fevereiro, se encerra o debate com o incógnito D.J. B. y P.

Mas não chegara ao fim o que gerara o assunto. O senhor Manterola pronunciou em maio de 1877, no púlpito da pequena igreja de San Antonio dei Prado, de Madrid, alguns sermões contra o Espiritismo.

O Visconde Torres Solanot, que os ouvira, convidou o sacerdote a discutir o assunto valendo-se da imprensa. Recebeu uma olímpica resposta, segundo a qual:

"O predicador evangélico não tem absolutamente de descer da cátedra da Verdade, ao veículo da imprensa cotidiana. Sua palavra é a palavra divina, é livre e não pode sofrer coação nem ser discutida, visto que... a palavra de Deus é absoluta.

Mas não acha inconveniente em informá-lo de que estava escrevendo um livro acerca dos erros do Espiritismo e tão pronto estivesse impresso teria... grande prazer de reservar-lhe o primeiro volume".

Este fato ocorreu em maio de 1877, e o livro não pode ser impresso com a brevidade que se esperava, mas... "com a graça de Deus estará

impresso dentro de poucos dias". Só veio à luz, entretanto, em 1879, no mês de maio. Trazia o pomposo título de El satanismo, o sea Ia cátedra de Satanás combatida desde Ia cátedra del Espíritu Santo.

O lançamento do livro convida imediatamente Amália à réplica, que foi publicada na Gaceta de Cataluna, La Publicid e mesmo em Luz del Porvenir. Quando esta faz a sua aparição, pouco depois do livro ter sido posto à venda.

A polêmica ganhava aspectos singulares. Convém que se deixe claro que o texto do livro foi conhecido primeiramente em fragmentos pelo processo de folhetins entregues de porta-em-porta. À medida em que iam sendo distribuídos, Amália os refutava de uma maneira inesperada e que fez história nos anais do Espiritismo, e mesmo das discussões de idéias.

De uma parte o teólogo eminente procurava demolir a estrutura doutrinária espírita. De outra, uma humilde escritora que, começava a brandir suas armas no jornalismo, buscando aparar os golpes, devolvendo-os um a um e por tabela, explicando os seus próprios pontos de vista ao grande campeão da palavra.

Empregando a dialética, explica-se com detalhes em momentos emocionantes. O leitor arrebatava-se ao ser levado a participar de uma troca de conceitos da mais transcendente importância.

Da questão Manterola-Amália, numerando apenas os artigos desta última, reunidos aos seus rebates ao incógnito senhor D.J.B. y P., e ainda um prefácio da autora, o editor Torrente compôs um volume de 300 páginas no formato do La Luz, com a explicação de que... Em suas páginas se encontra a verdade e a verdade deve ser conhecida por todos..."

O primeiro exemplar foi dedicado por Amália a seu grande amigo, o senhor Llach, com uma dedicatória autografada que dizia:

"Luis, tu que foste o iniciador desta refutação, tu que tanto te preocupas com o desenvolvimento de meu espírito e pelo engrandecimento do Espiritismo, aceita este livro em prova de meu fraternal carinho e de minha profunda gratidão".

Amália Domingo y Soler

Gracia, 26 de julho de 1880.

A casa editora Maucci, de Barcelona, tornou a editar, trinta anos passados, esta mesma obra em um volume de 458 páginas, com cuidadosa

apreciação gráfica. Esse livro se encontra esgotado, há muitos anos. Mereceria uma reedição (*) pela magnífica lição que oferece e a medida do quilate espiritual de sua autora.

(*) O "Ateneo de Propaganda Espírita Allan Kardec", de Avellaneda, iniciou em parte essa tarefa, editando em folhetos os primeiros artigos dessa obra, com promessa de continuar em sucessivas edições, apresentá-los. Intitularam-na "Réplicas de Amália". Em 1966 a Editorial Kier fez uma reedição fac-similar do livro de Maucchi.

Não nos seria possível aqui, dado o volume dos dois textos, seguir passo a passo suas interessantes fases. Mas extrairemos, para que se tenha uma pálida idéia, pequenos passos tomados aqui e ali, para que se tenha ao menos a impressão esquemática das proporções da discussão travada então.

Empregaremos um processo livre e original: o diálogo: (*)

(*) Os argumentos do sacerdote, que vão ser transcritos, já foram extratados por Amália do volumoso livro "O Satanismo". Aqui terão de sofrer novos cortes embora sejam conservados sem nenhum retoque de qualquer espécie, motivados pela necessidade de espaço. Mas, para compensar, o mesmo é feito com as motivações de Amália, das quais tomaremos sucintamente suas próprias palavras e sem retoques, o parágrafo que conteste o extraído, de modo que não haja imparcialidade no diálogo assim elaborado, visto que se pretende oferecer o clima criado e um resumo estrito, leal e verdadeiro do singular duelo. Por esse motivo diz-se que este diálogo será original e elaborado de uma maneira especial.

Manterola: — Admitimos que ocorrem os fenômenos extra-naturais; que esses fenômenos não se explicam se não os atribuirmos a uma causa inteligente. Qual é essa causa? O espírito ou a alma do morto que evocada em uma sessão espírita? De modo algum! Respondo contestando negativamente. Pois então, quem é o agente? Que inteligência é essa que responde? Eliminados os casos de superstição, que não são poucos, e uma ou outra alucinação, se a resposta é dada pelo mundo invisível dos espíritos, quem responde é seguramente um anjo mau, o espírito caído, é Satanás.

Amália: — (Contesta com uma frase textual de "O Livro dos Espíritos"): Como poderemos acreditar que Deus permite ao Espírito do

Mal que se manifeste exclusivamente para perder-nos, sem dar-nos como antídoto os conselhos dos Bons Espíritos? Se não o pode fazer, é impotente e se pode fazê-lo e não o faz, isto é incompatível com sua bondade; e tal supor seria uma blasfêmia. Observai que, admitida a comunicação dos Espíritos maus, se reconhece o princípio das manifestações e, posto que existam, só podem realizar-se por permissão de Deus. Como poder-se-ia crer sem incorrer em impiedade que Deus permite o Mal com exclusão do Bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do senso comum e da religião.

Manterola: — Com insistência se diz em "O Livro dos Espíritos", contendo a filosofia espírita, que nas reencarnações dos espíritos podem estes permanecer estacionários, porém nunca retroceder. Isso quer dizer que o espírito vai sempre melhorando, vai sempre se aproximando de Deus. Pois então, o que fazemos aqui? Por que então não nos despojamos desse apego à vida? Por que não nos damos pressa em nos libertarmos do enorme peso de uma triste existência, de desventuras, plena de terríveis angústias e amarguras, quando não temos, — segundo a escola espírita, — a segurança absoluta de que em uma nova encarnação haveremos de ter uma existência nem mais triste nem pior do que a atual? Oh! Irmãos, eu vos asseguro. Deus nosso Senhor me estenda suas mãos e jamais retire de minha mente a tocha luminosa da fé. No dia em que eu me tornasse espírita, eu vos asseguro, seria aquele o dia em que eu teria deixado de existir. Que me importaria. a pena da morte? Por que preocupar-me com o juízo dos homens se os homens permanecerão aqui, neste globo, enquanto meu espírito planaria por regiões desconhecidas, com a segurança de que a lei do progresso se cumpriria fatalmente? Senhores, isto é muito grave, é horripelantemente grave. Talvez não tenham meditado nisso suficientemente os que, atraídos por idéias supostamente científicas, deram os seus nomes a centros espíritas.

Amália: — Ah! Senhor Manterola, V. Reverendíssima não diz o que sente ou lê... ou não estuda o assunto. O Espírito progride sim, porém à força de trabalho e não abandona a Terra, às carreiras... como diz que o faria se fosse espírita. Que idéia faz a tal respeito? Que com o sairmos de um mundo violento, sem terminar as provas pedidas ou que nos foram impostas, iria o nosso espírito, em seguida, vagar por regiões

desconhecidas, dizendo: eis o fim de tudo! Ah! Senhor Manterola, V. Eminência merece de nossa parte um excelente conceito e nos negamos a supor que credes em semelhante absurdo. Se a cada um é dado conforme as suas obras, — que preço tão justo! — que louros pode conseguir aquele que não se resigna a trabalhar e a sofrer? A dor é o motor da Humanidade, disse um grande pensador e todo aquele que, como V. Eminência, pretende tentar escamotear com essa lei, não conseguira prosseguir, no sentido fatalista que empresta a essa palavra. Progredirá fatalmente ao impulso dos acontecimentos desagradáveis que lhe proporcionam sua própria negligência e sofrerá milhões e milhões de provas. Sofrendo, aprenderá a ser bom. Na escola espírita não é admitido o Maktub, estava escrito, dos maometanos, nem a graça. Ficamos com a justiça"!

As definições, as explicações correm ao largo de todo o livro, em correnteza, a vuela pluma, como a própria Amália costuma dizer e com grande segurança, vão deslizando, sem intermitências.

Quando faz falta, em momento oportuno, o texto, nada acrescenta, forçadamente. Vão consignados os parágrafos adequados dos textos da própria doutrina.

Não cabia outro critério quando se tratava de defender um princípio doutrinário. Nada melhor que apelar, de modo eloqüente e devidamente, à própria fonte, assim como os sacerdotes recorriam aos livros sagrados.

Sigamos, está claro, saltando períodos, mas extraindo razões e desarrazoados.

Manterola: — Aqueles que sinceramente buscam a piedade, sabem infalivelmente onde encontrá-la. Deve ser vítima de alucinações horríveis ou de grandes misérias morais, quem se deixa prender a essa mística satânica, a essa ciência ridícula, absurda e perversa. Mesmo considerando que os objetivos de alguns pobres loucos possam ser bons, vítimas de Satanás, do qual são instrumentos, não deixam de ser criminosos. Satã deseja ser adorado. As práticas supersticiosas que deploramos em suas mais diferentes formas e em aparências, muitas vezes honrada, tende sempre, tal como sucede agora, à adoração de Satanás.

Amália: — De que forma, perguntamos nós, adoram os espíritos a Satanás (Supondo-se que este exista)? Que formalismo ridículo, que cerimônias extravagantes, que templos misteriosos temos nós para

celebrar esses concilábulos, a que ídolo rendemos culto, que vítimas e em que altares sacrificamos ao nosso deus infernal?...

(Segue-se uma excelente exposição de princípios em uma síntese sem par). Mais adiante, lemos:

Manterola: — Não pretendam os espíritas que, por deferência ao seu talento e saber, os espíritos que com eles se comunicam alterem a igreja de Deus a casa-forte doutrinária cujo desprezo lhes é recomendado. Ela continuará ensinando a diferença entre os santos anjos e os anjos caídos. Sempre e constantemente combaterá toda prática supersticiosa, condenando a magia antiga e a magia moderna, em quaisquer formas que se apresentem.

Filhos da luz descobrimos horizontes iluminados. Vamos com segurança caminhando na Terra, pois que não perdemos de vista a estrela que nos dirige ao céu. Possuidores dos mistérios de Deus, na medida em que Sua Divina Majestade se dignou comunicar-nos, criou-se em nós uma espécie de instinto sobrenatural, uma como que clarividência maravilhosa em meio às trevas estendidas no mundo. E explicamos satisfatoriamente as revelações que obtêm os sectários do Espiritismo.

Não, não são os bons espíritos que respondem às evocações modernas. Porque, ao fazê-lo, se declarariam em rebelião franca contra Deus, conforme temos demonstrado?

Amália: — O que deixa perfeitamente demonstrado ao senhor de Manterola é que a igreja Romana é orgulhosa como não mais poderia sê-lo. Assim, pois, os seus sacerdotes têm uma espécie de instinto sobrenatural, uma clarividência maravilhosa em meio às trevas estendidas no mundo!

Terão adquirido essa clarividência maravilhosa com o fogo das fogueiras da Inquisição, e, posteriormente, na Espanha, com os incêndios da guerra civil? Lógica, senhor Manterola, tende mais lógica e não chamais iluminados de Deus homens que matam outros homens seus irmãos. Recordai o Decálogo que bem claro diz: "Não adulterareis"; "Não furtareis"; "Não direis falsos testemunhos contra o próximo". É dessa espécie de instinto sobrenatural, que se serviu à Igreja Romana para sacrificar os sábios como sacrificou Giordano Bruno?

(Em outra página lemos.)

Manterola: — Fazemos constar que os espíritas não estão isentos de pecado porque, ao fazerem suas evocações, se abstêm de sacrificar crianças e derramar licores para honrar seus deuses. Isto poderá provar que os espíritas não cometem todas e cada uma das maldades que são mencionadas no capítulo XVIII do Deuteronômio, qualificadas de abominações aos olhos do Senhor. Mas, entendei que todas estas coisas, não algumas somente, todas elas, e entre elas inquirir dos mortos a verdade, foram reprovadas com ênfase divina e exemplarmente castigadas, mesmo entre os povos gentílicos, visto serem intrinsecamente más, sem que a bondade do objetivo possa justificá-las por quaisquer meios.

Amália: — Como, senhor Manterola? Não conformais vossa opinião à de Santo Ignácio de Loyola, que dizia a seus discípulos que os fins justificam os meios? Acreditais que aquilo que é intrinsecamente mau é sempre mau, e que a Bondade Ilimitada seja impotente para justificar os meios? Então vós vos converteis à escola ultramontana (*) e vos converteis em vosso próprio acusador.

(*) *Ultramontanismo* — Sistema que preconiza a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina. Defende a doutrina da autoridade papal, pugna pela concentração do poder eclesiástico nas mãos do sumo pontífice e procura tornar o Catolicismo uma força essencialmente política, quer pela oposição à nacionalização da Igreja, quer pela intolerância relativa às outras religiões.

Se a bondade do objetivo não pode justificar os meios, como podereis santificar todos os horrores cometidos pela Inquisição? Sua finalidade era supostamente boa, segundo pontifica a Igreja Católica, pois o que objetivava era que todos os homens adorassem a um mesmo Deus. Querendo dar cumprimento ao adágio, segundo o qual... Ia letra com sangue entra... D. Isabel, a Católica, levada por seu fervoroso zelo e aconselhada por seu confessor, o inolvidável Torquemada, solicitou ao Papa uma bula para o estabelecimento da Santa Inquisição em seus Estados. Expedida a autorização foi instituído o Santo Tribunal, em 1481, e apenas no primeiro ano de suas funções, foram queimadas mais de mil vítimas em Andaluzia. Milhares de cadáveres foram desenterrados e entregues às chamas; dezessete mil pessoas foram multadas ou condenadas à prisão perpétua. Foi um salva-te se o puderes, geral.

Torquemada, revestido das funções de Grande Inquisidor, de Castela e Leão, marcou a sua carreira pela sua ferocidade.

A obra de Manterola, como já foi dito, era publicada em folhetins e entregues domiciliarmente, sistema muito empregado na época para a compensação econômica dos trabalhos muito extensos. Quando o material da mesma foi se aproximando da metade, as entregas foram se tornando cada vez mais espaçadas.

Amália não se mostra surpresa e intitula uma ingeniosa fábula aos desesperados esforços feitos pelo sacerdote por defender uma causa perdida. E isso vem comentado no artigo de refutação, em que se encontravam as três publicações aludidas.

A medida em que apareciam os fragmentos, aumentados e corrigidos para disfarçar o estilo da oratória, a dinâmica andaluza contestava sem pausa, chegando a completar quarenta e seis artigos em um lapso de tempo que vai de 5 de março de 1879, até abril do ano seguinte.

Por estas alturas a polêmica parece ganhar um outro defensor de Manterola, pois que o periódico La Academia, publica um artigo em que são mencionadas as notas publicadas por Amália na Gaceta de Cataluna, "fazendo gala de especial erudição e talento acerca do Espiritismo", lamentando ao mesmo tempo que "não se tivesse escolhido assunto mais simpático e ameno, e sobretudo, mais próprio de seu sexo, a fim de que brilhassem melhor suas notáveis faculdades". Anota o articulista quais devem ser os temas "próprios do sexo": o culto amoroso e pacífico das belas artes; o estudo das ciências, (Ainda que destoe um pouco do conjunto,) mas nunca, jamais, a teologia, "essa metafísica de Deus e da alma, essa obscuridade que só ilumina a fé", coisa que deveria ser, — segundo o critério do periodista, fruto proibido de tão belo quanto débil sexo!

A dinâmica pena de Amália não deixa passar a provocação que pretende dar-lhe o periódico e, como que de passagem, encabeçando um de seus artigos da polêmica original, responde devidamente ao articulista e seus preconceitos... Segue em sua função de combater...

Manterola: — As comunicações de ultratumba que os discípulos da escola espírita obtêm; são dignas do anjo da bondade. Aliás, o que se pode esperar atribuído aos santos anjos? Não! Impossível! A que conduzem todas as revelações do Espiritismo, segundo aos temas compilados pelo seu grande profeta, Allan Kardec? A que? A destruição completa, radical de todos os dogmas católicos. Logo não é um anjo bom o autor das revelações espíritas. Não vos esqueçais de que me refiro aos católicos, para os quais a argumentação deve ser de força incontestável.

Amália: — Faz bem, Senhor Manterola em se dirigir somente aos católicos, pois que somente os católicos ortodoxos poderão admitir como argumentação de força incontestável, os argumentos que apresentais. Sim só aqueles que se deixam levar sem interrogações pelo credo romano, o qual, apesar de não haver encontrado por meio da Geologia e da Geografia nem o inferno nem o purgatório nas entranhas da Terra; nem na Astronomia os localizaram no espaço; apesar dessa negativa científica, os sacerdotes desentendendo-se por completo da ciência, seguem indiferentes sua predicação. O senhor é um deles. Cremos que não se devia dedicar à prédica para uns poucos, deveria falar a todos. Por isto nos dá tanto prazer a linguagem da ciência: porque sua predicação é universal.

Daremos um salto para outro momento polêmico.

Manterola: — O catolicismo é a verdade de Deus: logo o anjo de Deus não pode ser contrário ao Catolicismo. As manifestações espíritas contrariam-na aberta, radical, essencial e absolutamente. Logo não é o anjo bom o autor das respostas obtidas pelos sectários do Espiritismo. Dedicamo-nos a demonstração que realmente as doutrinas espíritas são revelações obtidas não de ultratumba, mas de quem, vem contrariar radical e completamente todo o dogma católico.

Amália: — O Espiritismo, senhor Manterola, não vem contrariar radical e completamente todos os dogmas católicos... Nem seu todo nem mínima parte serve de alvo à filosofia espírita para lançar acusações e anátemas. O Espiritismo não vem destruir nenhum dogma, de vez que eles se vão destruindo por si mesmos. O Espiritismo vem dizer: A verdadeira sabedoria do homem na Terra é saber sofrer; o homem se eleva por sua paciência e mansuetude, pois que a humildade é a delegação de Deus. Vem demonstrar que nenhuma religião fará crer que o vigário de Cristo na Terra deve vestir púrpura e arminho. A filosofia espírita não ataca a nenhum dogma. Não se queixe pois o senhor Manterola lamentando-se de que desejamos destruir o dogma católico. Entendei bem isto: A missão do Espiritismo não é destruir, não é lançar por terra nada do que existe. Não vem seguir as sangrentas nódoas marcadas pelas outras religiões, pois que todas, sem exceção, fizeram correr na terra torrentes de sangue que se mesclavam a rios de lágrimas.

Voltando à carga, o sacerdote diz em outra parte:

Manterola: — Os espíritos deixam-nos sem a Encarnação à força de infinitas reencarnações. E sem a Trindade, em virtude de sua estupenda trindade universal: Deus, espírito, matéria! Mas, por que nos queixamos se, não obstante, deixam-nos Deus, um deus bonachão, o deus imbecil do Epicuro, pois que eles sabem que não há penas eternas. Todos os dias dizem-lhes isto os espíritos. Por isso vivem tão tranquilos, gozando de paz inalterável. E vede como são inúteis as revelações dos espíritos. Servem-nos, é certo, como diz Allan Kardec, para auxiliar-nos a alcançar um conhecimento gradativo das coisas. Mas, prestam-se a retirar do Espírito humano o temor à Divindade. Não estão com tarefa suficiente retribuída todos os trabalhos espíritas com a segurança que oferece de que não existe e nem é preciso temer o Inferno? Ah! não nos equivocamos ao julgar que este e não outro era o trabalho do Espiritismo!

Amália: — Por certo a finalidade do Espiritismo é dar a paz ao homem, porém não no sentido ironicamente intencional com que se expressa o senhor Manterola. O nosso Deus não é um Deus bonachão, o Deus imbecil de Epicuro e também não temos por regra de nossas vidas, a máxima de Epicuro: ... de que a vida deve ser uma festa na qual não figure a virtude senão como condimento do prazer e a temperança como meio de durabilidade..." O Deus dos espíritas nem é um deus terrível, vibrando o raio vingador com a mão direita, — criadora e destruidora ao mesmo tempo, — nem o ídolo deformado que autoriza a desordem e deixa desenfrear o espírito. Nosso Deus é o Criador Onipotente que povoou o espaço com inumeráveis mundos de luz e que, fixando o seu olhar em um átomo do Universo, disse: "Faça-se a Terra e cresça nela uma raça dotada de razão, para que esta compreenda em seus dias, minha Lei, que é a do progresso universal".

O sacerdote renova seus parágrafos dialéticos, que supõe serem capazes de aniquilar a doutrina em discussão.

Manterola: — Concordamos em que a alma do morto não tem capacidade natural para produzir esses efeitos, porém pode receber esta de Deus e pô-la em exercício. Logo é possível que seja a alma do morto. Por isso é que somos forçados a dizer que é Satanás. Deus pode conceder privilégios às almas dos mortos. Se considerarmos a questão de modo abstrato, é indubitável que Deus não pode fazê-lo, mas concretamente, conforme afirma a escola espírita, digo e repito que é absolutamente impossível que tal se faça. Não é filosófico dizer que Deus não pode fazer seja o que for, uma mesma coisa ao mesmo tempo sob o mesmo conceito. O filosófico é dizer que a coisa em si é impossível e o contraditório não é, é nada, e certo é que quando Deus faz, jamais faz nada, sempre faz algo, e algo digno de sua grandeza soberana. Digo que isto é absolutamente impossível e darei a razão. Este privilégio que mencionais, seria um verdadeiro milagre. Perguntais se Deus pode dar à alma do morto a virtude de produzir milagres? Quem disso dúvida? Quem pretenderia cortar o braço onipotente do Senhor! Mas, na questão concreta que

discutimos e debatemos, insisto em que é impossível admitir milagres entre os processos espiritistas.

Amália: — Quem diz que são milagres, senhor Manterola? As comunicações dos espíritos constituem simplesmente o resultado de leis naturais cujas manifestações, como a generalidade das pessoas não as conhece, dá-lhes o nome de fenômenos, que são muitas das ocorrências que neste mundo não têm nome próprio. Todavia isto não é um obstáculo para que a comunicação espírita seja um efeito lógico, causado pela própria em Vida.

E continua mais adiante a discussão no mesmo tom.

Manterola: — Este sistema, estes procedimentos, cujos resultados acabamos de analisar, respondem à glorificação de Deus? Deus é glorificado na propagação de doutrinas insensatas que, apoderando-se da Humanidade, tornariam impossível na Terra o reinado de Jesus Cristo, o conhecimento e o amor prático de Deus e toda noção moral no mundo? Eis aqui porque disse que a coisa em si é absolutamente impossível, porque Deus jamais contribuirá para a destruição de sua grande obra e não autorizará através de milagres, o erro e o mal, nem abdicará sua soberania, nem olvidará sua sabedoria e seu poder.

Amália: — Em que estaria pensando o senhor Manterola quando teve o valor de escrever que Deus jamais contribuirá para a destruição de sua grande obra, não autorizará com milagres o erro e o mal? Que Deus tão mesquinho tendes vós senhor Manterola, que, como um simples mortal tratará de não contribuir à destruição de sua grande obra!

Quem pode destruir a obra de Deus?... Percebe-se que, apesar de possuir um grande talento, não meditou seguramente no que escreveu o senhor Manterola. Vossa Eminência foi mal inspirado. É realmente uma blasfêmia deicida o que tomaste como princípio. Destruir-se a obra de Deus!... Que representam os antagonismos dos homens? Que são as lutas

das idéias? Que são a destruição de povos inteiros? Que representa a desapareição de um planeta ante a continuidade do infinito? Menos, muito menos do que um grão de areia perdido no mar. Que é a Terra na Criação? Um átomo que gira no espaço. E porque as formigas deste formigueiro lutam e se agitam isso torna fraca e enfraquece a obra de Deus em seus princípios indestrutíveis? Quem pode admitir um erro tão lamentável? E quem pode assegurar que a escola que afirma o sistema do nada, não existe, e prova que o espírito é a semente preciosa lançada por Deus, a qual nos tem dado vida para viver, força para progredir. Pode essa doutrina em lógica sadia destruir o sentimento de adoração inato no homem?

A estas alturas das circunstâncias, o senhor Manterola prossegue fazendo a entrega dos folhetins, o que, dantes, se fazia semanalmente. Mas, prosseguindo o diálogo, foram-se espaçando, transcorrendo por vezes mais de um mês sem o aparecimento dos folhetins. Não obstante, o sacerdote não abandona o seu propósito e retorna à carga:

Manterola: — Para proceder com ordem e clareza em qualquer discussão, recomenda-se que nos limitemos agora a demonstrar que não são os bons espíritos os autores dos fenômenos espíritas. Intentar a demonstração e concluí-la, é tão fácil! E levar a convicção desta verdade ao ânimo dos que não estão cegos por uma lamentável preocupação.

Aceito em hipótese a classificação feita pelos espíritas e lhes pergunto: Os espíritos que respondem a vossas evocações são perfeitos ou imperfeitos? Se são impuros, levianos, portadores de falsa ciência, que se comprazem em explorar a credulidade do homem e conduzi-lo ao erro, nenhuma fé merecem suas palavras. Pretendeis que as revelações que nos dais a conhecer provenientes dos espíritos em vossos livros convencionas procedem de espíritos bons? Mas, a esta vossa pretensão oponho a afirmativa contrária. Vede como intento demonstrá-la. Os espíritos puros, os espíritos perfeitos, não podem contrariar as ordens de Deus, não podem opor-se aos desígnios de sua Altíssima Providência. Não podem rebelar-se contra sua autoridade divina. Deixariam de ser espíritos puros, se

acudissem sistematicamente ao chamamento piedoso que lhe faz o evocador? Pois que a simples razão de que essa evocação está terminantemente proibida pela santa lei de Deus, não pode por isso ser piedosa e sim inteiramente ímpia.

Amália: — Pondo de parte a apreciação de que a evocação espírita é piedosa ou grandemente ímpia, fixemos as duas linhas que afirmam que não são bons espíritos os autores dos fenômenos espíritos.

O senhor Manterola reconhece e declara voluntariamente que os autores dos fenômenos espíritos são espíritos: Não se trata pois de uma alucinação. Não se trata de superstição? (Falamos do espiritismo kardecista). Não é fruto de patranhas que em seu nome se executam. O senhor Manterola afirma que os fenômenos espíritos são produzidos pelos espíritos. Isto é claro como o Sol que, ainda quando o cobrem muitas nuvens, o sopro mais leve do vento entreabre as flutuantes capas atmosféricas e um raio do astro rei ilumina a superfície da Terra. Do mesmo modo a verdade, mesmo quando a envolvem com o espesso véu do sofisma, ainda quando cobrem o seu rosto o antifaz do imaginário, ao menor movimento a máscara deixa a descoberto a face real. Isto sucede ao senhor Manterola. Amontoa argumentos sobre argumentos e, por fim, reconhece uma causa inteligente operando nas manifestações espíritos, se bem que acrescente que são obras de Satanás. Oh! Suprema candidez teológica. Vossa argumentação é inútil.

Haviam-se efetuado a entrega de trinta e quatro El Satanismo, onde se publicam os arrazoados acima transcritos e o bom senhor Manterola não encontrara outro argumento mais sólido do que atribuir toda culpa a Satanás. Não percebia que ao se manifestar, estava indo de encontro à própria tese que desejava sustentar. O motivo principal de seu ataque era dirigido de maneira a negar a possibilidade da comunicação com o Mundo dos Espíritos, tal como o Espiritismo ensina. Ao lançar mão de Satanás, uma força que, segundo o que acreditava era um sério oponente do próprio Deus, estava dando, de certo modo, razão à comunicabilidade com o Mundo Extracorpóreo. Amália duelava com argumentos mais

sólidos e apresentava idéias, conceitos, exemplos e teorias que alcançavam grande altura no plano do raciocínio. O sacerdote, sem querer ou sem poder, entrara em uma polêmica na qual só podia, por sua posição eclesiástica, sustentar com o dogma e opor-se ao livre e franco exame, considerando cada uma das partes um pesado e convencional jogo de recursos e argumentos.

Em certas passagens o livro discorre da seguinte maneira:

Manterola: — Concordo convosco, efetivamente, que em séculos menos ilustrados que o nosso, quando se apresentavam fenômenos que não podiam, de maneira alguma ser explicados por meio dos conhecimentos científicos até então alcançados, e mesmo assim uns poucos, com facilidade excessiva os atribuíam à intervenção de Satanás. E que houve em muitas tantas falta de crítica tanto e quanto em outras havia sobra de boa-fé. E que nem tudo é histórico nas lendas com que o entusiasmo religioso embelezou as lendas dos heróis do Cristianismo. Não quero dizer que tudo quanto se chama Satanás seja Satanás, nem, que tudo que se tem por milagre, seja um milagre.

Amália: — E faz muito bem, senhor Manterola em afirmar que "não quer dizer que tudo se chama Satanás, seja Satanás, nem tudo quanto é chamado de milagre seja milagre". Sabeis, por experiência própria, que os fenômenos espíritas não são obra desse Lúcifer incriado. No entretanto deicida, — e que não nasceu, — deseja-se atribuir-lhe a revelação espírita, embora sabendo perfeitamente e com convicção, que são as almas dos mortos as únicas mensageiras que falam de um Mais Além.

Grave, solene, continua Manterola mais adiante.

Manterola: — Senhores e meus irmãos: Dominus non irridetur, ninguém impunemente ri-se de Deus. Disse o apóstolo Paulo: Patiens quia aeternem: é paciente porque é eterno, disse Santo Agostinho. Olhemos com saudável terror o que em nós inspira a ameaça de Deus. Observemos,

irmãos de minh'alma, que a soberana justiça não deixará impune quem ri da eternidade das penas. Observemos, irmãos do meu coração, que não é prudente combater o dogma católico, pretendendo taxar de dogmático o que realmente não o é. Como supõe Allan Kardec, não é o dogma católico aquela infinita fileira de caldeiras, às quais de vez em quando o anjo do céu vem erguer suas tampas e comprazer-se com o infortúnio das pobres almas que ali estão tostando. Isto não é o dogma católico, sabiam-no Allan Kardec e sabem-no os espíritas. É preciso, antes, estudar o dogma católico, e para estudar é mister voltar a estudar um livro, por desgraça muito esquecido: o Catecismo da Doutrina Cristã. O dogma terrível, sim, mas grandemente racional da eternidade das penas consiste na crença de que as almas, que por rebeldia sistematizada se revoltaram contra a Soberania do Onipotente, que desatendendo e resistindo aos amorosos chamamentos da graça, preferiram permanecer e morrer distanciadas de Deus, distantes de Deus, ali permanecem por toda a Eternidade. Eis aqui o tremendo castigo, a desgraça máxima, a própria essência da condenação. *Descedi te a me maledicti in ignem aeternum*. No inferno, é certo, se padecem também pena de dores. E autores cépticos trataram de sensibilizar aquelas penas com imagens em que julgaram propiciar o maior bem às almas. E o próprio Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo não empregou também imagens terríficas para fazer nascer em nós o saudável temor e, por esse meio, subtrair-nos do pecado?

Com respeito ao purgatório, nem o lugar, nem a natureza das penas, nem o tempo de sua duração constituem o dogma católico: o dogma-católico consiste em crer-se que estas almas, separadas de seus corpos em graça de Deus, porém sem haver purgado suficientemente a penitência temporal de suas culpas, sofrem grande tormento. É este: verem-se distanciadas de Deus, bondade infinita, por quem aspiram com ardente e constante desejo.

Recordemos o que foi anteriormente estabelecido. Isto é, que o espírito está ali, naquele ambiente, e compreenderemos que Satanás não necessita para, o seu tormento, de um lugar determinado. Ali, no íntimo de cada ser está o seu inferno. Irmãos de minh'alma, não olvidemos as palavras do apóstolo: o mais horrendo é cair nas mãos de Deus vivo, tanto mais horrendo porque Deus, misericórdia divina, nos há de julgar com a

medida dessa misericórdia. Tremamos irmãos meus, tremamos. As graças de Deus, seus dons, favores e luzes e seus reiterados chamamentos hão de se converterem para nós no dia tremendo da eternidade, em argumentos que justificarão plenamente nossa eterna condenação.

Amália: — Já perceberam os nossos leitores como a Igreja católica, ou melhor dizendo, um dos seus mais dignos representantes destruiu o inferno que durante tantos séculos foi o terror da Humanidade. Pois, se com justiça nos diz o senhor Manterola que estremeçamos porque Deus nos há de julgar com a medida de sua infinita misericórdia, isso dá a entender que igualará seu castigo à sua bondade, e o espírito rebelde estará eternamente longe de Deus, se bem seja isso um absurdo lamentável, pois que, ante a vontade de Deus, o estacionamento eterno não pode existir. Contudo, o senhor Manterola deu um grande passo, esquecendo-se por completo do que disse outros grandes pais da Igreja, entre eles São Tomás de Aquino, que ensinava:

Os bem-aventurados, sem sair do lugar que ocupam, poderão, em virtude de seu dom de inteligência e clarividência, contemplar os tormentos dos condenados, e, vendo-os, não apenas não sentirão "qualquer piedade", mas, pelo contrário, "se encherão de alegria" e darão graças a Deus por seu destino pessoal, assistindo à terrível calamidade imposta aos ímpios... Estas palavras não necessitam comentários — anota Amália.

Um pouco além o senhor Manterola faz objeções à interpretação da fé que Allan Kardec apresenta em seus livros.

Manterola: — Allan Kardec fala da fé raciocinada e da fé cega, mas lastimavelmente confunde o sentido verdadeiro dessas palavras. O ato de fé é meritório e racional ao mesmo tempo. Meritório porque o entendimento humano se submete aceitando e crendo em uma verdade que não compreende por deferência unicamente à autoridade relevante de Deus. Esse mesmo ato de fé, é grandemente racional, pois que a razão humana, estudando os motivos da credulidade da religião católica, que apresenta provas, a única que resiste à discussão, a única que dela sai vitoriosa, sempre e sempre triunfante, conhece que o dogma católico, que por sua natureza não pode ser evidente, é, todavia, evidentemente crível.

Para crer, não basta ver, é necessário acima de tudo compreender, diz

Allan Kardec. O certo é o contrário, certíssimo com toda a evidência. Para fazer um ato de fé, é necessário não ver ou não compreender. Ver é compreender com a vista, compreender é ver com os olhos do entendimento. E quando se vê e se compreende, não se faz um ato de fé.

Mas, será um ato de razão, de maior valor do que todas as fés do mundo havidas e por haver?

Amália: — O senhor Manterola diz que para haver um ato de fé é necessário não ver e nem compreender. É lamentável que os crentes se tenham que converter em toupeiras. Diz um grande pensador que a fé é o pedestal de Deus. Que para se ter uma fé raciocinada necessita-se uma convicção profunda. Se Deus nos deu a luz, a claridade em tudo, porque há de estarem os homens cegos fiara nele crer?

Dando seqüência ao assunto, lemos:

Manterola: — Que mérito tem o homem em aceitar a verdade que se impõem por sua própria evidência? Allan Kardec é um homem de boa-fé. Necessitava ver e, além disso, compreender. E então, de que nos vale a fé?

Amália: — O que é a fé cega, senhor Manterola? De fato não nos falta pois que, desgraçadamente, por estar sob o seu domínio, estacionou-se a Humanidade.

Há muitos argumentos nas páginas 458 do livro de Amália, impossíveis de serem copiados para um extrato total, como o merece a obra comentada. Amália traz uma grande quantidade de dados e elementos à discussão, rebatendo complexos argumentos dogmáticos de Manterola e este diálogo torna difícil a seleção, pois, para que se mantenha em seu nível, Amália vê-se obrigada, muitas vezes, a superar

com elegância a mediocridade com que se confunde o sacerdote, com sua compostura estática, às vezes prepotente, condenatória às mentalidades que não aprovam suas remanejadas considerações. Manterola tem de lançar mão, freqüentemente, de cabriolas dialéticas para salvar em parte a situação que lhe foi criando aquela humilde mulher que sabe muito bem o que diz, que, em verdade não escreve tão bem quanto ele, pois não é letrada, mas que conhece o terreno em que pisa, não se deixa enganar, para isso servindo-se de princípios que poderão ser discutidos, porém com argumentações de peso e não com as imposições dogmáticas que só se referem a uma escola ou religião determinadas.

Parece que o sacerdote, em algumas ocasiões, se enreda em suas próprias palavras e chega a dizer, ao terminar algumas páginas que procuram denegrir os espíritas.

Manterola: — Antes de continuar combatendo o Espiritismo e antes de começar a condenar o Comunismo, (*), digei-me meus irmãos: Não será oportuno começar a condenar a nós mesmos, a nós cristãos, a nós, os católicos, que temos a presunção de ser fervorosos discípulos do Salvador?

() Não nos esqueçamos de que estas palavras foram escritas entre 1878 e 1880 e não em nossos dias.*

Seremos discípulos de Jesus Cristo? De que modo o seguimos? Em que o imitamos?

Amália: — Em nada, senhor Manterola. Em absolutamente nada. Tendes toda a razão.

Manterola ataca acerbamente o Espiritismo em outro passo, visto que este nega o pecado original, uma vez que, sem ele, — Assevera. — não se justifica a vinda de Cristo. Na exposição em que defende esse princípio, escreve:

Manterola: — No entretanto, importa fundamentalmente não confundir

esse erro histórico, deixando bem assegurado o fato sobre o qual se alicerça o dogma da transmissão do pecado original, pois, suprimido o fato, o dogma desaparece. Suprimido o dogma não houve a queda. Se não houve queda, não houve reabilitação. Se não houve Adão, falta o caráter nobilíssimo de Adão, segundo Nosso Senhor Jesus Cristo e faltam os títulos de seu reinado no Universo.

Amália: — A Cristo, senhor Manterola, não faltarão títulos para reinar sobre a consciência de toda a Humanidade, em suas idades Passada, Presente e Futura. A Igreja Romana necessita da fábula de Adão e do primeiro pecado para apreciar em todo o seu valor, o sacrifício de Jesus? Cristo transcende o que pode ser necessário. Não lhe é preciso, para ser grande, a tradição do pecado original. Que pecado a mais necessitamos nós que o pecado universal de toda a Humanidade em todas as suas idades?

Prossegue o debate sobre o pecado.

Manterola: — Não basta reivindicar o dogma católico. Devo, agora, perguntar aos espíritas como irão conciliar a bondade e a sabedoria de Deus com a lamentável situação em que nascemos para viver neste mundo, pois que repugna à bondade, à sabedoria, à justiça de Deus, que nasçamos miseráveis pelo pecado cometido por Adão e Eva, no Paraíso. Quão contrário parecerão aos Divinos Atributos que o homem nasça e viva tantas e tão grandes misérias, quando não há pecado algum a ser expiado?

(E não se fale em reencarnação, em existência anterior.)

Amália: — Podeis compreender a Vida, senhor Manterola, sem as existências anteriores, a reencarnação? Como explicais que pela falta de uma graça santificante, que, segundo o dogma católico, perdemos pelo pecado de Adão, haja tanta diversidade de padecimentos na Terra? Pois que a graça, nós a perdemos todos, sujeitos que estamos à pena de morte;

e verdade! De quantas maneiras diferentes vivemos neste mundo, cada qual levando a sua dor.

E se todos pecamos de igual maneira, porque são tão diversos os castigos? E não se diga que o homem, segundo o seu procedimento, consegue criar para si mesmo um futuro, pois vemos as mais das vezes, que o homem mais honrado sofre as maiores atribulações. E não nascem surdo-mudos? E cegos? E idiotas? E seres malvados que, desde pequeninos, se comprazem em atormentar os animais, enquanto que outros meninos os acariciam? Como explicar-se isso, senhor Manterola?

O que dá continuidade ao mesmo tema, transcorre pela dialética de Manterola em um abstruso entendimento do dogma, em seus labirintos interpretativos e concepcionais. Por outro lado, Amália convida-o intermitentemente para que apele para fontes mais racionais, colocando a polêmica em um plano de realidade concreta, com exemplos vivos que nos possam dar estabelecimento lógico da questão. Todavia o cura prossegue envolvido em seus dogmas, e não sai disso senão para enredar-se cada vez mais em seus próprios conceitos, enveredando muitas vezes por encruzilhadas que fazem perigar seu cetro de homem, dialeticamente capaz.

Mais adiante toma por tema o panteísmo e embora gaste páginas e páginas dizendo que os espíritas são essencialmente panteístas, começa logo a conduzir o diálogo de tal maneira que adverte a estes que sua teoria leva insensivelmente ao mais perigoso panteísmo.

Manterola: — No mundo moderno todas as escolas que negam a divindade de Jesus Cristo, chegam até à negação de Deus, pois que todas elas se dissolvem no caos do panteísmo. E sabido é que o panteísmo é o ateísmo disfarçado de Deus. Todo-Deus é sinônimo de Deus-Nada. Uma brilhante inteligência cristã escreveu nos séculos de antanho: Pluralidade de deuses é a nulidade de deus. Isto que se diz dos pagãos, é perfeitamente aplicável aos panteístas.

Amália: — Isto é muito bem aplicável é aos católicos, senhor Manterola, uma vez que estes, depois de adorar a sagrada família inteira,

bem sabeis que levantaram milhões de altares a santas e santos, aos quais rendem um culto reverente. A uma porque é a advogada do impossível, a outra porque guia nos caminhos, e àquele por que livra da peste, àquela porque protege durante as tempestades, àquela outra porque cura as enfermidades dos olhos. E para todos os atos da vida terrena têm os católicos a quem encomendar-sé. Por essa razão são os crentes que menos compreenderam a Deus. Vós mesmo o dizeis, senhor Manterola. Vós mesmos o afirmais e com muito acerto: Pluralidade de deuses é a nulidade de deuses. Por esse motivo os católicos se voltam para um Deus tão ínfimo: porque têm pluralidade de deuses. Ao contrário, os espíritas não adoram senão a Deus, e em Deus reconhecem o autor de todo o criado e crêem que a caridade e a ciência são a síntese do progresso universal.

Novo tropeço do sacerdote que a terrível andaluza se encarrega de fazer notado, sempre sem perder a sua compostura, em sua atalaia racionalista.

Manterola: — Sabeis por que Deus ama a Humanidade, apesar de haver esta sofrido a horrível degradação da culpa? Sabeis porque a ama até o ponto de dar por ela seu unigênito Filho? Por que o Filho de Deus havia de sair da raça culpada e se achava em certo momento entre ela, como se encontra desde então. *Occisus ab gine mundi*.

Amália: — Ah! Então Deus não teria amado a Humanidade deste globo terreno se nela não estivesse contida, de certo modo, a essência de seu Filho? Por conseguinte, se Cristo não tivesse vindo a este mundo, Deus não teria amado à Humanidade, criada por ele, pois foi culpável, dando-lhe o livre arbítrio para cair na tentação ou salvar-se do pecado. Assim, Deus é como um simples mortal: quer ou deixa de querer conforme determinadas condições. E o que é mais grave ainda, Deus cria o homem, lança-o no torvelinho da vida com liberdade de ação e se ama à Humanidade culpada, é por esta ou aquela razão... Senhor! Senhor! Perdoai a quem não sabe o que diz!

Setecentas e cinquenta e oito páginas constituem o livro do sacerdote, mas as entregas se tornam cada vez mais espaçadas, decorrendo por vezes largos espaços de tempo sem dar a razão dessas falhas. É justamente à página 758 em que deixa escapar um despropósito em perfeito desacordo com o que vinha sustentando nas páginas anteriores.

Não há dúvida de que as réplicas de Amália faziam o eminente prelado perder a cordura.

Manterola: — Entremos em uma ordem de considerações que à primeira vista pode parecer atrevida, mas que vós outros, em vossa cultura julgareis exatas. Que fez Nosso Senhor Jesus Cristo durante sua vida mortal? Que prosélitos conseguiu? Quantas almas converteu definitivamente? Qual foi o efeito sensível, o efeito imediato da pregação do Salvador? E que feitos?! Quereis que eu vos diga? Imediatos e permanentes... nenhuns!!

Depois de três anos sim, de três anos de constante pregação, de fadigas sem fim, de copiosos suores, de privações de todo o gênero. Onde estão os povos, as nações que Ele converteu ao conhecimento e ao amor de Deus?

Morre! E depois de morto e enterrado, surgem em volta do sepulcro, como gigantescos fantasmas, o abandono, a desolação, o silêncio, o esquecimento... É o caos, o nada. Falando-se humanamente, a obra de Jesus Cristo fracassou por completo.

Mas, é isso injurioso ao Divino Redentor? De modo algum. É, pelo contrário a realização de um plano, a execução de seu pensamento eterno que o Verbo de Deus cuidou de anunciar ao mundo através de seus profetas. "Elevar-se-á — Cantou David. — como vergôntea que se ergue do solo ávido. Não terá graça nem beleza. Curvado ao peso dos opróbrios, abandonado. Os homens e tudo virar-lhe-ão o rosto. Cobertos de ignomínia será tido por nada. Isaias denominado com razão "O Evangelista Antecipado" escreve: Seu sepulcro foi olhado como o de um perverso, e sua morte como a de um ímpio. Dizei, senhor comigo, sem temor de incorrer em blasfêmia: eis aqui Jesus Cristo como Deus. Aqui onde o homem termina, começa Deus.

Amália: — Ali onde termina o homem, começa Deus!... Que dizeis senhor Manterola? Acaso Deus começa??? O começo supõe um intervalo, um descanso, uma paralisação de ação. E o poder e a sabedoria de Deus não podem sofrer esses acidentes, acabar e começar. A Sua Onipotência é a sua atividade e exatidão indefinidas. Deus não se esconde e se mostra. Deus é o desconhecido, a manifestação eterna da força criadora. Os homens podem desconhecer-lo ou pressenti-lo, todavia Ele é imutável em sua essência e em sua ação. Assim como não há solução para o infinito, nem para o primeiro período do espírito, tão pouco pode existir para fixar o tempo das ações de Deus.

Ao chegar o senhor Manterola ao caudal de 592 páginas, parece que a fadiga se apoderou dele, pois não é entregue o texto restante. Amália, intrigada, escreve mais dois artigos sem que haja nenhuma novidade. Ela também está cansada e, até certo ponto, psicologicamente nauseada. O tempo é ouro para ela. Não lhe agrada prosseguir rebatendo aqueles argumentos chochos, pois o que já tinha dito, era mais do que o suficiente em defesa do Espiritismo, tanto como doutrina como em seu aspecto literário. Já havia publicado 33 artigos, com clareza e precisão. Já pusera uma calceta no ilustre sacerdote e, agora, deseja passar algumas semanas sem nada publicar, à espera que apareçam novos argumentos por parte de Manterola.

Finalmente aparece o 1 caderno do Satanismo, que apesar de ser uma repetição de suas conferências pronunciadas anteriormente, pretende oferecer motivos novos e de especial interesse, possivelmente por conter retoques obrigatórios depois das incisivas replicas de Amália. Só assim se justificaria o atraso na aparição das entregas. Já que, — conforme o dizia a própria Amália, de certa feita, — não foi por apuros econômicos, visto que este fato nunca pode pesar para uma personalidade da Igreja Católica, a principal e tão apreciada pela sociedade de sua época.

Nas páginas deste folhetim a intenção é abordar os milagres realizados por Jesus Cristo e a importância de Maria no dogma em que é considerada a mãe de Deus.

Quanto a este tema, Amália esclarece no artigo XXXIV que não tem nenhum interesse em discutir o dogma, por considerá-lo o esteio quase que exclusivo da religião defendida por seu opositor. Cada qual com o que lhe pertence! O que interessa concretamente é lançar luzes nos pontos em que procura desmerecer o Espiritismo, lançando mão de raciocínios muito pouco... racionais.

Com um pouco mais de regularidade aparecem o XX e o XXI folhetins, sempre pautados pelo dogma.

Diz Amália em seus artigos que deixaria tudo aquilo para ser discutido pelos próprios membros da Igreja, uma vez que, para ela (Escreve possivelmente algo aborrecida com toda aquela cascata de palavras abstrusas), aquilo está muy lleno de palabras y muy vacio de hechos. Mulher positiva, firma-se nos fatos, nas realidades positivas e nunca no labirinto da complexa interpretação das coisas sagradas.

A imortalidade da alma e a pluralidade das existências, é agora o tema, tal como se pode ler nas páginas 688 do El Satanismo, e que oferece motivos a Amália para uma réplica firme e lógica, valendo-se do concreto existente na refutação.

Manterola: — O Espiritismo discute a negação do espírito e da imortalidade da alma, nega uma vida futura, o germe fecundo de todos os males que afligem a sociedade humana e quer resistir aos funestos resultados do materialismo, estabelecendo como dogma indiscutível, a pluralidade das existências de cada homem. Mas, por que valer-se da pluralidade de existências para cada ser? Por que? Para explicar, diz-se, a razão primeira de tudo quanto ocorre no mundo e o verdadeiro sentido de todas as verdades consignadas na lei Moral de Jesus Cristo. Segundo o Espiritismo, essa pluralidade de existências se harmoniza com a lei moral de Cristo, o qual disse: Bem aventurados os que choram, pois que serão consolados! Bem aventurados os que choram? O Espiritismo explica o porquê das lágrimas e dos sofrimentos, procurando oferecer um consolo. O homem sofre porque vem para sofrer, porque tem pecados a expiar, cometidos em existências anteriores. Por isso não deve entregar-se à desesperação, pois que, suportando virilmente as provas da existência atual, ter-se-á consolado passando a uma existência melhor. Se ao materialismo não pudemos opor-lhe a idéia de uma vida futura, tal como a

afirma o Espiritismo, seguramente, meus irmãos, não conseguiremos dar um único passo à frente nos caminhos da regeneração moral do mundo.

Amália: — Julga o senhor Manterola, mais moralizador o tormento eterno da alma que o progresso eterno do espírito? Acredita mais consoladora a terrorífica perspectiva da morte sem nenhuma esperança, do que a certeza na clemência de Deus...? Se ao materialista dissermos: és um pecador relapso, e, segundo o dogma católico se não abjures os teus erros, a Igreja não te oferece mais que a eternidade da dor: segundo a escola espírita, tens o infinito por patrimônio e o tempo para pensar e trabalhar, elevando-te do seio da ignorância ao capitólio da ciência. Qual destes dois caminhos é mais a propósito para o incrêdo? O de uma conversão às cegas, o de um ato violento, o de um arrependimento forçado ou o trabalho do raciocínio, ou o aprendizado da razão, dando tempo ao tempo, visto que a fruta não amadurece se a colhermos fora do tempo certo? O trabalho, senhor Manterola, o tempo para progredir é o único de que necessita a humanidade, para se regenerar, e nunca de uma instituição que atemoriza. A escola teológica inspira o medo, porém jamais o respeito.

Vamos saltar sobre páginas e páginas em que os argumentos de Manterola parecem pálidos e sem solidez, enquanto a literatura de Amália se revela clara, fascinante à leitura, pois que o seu estilo não é o de uma mestra mal-humorada de vara à mão, por mais profunda seja a questão.

Até que ela escreve o seu artigo n.º 42, 784 páginas! E Manterola lhe diz:

Manterola: — O que não me cansarei de repetir é que entre os fenômenos espíritas alguns há que, para sua explicação racional e satisfatória, exigem necessariamente que se admita uma causa inteligente além do homem e, por conseguinte, da alma humana. Isto suposto, pode ser questionável que os médiuns e os evocadores e quantos concorrerem às sessões espíritas, se põem em relação com o demônio? É duvidoso que haja pacto, se não explícito, pelo menos implícito, pois que está na própria natureza das coisas que haja esse pacto entre o Espiritismo e o espírito

infernais? Se assim foi, por que não o será agora? Sim, a história sagrada está plena desses mesmos fenômenos que, há alguns poucos anos estão sendo acolhidos com um sorriso de desprezo, como se acolhem as fancies. Entretanto, se esses fenômenos existiram sempre, com maior ou menor frequência e em maior ou menor extensão, por que não se produziram em nosso tempo?

Amália: — Que importa. que o Senhor e os seus digam que é preciso combater o Espiritismo, se ao mesmo tempo que o combatem dizem que são verdadeiros os seus fenômenos, pois com maior clareza não poderiam afirmá-lo quando que: "entre os fenômenos espíritas alguns há que, para sua explicação racional e satisfatória, exigem necessariamente que se admita uma causa inteligente muito superior à do homem e, por conseguinte, da alma humana" . Vossa Reverendíssima acrescenta depois que é o demônio a causa daqueles efeitos inteligentes... Quem, hoje em dia, crê no demônio, senhor Manterola? Ninguém que tenha senso-comum. O senhor é um homem de talento, de iniciativa, de ação, não é, como se diz vulgarmente um cura de missa y olla (*). Absolutamente. Há em Vossa Eminência gênio e erudição. Se a sua caneta deslizesse pelo papel obedecendo, realmente, aos vossos pensamentos, estamos plenamente convencida de que poria Satanás de lado, visto que a civilização o sepultou desde há muito e se encontra entre as sombras do esquecimento.

(*) *Olla* — Cozido de carnes, toucinho, legumes e hortaliças muito apreciado na Espanha.

Garibaldi (**) entra por esse tempo em cena como uma fonte de poderosa inspiração, conforme pode-se ler na página 788 de *El Satanismo*.

(**) *Garibaldi, Giovanni. Patriota italiano nascido em 1807, desencarnado em 1882. Poucos sabem das aventuras espíritas de Garibaldi. É mais conhecido por ter-se unido a Mazzini no movimento de libertação da Itália. Devido ao fracasso, teve de fugir para o Brasil (1834) onde participou do Movimento separatista do Rio Grande do Sul. No Uruguai lutou em favor de Rosas. Casou-se com a brasileira Ana Maria Ribeiro da Silva, mais conhecida por Anita Garibaldi.*

Com a mulher retornou à Itália e, após a derrota do Exército da República Romana, o qual comandava (1849), fugiu para os Estados Unidos. Retornou a fim de lutar pela unificação Italiana (1854) . Invadiu a Sicília, entrou na Península e expulsou Francisco II da Áustria. Realizada a união da Sardenha e das duas Sicílias, retirou-se para uma ilha onde viveu algum tempo afastado da agitação política. De 1862 a 1867, tentou, sem êxito, invadir Roma. Durante a guerra franco-prussiana, serviu no exército francês. Finalmente conseguiu ser eleito deputado por Roma (1874) . Escreveu: "Clélia; Autobiografia; etc.. A notícia de que Garibaldi era espírita já se encontra em "Luz y Union", do ano X, 1909. A página 125 lê-se: "L'Adriático", o grande periódico de Veneza, conta por que e como Garibaldi se tornou espírita. Eis a súpula: "Garibaldi sempre acreditou na imortalidade Da alma humana. Em suas memórias escreve: "Há na memória do ser humano alguma coisa que não podemos entender nem explicar, mas que é real. É, sem dúvida, essa chispa minúscula, promanada do Infinito e que reside em nossa pobre e miserável envoltura, fora do contacto de nossos sentidos e do alcance de nossa vista".

Suas convicções levam-no a admitir a preexistência da alma, da reencarnação e, a propósito de seu encontro com Anita, diz que ambos caíram em êxtase, silenciosos, olharam-se como duas pessoas que não se viam pela primeira vez e procuravam recordar suas fisionomias já conhecidas.

Garibaldi era espírita. Sentia um estranho poder místico, que se fazia sensível também em Anita, e os "camisas vermelhas" quando os levava a sacrificar suas vidas pela liberdade. Teve provas de vidência durante o sono. e, de certa feita, em pleno mar, assistiu aos funerais de sua mãe, que, àquela hora se realizavam em Niza.

Até o fim de sua vida, Garibaldi foi um espírita convicto. Com efeito o professor Damiani escreveu: "Em uma conversa que tive em Roma com esse grande homem, por fim tocamos no Espiritismo. Ele compartilhou conosco a divina Filosofia". É de grande interesse recordar aqui seu famoso slogan: "Essa religião da razão e da ciência, se chama Espiritismo". Místico a princípio, espírita em seguida, sentia verdadeira repulsa pelos padres. De Veneza escrevia aos seus amigos. "Fazer guerra aos padres, sob qualquer pretexto, (e são tantos!) é realizar uma tarefa santa. Sua ojeriza pelos curas advinha de que eles abafavam a liberdade de pensar na família, nas escolas e onde quer que dominam". Talvez seja por isso que tenha entrado na polêmica de Amália.

Manterola: — É um fato perfeitamente comprovado e eu venho aqui dizer a verdade, toda a verdade, pois que sou um devedor da verdade que não é um mistério para ninguém que existe um plano preconcebido, uniforme e, por conseguinte, de verdadeira solidariedade entre as sociedades secretas e os chamados solidários dessa seita tremenda,

verdadeiramente satânica, cujo objetivo é evitar que os católicos moribundos recebam os sacramentos e que seus cadáveres sejam enterrados com ritos religiosos. Não é um mistério, e desejo que o saibais. Os centros espíritas não os que se intitulam centros, os verdadeiros centros estão em relações diretas, contínuas com Garibaldi. Suas palavras de ordem são: Roma ou morte! Isto é o Espiritismo.

Amália: — Foi necessário que o senhor Manterola nos fizesse saber que o Espiritismo tem palavras de ordem (*), pois que essa frase Roma ou morte, é a primeira vez que a ouvimos. Até agora sabíamos apenas que o lema do Espiritismo é Progredir para Deus através da caridade e da ciência, e que sem caridade não há salvação. Todavia esse santo y sena tão significativo e tão colérico era-nos desconhecido por completo.

(*) *Palavras de ordem: significa "senha", "divisa", ou, como se diz atualmente, "Slogan".*

Seguem páginas com recomendações especiais para os acólitos do Catolicismo, a fim de que não se deixem surpreender pela tentação espírita. Assim, às páginas 808 de *El Satanismo*, pode-se ler:

Manterola: — Comentário delicioso das palavras do apóstolo é aquela graciosa frase do grande padre da Igreja, Santo Agostinho, na qual, comparando o demônio a um cão raivoso, atado com fortes cadeias, diz que pode ladrar, porém nunca morder senão a quem dele se aproximar o bastante. É certo! Essa corrente é a limitação que Deus lhe impôs. Essa corrente está sustentada por uma mão onipotente. Não nos inquietemos pois! O demônio nada poderá contra nós senão o que lhe permite o Senhor e isso há de ter por efeito um maior bem para nossas almas, se nós mesmos quisermos.

Amália: — Pois então, senhor Manterola se o demônio nada pode fazer contra os católicos, se isso não o permite o Senhor, esse fato há de redundar em maior proveito para vossas almas se assim o quiserdes. Então, por que vos preocupais tanto com algo que não a prejudicará, pelo contrário, redundará em seu proveito?

O sacerdote continua trabalhando e já havia escrito 825 páginas — excessivas para um livro de formato comum e que caiu logo no esquecimento. Nelas pode-se ler um interessante comentário que, longe de favorecer as idéias sustentadas, funde-as e obriga o próprio expositor a fazer um jogo de sofismas para alcançar sua intenção de demolir o argumento muito complexo em favor dos espíritas, como se pode constatar no texto que se segue:

Manterola: — Em todos os séculos do Cristianismo, encontramos pessoas mais ou menos impregnadas pelo espírito satânico. Em todos eles descobrimos a intervenção de Satanás até chegarmos ao século XIX. E neste século há certos fenômenos em que se constata a presença e a intervenção do diabo. Citarei um único nome: Mr. Home (*). Veio da América e desembarcou, em primeiro lugar na Inglaterra. Já na América se tornara famoso por realizar fenômenos realmente surpreendentes. Foi visto, mesmo sem querer, por em movimento mesas sobre as quais pessoas assentavam-se e, sem nenhum auxílio, manter-se volitando no ar. Mencionou coisas que eram guardadas em absoluto segredo e que foram confirmadas pelas pessoas que as conheciam. Foi visto, em uma palavra, ser taumaturgo de Deus, taumaturgo de Satanás.

(* *O sacerdote faz menção a Daniel Dunglas Home, cuja biografia já temos traduzido e que logo estará nas mãos dos leitores.*

Logo em seguida desembarcou na Inglaterra onde foi recebido nos salões da aristocracia, sendo convidado incessantemente, pois Sr. Home entretia grandemente os presentes produzindo fenômenos que não podem ser explicados de nenhuma maneira, indo de encontro às leis conhecidas da Natureza.

Falo da natureza, das forças naturais do homem, — continua Manterola com larga tirada, — pois que bem sei eu que o que não é possível à natureza do homem, é possível à natureza Angélica. Home visitou as capitais da Europa, esteve na Bélgica, na Itália, Rússia. Ultimamente voltou a Londres e, desta capital, mais tarde, repetiu uma visita à Itália onde, com o dom de profetizar, soube de uma morte que acabava de ocorrer em uma região longínqua da América. Era recebido nas Tullerias.

Napoleão III tinha grande prazer em recebê-lo. O Czar da Rússia também o convidava freqüentemente e com especial deferência. Na Rússia casou-se com a irmã de uma condessa. Veio a Paris em 1856. Já percebestes que falo de acontecimentos recentes e de domínio público.

Tendo abandonado o Espiritismo, perdeu sua mediunidade e não pode mais obter nenhum fenômeno, pois Mr. Home não é um impostor, um charlatão. Era um verdadeiro espírita. Deus nosso Senhor tocou seu coração, elegeu o sábio e santo jesuíta padre Rabignac, célebre pelos formidáveis prodígios que realizou em Santa Maria de Mordau, em Paris. O padre Rabignac o instruiu na doutrina católica, pois Home tivera a desgraça de ser educado no protestantismo. Reconciliou-se com a Igreja e iniciou uma vida em aparência perfeitamente católica. O padre Rabignac continuava sendo seu diretor espiritual. Aí temos um médium espírita que, depois de assombrar o mundo, por fim se reconcilia com a santa igreja de Deus e abandona todas aquelas práticas supersticiosas.

Todavia, — Continua Manterola. — digo-vos com profunda dor: um ano se tinha transcorrido e Mr. Home, solicitado novamente pelos espíritos, voltou às suas antigas práticas. Vãmente o padre Rabignac, com o dom magnífico de seu espírito elevado, fê-lo ver que estava caminhando para o abismo, que deslizava para a ruína. Então Mr. Home continuou em sua tortuosa senda, marcada por Satanás. Continua sendo médium espírita e assombra o mundo com os prodígios de suas faculdades.

Depois desse funesto retrocesso ao Espiritismo foi que contraiu matrimônio na Rússia, o qual, como podereis compreender, tornou difícil sua nova conversão à Verdade.

Amália: — Mil graças vos dou, senhor de Manterola. Uma voz tão autorizada como a vossa, um homem de vossa estatura e de vosso valor, necessitava do Espiritismo para proclamar as verdades de seus inegáveis fenômenos. Já não cabe dúvida de nenhuma espécie. As manifestações dos espíritos são uma verdade indiscutível que, sob sua autoridade, atesta um padre moderno da Igreja Romana. Certo é que a Divina Providência utiliza todos os homens quando chega o momento de difundir a luz! Nada mais refratário ao Espiritismo que o ultramontanismo! Um distinto orador ultramontano disse na cátedra do Espírito Santo, que o Espiritismo é uma verdade. Quando chegam as crises supremas, —

sublinha Amália se aproveitando das próprias palavras de Manterola, as horas decisivas, quando os grandes deixam sua crisálida para converterem-se em borboletas, e lançar vôo rumo ao infinito, os cegos vêem e os mudos falam, pois que as transições religiosas e filosóficas que modificam a face dos povos exige que todos as vejam e as compreendam para entoarem, uníssonas a hosana universal.

Em má hora dirigiu o sacerdote Manterola o alvo para onde iria atirar os seus dardos e tentar abater as idéias espíritas.

Daniel Dunglas Home, com efeito, é justamente uma das mais sérias expressões humanas indicadoras da existência desse mundo supranormal no qual Amália apoiava suas convicções. Manterola intenta o enfoque do assunto para manejar argumentos de peso em favor de sua tese combativa. Estas porém, não podem suportar tão grande gravitação em seu desfavor.

Sir Arthur Conan Doyle, que se ocupou com cuidado do assunto, em seu grande livro, O ESPIRITISMO, apresenta o médium escocês, escrevendo ao fim de sua nota biográfica referente a Home que... Aquele homem foi um dos paladinos do progresso da Humanidade vencendo a ignorância.

A seriedade científica que confirma a realidade dos fenômenos produzidos por esse médium dotado de faculdades prodigiosas, foi testemunhada, entre outros por homens do porte do Professor Welles da Universidade de Harvard e pelos professores Hare e Mapes, assim como pelo Juiz Edmond. Nenhum desses homens hesitou em divulgar aos quatro ventos, desafiando o cerrado convencionalismo de sua era, rubricando suas declarações em hígdas condições de teste científico, a realidade dos fatos produzidos por Home.

Desde os três anos era dotado de uma extraordinária personalidade e apresentou manifestações de suas faculdades singulares. Com efeito, nessa idade fez um pacto com um amiguinho de infância, combinando que o primeiro a falecer apareceria ao outro nesse mesmo momento, para anunciar o ocorrido.

Achando-se distanciados um do outro, uma noite, ao deitar-se, Daniel

viu formar-se a imagem de Edwin tal como fora combinado. Ao completar 17 anos teve também a visão de sua mãe que agonizava. Encontrando-se muito distante da casa paterna, a progenitora surgiu-lhe ante os olhos estupefatos.

Na ocasião vivia com uma tia que tomara a seu cargo a educação do rapazinho. Depois de ocorrer esse fenômeno, começou-se a ouvir na casa golpes surdos. Outras vezes os móveis se movimentavam em uma misteriosa dança que deixou a tia tomada de espanto e, supondo que aquilo se devia a seu sobrinho, julgou que ele atraía para si influências demoníacas. A supersticiosa senhora, tomada de pavor, expulsou o adolescente de sua casa, não pensando que o deixava ao desamparo e na miséria.

Não obstante, desde então, começou para ele a sua carreira pública, pontilhada de inumeráveis incidentes de todo tipo. O certo é que sua mediunidade, — Home possui-a em todos os matizes possíveis, — era exercida com pasmosa facilidade, inclusive do aspecto da cura que não pode ser suficientemente desenvolvida, pois que ele próprio estava atacado pela tuberculose.

Nunca cobrou um único cêntimo pelo exercício de suas faculdades e, as mais das vezes as experiências eram realizadas com zelo científico, por eminentes personalidades, sacrificando sua saúde minada. De certa feita, o Club Union de Paris lhe ofereceu duas mil libras esterlinas por uma única sessão. Embora pobre e enfermo, recusou o oferecimento, explicando.

— Fui enviado para realizar uma missão. — E acrescentava para aclarar sua atitude. — Minha missão é demonstrar a imortalidade. Nunca sobrei dinheiro por isso e jamais cobrarei.

Por isso punha-se à disposição para toda a espécie de experiências sérias, as quais estão narradas em um livro por ele próprio editado e que tem por título Incidentes de minha vida. Diz-se que, levado por sua extrema sensibilidade e recato, não consigna os nomes dos grandes cientistas que o tiveram sob controle, visto não estar certo de que, socialmente, não o comprometia. Uma revista muito em voga, interpretando sarcasticamente certas iniciais existentes no livro, insinuou a suspeita de que fossem falsas. Pouco depois vieram à luz os nomes

completos de pessoas da alta sociedade, com títulos nobiliárquicos e que o autorizavam a defender-se das suspeitas insidiosas.

O grande cientista, Sir. David Brewster (*), o notável inventor do Caleidoscópio e do estereoscópio por refração, bem como dos discos segmentados usados nos faróis, fundador da "Associação Britânica para o Progresso das Ciências". Comentando as magníficas provas obtidas com Home à plena luz do dia, diz:

— Isto põe por terra o que a filosofia sustentou nos últimos cinqüenta anos.

(*) *Brewster, Sir David, (1781-1868)* . Uma curta experimentação do famoso cientista no terreno do Espiritismo, em 1855, resultou em uma amarga acrimônia pública. O médium Daniel Dunglas Home foi-lhe apresentado por Lord Brougham. Uma sessão foi realizada na residência de Mr. Cox, um palácio situado em Jermyn Street, da qual Mr. Cox participou. Os dois homens se mostraram profundamente impressionados. Home escreveu a um amigo na América descrevendo a visita e comentando que era impossível explicar o fenômeno por meio de recursos naturais. A carta foi publicada e comentada em um jornal americano e chegou à imprensa britânica. Sir David Brewster que, nesse meio de tempo, havia assistido a uma outra sessão em Ealing, na residência de Mr. Rymer, um procurador londrino, imediatamente escreveu ao "The Morning Advertiser", o qual publicou a carta desacreditando violentamente toda e qualquer crença no Espiritismo e afirmando que todos os fenômenos não passavam de impostura. A carta terminava dizendo: "Vi o bastante para satisfazer a mim mesmo e estou certo de que tudo não passa do trabalho de mãos e de pés humanos".

Uma calorosa controvérsia se iniciou. Cox escreveu ao "The Morning Advertiser" desmentindo sir David Brewster e citando a sua expressão de perplexidade: "Isto põe por terra o que a filosofia afirmou nos últimos cinqüenta anos". Sir David Brewster replicou que não lhe fora permitido olhar por debaixo da mesa. Nisto ele é desmentido por Cox e um conhecido autor, T.A. Trollope, que estava também presente na sessão realizada em Ealing. Em seguida outro testemunho, desta vez de Benjamim Coleman, afirmava que Sir David Brewster admitira a realidade dos fenômenos em uma conversa particular que veio a ser publicada. Sir David Brewster redargüiu com tom acrimonioso, fez uma descrição da sessão por inteiro e declarou que... "possivelmente, na ocasião, supus que Espíritos tinham feito os ruídos; conjecturo porém se as batidas foram realizadas pelas juntas dos pés de Mr. Home; é possível que, então, eu tivesse a impressão de que os espíritos erguiam a mesa, mas conjecturo que isso foi obtido pelos pés de Sr. Home, os quais estavam sempre sob a mesa"... Mais adiante diz que os espíritos não realizavam nenhum fenômeno em cima da mesa mas que eram muito ativos sob uma

mesa grande e redonda, recoberta por uma grande toalha, por debaixo da qual ninguém podia olhar. Depois de contar que uma sineta de mão que se encontrava perto dos pés de Mr. Home se movimentou e fora ter às mãos de Lord Brougham, ele concluiu dizendo: "Como essas coisas eram produzidas, nem Lord Brougham nem eu sabemos e podemos dizer, mas eu conjecturo que elas podem ter sido produzidas por alguma máquina presa aos pés de Mr. Home".

Enquanto tudo isso era publicado, Lord Brougham conservava um inflexível silêncio. Sir David Brewster não o convocou, mas isso foi feito por D. D. Home. Lord Brougham prometeu dar o seu testemunho mas não cumpriu o prometido. A conversa entretida pelos dois homens, entretanto, é transcrita pelo escritor Sergeant Cox no seu livro "What Am I?", afirmando que Lord Brougham lhe dissera taxativamente: "Nós ambos estamos perfeitamente satisfeitos no sentido de que não havia mistificação e que um poder desconhecido entrava em ação. Eu disse: "Bem, Brewster, o que você pensa disso?" E ele me respondeu: "There are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in our philosophy". (Trata-se de uma frase de Shakespeare, muito usada e que pode ser traduzida: Há mais coisas no céu e na Terra, Horácio, que não pode sonhar a nossa filosofia".) Lord Brougham igualmente declarou que Brewster nunca lhe disse que havia mudado de opinião. O único motivo pelo qual não prosseguira no exame dos fenômenos era por estar assoberbado por experiências no campo da óptica e não lhe sobrar tempo.

O Conde de Dunraven no prefácio de seu livro à edição privada do livro de Lord Adare que registra as experiências com D.D. Home, expressa a sua convicção de que Sir David Brewster agiu por medo do ridículo. Escreve: "Ele esteve presente em duas sessões com Mr. Home e nas duas vezes afirmou em testemunho por escrito, feito pelas pessoas presentes, sua impressão de que os fenômenos eram espantosos e surpreendentes e que ele não levantou nenhuma dúvida quanto à sua legitimidade, mas fê-lo mais tarde de ofensiva maneira. Eu menciono essa circunstância por que estava tão impressionado com o que Sir. David Brewster — com o qual eu era bem relacionado, — tinha espontaneamente dita a mim que, por isso, fui influenciado a examinar acuradamente a realidade dos fenômenos".

Em 1863, o livro de Home "Incidents in My Life" foi publicado. Nele Home apresenta provas de que Sir David Brewster dispensava a alguns cientistas, seus contemporâneos, de maneira depreciativa relativamente a ele próprio. Brewster ameaçou acioná-lo mas bem cedo, em segunda edição, Home aumentava essas provas e ele não mais quis voltar à questão. O final dessa curiosa questão vem no livro da filha de Brewster, "The Home Life of Sir David Brewster", publicado em 1869. Mrs. Gordon transcreve uma nota do diário privado do cientista, onde são narrados os fenômenos por ele presenciados na companhia de Lord Brougham nos seguintes termos: "Por fim fui a uma sessão com Lord Brougham, na qual atuava o médium de "raps" (batidas) Mr. Home, um rapaz de 20 anos filho de um irmão do

falecido Conde Home. Ele vive na mansão de Cox, em Jermyn Street e Mr. Cox que conhece Lord Brougham, convidou-o a assistir a uma sessão e a mim, para acompanhá-lo, com a finalidade de descobrir que trapaça era empregada. Nós quatro nos assentamos em uma mesa de regular tamanho, cuja estrutura fomos convidados a examinar. Em breve a mesa estremeceu e se movimentou rodando e movimentando nossos braços. Alternativamente os movimentos cessavam e recomeçavam. Incontáveis batidas foram vibradas em todas as partes da mesa, e ela ergueu-se no ar sem que nenhuma mão estivesse sob ela. Uma mesa grande foi substituída pela menor e se produziram movimentos similares. Uma pequena sineta de mão foi então posta virada de borco no tapete e depois de permanecer imóvel algum tempo, pos-se a vibrar sem que ninguém a tocasse. A sineta foi então posta do outro lado, sempre sobre o tapete; ela veio até onde eu estava e se pôs em minha mão. O mesmo sucedeu com Lord Brougham. Essas foram as experiências principais. Não pudemos dar explicação para elas ou conjecturar como se produziam sem nenhuma espécie de maquinismo".

É preciso notar que em sua carta endereçada ao "The Morning Advertiser" Sir David Brewster afirma expressamente que a sineta não produziu nenhum ruído e que a mesa "pareceu" erguer-se. Uma cuidadosa comparação entre os dois testemunhos revela outras muitas discrepâncias que o "The Spectator" menciona em uma crítica ao livro de Home, terminando por dizer: "O herói das ciências não estava certo de si mesmo como poderíamos supor ou desejar".

Os fenômenos de levitação havidos com Home não têm similares, pois em sessões à luz do dia era visto levitando até alcançar o forro do aposento, sair por uma janela com seu corpo em posição horizontal, permanecer algum tempo no ar em pleno vazio e retornar ao seu lugar. Estas demonstrações, e muitas outras, divulgadas em extensa literatura especializada, foram presenciadas e constatadas por pessoas de funções públicas e notórias, como o próprio senhor Manterola afirmou. Além das valiosas referências científicas de apreciável valor, que certificaram os fatos, é preciso mencionar outras que, por sua posição, podem também ser tomadas como documentos e prova de inestimável valor, como, por exemplo, Napoleão III, a imperatriz Eugênia, o Czar Alexandre, o Imperador Guilherme 1 da Alemanha, os reis de Baviera e Wurtemberg, sem mencionar outras de menor expressão pública, porém não menos notáveis.

Em uma conferência feita por Home no Willis Hall, de Londres no dia 15 de fevereiro de 1866, sintetizou com esta frase sua atuação:

— Creio de todo o coração que essa força se desenvolve mais e mais a cada dia, aproximando-nos de Deus. Se me perguntares se com isso nos tornamos mais puros, responderei apenas que somos imortais e, como tais, estamos sujeitos ao erro. Que os mais puros de coração — concluía Home, — ensinarão os deveres que têm para com o próximo e que, segundo o que semeiem, dependerá a colheita. A todos nos ensinará a resignação, dissipará as nuvens do erro e atrairá a esplêndida aurora de um dia sem fim.

Este grande homem, que deu perfeitas mostras da existência do mundo espiritual e da possibilidade de uma relação direta com o mundo material, faz parte da lista em que se integram os grandes médiuns, tais como Florence Cook, Elisabeth D'Esperance, Eusápia Palladino e, mais recentemente, Francisco Cândido Xavier e muitos outros dotados de maravilhosas faculdades supranormais.

Ocupar-se pois, deste tão original personagem em uma campanha como a que foi empreendida por Manterola, não podia deixar de ser uma difícilíssima tarefa, principalmente tendo-se em conta que a tese que sustentava, antes, no púlpito, e em seguida em livro, carregada de preconceitos e convencionalismo mais do que de idéias, conceitos, fundamentos, não correspondia ao que com insistência, a sua contendora lhe pedia.

Talvez tendo fé no poder de sua capacidade discursiva, o sacerdote buscasse a prova, sem prevenir-se com argumentos suficientemente poderosos como teria sido necessário para sustentar tão elevada polêmica.

Em suas grandes tiradas, contradiz-se por momentos, repete coisas que mais parecem ditas em favor do que contra o assunto enfocado. Assim, lê-se às páginas 835 e seguintes, entre outros dados estritamente biográficos que se referem a Home quando é expulso da casa de seus tios, depois dos intrépidos provocado por suas faculdades:

Manterola: — O fato é que o menino foi abandonado por seus tios e ficou sem apoio, sem fortuna e sem nada que pudesse recomendá-lo à vista dos mortais. Isto é o começo da vida de um prestidigitador? — Inquire Manterola criando um singular suspense... E responde a si mesmo. — Não! O prestidigitador teria feito muito melhor do que fez Home. O prestidigitador não abandona sua situação de segurança para lançar-se à

aventura. — Remata sua opinião com uma verdade que o honra. — Home jamais teve lucros com seu ofício.

Mas, como trata o senhor de Manterola o assunto Home para colocá-lo no pichamento do Espiritismo? Lendo os parágrafos que se seguem, saltando por cima dos dados biográficos e históricos já conhecidos, como se pode constatar pelo seguinte:

Manterola: — Estes prodígios podem ser atribuídos a Deus? A Deus que os executaria por meio de seus anjos? Sabemos que os milagres de Deus como causa eficiente primeira, só podem ser feitos por Ele. Sabido é que nos verdadeiros milagres, brilham sempre estes três caracteres: utilidade, grandeza, dignidade, enquanto que nesses pequenos ou supostos milagres do Espiritismo notam-se estes três caracteres: inutilidade, puerilidade, bufonaria, visto que sempre unem o maravilhoso ao grotesco. De que servem essas mesas que adquirem um peso tal que todas as forças do homem não seriam capazes de levantar, e, em seguida, essa leveza absoluta que lhes permite ir de um lugar para o outro?

— Por que — Insiste. — esses milagres que servem para entreter a um público cheio de emoção? Para que tantos prodígios incessantemente ocorrendo, repetindo-se entre aqueles que se põem em relação com um dos maiores entre os espíritas? (*) Não é assim que Deus faz uso de sua onipotência. Deus nunca fez milagres a não ser para dar crédito à verdade do Cristianismo e à santidade de alguns dos seus servos. Há pois, temperança? Há, pois, como dissemos antes, utilidade, grandeza, dignidade? Eu insisto nisto, meus irmãos, — Prossegue ele. — porque aqui não me dirijo aos espíritas, mas aos católicos e se me perguntardes se o diabo pode fazer essas maravilhas e outras ainda, maiores, eu vos responderei: "Sim! E sabeis em que me baseio? Eu vos direi. As sagradas escrituras anunciaram os últimos dias deste mundo e o apóstolo S. Paulo, em sua primeira carta a Timóteo, lhe diz que... "Naqueles dias surgirão falsos profetas sedutores, que ensinarão o erro e a doutrina dos demônios"... Em sua segunda carta ao mesmo discípulo, Timóteo, como se não tivesse sido bastante explícito na primeira, volta a falar desses falsos profetas que, consigo, convenceriam grande número de discípulos e que resistirão sistematicamente à verdade como Janes ou Mambré aos milagres do Faraó.

(*) *Aqui o padre Manterola incide em erro. Daniel Dunglas Home, apesar de suas notáveis faculdades, dizia-se católico e, ao que os documentos que temos à mão levam a supor, nunca aderiu às fileiras espíritas.*

Sua adversária não necessita muito para refutar esses parágrafos:

Amália: — Não poderia ser mais explícito nem dar melhores detalhes o senhor de Manterola para provar que o Espiritismo tem médiuns realmente maravilhosos. E quanto à maneira de classificar os fenômenos espíritas, dizendo que se destacam por sua inutilidade, puerilidade, bufonaria, não são tão inúteis, pueris e bufões, pois que, para combatê-los os padres da Igreja vêm se ocupando com eles em sermões e escrevendo obras de 931 páginas. O valor de uma doutrina se calcula pelos meios que se empregam para refutá-la. Algo valerá o Espiritismo quando o clero ultramontano em massa se dedica com preferência em suas missões e em seus ócios literários a combater a escola espírita.

O livro vai chegando ao fim quando a Manterola ocorre entoar uma triste retratação pública, cantando o mea culpa que faz Amália recordar as palavras pronunciadas por um "distinto escritor" e que são as seguintes:

Manterola: — Os últimos mártires de todas as religiões, são os que sofrem o calvário mais tremendo, porquanto, sentindo que o solo treme sob seus pés, as antigas crenças multiplicam suas restrições e tornam extrema a sua influência. Aquele que, durante este último período de sua existência aceita sua dominação, contrai o dever de sofrer martírios e se submete à voluntária perda. Não é verdade que estamos entregues aos prazeres dos sentidos? Não é verdade que esquecemos por completo o cuidado com o espírito? Não é verdade que o temor a Deus se distanciou, longamente, de nosso coração? Se o anticristo ou seus precursores encontram também em nós fácil acolhida? Coisa estranha é que haja prosélitos! Que estranho é que a defecção ameace se tornar universal! E o Espiritismo nada fez às ocultas. O Espiritismo, através de fórmulas muito suaves e doces, inspiradas pela mansuetude aparente, e hipócrita, deixa perceber, não obstante, uma horrível ameaça. O Espiritismo nos ameaça como a religião do futuro, entretanto não é a única ameaça. O Espiritismo

não só ameaça a religião, ameaça a existência material da sociedade humana.

Que devemos inferir de tudo isto, meus irmãos? A necessidade de que reformemos nossos costumes; de que tornemos cristã a nossa vida que não é cristã, esta vida sensual, que rende culto à matéria. Esta não é uma vida cristã, esta não é a vida do que morreu na cruz em meio aos horrores de um afrontoso suplício. Não, senhores, não! Não nos enganemos. Esta não é uma vida cristã! Convenhamos em que os inimigos da religião são mais conseqüentes do que nós. Eles, pelo menos não reconhecem os dogmas severos nos quais fazemos profissão de crer. O materialista rende culto à matéria, visto que, para ele, nada mais existe do que a matéria. Há lógica no erro, há lógica na perversidade, mas, haverá lógica conosco? Em nós, os católicos, em nós os filhos da Igreja? Onde está a lógica? Por isso os espíritas fazem uma acusação gravíssima quando dizem que nós não cremos no que ensinamos e isso vos dirão também: que não credes no que estais professando.

Não irmãos! Nós ensinamos aquilo em que cremos. Desgraçadamente não praticamos aquilo em que cremos, o que dá ocasião ao inimigo para que ponha em dúvida a nossa fé.

Amália: — E como não por em dúvida senhor de Manterola? O que dá vida à crença? A verdade inegável dos fatos, a realidade matemática de seus convincentes efeitos. Sem isto a palavra é letra morta, a teoria sem a prática é a utopia perdida no campo das hipóteses. Por isso o ultramontanismo perdeu sua antiga preponderância, pois seus adeptos não sustentaram um bom exemplo e boas obras, puramente evangélicas, que são a coluna mestra de sua fé. E vós mesmo, senhor de Manterola, isso confessa, ingenuamente, e se submete a perder, vendo que, em realidade, a causa do obscurantismo é julgada pelos homens e sentenciada pelo tempo, sem nenhuma apelação.

E se o tempo, — sublinha intencionalmente Amália, — esse ancião da criação, esse testamentário do infinito, esse eterno agente da Providência, se o mudo testemunho dos séculos não tivesse sentenciado o obscurantismo, senhor de Manterola mesmo firma a sentença da Igreja tradicionalista, escrevendo às páginas 861 de *El Satanismo*: "É a verdade. E por mais que nos confunda devemos confessar isto: que estamos

anestesiados, que somos crentes a meio. A verdade é que há os católicos de boa fé e talvez piedosos ferventes, que julgam conveniente transigir até certo ponto com as correntes do século atual. A verdade é que até nós, os eclesiastas cometemos, talvez, a estupidez de muito boa-fé, (sem dúvida, porém sempre uma estupidez), de pretender ocultar certos dogmas odiosos da doutrina católica".

Se nós, os espíritas, tivéssemos dito que a doutrina católica teria certos dogmas odiosos, os ultramontanos retrucariam que somos miseráveis impostores. Mas, quando a confissão parte de um dos seus mais notáveis ministros, é-se obrigado a admitir que a doutrina católica tem certos dogmas odiosos.

Diz-se, e muito bem, Arremata Amália. — que não é mau alfaiate o que conhece o pano!

O sacerdote prossegue imediatamente, exprimindo-se no mesmo tom, atirando seus dardos no mesmo alvo:

Manterola: — A verdade é que até mesmo os eclesiastas cometemos talvez a estupidez, de muito boa-fé, sem dúvida, porém sempre estupidez, de pretender ocultar certos dogmas odiosos da doutrina católica com a finalidade de atrair melhor os incrédulos. A verdade é que facilmente cedemos terreno quando se trata de certas questões que a antiguidade cristã atribuía ao demônio. A verdade é que nos fins do século passado algumas de minhas conferências teriam merecido, da parte de certos católicos, o qualificativo de produtos da mente de um visionário e demente. Não obstante viste que minha doutrina não é nova. Estudamos todos os séculos cristãos, invocamos de memória, não com invocações sacrílega, as nobres figuras dos santos padres e de seus lábios recolhemos essas doutrinas.

E por que haveríamos de ocultar? Por que lançar a sombra do mistério, por que não dizer a verdade? Pois bem, senhores, quando o mundo chamado cristão estava entregue ao sensualismo, quando o mundo era, praticamente materialista, quando o mundo não se atrevia a falar no diabo e a ouvir essa palavra, talvez um sorriso assomasse em seus lábios; eis

que Deus permite com sua magnanimidade ilimitada, que se vejam prodígios que não podem ser negados. Eis que aparece esse homem, Mr. Home, que já mencionamos em conferências precedentes, e percorre dois continentes, apresentando fenômenos que desesperam a ciência, pois que não são explicáveis pelas leis que estão a serviço do homem e de que ele pode dispor. É necessário contar, na realidade, com esse mundo invisível dos espíritos. É pois, necessário assim concluir, pois essa verdade deve ter algo de superior ao homem.

Eis aqui como se tornaram fáceis os caminhos para distinguir o sobrenatural satânico do verdadeiro sobrenatural. Deus tem Seus desígnios, vos disse, e preciso repetir. Deus não permite o mal senão para dele deduzir-se o bem. Deus não permite que o diabo execute operações diabólicas sem que estas dêem sempre lugar, em último termo, à maior glória de Deus e ao maior bem das almas que desejam permanecer fiel ao Senhor.

Não haveis visto, meus irmãos — Prossegue Manterola. — ou ao menos não tivestes notícias de católicos que, sem crer, por isso abdicam o nome de cristãos, sem mesmo merecer o nome de apóstatas e que, todavia, quiseram, por vã curiosidade, por-se em relação com o fluido ódico ou com as chamadas forças etéreas, e concluíram que esse fluido, essa força oculta era uma força pensante, era uma inteligência poderosa e não puderam perceber que a igreja chama de Satanás o que o Espiritismo chama fluido?

Pois que, — Exclama aparentemente vitorioso. — não foi isto um triunfo para a Igreja católica?

Mas a resposta de Amália, que se firma em dados concretos da evolução da civilização em suas conquistas científicas e filosóficas, pode sintetizar-se em seu primeiro parágrafo que diz:

Amália: — Chamais a isso triunfo, senhor de Manterola? Mas trata-se da lamentável confissão que a Igreja católica faz de sua ignorância. Essa vitória teológica é uma derrota científica. Confundir a verdade suprema com um mito incriado é o absurdo levado ao delírio.

A extensa exposição de Manterola chega a seu fim com uma exortação a Igreja Católica, à sua paróquia, no sentido de que se defenda das satânicas idéias em voga, descendo do plano de sua dialética para proferir um agonizante repto:

Manterola: — Foge Satanás, foge com tua vergonha às negras cavernas do Inferno. Foge malvado, arrastando essa pesada corrente, para onde te arrojou, Aquele cujo nome é Onipotente. Foge, mil vezes, foge com a lança da justiça divina pesando sobre ti, foge para tua eterna maldição e vergonha. Foge e agrega-te em tua ruína aos antros do Inferno. Deixa-nos cantar o hino de hosana ao sagrado Coração de Jesus. Foge! Venceu Galileu, venceu a cruz, venceu Jesus Cristo!

E não creias que ao abandonar-te nas regiões da dor e do desalento, perderemos de vista tuas pegadas, teus vestígios na Terra. Ah! Não! Enquanto a fé em Jesus Cristo brilhar em nossa alma, enquanto uma chispa sequer do fogo consumidor venha a devorar nosso coração, declaramos-te guerra aberta, sem tréguas, guerra no tempo, guerra na eternidade.

Amália: — Não tivemos a felicidade de ouvir o senhor de Manterola na maior parte de suas conferências. Sem perder a última, entretanto, tivemos a impressão de que tínhamos retrocedido séculos. Não nos parecia que usava da palavra o sacerdote do progresso, o ungido do Senhor. Não! Não falava por ele o homem de nossos dias, mas a sombra da Inquisição! O espírito de Torquemada parecia erguer-se naqueles instantes para convocar ao extermínio os povos oprimidos da Terra.

Em seguida o senhor Manterola tomou posse de si mesmo e narrou mil patranhas em respeito do franco-maçons que, por absurdas nem ao menos merecem ser lidas. E concluiu, como era de esperar, anatematizando a imprensa. Os termos empregados pelo sacerdote, deslustram o jornalismo.

Manterola: — De que meios dispõe especialmente a propaganda satânica, cujo êxito não pode deixar de ser reconhecido por nós? Da imprensa principalmente, — afirma categórico o clérigo, demonstrando cabalmente que a atividade jornalística de Amália não caia no vazio. — da imprensa, do periodismo. Como venho disposto a dizer toda a verdade,

é necessário esta saia, no alto desta cátedra sagrada. Haveria eu de ter consideração por interesses mesquinhos, interesses de empresas jornalísticas quando se trata da fé, quando se trata de interesses sagrados de nossa religião sacrossanta, quando se trata do culto a Jesus Cristo, quando se trata do céu, quando se trata da eternidade?

Não sabeis, meus irmãos, não sabeis que periódicos existem cuja razão de ser consiste em combater o catolicismo? Não sabeis, tão nova é para vós a idéia, que há publicações, diários que estão em todos os números saturadíssimos do espírito de Satanás? Não o sabeis? Eu vos pergunto, — Prossegue indagador. — quem sustenta essas publicações, quem a não ser os próprios católicos? Que vergonha! Os católicos inventam munições, inventam armas para favorecer o campo dos inimigos de Jesus Cristo. E não haveis pensado? — Prossegue rancoroso. — Se não haveis pensado, de que servem as vossas cabeças? Para que tendes entendimento?

Amália: — Para progredir, senhor de Manterola. Para isso a raça humana tem, hoje em dia entendimento. Há muitos séculos, saiu do idiotismo e da barbaria.

O homem se convenceu, — Arremata Amália. — de que tem o direito de pensar por si mesmo e quer fazer uso dessa legítima propriedade. Assim, pois, inúteis são os anátemas e as excomunhões. A violência teológica perdeu sua terrível soberania que, como bem escreveu um autor entendido: "Os encarregados de dirigir a religião oficial do Estado, esquecendo que, quanto mais esta influi nas esferas do poder, maior terreno perde nas consciências. E se estas não se põem de acordo com a razão, de pior maneira por-se-ão ao serviço da força".

Terminam neste ponto, após a exposição final de Amália, 931 páginas de textos, frutos da elocubração de Manterola e 46 artigos que editara com profusão sua ocasional opositora. Estes últimos estão recolhidos em um livro que se transmitiu à posteridade como um valioso exemplo de réplica elaborada com alta dignidade e que, ainda em nossos dias, é lida com admiração. A literatura do sacerdote, visto não ter merecido o interesse de Amália, teve a vida efêmera das coisas destituídas de transcendência.



VII

A cronista dos pobres

Foi no mês de maio de 1879 que D. Luis bateu à porta do aposento de Amália. Fazia-se acompanhar por D. Juan Torrents.

—Amália, — Disse-lhe à queima-roupa. — Torrents esta de acordo comigo em que temos falta de um jornal espírita, dedicado exclusivamente à mulher e onde só escrevam mulheres. Nos primeiros dias deste mês será publicado o primeiro número. — Prosseguiu marcando suas palavras com firmeza. — Visto isso já estás avisada. Escreve o artigo de fundo, conversa com tuas amigas Matilde Fernández e Cândida Sanz. Verás que interessante semanário fareis. Sairá às quinta-feira. — Disse dando por terminado o que tinha em mente.

—Mas é uma loucura, homem de Deus! — Respondeu Amália surpresa. Como poderia eu me arranjar entre as dificuldades naturais à publicação de um semanário?

—Exatamente! De um semanário, nada menos do que isto.

—Mas, o que te passa pela cabeça? — Disse Amália com seu peculiar tom astuto em que os S eram sempre substituídos por C. — Julgas que artigos são massas que se estendem para fritar? Pois estás errado! — Prosseguiu algo nervosa e pensativa.

Don Luis deixava-a falar. Um rictus em seus lábios e o brilho de seus olhos falavam em Amália mais do que seus lábios poderiam articular.

Até então ocupadíssima com a preparação dos artigos de refutação a

Manterola, Amália supunha que, no momento, não fosse capaz de fazer mais nada.

— Só eu sei como tenho a cabeça cansada! — Queixou-se. — Não foi fácil contestar um homem célebre e inteligente como Manterola!

— Com bem pouco te assustas. Não imaginaste o quanto tens de escrever neste mundo? Eu posso supor... — Disse com firmeza D. Luis. — Escolhe um título que te pareça bom para o novo periódico.

Ela disse instantaneamente:

— La Luz del Porvenir.

Foi como se as palavras brotassem de sua boca, de modo que ela mesma se calou surpreendida.

— É um bom título... — Disse D. Luis depois de um pequeno silêncio, voltando para Torrents o seu olhar inteligente.

O outro sorriu e assentiu com a cabeça.

— E se nos denunciam? Afinal, que títulos tenho eu para dirigir um periódico? Uma coisa é colaborar e outra dirigir, escolher originais...

— Não te inquietes quanto às denúncias. Não terás outro trabalho senão o de escrever. Torrents cuida da parte material e eu farei a propaganda e conseguirei os assinantes. — Disse D. Luis sem pestanejar. — E então? Está feito o trato?

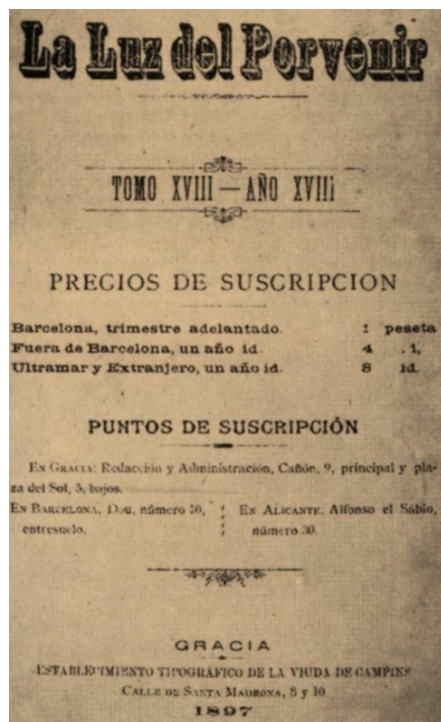
Na mente de Amália havia um vórtice onde as idéias rodopiavam em sarabanda. Via-se na miséria dos seus primeiros dias e, agora ser, de súbito, posta em um pedestal, sendo geralmente denominada La Espiritista Espanola. Em sua retentiva voltava a ver o imponente palácio onde ia mendigar uma porção de cozido. Retrocedia aos momentos em que enfrentara as eminências eclesiásticas, as autoridades relevantes da Igreja Católica. Esses quatro sucediam-se em sua mente.

Era como um racconto (*) de tormentas, como se a sua cabeça se tivesse transformado em uma trombeta acústica. Ficou a olhar D. Luis enquanto este se afastava em direção à porta. O editor lhe dizia:

(*) *Racconto*. *Verbetes italiano não traduzido no original castelhano. Significa: História, narração, narrativa real ou imaginária. Nota do Tradutor.*

— Por enquanto, Amália, não terás salário. Os primeiros números só nos trarão prejuízos. Quando tivermos pago os gastos, terás o melhor ordenado que for possível pagar-te.

Torrents possuía na Calle Triunfo, n.º 4, de San Martin de Provencals, além de uma importante gráfica, a "Livraria Espírita Espanhola", destinada à venda, aos distribuidores e ao público, de livros espíritas escritos no país e no estrangeiro. Homem entusiasmado com as idéias espíritas, não poupava esforços em favor de sua difusão.



Fechou-se a porta do aposento e, para Amália, abriram-se os portais do mundo!

No dia 22 de maio de 1879 foi entregue à crítica popular "La Luz del Porvenir" .

"O porquê de nosso lançamento", é o título do primeiro editorial. "O título de nosso humilde semanário, — dizia o texto — responde a esta pergunta. Surgimos para dizer aos homens: Olhai o futuro. Não vedes entre as brumas do amanhã um raio de luz? Não vedes como algumas inteligências entorpecidas pelo sono dos séculos se vão despertando lentamente? Fitam o Sol, fecham os olhos deslumbrados e tornam a abri-los, olhando em torno para se convencerem de que não sonham. E ao se persuadirem de que estão despertas, maravilham-se, dão um passo, retrocedem e empreendem novamente o caminho, desejosas de ver mais

de perto a luz.



Gravura da época mostrando o que poderia ser a oficina de impressão de “La Luz Del Provenir”

Não vedes como algumas imaginações movimentam suas melhores forças lendo, comentando, analisando, apelando para sua razão e lucidez de modo a seguir sem vacilações a senda do progresso universal?

Quem não reconhece que o homem de hoje já não guarda em sua mente a crédula convicção que o caracterizava ontem, quando acreditava no Deus do extermínio porque lhe diziam: Crê ou morre! Enquanto hoje o progresso murmura em seu ouvido: Lê bem depressa e crerás!

A luz do futuro vai dissipando as névoas do passado e só permanece uma bruma que, paulatinamente, se vai desfazendo sob os vivificantes raios da verdade. Um reflexo desse foco luminoso, uma fímbria dessa irradiação universal, uma pequena onda de luz espírita: Eis a presente publicação: "Nosso único propósito é dizer aos homens: Quereis ver? Quereis ler? Quereis estudar? Nós vos diremos onde encontrareis obras filosóficas que levarão a paz aos vossos corações e a esperança às vossas mentes. Guias humildes, mas de muito boa-vontade, vos indicaremos os píncaros mais elevados, de onde podereis descobrir os vastos horizontes; e vos diremos:

—Detende-vos! Olhai, contemplai e bendizei as inumeráveis

maravilhas da criação. Lede o grande livro sem prólogo e sem epílogo. Escreveu-o o Eterno Historiador dos Séculos. Lede, lede na Natureza, pois esta é o álbum de Deus! Isto quer vos dizer — É o final do artigo. — o modesto semanário La Luz del Porvenir."

Constantemente e com a assinatura de Amália Domingo y Soler, lê-se os artigos portadores da idéia de Deus. Um deles, mencionando que se trata de uma comunicação do espírito de Goethe, diz o seguinte:

—A idéia de Deus tem sido extremamente mal compreendida por aqueles aos quais coube o encargo de instruir o povo: Elevam-no demasiadamente alto e humilham-no em seguida até à sordidez; exaltam a Sua bondade e, em seguida, sem piedade, colocam-no entre os homens os mais bárbaros, cruéis e injustos. O espírito humano não podia, pois, conceber Deus. Quando se falava em Sua bondade, estava demasiado distante para que se O alcançasse. E quando se falava de seu julgamento, vingança e castigo, estava demasiado à rastros para que se pudesse descer até Ele.

A ciência, — Diz arrematando. — é a análise de Deus e da Oração".

O artigo que ocupava quase três páginas da revista, que tinha apenas oito, capa colorida, formato 25 x 18, mereceu o honorífico prêmio de ser denunciado à polícia-de-imprensa de Alfonso XII, posta nas mãos do clero.

Foi condenada a uma suspensão de 42 semanas, o que ocorreu ao ser publicado o terceiro número, com data de 5 de junho. O segundo número é datado de 29 de maio.

Revisando a parte medular do texto da primeira edição, pode-se ler um artigo intitulado: "Progresso". Sua autoria é de uma das colaboradoras mencionadas por Llach: Maria Fernández y Casanova.

O trabalho dessa colaboradora, da qual nada se encontra no número seguinte, visava despertar na mulher de seu tempo a idéia da evolução no âmbito estreito em que vivia. Outrossim dava ênfase à doutrina excelente à qual servia. Tratava-se de um artigo muito bem inspirado, claro, preciso e que, apesar de ser redigido com simplicidade, para que pudesse ser compreendido pelas mentalidades menos afeitas aos exercícios mentais e ao raciocínio demasiado complexo, não caía em banalidades e nem fazia concessões ao vulgar ou ao intranscendente.

Completam esse primeiro número uma poesia de Amália: A oração, outra assinada por Lelia, intitulada: La Sombra de la vida, completando assim o material de modo aprobativo para sua flamejante diretora.

A "Oración" diz o seguinte:

Para rogar al Eterno
Yo no encuentro necesario
Entrar en un santuario
Que la costumbre fijó.

Cuando el alma dolorida
No encuentra a su mal consuelo
Le basta mirar el cielo.
Hay templo más grande?... No!

Assim estava concebida a primeira estrofe do verso, que se compunha de dezenove, na mesma métrica. No segundo número Amália começa a sua colaboração que, prosseguindo em números sucessivos do semanário, traz o título genérico de "La soledad de la mujer".

Pinta a autora, com rasgos seguros, rápidos e claros, a idiossincrasia da mulher da época relativamente à maneira como lhe é retribuído o trabalho. Nos artigos seguintes vai analisando os erros, as possibilidades e o encaminhamento que o assunto exige, sempre com uma tônica tão acessível que ganhou rapidamente o interesse de grande quantidade de leitores, merecendo tantos aplausos como outros tantos similares que ela foi publicando em separatas.

"A mulher da aristocracia, — Escreve. — geralmente celebra o seu casamento na igreja. Isto é, o sacerdote abençoa os noivos e a jovem desposada só tira o seu precioso traje de virgem para vestir o elegante costume de viagem. Seguem para o estrangeiro. São esses os primeiros eventos de sua vida conjugal.

"Transcorrida a lua-de-mel (é de mau-tom que dure muito tempo), os nubentes voltam à sua cidade, ao seu país. Para os jovens esposos começa uma nova vida de real independência, vivendo cada qual para si. A política, o cassino, o teatro, os amigos, o jogo e os romances fáceis

absorvem a atenção do marido. E à mulher tocam os passeios, o teatro, as reuniões, as visitas constantes à modista, as recepções às amigas e outros mil pequenos entretenimentos que a ocupam e a distraem por completo.

"Na classe média a mulher geralmente vive mais em casa do que na rua, as atenções da família reclamam-na e o cuidado com os filhos absorve a maior parte de seu tempo, porém nem por isso é feliz.

"A mulher do povo trabalha em sua casa e fora dela. É uma mártir do trabalho. Acontece muitas vezes ter os seus filhos sem sapatos. E diz:

— Se o pagamento fosse de dois daria para a gente ir tocando. Mas, quando chega o sábado ele me aparece com a metade do que recebeu e, por vezes, com menos. Se de noite permanecesse em casa... Os companheiros, o café a taberna mandam-no de volta em ruim estado. Que vida é esta, Senhor!"

Os conceitos bem dispostos, aplicados com justiça, os exemplos, os temas desenvolvem-se de maneira que o leitor, quando menos, deixa-se subjugar, pois que ali estão estampados pedaços da vida, retratados apropriadamente, sem que a linguagem se abastarde nem se dê a luxos literários ou mórbidos, sem angustiar com a descrição de crueldades deformadas e propósitos de fazer vulgar proselitismo...

Assim era a viril Amália, a jornalista.

No dia 12 de junho de 1879 era a data em que devia sair o quarto número de La Luz del Porvenir. A censura imposta não permitiu que isto se desse.

O triângulo de indobráveis: Amália, Llach e Torrents não se deu por vencido. Com o título de El Eco de la Verdad faz sua aparição como uma revista original, um suplemento, com o mesmo formato e a apresentação tipográfica que tinha sua antecessora.



Amália com seus amigos em Grácia

Sem alardes, com a mesma firme disposição de luta, se apresenta dizendo no título de seu editorial:

— Que repetiremos?

Não há novidade. A apresentação foi abolida. Há repetição... e prosseguir à frente, pois o trabalho é intenso!

"É absolutamente necessário que ameis, — é o fecho de ouro com que a diretora encerra o seu editorial. — e perdoeis os vossos inimigos, pois o que não perdoa não é perdoado. Isto afirma o evangelho e o mesmo repetirá El Eco de Ia Verdad.

Este primeiro exemplar se inicia com a colaboração de Cândida Sans, com um poema intitulado: Qué es Ia vida?

Cândida Sans y Cresini estava um dia em uma reunião de amigos na qual falava-se do amor. Analisava-se as diferentes maneiras de amar. Foram expostos muitos conceitos, os quais povoaram a sua mente de múltiplas reflexões.

A noite, em seu quarto, entregue à placidez do sono, seu espírito se liberta do entorpecimento da carne.

— Quão formosa é a liberdade! — Exclama. — Como é grato viver longe da Terra e quão suave é a atmosfera que se respira. O que sinto? Deus meu! A delicia é tanta que tenho a impressão de um desmaio. Dai-me forças, Senhor, — Pede. — para poder me locomover em busca desse

amor puríssimo que vivifica, regenera e sublima. Bem que eu quisera aspirar toda a sua essência e que, ao regressar ao corpo, meu olhar, minhas ações e minhas frases fossem eflúvios do amor celestial. Um ancião de nobre aspecto surge à sua visão. Cândida beija-lhe a mão pois, sem saber quem era, percebe em seu tranqüilo olhar algo de inexplicável que a subjuga. Sente por ele respeito e carinho visto que parece receber do ancião sensação de felicidade e vida.

— Queres saber como é praticado o amor entre os espíritos de grande progresso? — Pergunta o interlocutor espiritual envolvendo-a em seus amorosos eflúvios. — Observa e procura guardares o quanto vejas. Quando retornarem ao teu corpo não esqueças, pois isso servir-te-ás como uma bússola no que diz respeito à tua existência.

O olhar profundo de seu imponderável amigo reforçou as suas inusitadas forças. A sua aparência era ao mesmo tempo a de um atleta que desafiava a Terra e os horizontes, vendo além do que os Atlas acusam. O espetáculo é majestoso: de um lado a Terra iluminada pela lua, do outro a aurora que desponta; mais além a esteira de mundos rutilantes. Luzes diáfanas, luzes de fogo! Uma corruscante manifestação da criação divina.

— Aproveita, pobre espírito, — Diz-lhe o ancião. — aproveita as maravilhas celestiais e que o hálito da amorosa Providência te fortaleça!

Todavia, não foi dessa fonte que o Espírito extraiu o exemplo vívido do que era o amor, o verdadeiro Amor. O ancião despertou as atenções de Cândida para um humilde e pequenino lar na Terra, onde os laços do carinho afloravam em torno do leito em que repousava um moribundo. O singular cicerone relatou uma história referente ao grupo e que constituía uma melancólica cena de vicissitudes. A esposa do homem agonizante dava provas de resignação e de saber que na Terra não estava órfã do Amor, do verdadeiro amor, desinteressado e puro: o Amor santificado. E com esta simples e exemplar lição, o Espírito fê-la regressar ao corpo transitoriamente liberto, dizendo-lhe:

— Volta ao teu corpo, minha amiga. Faze com que a essência de tua alma se desprenda da Terra. Ama desde a criança ao nonagenário, ama de igual forma o mendigo e o que cinge a coroa dos reis, o amigo e o adversário. Ama os criminosos pois que, — Quem sabe! — estes, mais do que os outros, carecem do amor neste mundo. Ama a justiça e a razão

para que envolta no amor divino, ao deixar a vida terrestre, alcances os espíritos do Amor.

Cándida Sanz representa um arquétipo, como Amália, do Espírito que movimentava e acionava aquele jornalismo singular.

A medida em que se percorre as páginas de El Eco, verifica-se que o pulso de Amália é firme na seleção das colaborações às quais vão-se somando as de Encarnación dei Riego; Violeta; que oculta o verdadeiro nome de uma estranha personalidade intelectual; Lélia; Maria Orberá; algumas transcrições (poucas) de revistas especializadas em idêntica doutrina e outras correntes; Lola Larrosa; Soledad Manero de Ferrer.

Com regularidade exemplar prosseguem Amália e Cándida oferecendo os mais consistente em cada numero onde, todavia, são também recebidas as escritoras iniciantes. Um pseudônimo, Fa, é encontrado em muitas páginas. De certa feita é transcrita uma seleção feita de um discurso pronunciado por Juana A. de Navajas na sociedade Argentina Constancia, com um comentário marginal elogiável à diretora.

A sra. Navajas foi um dos melhores médiuns de que se tem notícia na Argentina. Sem possuir qualidades intelectuais primorosas, podia filtrar por suas faculdades comunicações espirituais do mais alto valor filosófico. Uma intuição poderosa permitiu-lhe ocupar a tribuna, coisa que jamais estaria ao seu alcance em suas condições normais. Amália, em quem calavam fundo a apreciação de tais valores psíquicos, tirou partido de trechos escolhidos e já selecionados para a revista Constancia.

Um dos recursos peculiares de Amália, em seu trabalho jornalístico, era a publicação de textos de cartas íntimas, nas quais captava com excelente efeito, a curiosidade do leitor, visto introduzi-lo nos secretos escaninhos da confidência, atraindo-o para que se examinasse à luz do conselho oferecido à pessoa com que ela se comunicava.

Uma correspondência como esta, é lógico, estava despida de recursos literários e vinha salpicada de graciosos recursos, como os que se lê no exemplar de El Eco, dirigida a um destinatário cheio de paixões pouco recomendáveis.

Dijo un domador de fieras
Si he amansado los leones
Si he vencido bravas hienas
Y los tigres más feroces,
Quién me gana en heroísmo?
Cierto sabio contestóle:
Aquel que vence sus vicios,
El que doma sus pasiones.

A fábula pertencia ao poeta Sala, um dos muitos vates a quem Amália recorria em sua febril corrida pelas sendas literárias. A cada instante, apelava às citações oportunas para reforçar seus conceitos e o audaz e destemido vôo de sua imaginação poderosa.

Na obra literária impressa em *La Luz* e no *El Eco*, encontra-se ao cabo de vinte anos de atuação (1879/1899) algumas novelas filhas do estro gigantesco da dinâmica diretora. Um dos seus mais íntimos desejos havia sido o de enveredar por este gênero literário. Mas só foram permitidas à vulcânica precipitação dos fatos, que exteriorizasse essas inquietudes em trabalhos que ia publicando em sucessivas entregas da revista, gerando impactos certos na emoção e no gosto de seus muitos leitores, nos cárceres, nas fábricas, nos mais humildes lares, onde se encontravam os seus mais ferventes admiradores.

Alguns desses trabalhos foram publicados em separatas, mas não alcançaram a penetração extraordinária e a difusão de seus outros livros.

Grande número de trabalhos humanistas caíam nas mãos de Amália.

Em Múrcia infectando também Lorca, Orihuela, e Almeria se produz uma inundação que redundava em horríveis perdas para centenas de famílias humildes. *El Eco* levanta entre seus leitores uma subscrição para concorrer na ajuda daqueles desgraçados, acrescentando no convite publicado nas páginas da revista: "Não só para as vítimas de Múrcia, mas também para os operários catalães que há muito tempo sofrem a inundação da miséria... Na calle Fonollá 24 e 25, sede de *El Ecco*, recebem-se os donativos que não tardam em se tornar volumosos, graças ao prestígio de tão acatada pedinte, indo desde os minúsculos centésimos

às sólidas pesetas dos mais abastados embora estas pudessem ser maiores ante a urgência das necessidades.

Em vários números Amália aborda o assunto Murcia. Em um deles exalta o gesto de um milionário que fez chegar a soma de cinco milhões de pesetas em títulos, colocando paralelamente a este, outro gesto, o de um operário que não tendo nada para dar, apresentou-se à redação do jornal, oferecendo à coleta em favor das vítimas o paletó que vestia, com o qual quis, humilde e anonimamente, aderir às doações populares. O comentário que acompanha essas duas atitudes tão diferentes, serviu a Amália para criar, com ênfase, o desejo de colaboração entre seus leitores. E o trabalho aumenta... A pena da viril escritora não descansa e seu afã de servir menos ainda. No número 23 de El Ecco de La Verdad, aparece uma novidade, a criação de um Montepio regional. Forma-se com o "louvável fim de melhorar a sorte dos obreiros espanhóis". Espécie de Associação de Socorros Mútuos. Assinam manifestos de organização: Amália, Cândida, Don Luis, o médium Eudaldo e Vicente Serra. No dia 12 de fevereiro de 1.880, solicita-se personalidade civil para a entidade que lhe foi negada por ser de tal envergadura e ter um tal objetivo. Deve ter ficado entre o acúmulo de projetos plenos de boas e sérias intenções, arquivados em algum poeirento canto e destinado ao esquecimento.

Em Villa de Gracia se mostra tão forte a necessidade de auxiliar aos necessitados de Múrcia, que se consegue fundar uma junta de auxílios, integrada por elementos por todas as correntes de idéias.

— O católico, o indiferente, o materialista, o protestante, o espírita, — Diz Amália em um comentário de El Ecco. — Todos se uniram em fraternal abraço.

Bonita atitude, especial situação para registrarem-se os benefícios da fraternidade humana. Todo fato, cada circunstância serviam à diretora de matéria útil, para demonstrar seus conceitos idealistas. Em certas ocasiões, as façanhas da polícia de imprensa lhe inspiram umas pequenas saídas irônicas:

— Pêsame damos à nossa querida colega Gaceta de Cataluna, por haver sido condenada a vinte dias de suspensão. Afortunadamente, o vôo do espírito não tem fiscal que o possa proibir.

Em outra ocasião, os pêsame são dirigidos a um novo colega

condenado.

—Damo-lo ao nosso querido colega La Correspondência de Cataluna, por ter sido condenado a trinta e cinco dias de suspensão, mas que são trinta e cinco dias, quando sabemos que todos os ideais para se desenvolverem dispõem de um dia sem noite, pois as idéias não podem ser proibidas, estão perpetuamente vivas. Assim, pois, querido colega, esperemos.

Em circunstância sucessiva o comentário fala de um periódico excomungado:

—Um sintoma da intransigência da época, por parte dos representantes do clero, no-lo-dá a notícia de que o periódico espírita El Faro, que se edita em Sevilla "foi excomungado pelo eminentíssimo prelado que governa aquela diocese, abrangendo o anátema todos os operários que trabalham em sua impressão, distribuição, etc, etc... e ainda mais, todos os assinantes".

O comentário com que remata a redação de La Luz, mencionando a notícia, diz laconicamente, mas com justiça:

—Não é verdade que algumas vezes parece uma mentira que estejamos em pleno século das luzes? Para tudo chega um dia em que se adere à moda. As excomunhões são, pelo visto, o último figurino.

Josefa Pujol de Collado, uma brilhante colaboradora de Amália, fundou uma revista El Parthenon. As colunas de El Ecco enfeitam-se fraternais para assinalar a aparição e fazer comentários entusiasmados que são parte da ética profissional. Mas não se detém apenas nisto. Fornece o endereço da redação, tendo em vista os assinantes, bem como os diversos locais em que se podem tomar assinaturas. Esclarece quanto à notícia de seu preço e oferece todos os detalhes que possam favorecer a procura dos leitores.

Assim trabalhando, vence-se o prazo da proibição que caíra sobre La Luz del Porvenir. Por decreto real, que diz em sua parte fundamental: "Suspende-se a proibição de todos os periódicos que estão censurados e que se achem cumprindo pena ou devam cumpri-la, em virtude de sentença ditada anteriormente à publicação do presente decreto.

—Graças à gracia — Escreve Amália com muito bom humor.

Por concessão de Sua Majestade, Don Alfonso XII, La Luz del Porvenir volta a surgir entre os demais órgãos da imprensa. E o faz

dizendo:

—A luz volta a brilhar.

Assim se intitula o editorial de retorno com data de 11 de dezembro de 1.879. O periódico estivera interrompido durante cinco meses, porém graças à suplementação regular dos 26 números de *El Ecco de Ia Verdad*, seguiu sua tarefa sem mudar, senão o título. O que se renova é o apressuramento de Amália de estar nos editoriais, com vivacidade efetiva e afetiva. Trabalho de periodismo e humanitarismo.

O relato de um caso real de amor conjugal arranca lágrimas e ergue esperanças nos leitores humildes ou poderosos, pois que há de tudo no que redige a vivaz andaluza já então posta à cabeça de tarefas de grandes projeções.

—Fomos ver uma amiga. — Diz o resumo de um de seus muitos relatos. — Em frente de sua casa estão construindo um palácio. Ao bater as doze horas, os trabalhadores se espalham pela praça. Vão chegando várias mulheres com as suas cestas. Às sombras das árvores acomodam-se com os filhos do trabalho para restaurar suas forças. Um dos pedreiros veio sentar-se perto da janela na qual estávamos apoiadas. Era um homem jovem de rosto agradável. Dentre em pouco chegou uma jovenzinha simpática e encantadora. Vestia-se pobrememente mas com cuidadosa limpeza. No braço direito sustentava um garoto de um ano. Do esquerdo pendia uma grande cesta. Ao vê-la o homem tomou o menino nos braços dizendo alegremente:

—Ora! Este tratante não quis dormir hoje? — E beijou com carinho o rosto do pequenino.

—Já verás, — Disse ela. — Era hora do pobrezinho dormir. Mas como tu te distraís tanto com ele, eu me disse: Vamos faremos com que tenha um almoço completo.

Ao dizer isto, a jovem começou a descarregar a cesta. Tirou primeiro um pano de pratos mais branco do que a neve, estendeu-o no solo, colocando depois dois pratos, uma garrafa de vinho, dois copos, pão e maçãs. Por último encheu os pratos com uma porção fumegante de arroz que trazia em uma brilhante caçarola.

—De que santo é o dia de hoje?! Por que fizeste arroz a valenciana? — Perguntou ele alegremente, sentando-se no solo, e buscando acomodar

confortavelmente o menino.

—Como vejo que comes tão pouco quando te trago o cozido, —
Replicou ela carinhosamente. — trouxe o arroz para melhorar-te o apetite.

O homem, sem dúvida para fazer honras ao prato que sua esposa cozinhou, deu-se pressa em comer como se tivesse uma fome devoradora.

A cena deixa Amália pensativa. Fica séria ante esse simples e gracioso quadro conjugal, que logo se transforma em um artigo.

Assim escrevia e procedia a cronista dos pobres.

As pessoas medianamente acomodadas lhe pediam com freqüência que escrevesse sobre coisas mais alegres e risonhas e advertiam-na de que, geralmente, o tema de seus escritos era a tragédia que os comovia em demasia.

—Não pode ser! — Contestava sorrindo. — Não vedes que sou a cronista dos pobres? Estes não sabem o que são alegrias. Se os que constantemente sofrem se consolam com meus escritos, e como meu objetivo é consolar com minhas palavras, — já que não posso fazê-lo com minhas boas-obras, — escrevo para esses meus leitores especiais. Se me entendera, se minhas narrações despertam seus sentimentos e o horizonte de sua vida lhes parece menos carregado de nuvens, dou-me por satisfeita, pois este é o meu objetivo: Ser útil a uma fração da Humanidade, a que mais necessita de atenções carinhosas. Eu não escrevo para preencher horas de ócio, como os afortunados. Escrevo para aqueles que sofrem todas as amarguras, e dão a impressão de ser um estorvo por toda parte porque são pobres.

As notícias diárias dos jornais serviam-lhe de tema: a pena-de-morte aplicada em diversas partes do mundo; uma operação cesariana; um menino fenômeno; tudo eram elementos próprios para as páginas de La Luz, visando às finalidades proposta em suas elevadas campanhas.

Recebe diariamente, correspondências com pedidos para que se ocupe

com tal ou qual tema angustiante; que solicite ao mundo espiritual consolo e solução de problemas; a explicação de intrigas que transcendem os limites do normal conhecido e inaceitáveis à simples análise. Ela não pode atender a toda a avalanche de pedidos que chegam.

—Teria que escrever dia e noite, durante mais de um século. — Dizia. — Eu não sou médium mecânico. Aceito dos espíritos aquilo que está conforme com minha razão. Trabalhamos a meio.

Selecionava então os pedidos, extraía os mais angustiosos, os que vinham dos pobres, dos desvalidos, dos deserdados da sorte. E eis uma nova crônica...

Não apenas dedicava sua atenção ao material que chegava à sua mesa de trabalho. Amante extraordinária da liberdade, dava-se o dever de visitar os cárceres, onde ia levar consolo aos que os azares da vida haviam enterrado naqueles túmulos para vivos, como costumava chamá-los. O cárcere de Barcelona, por exemplo, não podia reunir piores condições. O edifício não fora construído para prisão. Abrigava, segundo se sabia, um convento erigido para uma comunidade religiosa. Era um casarão de conformação estrambótica, cheio de escadas, corredores, curvas e voltas, dotado de salas sombrias em que vivia armazenada — se se podia dizer que viviam — grande quantidade de homens, sem ar e sem luz suficiente, sem a mais elementar comodidade, sem ter sequer onde sentar.

Havia também lugares reservados para os que podiam pagar o luxo de ter direito a alguma comodidade. Mas os pobres, os que não tinham os privilégios que o dinheiro dá, só dispunham de dormitórios e pátios onde se refletia pateticamente o horror do crime e do abandono social.

—Ali estavam aqueles homens — Descrevia em *La Luz*. — como cães, cães sem dono, vagando por pátios ou debaixo de uma pequena cobertura que a meio os resguardava das chuvas torrenciais do Inverno e do Sol abrasador do estio. Ali estavam aqueles desgraçados, a maior parte jovens e cheios de vida, na mais prejudicial disponibilidade, pois que só trabalhava sua imaginação, odiando uma sociedade estúpida que não sabe evitar o crime e nem tão pouco castigá-lo. A sociedade — Conclui Amália em seu pertinente comentário — reúne a imbecilidade à crueldade: destrói o corpo e desmoraliza a alma.

Quase todos os cárceres espanhóis desse tempo, salvo ligeiras exceções

encontravam-se nas mesmas condições da penitenciária catalã.

—São as universidades do roubo. — Dizia Amália a seu respeito. — Os homens não podiam ali, de nenhuma maneira, moralizarem-se. Era totalmente impossível, faltava-lhes tudo para prosseguir vivendo. — Diz no mesmo comentário em outra parte. — Seus leitos são miseráveis, as salas pestilentas. Os presos doentes, preferem a morte a se verem no sujo aposento que pretenciosamente é denominado enfermaria. Ali o coração mais duro se sente oprimido vendo os pobres insanos que eram depositados naquele lugar. A secção designada às mulheres, do cárcere barcelonês, não possuía aspecto tão repugnante como o da outra dependência. Havia um pouco mais de higiene, maior cuidado e esmero. Faziam-se alinhar as reclusas em duas filas. Entre elas havia jovens belas, ao lado de anciãs repulsivas. Em umas e outras pesava o delicto do crime.

Ante aquelas vênus pecadoras, Amália refletia:

—Como pode ser tão perfeito o corpo e tão atrasada a alma?

Os outros casos, tristes distúrbios psíquicos, manifestavam fiéis reflexos de uma encarnação decorrida no lodo e na sombra. Seus rostos mostravam o inegável retrato de seus desvios. Amália percorre esses antros encontrando os mais decepcionantes espécimes humanos. Um dos reclusos lhe pedia tranqüila e serenamente uma camisa. Chacinara poucos dias antes, duas mulheres. Outro criminoso dirige-lhe asperamente uma zombaria de muito mau-gosto, dada a sua situação.

—Não sei porque se empenham em nos manter aqui. Sem dúvida é para que não nos contispemos!...

Terminada uma dessas terríveis visitas, ao ouvir o ranger das chaves que cerravam atrás dela o portão de entrada, sentia uma vaga compaixão e desprezo pela Humanidade. Voltava-se, lançava um triste olhar ao sombrio edifício e exclamava com fundo suspiro:

—Sou livre como as águias.

E lá se ia a periodista, a viril, a forte, a que não se divertia com seus poemas frescos e sutis. Acabava de penetrar as profundezas da miséria humana para recolher material destinado aos seus artigos, ao mesmo tempo que levava o consolo a quem queria ouvi-la, o auxílio ao que o solicitava, raios de esperança que, em muitas ocasiões, se revertiam logo em cartas que os presos lhe enviavam, e nas quais faziam-na saber que

sua obra não caíra no vazio.

Um detento que se consumira no desespero, quando ia ser assinado o seu indulto, este lhe foi negado. Sua esposa se encontrava então gravemente enferma e piorou, deixando seus filhos na maior desolação. Desesperado o infeliz pensava no suicídio. Foi quando chegou às suas mãos uma coleção de La Luz del Porvenir modificou então suas idéias suicidas e, em uma carta que dirigiu pessoalmente em sua parte final diz:

— Hoje posso crer, Amália. Suporto com resignação meus muitos sofrimentos e só desejo que não me falem livros espíritas.

A penetração que havia conseguido La Luz nos cárceres, demonstra o seu valor incalculável. O cárcere de Tarragona havia recebido a soma de dez pesetas e trinta cêntimos resultado das muitas coletas iniciadas por Amália para os necessitados e que chegavam com uma nota sentimental, assinada por vários confinados. Folheando as coleções da revista, amiúde se encontra referências de humildes donativos mínimos, mais eloqüentes, visto partir dos próprios presos, dos mais diversos pontos do país.

Fatos pitorescos para o leitor de nossos dias é o material enfocado por outros temas.

A notícia vem de um correspondente. Em Villasseca, Tarragona, faleceu o dono-da-casa onde se instalara um grupo espírita. Quando tratam de dar-lhe sepultura, no último lugar do cemitério local, teve-se que se socorrer das autoridades locais, pois se tratava definitivamente de dar curso ao expediente sem ordem superior, a qual era exarada pelo bispado de Tarragona.

Enviou-se uma pessoa ao bispo. Este assinou uma ordem terminante no sentido de que em nenhuma hipótese fosse permitido enterrar o cadáver no cemitério visto ser este, lugar sagrado e o defunto pertencer à maldita escola espiritista. Os representantes do clero, imbuídos de preconceitos e falsas idéias e que Amália chamava sábios doutores ultramontanos, carregavam seus velhos arcabuses conceituais contra toda idéia ou ação espírita, que eram recolhidos em La Luz pondo em evidência os acontecimentos, denunciando-os à opinião pública. Diziam os

representantes clericais em uma dessas ocasiões:

— "O Espiritismo é obra exclusiva do demônio que faz seus prosélitos nas nações não católicas, pois entre os povos temerosos a Deus, os santos exorcismos expulsam os maus espíritos. Os espíritas são gente de costumes licenciosos. Os amantes da ordem nunca aceitam crenças execráveis. Os espíritas são amigos da libertinagem. Tudo atribuem à matéria, não se recordando da alma. São as cartomantes que lêem a "buena dicha". Os padres da igreja proíbem à multidão que se achem aos espíritas, dos quais todos devem fugir, deixando-os no mais completo insulamento. As almas cristãs devem pedir a Deus que castigue os prevaricadores de sua Igreja e isso devem fazê-lo as autoridades da Terra: castigar os espíritas, como mentirosos e farsantes. Por motivo de haver muitos espíritas, os que professam essas crenças maléficas não se crêem obrigados a ir se confessar. Vivem sem crer em Deus, no Padre Eterno, ou no que diz a Bíblia.

Um sacerdote de Monistrol — Outro episódio. — devia fazer o sermão de prática correspondente a 25 de janeiro de 1.880, dedicado a Santo Antônio, cuja festa se comemorava naquele dia. Em lugar de fazê-lo, se dedicou a deslustrar os espíritas, acusando-os de sustentar uma doutrina perniciosa, imoral, subversiva, chamando-os de a "desgraça e ruína da sociedade" e outras qualificações de mais subido tom ofensivo.

Os fiéis reclamaram ao sacerdote o escamoteamento feito ao panegírico do santo-do-dia, pois, por tradição dever-se-ia proceder à benção dos animais. O clérigo aludiu que nessa oportunidade queria dar a benção aos espíritas que eram animais de primeira classe. Tão simples e ingênuos conceitos podiam ser rebatidos facilmente pelo brilhante nacionalismo da diretora de La Luz. O mais grave era que, por detrás de tais expansões curiais, existiam forças que os tornavam donas da situação, ao menos aparentemente, em todas as idades da vida do ser humano, mesmo nos aspectos mais íntimos.

A Igreja Católica tinha pátrio poder em relação à vida e morte dos habitantes do país. Os cemitérios estavam sob seu domínio exclusivo e não recebia sagrada sepultura quem não estivesse em graça com a organização. A referida tutela repugnava a muita gente liberal, que não aceitava aquela dependência absolutista e caprichosa no que respeitava a

uma circunstância tão especial, tão pessoal, tão íntima como devem ser os últimos desejos de um indivíduo. (*)

(*) *Amália e os demais espíritas de seu tempo não tiveram direito à "sagrada sepultura", motivo pelo qual se encontram nas alas protestantes de diversos cemitérios.*

Os conflitos resultantes desse fato são inumeráveis. Havia casos em que não se encontrava onde sepultar os cadáveres por causa da proibição estabelecida pelas autoridades dogmáticas. Era como se os mortos lhes pertencessem. Por outro lado, a Lei estabelecia que os mortos tinham de ser sepultados nos cemitérios.

La Luz fez eco aos inumeráveis incidentes provocados por essa situação. Havia casos verdadeiramente singulares. Um deles é descrito. Trata-se do parente de um espírita. Desejava-se promover um processo judicial contra o clero por haver proibido que os restos mortais do morto fossem depositados em um nicho de sua propriedade, no Cemitério de San Ginés.

Nessa pugna andavam as coisas quando, em uma reunião mediúnica, à qual estavam presentes os litigantes, o espírito do morto se manifesta aconselhando:

— Proíbo terminantemente a meus filhos e amigos que estabeleçam demanda contra um homem que apenas cumpriu com seu dever. Não é ele que me deixa em minha antiga casa, fui eu que abandonei por minha livre vontade as Igrejas e seus sombrios cemitérios. Se em meus últimos anos de vida nada quis dos vigários de Cristo, se estando vivo os deixei, por que pretendeis que eles me queiram morto? Não compreendeis que isto não é justo?

Outro caso também interessante e que hoje parece conto-da-carochinha, sucedeu da seguinte maneira:

Um livre pensador faleceu e, em seus últimos instantes solicitou que não lhe dedicassem nenhuma cerimônia religiosa, visto ter-lhes sido contrário durante sua atividade pública.

Cumpre-se o pedido. Todavia, como seu corpo deveria ser depositado em um nicho que a família possuía no cemitério Católico de Barcelona, os parentes tiveram de suportar os reponsos de rotina e pagar ao capelão para que cantasse no local.

Homem público, o finado atraía um grande cortejo público, calculado em umas mil pessoas ansiosas por ouvir discursos fúnebre pautados pela lógica, com os quais despedia-se civilmente de um amigo que partia. Isto foi, entretanto, terminantemente proibido. Enquanto os empregados quebravam a lousa para introduzir o féretro, começaram-se a ouvir vozes que reclamavam a justa homenagem. Nisto estavam as coisas quando o cura encarregado do cemitério, quis cumprir com sua missão, começando a recitar suas preces. Foi quando um dos presentes gritou irado:

—Como esse homem pode falar e nós não podemos?

As vozes ergueram-se a ponto de provocar uma confusão imprópria em tão solenes circunstâncias. Obteve-se um pouco de silêncio e um dos oradores começou a expressar os seus e os sentimentos de um núcleo de amigos que tinham velado o morto e compartilhado com ele lutas no passado.

Os coveiros, por sua vez, acreditando que a calma voltara, retornaram a desferir golpes na lousa, a fim de abri-la.

Volta a confusão.

—Silêncio!

—Abaixo a Igreja Católica!

—Fora!!! — Soavam ameaçadores os protestos promovendo um estado de tensão bastante impróprio.

Uma voz potente ressumbrando energia obteve a paz e os oradores disseram os seus panegíricos enquanto os demais engoliam sua ira...

—Dentro daquele cemitério parece que estávamos no século XIII. — Foi a expressão de um dos presentes, pintando com rápida pincelada o sucedido.

La Luz faz-se eco do episódio. E tira dele lógicas conclusões. Entretanto, certo dia, se produz uma revolucionária novidade motivada por tal situação. Foi na vigorosa Barcelona, em Tarrasa, dentro das atividades de D. Manuel Vives y Vives, onde se fundou a Sociedad Humanitária de Entierros Civilis, com personagem civil outorgada por autoridade competente. Os objetivos da sociedade "como sucede em todos os países civilizados" — segundo se consigna no Estatuto Social. — são os de, sem fazer questão de credo político ou religioso, nem do mais rico ou do mais pobre, concorrer para a celebração de enterros laicos na forma

mais econômica possível.

Uma junta nomeada pelos sócios se encarregaria de cuidar de todos os trâmites inerentes à sua função a troco de uma módica soma paga mensalmente.

Os pobres, sem recursos econômicos gozariam dos serviços sem efetuar pagamentos. Estas mostras de avanço social encontravam adequada ressonância em La Luz.

Amália começou a sentir-se triste pouco depois de dar começo ao seu trabalho jornalístico. Sua direção não tinha ainda seis meses e seu trabalho era considerado justo e castiço. Um dia, sentindo-se mais meditativa que de costume, subiu à varanda e se pôs a escrever. O tema que surgia de sua pena era vazado em pura melancolia. Ali se achava quando Eudaldo entrou. Era o amigo e o médium de confiança. Mal o rapaz tomou assento junto à jornalista, caiu em transe. E ao influxo da inteligência que o dominava disse:

— Amália, não estranhes a emoção que sentes: são os meus fluidos que te envolvem. Depois que te tiveres acostumado a eles, ao invés de dar-te tristeza te proporcionarão alegrias. Necessitas de alguém que te auxilie em teus trabalhos. Não bastará a inspiração que recebas, nem as instruções que te dão indiretamente nas sessões. Necessitas mais ainda. Como cada qual tem o que é de imprescindível necessidade, de hoje em diante, sem dia determinado nem hora fixa, quando tiveres que redigir algum artigo que te pareça de maior importância, chama o médium e eu te darei as explicações que te sejam necessárias para que tua tarefa se torne mais fácil.

Era o Padre Germán, Seu bom amigo espiritual, conselheiro e consolador de dores, o instrutor de todos os problemas, nos quais necessitava do conselho de seu associado no Além.

— Como ensino e para recreação de teu espírito, — Continuou a presença imponderável. — ditarei alguns capítulos de minhas memórias

Essas memórias, uma vez ordenadas, em fevereiro de 1900 e logo postas em capítulos e lançadas por La Luz, constituem uma leitura

apaixonante em que se destaca a vida exemplar desse simples cura que soube fazer de sua missão eclesiástica um apostolado do bem e do amor ao próximo.

Com este impulso, esta maravilhosa proteção, Amália pode redigir, em 1884, dez artigos refutando conceitos de um clérigo pertencente às Escolas Pias: Francisco Sallarés, pronunciados em uma série de conferências feitas na Catedral de Barcelona e nas quais combatia O falso sobrenaturalismo da seita Espírita. As notas foram publicadas no jornal El Dilúvio e em La Luz.

O capelão, Francisco Sallarés, esculápio, ao ler os artigos refutando seus sermões, publicados na Quaresma, dirige uma carta ao diretor de El Diluvio dizendo-lhe que nas ditas notas haviam publicado uma série de inexatidões, de modo que ao invés de por a coberto a pureza doutrinária de seus ensinamentos, desautorizava-os e destruía-os sem mais discussão.

Amália aproveita a conjuntura para iniciar na edição de La Luz de 17 de julho um novo ataque contra a publicação in extenso da carta do sacerdote e a continuação que ela enviara em contestação. Nesta dizia entre outros argumentos: "Os membros da Igreja Católica romana só provocam as escolas filosóficas no interior de seus templos onde ninguém pode contestá-los. Mas na imprensa, os sacerdotes católicos emudecem, dão evasivas, ou, se chegam a escrever algum livro, é quando já se passou o momento oportuno, quando se esqueceu o assunto em pauta, como sucedeu a Manterola com o seu Satanismo".

Faz valer, na mesma situação dos seus direitos de argumentar publicamente em uma discussão que se havia proposto, visto desmerecer o ideal por ela sustentado.

No número de 24 de julho de 1884, a revista, sob o título de Impressiones en la catedral ao ouvir o Padre Sallarés refutar o Espiritismo, inicia uma série de cinco artigos que finalizam na edição do número de 21 de agosto.

O tom com que se expressa Sallarés não difere dos outros quanto à originalidade. Basta extrair um parágrafo para ter-se uma idéia da inflexão que serve de base ao seu sermão.

— "A imerecida voga do Espiritismo, — Diz Sallarés. — deve-se a que o povo é destituído de fé. Por isso Lúcifer, aproveitando-se da ocasião

quer tomar a si os incautos, proclamando o Espiritismo como uma novíssima religião quando, em verdade, é de caráter demoníaco. Os fatos maravilhosos, verdadeiramente sobrenaturais, que pertencem à influência de Deus são a de deter o Sol, pedida por Josué, dar a luz aos cegos e agilidade aos paralíticos. Isso não fazem os fenômenos espíritas. Logo, suas demonstrações não são de Deus".

Amália não tem dificuldades em por abaixo os argumentos tão tolos, próprios de uma paróquia acostumada a não pensar. Nesse mesmo ano, uma década depois do aparecimento da revista, D. Juan Torrents cede-lhe a propriedade de La Luz del Porvenir, que já tinha vida assegurada. A publicação cobria seus gastos e gozava de alto prestígio em todo o âmbito espírita de fala espanhola. No número de La Luz del Porvenir de 23 de fevereiro de 1884, traz uma Advertência importante. Imediatamente surgem os títulos de face, noticiando o fato.

Não pode fazer menos a diretora, na ocasião, além de dedicar, com traços emocionados e sinceros, o editorial subsequente, intitulado-o com a simbólica frase Una deuda de gratitud, dedicada aos fundadores do semanário espírita La Luz del Porvenir como só ela sabia fazê-lo.

Tece a história de sua trajetória jornalística e deixa selado seu profundo agradecimento a Llach e a Torrents, que foram os que possibilitaram materialmente uma tão descolorida atuação, qual a sua, ao criar destemerosamente a revista que permitia irradiar sua Luz no mundo de sombras, de dores e de pobreza.

Desde então a revista já não conservava aquele conhecido pé de imprensa que selara, até então, o esforço tipográfico de Torrents. Os números seguintes vêm com endereço: Imprensa de Cayetano Campins, Calle Sta. Madona 8 e 10, Gracia. Em 1885, fevereiro, durante um lapso motivado pela Quaresma, outro sacerdote e novamente na Catedral Basílica de Barcelona, o Padre Fita, famoso orador sacro da Companhia de Jesus, inicia um outro ataque ao ideal defendido valentemente por Amália.

Em nove artigos a tenaz andaluza rebate um a um os conceitos do sacerdote.

Estes são publicados em El Diluvio. A tônica dos ataques ao Espiritismo por parte deste sacerdote, — para o qual Amália não deixou

de chamar as atenções, particularmente pela sombra de Ignácio de Loyola, — como sucedia a todos os oradores de púlpito, estavam concebidos, como sempre, no pilar satânico.

É preciso mencionar-se também os artigos de La Luz, feitos sob o título de Comentários sobre los sermones del Padre Fita.

De início a diretoria pede desculpas a seus leitores por tratar ali de assuntos tão áridos e que não eram de seu gosto. Tomava tal medida a pedido de um grande número de ilustres amigos que haviam lido, *El Diluvio*.

E o parágrafo síntese, no qual pode resumir-se a eloqüência inspirada da diretora, lê-se, textual e eloqüentemente:

— Uma das grandes debilidades de que sofre a religião romana, é a de apresentar-se como única possuidora da verdade, a dispensadora de todos as mercês, querendo aparecer como a libertadora da Humanidade, quando foi, e será, a dominadora absoluta do livre pensamento.

De tudo isso surge um fato lisongeiro, que Amália reconhece e não deixa passar. Essas polêmicas a obrigam a prover-se de dados, que distribui em caudais e a estudar constante e febrilmente, aumentando seus conhecimentos, dando vôo a seu tremendo e sempre crescente afã de saber mais e mais.

Tanto êxito obtiveram os artigos de Amália, opondo-se ao ditirambos de Sallarés e Fita, que seus amigos de Cienfuegos resolvem editar, com os artigos, um folheto que intitularam: *Impresiones y comentarios sobre los sermones de un escolapio y un jesuita*.

Escorando a tarefa da difusão espírita em Barcelona, havia um periódico mensal denominado *Revista Espiritista — Diario de Estudios Psicológicos*, fundado em 1868 e dirigido por D. José Maria Fernádes Colavida. Era esta uma revista de 28 páginas, portadora da colaboração de homens eminentíssimo no ramo das ciências e dotados de capacidade mental digna da maior imprensa. Seu material era copioso e sem desperdício de espaços, na defesa e divulgação do ideal que haviam

abraçado, destacando-se artigos de Mateo Arnaldo e Manuel Navarro Murilo, nomes celebrados nos arraiais filosóficos e dos quais a revista Argentina Constância publicou alguns trabalhos naquele tempo.

D. Fernánides Colavida era um grande amigo e admirador de Amália, — admiração, aliás, — que era recíproca. Tivera vida difícil, cheia de reveses, mas soubera superar a adversidade e aderir à causa espírita, à qual dava todos os seus melhores esforços com ardor e consciência; No dia 3 de dezembro de 1880 passou à posteridade. Muito cedo, na manhã desse dia, Amália recebeu a notícia de que Fernánides expirava. Quando chegou ao pé do leito do amigo este... já não respirava o ar deste mundo.

Amália enviou telegramas a Llach e a Vives que se encontravam fora de Barcelona. Reuniu-se aos correligionários e manifestou seu desejo de dizer algo a respeito da morte ante o túmulo que se abria para receber em seu seio o grande amigo.

Em Barcelona os preconceitos sociais, os convencionalismos da cúria não permitiam que as mulheres fossem até o cemitério nos sepultamentos. Além disso, como Fernánides fora em vida um homem muito modesto e pouco amigo de exteriorizações demasiado aparatosas, alguns correligionários convieram em que Amália não devia fazer aquilo que lhe passava febrilmente pela cabeça.

No dia seguinte chegava Llach, que deixara tudo a fim de participar das homenagens prestadas ao querido mestre barcelonês. Com seu bom tino e autoridade de sempre, dirigiu-se a Amália perguntando-lhe:

— O que pensas fazer?

— Desejo acompanhar a Fernánides — Respondeu ela emocionada, acrescentando: — Os amigos de Barcelona dizem que não fica bem, as mulheres acompanharem os féretros ao cemitério.

— Pois eu te digo, — Interrompeu D. Luis. — que não apenas tens a obrigação de ir mas também a de escreveres uma poesia para ser lida ante o que foi o nosso grande amigo.

A hora do enterro, feita a poesia, sabedoras de que Amália integraria o cortejo, várias damas se juntaram ao grupo, tomando idêntica deliberação.

Junto ao túmulo, Amália leu o seu poema. E um golpe a mais se dava nos convencionalismos da Espanha católica, soberba pela força de seu clero, disposto a impor sua vontade a qualquer custo.

Os diversos pedidos de auxílio em dinheiro, destinados aos necessitados, permitiram a diretora de La Luz publicar em suas páginas que pudera repartir entre os pobres, desde 26 de abril de 1881 a 8 de abril de 1891 a parcela de 9.272 pesetas e 35 cêntimos com os quais enxugaram-se muitas lágrimas, consolaram-se a muitas viúvas e deu-se pão e abrigo aos pobres órfãos necessitados de tudo.

Com respeito ao dinheiro que recolhia, há episódios muito pitorescos. Um deles é relatado pelo grande pensador argentino D. Cosme Marino em sua obra *El Espiritismo en la Argentina*.

Amália havia começado a colaborar na revista *Constância* desde a época do aparecimento de *La Luz* (1879) e continuou mandando seus artigos até o fim de seus dias. Sua última colaboração foi inserta na revista *Argentina* em junho de 1909, dois meses depois do falecimento da autora.

Em vista da tarefa que a infatigável jornalista realizava em favor dos desvalidos, a comissão diretora da sociedade *Constância* concordou em pagar-lhe uma mensalidade de cinquenta pesetas.

Ao agradecer a Marino a contribuição da sociedade por ele dirigida, escreveu Amália em sua missiva:

"Não podes imaginar (Amália costumava tutear todos os seus amigos) quão grande é o auxílio que me dão os argentinos com esse pequeno punhado de pesetas. Deves saber que eu vivo e me sustento sempre confiando na Providência e se alguém existe sem que seu pecúlio se ressinta de algumas pesetas por dá-las a fim de manter a causa abraçada, este não sabe o que seja dar, pois toda a sua vida está concentrada em tomar".

Em outras cartas dizia a D. Cosme Marino:

— Eu vivo na esperança da providência. A Providência é muito mais poderosa e benéfica do que eu podia imaginar quando, pela primeira vez e à falta de tudo, assentei-me para escrever em favor da difusão da causa espírita. Agora o dinheiro me chega de toda parte, não com muita regularidade (assombra-te) mas sempre com uma oportunidade tão exata que não posso deixar de crer que estou muito protegida pelo mundo

espiritual".

Devido a um momento de necessidade premente que devia desequilibrar as finanças de Constância, torna-se necessário suprimir o pagamento endereçado a Amália. Marino decide, por sua conta, apelando através da revista aos muitos amigos de Amália, realizar uma coleta em benefício de sua obra. Ao término de um mês conseguia-se reunir mil e trezentas pesetas. Aconselharam Marino a remeter a soma. "Conhecendo-se a "mão aberta" de Amália, pediu-lhe que não excedesse na partilha com seus pobres e pensasse um pouco nela e em seus olhos afetados.

A andaluza, que vivia permanentemente nela, responde que a medida era judiciosa: mas que não garantia o seu êxito. Pedir-lhe que não desse ao necessitado quanto em seu bolso havia, era como dizia ela, gracejando pedir "peras ao olmo".

O grande prestígio de que gozava Amália pode ser demonstrado pela segunda coleta que Marino promoveu. Por esse tempo Amália já se encontrava muito mal de saúde. A campanha rendeu três mil e seiscentas pesetas. Uma secção quase permanente na revista espanhola, levando por título Dinheiro para os pobres, conclamava seus leitores à contribuição para o amparo dos desvalidos. Amália administrava minuciosamente cada peseta, cada cêntimo, dando periodicamente conta do que recebia e do que ia distribuir descrevendo como fora feita a dádiva. Muitas vezes lia-se ao finalizar esses informes, frases lapidares que eram um verdadeiro chamamento: Despertando as atenções: É preciso que nada permaneça nas caixas-dos-pobres.

Um singular pedido está impresso em vários números do ano de 1892: Subscrição permanente para um mártir do Espiritismo, e em um dos informes se lê: Suplicamos encarecidamente aos espíritas que não esqueçam um "mártir do espiritismo". Para muitos a dádiva não chega a ser um sacrifício e faz-se uma obra de justiça atendendo a quem podia nadar na abundância e que, para não trair a seus ideais, hoje se vê reduzido à miséria. Cumpramos com o nosso dever e faremos um bem a quem honra nossa escola filosófica.

Todavia sua ação, com este objetivo, não se circunscrevia apenas a solicitar subscrições aos amigos. Quando nada existia na caixa-dos-pobres recorria aos muitos e valiosos presentes que lhe chegavam de seus

inumeráveis admiradores, agradecidos e beneficiados espiritualmente. Convertidos em dinheiro, circulava o produto aos quatro ventos da necessidade.

Muitas vezes, acabrunhada pela dor, na veemência de seu temperamento ardente, queixava-se de sua sorte e da miséria que a oprimia. Nesses estados d'alma, partia pressurosa para o hospital de Santa Cruz. Ali fazia exames de consciência. Ante a dor, a desventura dos internados, sentia lenitivo para a sua angústia. Percebia que blasfemava ao queixar-se de seus males. Buscava o exemplo mais patético de dor e, ante o quadro, se inspirava para dizer:

—Em minhas visitas aos hospitais aprendi a conhecer a justiça de Deus e me convenci da inferioridade de meu espírito. Ali me senti muito pequena e muito grande ao mesmo tempo.

—Que falta de sentido, não é certo?.. Não tem explicação possível à linguagem humana para o que senti junto ao leito de um enfermo na sombria sala de um hospital.

Às vezes sente a sua cabeça como que vazia. À sua pena falta a devida agilidade que é necessária para redigir um texto apropriado; ressentem-se por não dar respostas adequada a certas perguntas filosoficamente mais profundas, que surgem acerca da interpretação primeira dos fenômenos do espírito, partidas de um indagador profano.

Em sua literatura, espontânea e fluida, se nota por vezes a falta de altura filosófica de que não dispõe a pena hábil, exercitada em tais especulações. Entretanto pode-se perceber sem esforço quando Amália apela aos exemplos vivos, às circunstâncias nascidas dos acontecimentos diários, glosando com habilidade e destreza. Alcança o exemplo e oferece um exemplo que serve para todos.

—Como se apresentam os espíritos?

—Como são percebidos?

—Como são ouvidos?

—Mostram-se claramente?

—São bonitos ou feios?

E por ai afora. Assim complexas, são as perguntas que chegam à sua mesa de trabalho para que as responda sob a medida de cada inquietude com que é formulada.

Então enfoca a lente de sua imaginação em acontecimentos similares promovidos pela vida cotidiana. Procura o exemplo adequado adaptando-o às circunstâncias e, daí, extrai a resposta, a clara e feliz resposta que, das colunas de sua revista leva a conformação a um contingente numeroso de ansiosos e deprimidos.

Quando os recursos não chegam por essa via, apelava a Eudaldo, que recebia as influências do Padre Germano, e elucidava os mais intrincados problemas psicológicos, espirituais ou mesmo de origem material.

Amália não podia albergar o desalento por muito tempo pois quando não vinha o auxílio, chegava a carta humilde do homem comum, do presidiário, do desvalido. Ou a palavra da mulher do povo que dizia:

—Meu marido encarregou-me de felicitá-la em seu nome, pois o que a senhora escreve é o que mais lhe agrada. E a mim também. Eu não sei ler. Meu marido lê a La Luz del Porvenir para eu ouvir. E passamos belos momentos.

Um trabalhador escreveu:

—Levo La Luz quando vou para o campo e, a hora da sesta, leio-a com entendimento melhor.

São confissões plenas de sinceridade. Adesões sinceras, estímulos para quem elegera como matéria de seus escritos precisamente destacar as vicissitudes dos deserdados do mundo.

Por isso dizia Joaquim Dicenta, discursando em uma reunião e propugnando pelo ensino laico nas escolas elementares:

—Segundo o último senso da população, o número de cidadãos espanhóis que não sabem ler sobe à pavorosa soma de 11.945.871. Parece mentira que isso ocorra em um país que se diz civilizado. Essas pessoas possuem todos os elementos necessários para desfrutar dos benefícios da leitura. Têm um cérebro para pensar, uma alma que pode sentir, inteligência e sentimento, o que, em última análise, diferencia o homem dos restantes seres animados. Entretanto, de que lhes serve o cérebro se o deixam tal como a natureza o entregou, sem desbastá-lo, sem exercitá-lo, sem poli-lo, entregue a seus próprios impulsos, fechado, com tríplice

ferrolho a toda idéia e a todo progresso? De que serve a alma se ninguém se preocupa em educá-la?

Nesse cenário é necessário colocar-se Amália para compreender-se a tarefa por ela realizada em condições tão difíceis quais sejam as culturais que, com todo o empenho procurava melhorar valendo-se de seus humildes recursos.

Madri já não era a capital da Espanha e contava com 173.032 analfabetos para uma população de 470.283 habitantes.

Espetáculos de rua, de uma dramaticidade estarrecedora, tal como o que relata em uma de suas páginas, traduz essa lutadora que desconhecia tréguas.

Por uma Calle da cidade, enquanto a neve caía, via-se um menino paralítico, terrificado, lívido, envolto em farrapos. Tangia uma pequena guitarra para chamar a atenção dos transeuntes na esperança de colher uma esmola. O quadro era patético... Um letreiro colocado atrás do pequeno, sentado em um sujo caixote, dizia: "Manuel Gay, órfão de mãe, que, ao vir ao mundo, perdeu também o pai. Ficou paralítico três meses depois de nascer. Tem 10 anos e vive no bairro Sul".

A figura, do menino causava uma penosa impressão. Então surgiu em cena uma formosa menina acompanhada por um laçao vestido de libré, dando a impressão de um desses criados de família muito endinheirada. A menina demonstrava gozar de todos os benefícios e favores da fortuna.

Aproximou-se do pequeno inválido e, compadecendo-se, dirigiu-lhe algumas frases amáveis e deixou-lhe umas moedas tiradas do bolso de seu agasalho, neles recolhendo novamente suas mãozinhas, pois o frio era intenso. A viva menina percebeu que ao garoto não escapara o local em que deixara o seu dinheiro.

Tudo se desenrolava com uma espontaneidade tal, que deixou atônitos aqueles que presenciaram a cena.

Amália respirou profundamente:

— Que quadro a reclamar um bom pincel!

No seguinte número de La Luz, descrevia, com mão de mestra, esta cena, com o comentário sobre o passado espiritual daquelas almas, tudo em estilo tão agradável que de imediato penetrava fundo nas almas de seus assíduos leitores.

Amália era vidente. A sua formação rígida e racional, fazendo pressão em seu subconsciente, impedia que essa faculdade se desenvolvesse em toda a sua plenitude. Sentada um dia junto à sacada de seu gabinete, em perfeito estado de vigília, consciente em todos os sentidos, eis que o panorama real, que se lhe apresentava diante dos olhos, ganha um caráter noturno e uma espécie de Sol esplendente ilumina imensa e solitária planície. Uma dama se torna visível... Rosto formosíssimo, mas de seus olhos desciam abundantes lágrimas, embora em seus lábios se desenhasse um enigmático sorriso. Aproxima-se de Amália e se detém.

Aperta contra o peito um livro preso em uma de suas mãos; na outra traz um ramo de flores secas que, lentamente, iam-se desfolhando. Com o olhar, com o pensamento, Amália indagou-lhe o motivo de sua visita... A visão permaneceu imóvel e muda, todavia em sua testa surgiram duas letras: FÉ. Elas se apagam enquanto a senhora lentamente se faz invisível e Amália lê ainda, em sua testa a palavra: ADEUS! Quando nada mais existe dela, em seu lugar tem a visão de cúpulas de catedrais que se consomem envoltas em um voraz incêndio. Fora ao desaparecer a palavra FÉ que se mostraram as basílicas. É um símbolo que, poucos dias mais tarde, Amália iria ter ocasião de associar a fatos reais.

Em muitas situações tanto a sua pena quanto suas palavras não lhe parecem capazes de oferecer o consolo que ela deseja. Então apelava para um exemplo real.

Clara Ledesma era uma amiga que, segundo ela mesma, "nascera sob uma ruim estrela". Ao vir à luz, sua mãe morreu. A madrasta, que substituiu a ausente em um mísero lar, converte-a em uma mártir de seu mau gênio. Fora ama-seca de uma grande quantidade de pequenos endiabrados que iam nascendo com o propósito, parecia, de tornar mais amarga a sua existência. Quando a ocasião se apresentou, casou-se com um poeta enfermo. Ele procurou dulcificar suas horas conjugais com um amor puro e um inocente romantismo. Mas o pauperismo, cada vez mais agudo, e a chegada dos filhos, não lhe permitiram desfrutar dessa peregrina felicidade que lhe viera furtivamente com o matrimônio.

Um terceiro filho chega e o companheiro parte...

Amália procura consolá-la com todos os argumentos ao seu alcance pois que, agora, Clara era uma viúva dependente da caridade pública.

Urge que inspire à pobre amiga forças para viver.

Bastaria o exemplo em palavras? Clara não podia dar-se por vencida. Carecia retirar sua alma da desesperação. Amália apelou para os argumentos mais racionais:

—Existem mulheres mais desgraçadas do que tu, muitíssimo mais! — Disse-lhe um dia.

A incredulidade que se pintou no rosto da outra foi uma eloqüente resposta. A pobre mulher acreditava ter chegado aos limites da desgraça humana.

—Tu irás vê-las ainda esta noite! — Exclama Amália.

E quando o manto das sombras noturnas envolveu a cidade, partiram juntas a fim de aprenderem uma grande lição do livro da vida. Enveredam por uma rua que se denomina de Ramalleras onde, conforme Amália ia dizendo enquanto prosseguiam, se albergavam mulheres ainda mais desditosas do que ela, Clara.

Alcançaram uma pequena casa, em cujo estreito portal, imerso na penumbra, se reuniam mulheres vestidas de branco, encostadas aos portais, faltas de qualquer noção de pudor, oferecendo o seu corpo aos transeuntes que pudessem e quisessem alugá-los. Amália explica à amiga qual é o destino da meretriz.

—O seu destino é mais triste que os da raça negra. Esta, pelo menos, pode ter as alegrias da maternidade, amamentar o filhinho que guardou em seu seio. A mulher pública deve livrar-se desse fruto, pois que estorva o seu ruim ofício. Se um dia se arrepende e deseja regenerar-se, todas as portas se lhes cerram. Condena-as o estigma da difamação.

— Algumas entidades beneficentes as acolhem, mas sofrem ali os piores martírios. Obrigadas aos mais rudes trabalhos, lançam-lhes à face sua vida passada com satíricos refinamentos de crueldade.

—Não têm nenhuma esperança além do degradante lenocínio. Se adoecem, são levadas a um hospital onde não podem receber visitas, como, aliás, todos os enfermos. E quando a convalescença lhes permite abandonar o leito, são submetidas às irmãs de caridade para se encarregarem dos trabalhos mais grosseiros da casa.

Assim conversando, iam percorrendo o antro da prostituição, modelo vivo do mais cruel e patético quadro.

Amália explicava, tentava convencer...

—Que horror! — Exclamava Clara.

Não deseja seguir até mais longe. Já não pensa mais em lamentar-se. Afinal gozara da felicidade proporcionada por um marido bom e carinhoso, a delícia de ser mãe e ver os filhinhos crescerem; a de sentir-se assistida por almas caritativas que a tratavam "como a um ser humano e não como o faziam àquelas desditosas: pior que os animais...

Viril, enérgica, prática, Amália fazia a sua obra. Observadora atenta da alma humana, aprazia-se em deter-se nas aldeias onde, segundo se dizia: "Oferecia-se à leitura as primeiras páginas da História, analisando os rudimentos da ciência do homem em suas humildes e escuras casas de tosco mobiliário, em torno dos fogões acesos, na vacilante luz das candeias..

Cada um desses quadros aos seus olhos eram como os primeiros passos para a civilização.

Dirigia-se um dia para a Província de Múrcia, onde se celebrava a festa dos Reis, denominada El Cabezo de Torres. Na pequena praça, Rambla, vê-se chegar primeiramente o anjo, um rapazinho caracterizado com absoluta falta de arte. Montado em uma égua se detém no meio da praça e recita um desabrido monólogo ante a multidão apinhada à sua espera.

Os habitantes do lugar abandonam suas casas nas montanhas e se dirigem pressurosos em bandos, para o cenário central. Uma salva de tiros no ar anuncia a chegada do mensageiro. Tudo é rústico, esteticamente pobre e denotando imenso mau gosto.

Aquele aparato, impregnado por um misticismo sui generis, fez a própria Amália estremecer. Era afinal dotada de uma alma sensível a toda a revelação intimista. Ela via se ressaltar em todo esse rude aparato, nessa paródia que, no fundo, era um modo de recordar, a tradição religiosa daquele povo, uma primitiva e ingênua concepção de tudo quanto se relacionava à fé.

Alguns atores montados em boas cavalgadas, representam, de lamentável maneira sua admiração gaiata, na qual surge, ridicularizado, Herodes. A comitiva se dirige para a igreja, na qual culmina a pantomima girando em torno do Adorado Infante.

O estro de Amália, vibrando em todas as manifestações do espírito,

embora as manifestações assistidas fossem tão rústicas e pobres, soube compreender. E ela escreveu:

— O culto é prestado a Cristo, não importa a forma. Tem sempre algo que fala ao coração e essa festa também o tem. Pobres habitantes das aldeias. Eu quisera que cada dia de vossas vidas se multiplicassem e valessem a cifra de um ano, para que pudésseis render culto a Deus sem a necessidade de mascaradas. Assim veríeis a Jesus o regenerador dos homens e seguiríeis Sua santa doutrina, sem se valerem do ridículo.

Todo tema de atualidade tinha para a grande jornalista motivos que podiam ser balizados na doutrina que abraçara com tanto afinco.

Para sua pena inquieta, essa atividade vivaz, que não necessitava recorrer às palavras altissonantes para ser incisiva, que não atacava demolindo sem o cuidado de construir em seu lugar, lhe servia. Procurava sempre exemplo nos mais complicados aspectos da vida humana, onde seu enfoque afinado se enquadrava doutrinariamente.

Os dramas mais angustiosos, a ralé humana se arrastando pelo lodo e as cinzas das paixões, cabiam nas medidas morais de suas glosas; tomando sempre os preceitos programados pela ciência da alma, que sabia proclamar e aplicar adequadamente em cada caso.

Quando o detalhe minucioso fazia falta, relacionando o fato ao passado, recorria ao assessoramento do Padre Germano, seu valioso conselheiro do Espaço, o qual lhe permitia compreender o fato ocorrido.

La Luz em seu número de 30 de novembro de 1882, por exemplo, traz um artigo distribuído com um suelto publicado no periódico La Montana, no qual é relatado um cômico episódio decorrido em razão de uma polêmica pública entre um cura e um espírita.

Tudo sucedeu em Miralles.

Um predicador, por nome José Alsina, descreveu em um de seus sermões, um relato de como decorriam as discussões com os espíritas. Um ilustre homem do lugar, D. Diego Riera, tomou a si os insultos. O cenário foi a própria praça pública da vila, à qual acudiu uma imensa multidão para ouvir a singular polêmica.

Diz a crônica de um periódico imparcial daquela região, que o primeiro orador, o senhor Riera, foi ouvido com muito silêncio e suma atenção, sendo interrompido apenas pelas salvas de palmas, justificadas por seus

conceitos sábios e justos com respeito a Deus e Seu sublime poder.

Quando tocou ao sacerdote falar, este empregou tão grosseiros e frouxos argumentos, que o público o seguiu com um "bum bum", murmúrios e ruídos cômicos.

Não parou aí a coisa. Um asno que se encontrava por perto, bebendo água no poço da praça, começou, em meio à peroração do sacerdote a "soltar bramidos tão fortes e desaforados que provocou o riso geral

— Será algo de semelhante à burra de Balaão, — Comenta Amália risonha no parêntese que abre na Luz del Porvernir! — essa inesperada circunstância e que, no entretanto, se desenrolou no cenário em que deviam enfrentar-se os dois homens, rivais em idéias, os quais tinham lanças em riste contra a ignorância e a intolerância?

Em certo número, a cremação é o motivo de suas cogitações. O artigo publicado em O Imparcial, devido à valiosa pena de D. Ceferino Treserra, serve-lhe de intróito quando, ouvindo a frase defuntorum quieti et solarium sacri, resolve-se abordar o delicado assunto.

— Entrai à noite em uma dessas grandes cidades da morte... — Amália copia de Treserra. — Quantos ruídos e murmúrios. Tudo ruge, tudo ressoa, ouvem-se golpes acompanhados de guinchos, passos sobre a areia, ecos que parecem suspiros.

Não são os misteriosos murmúrios do silêncio. Aquele tropel de seres que se agitam, caem, chocam-se entre si, não são tão pouco a obra de vossa imaginação exaltada. Certamente há ali motivos naturais para que se ouça toda a sorte de ruídos. É uma imensa população que trabalha incansável: um imenso laboratório químico em ação... Exércitos de roedores desmontando ataúdes e abrindo frestas. Mil germens de larvas incubando nos cadáveres que, mais tarde, irão saciar sua fome voraz. A terra, empapando-se de sucos, os sucos exalando gases, sais reagindo contra sais, o ar se escapando pela cavidade e o hidrogênio e o fósforo se inflamando. Tudo ali é movimento e ruído. Não a quietude dos mortos.

Este artigo de Treserra posto no laboratório da observação de Amália, é analisado sob a lente espírita, dá ao leitor excelente material para reflexões.

O aparato religioso, com suas teatrais representações, dava-lhe sempre assunto para artigos que surgiam rutilantes de sua pena. Assim ela

cumpria, cada quinta-feira da semana, com a obrigação de prover a leitura de seus muitos admiradores. Captava episódios religiosos nas cidades da Espanha que visitava e onde o fanatismo religioso fora entronizado. E se inspirava para nova crônica. Punha em destaque a atitude das mulheres que, não contentes com o orar nos suntuosos templos, saíam à rua, em grupos, rezando o monocórdico ora pro nobis.

O exame da reação de Amália ante esses espetáculos oferece uma avaliação do valor e da coragem dessa pioneira ideal, que cometia a heresia de fitar de frente os acontecimentos que não podiam nem ao menos ser discutidos.

Muitas vezes, ao entrar nessas cidades tão pouco evoluídas e sufocadas sob o predomínio de um clero conservador e prepotente ocorria-lhe que... "anos antes, a qualquer momento, eu poderia estar sendo arrastada à sombra fria e obscura dos cárceres de Felipe II e de seus fieis Inquisidores".

Um dia chamou-lhe a atenção um curioso acontecimento. Em um desses templos seria celebrada missa dedicada às almas. Ao findar a mesma, seria cantada a "aurora dos mortos". Com a atenção aguçada pelo anúncio dirigiu-se ao templo onde ouviu, ao findar a cerimônia, na penumbra do recinto imponente, junto ao altar da Virgem, homens do povo que cantavam acompanhados pelo som mais ou menos rítmico de uma sineta. Era um canto especial, espécie de ação-de-graças e prece combinada, pausada e monótona que se foi elevando cadenciosa e gravemente, amortecendo o conjunto coral. A imaginação de Amália retrocedeu há vários séculos atrás: Acreditou-se transportada aos antiqüíssimos pagodes, encravados no seio das montanhas e refletia:

"Aquela sineta tocada com certo gosto e maestria fazia-nos crer que estávamos diante dos primeiros povoadores da Terra. A cena não pertencia a este século. O ruído da estrada-de-ferro, que ainda não havia estabelecido estação na cidade, abafaria o da sineta. Existe algo de incompatível entre ambos."

Sintoma mais do que evidente de que a mentalidade daqueles homens, que em nome da religião católica apregoavam seu credo nessa Espanha nascida na distância imensurável do tempo e que se desejava impor a todo o custo, pode ser verificado na descrição de um conto publicado em uma

revista católica de Barcelona e que La Luz del Porvenir comenta como uma amostra singular de estupidez:

"Excelente aviso dado pelos anjos a um ladrão" e o seu texto:

"Nossos anjos benditos, inclinados à compaixão, para imitar o Padre de Ias Misericórdias, se convertem algumas vezes em executores da justiça divina contra a alma endurecida que a insulta. O Senhor perdoa com muito mais freqüência do que castiga, pois a vida presente é o tempo da graça. Mas quando, em seus inescrutáveis juízos, oprime o pecador, seus açoites se manifestam de modo terrível e, sem nenhum alívio.

"Refere o Padre P. Marin em sua obra, "Vida de los Santos", Livro 3.º, Cap. 14, que um ladrão que roubara duas ovelhas a um pastor, foi acusado e, querendo justificar-se do crime que se lhe atribuía, consentiu em seguir seu acusador até o sepulcro de S. Eutímio que havia sido abade de um monastério perto de Jerusalém e era muito venerado por toda a comarca, mercê de suas virtudes e dos milagres que se realizavam junto ao seu cadáver.

"Sem o menor escrúpulo, o ladrão tomou por testemunho a Deus e a seu fiel servo, jurando várias vezes que não havia roubado as duas ovelhas que dele reclamavam.

"Ninguém se atreveu nem sequer a suspeitar que fora perjuro e assim foi que o deixaram em liberdade. Mas, eis que estando sozinho durante a noite, e tendo as portas perfeitamente cerradas, se abriram de súbito por si mesmas, dando passagem a um venerável ancião, acompanhado por outros cinco personagens, rodeados todos por uma viva luz, que inundou de claridade o aposento como se fora um meio dia de Verão.

"Eram S. Eutímio e cinco anjos de Deus que aplicaram tremendo castigo ao perjuro. O santo ancião, adiantando-se até o ladrão e lançando sobre seu rosto um olhar severo, disse-lhe com grave acento:

"— Infeliz, como tiveste coragem para levar a cabo uma ação tão criminosa sobre o sepulcro de um velho?

"Entretanto o ladrão, dominado pelo terror, emudeceu sem saber o que dizer. Em seguida se aproximaram do infeliz quatro dos anjos benditos que acompanhavam S. Eutímio e se apoderaram dele e enquanto o subjugavam pela força, o quinto anjo desferiu sobre seu corpo tão repetidas e vigorosas varadas, que deixou o ladrão inteiramente coberto de

sangrentas chagas.

"Logo depois do castigo de açoites, o santo ancião tomando-o pelos cabelos acrescentou:

"— Então? Por ventura ignoravas, vilão, que Além, no Céu há um Deus que sabe castigar os crimes mesmo nesta vida? Em breve te arrancarão a alma. Dize-me o que hás adquirido de ruim maneira na Terra. A quem deixarás? O Senhor te castigou de modo tão severo para que sirvas de exemplo aos demais e para que não só evitem o perjúrio mas também não jurem e não dêem testemunho da verdade sem que haja necessidade premente e absoluta.

"Horrorizado ao ouvir estas palavras e não podendo suportar a dor das chagas abertas em sua carne, o desgraçado rogou por auxílio e suplicou que o levassem ao local onde estava sepultado S. Eutímio. Ali, prostrado na presença dos religiosos, confessou publicamente o seu crime e mostrou o seu corpo tão horripelantemente ferido, o que a todos inspirou a mais profunda compaixão. Pediu humildemente perdão e, derramando lágrimas de dor por seus pecados, mereceu, pelo seu arrependimento, a graça do Senhor que não queria perdê-lo, pelo contrário, salvá-lo, castigando-o maravilhosamente com a intervenção dos anjos benditos, executores de sua reta justiça.

Foi preciso trasladá-lo prontamente para sua casa, onde não tardou a dar o seu último suspiro, depois de haver purgado suas faltas de um modo exemplar e proveitoso para a sua e as almas de seus irmãos".

— Não é verdade, — Começa Amália em seu pertinente comentário. — que é altamente irrisório semelhante conto!? Não é certo que os santos padres da Igreja comparam Deus com um cruel tratador de bestas de carga e que como bestas de cargas aos homens? De onde vindes espíritos tão atrasados a ponto de forjardes um Deus mais cruel que um homem brutal aqui desta Terra, onde já existem sociedades protetoras dos animais? E manda, para castigar o culpado, um anjo, um puro espírito munido com uma vara de freixo a dar lambadas e garrotear a fim de dar por terminado o assunto?

"Já se passou essa época de obscurantismo e barbárie... Despertai! Estais sob o efeito de um narcótico letal. Os dias se sucedem mas não se parecem: cada segundo leva consigo uma partícula de ignorância. Não

tentais vos opordes à marcha do tempo, pois que este é imutável e vossos esforços serão vãos, vosso empenho inútil. As cadeias se rompem onde irradia o Sol da Verdade.

Assim, nesse tom de admoestação, seguro, sem hesitação ou agressividade, continua Amália o seu comentário, lavrado sem superioridade ou ironia, dirigindo-se aos espíritos humanos, envoltos na bruma do fanatismo e da intransigência e que apelam para pueris conselhos, ridículos mesmo para a mentalidade infantil, embora desejem dar uma idéia da Justiça Superior.

Nos escaninhos da alma da grande andaluza há inesperados recursos que a definem como uma personalidade dotada de mil facetas. Confessa-se, com ênfase e orgulho uma racionalista e prefere o materialista por sua eloqüente e altaneira sinceridade àqueles que ocultamente e por rodeios, revelam seu espírito deterioradamente religioso. Não se mostra favorável aos místicos que exibem sua ideologia por arremedos.

Quando as tardes caíam, recordando o que dissera o mestre de Nazaré, elevava ao Alto suas preces, rogando assistência ao mundo espiritual, na solidão de seu quarto. Quando sua alma vibrava fortemente depois de experimentar o diapasão do compadecimento ou da alegria, tomava sua caneta e gravava suas impressões. E, se exaltada, sua imaginação, sua vontade, seus desejos levavam-na a um transporte e deste ao mundo espiritual. Foi nesses transes que obteve as comunicações do Padre Germano.

Era um espírito de eleição, capaz de dissipar dúvidas, dar conselhos, sugerir soluções e explicar o que parecia enigmático.

Ao retornar ao seu estado normal, ali estavam as folhas carregadas de grossas e apertadas letras, compondo o próximo capítulo para a sua exigente revista. Não se sabe se Amália alguma vez namorou a Glória, se ergueu os olhos para as estrelas da celebridade, suspirando por conseguir um lugar, por pequeno que fosse, no grande mundo literário. As páginas de La Luz foram testemunhas de suas inquietudes, porém nada aclara neste sentido. Muitas trazem trabalhos em números consecutivos, tendo o

caráter de uma novela, ou de um conto.

Entretanto o seu espírito de análise, seu sentido crítico, agudo, na observação dos homens e da vida, teve exemplos por lições, como se ela estivesse desejosa de não se desviar da senda na qual as circunstâncias a haviam colocado particularmente, com destinação bem definida.

Admirava fervorosamente a um grande escritor; lendo-o percebia que se tratava de um espírito amplo, de alma generosa, sábia e digna das maiores considerações. Um dia veio-lhe o desejo de conhecer pessoalmente esse ídolo. Ao lograr seu intento, viu cair por terra, estrepitosamente, o castelo em que o colocara imaginariamente. No interior de seu lar, o artista da pena era um ególatra insuportável, que fazia tudo ao seu derredor ruir aos golpes de sua celebridade. Sua digna esposa, longe de ser considerada como a boa e abnegada responsável pela virtude e estabilidade do lar, — função que, por bem da verdade é preciso dizer que ela a realizava na medida das regras estabelecidas e exigidas, — sofria a prepotência do "ídolo"; padecia a triste resignação, da pobre Gata Borralheira.

Em outra ocasião, — Talvez levada sem se dar conta pelo Mundo Espiritual. — teve um encontro pessoal com um poeta laureado, objeto dos aplausos dos seus admiradores. Sofreu então outra e séria decepção que feriu sua alma íntegra, terna e amante da sinceridade. O poeta, que dizia facécias àqueles que não se ajoelhavam aos seus pés, riu-se da simplicidade do povo fiel a Amália, à qual chamava... "Tan poco cosa". Ela então compreendeu que o meio em que devia laborar não era aquele. Não acreditava que a literatura pudesse se tornar um mero veículo para servir à vaidade humana ou uma exposição de virtuosismo para enfeitar um cenário vazio.

A vida de Amália era pontuada de sérios problemas. Via na literatura um elemento propício para educar tanto o desprevenido homem como a massa humilde. Especialmente a esta, — Porque sua condição não lhe permitia ouropéis e plumas. — se dirigia o seu maior interesse. Visitava os antros, ouvia os problemas que lhe descreviam, anotava a mentalidade daqueles que defrontava e que, quase sempre, eram impermeáveis aos complexos jogos prosódicos.

A mulher, — Meta prioritária de La Luz. — era quem mais necessitava

desse esforço educativo. Para tanto sua diretora recorria por vezes ao auxílio dos filósofos e pensadores, para levar a cabo eficientemente sua delicada tarefa. É assim que coleciona os artigos de Concepción Arenal, glosando aspectos que correspondem a uma acertada pintura da mulher de sua época, valendo-se de seu livro "La Mujer del Porvenir".

As idéias de Amália não diferem das opiniões de Arenal quando esta reclama para a mulher todos os direitos civis, de modo a que tenha habilitação para exercer as profissões que não repugnem a sua natural fragilidade. Reclama o direito ao carinho e os que foi estabelecido pela natureza. Recusava a dependência apoiada em leis injustas, em costumes imorais ou absurdos a pobreza ou a miséria de quem não tem meios de ganhar sua subsistência. Quer a independência, a dignidade, a liberdade moral digna de um ser racional e responsável, embora reconheça que a felicidade da mulher não está na independência e sim no carinho. Conforme ame e é amada, assim cederá seus esforços para comprazer ao marido, ao pai ou aos filhos. Propugnava a grande escritora espanhola pela docilidade da maternidade. Para ela a mulher devia ser uma doce mãe, uma doce companheira e filha, antes de tudo; sua missão é uma espécie de sacerdócio. Ela tudo encherá com o amor de seu coração e com as faculdades de sua inteligência.

Reconhece Arenal que, até então, não fora concedida à mulher uma liberdade mais ampla do que a que era desfrutada pela mulher do oriente, da Idade Média e mesmo à mulher dos princípios do século XIX. Reclamava que lhe proporcionassem uma educação pertinente e que lhe permitissem usá-la devidamente. Assim, pois, — Segundo continuava sustentando Arenal com a aprovação admirativa de Amália. — seria uma verdadeira companheira do homem pois, se foi falha a sua educação, como as companheiras dos homens ignorantes dos séculos antigos, não o poderia ser do homem mais evoluído desta época. Se não houver a comunicação de idéias, como poderá haver de sentimentos?

Reclama também e vibrante glosa a abolição de todas as diferenças caprichosas entre os dois sexos, bastando as estabelecidas pela natureza, que só se baseiam no caráter. Por isso sustenta Arenal que na vida social devia estar representado o seu sentimento e admitida a realidade de suas reivindicações.

Esta iniciativa está a cargo da mulher obter, principalmente para que possa conduzir os costumes, a opinião e, portanto, as Leis, um elemento que muitas vezes lhe falta. Sem negar a razão de seus direitos, considera que a mulher pode também exigir os direitos do coração. Dizendo isso, prova que há casos e questões, nos quais um "Ai!" seria um argumento e uma lágrima um protesto.

Anhela para a mulher o avivamento de seus sentimentos religiosos, por meios que estejam em harmonia com a evolução da época, em que já não se impõem crenças por autoridade, nem são obrigadas pelo martírio. A caridade e a razão, — Sustenta. — devem fortalecer a idéia de Deus. Acrescentando o seguinte: "A caridade está viva, mas a razão está morta para a mulher. É como a história do missionário que ignorava o idioma dos povos a quem ia converter. Urge que se aprenda essa linguagem, que se purifique a sua crença de todas as superstições e, com seu exemplo, se combata a idéia dos que pretendem tornar incompatível a instrução e a piedade, que se multipliquem os caminhos para se chegar a Deus e, sobretudo, que não se faça refletir sobre a religião qualquer descrédito intelectual por parte de quem a pratica."

Doce, casta, grave, instruída, modesta e amorosa, assim Arenal deseja a mulher; e que trabalhe no que seja útil pensando no que seja elevado, sentindo o que seja santo, tomando parte nas coisas do coração, na tarefa do homem e nas questões do entendimento.

Ao transcrever os conceitos do livro de Arenal, parece tê-lo sempre à mão, pois pode ser considerado até certo ponto um norte que a conduzia nas tarefas levadas a efeito em suas atividades levadas a cabo no campo espírita. Desta forma se acende o seu estro e retorna às inquietações pessoais em suas páginas, que se enriquecem de propositadas considerações até compor um editorial a mais para um novo número de La Luz.

"Instruir-se, moralizar-se, engrandecer-se é o que necessita a mulher. — Sustenta Amália. — Pois que a mulher de nossos dias apequenou-se, contenta-se com pouco. Assemelha-se aos primitivos selvagens que se iludiam com as menores bagatelas; seguir o exagerado capricho da moda a enlouquece a ponto de se adornar mesmo que seja com atavios ridículos. Toda a questão é seguir a moda, sem olhar a cor e a forma dos vestidos

que melhor se adaptem à sua figura e a sua idade".

Amália lamenta-se um pouco mais adiante da insipidez dos diálogos sustentados pela generalidade das mulheres. "Falam em roupas, comentam a vida alheia, queixam-se do serviço doméstico e da carestia da vida. Só!" São capazes de falar somente às outras mulheres? Pergunta pungida e sem rodeios: nada de imaginação ativa, sentimentos desbordantes, racionalismo que as elevem da marginalidade comum. São indolentes em se instruir. Adoram os esplendores da ciência mas se assustam com o enorme número de páginas de um livro que lhes é oferecido para que se documentem do que se trata e que as assombra. Têm horror ao estudo, — Diz. — e são favoráveis à educação descuidada, não obstante as conseqüências que urgia evitar, conforme ela ia demonstrando com seu permanente cuidado em favor da dignificação das filhas de Eva.

Amália propõe a necessidade de variar o sistema da educação feminina, que é apenas superficial, conforme os costumes da época. Considera que esse estado de coisas só produz mulheres ignorantes, embora seja tão útil a mulher frívola, que saiba dançar com perfeição e conheça, vários idiomas, tudo exatamente como quem mal conhece o "A, E, I, O, U".

Reclama com justiça que as humildes mulheres do povo, pobres vítimas de um trabalho superior às suas forças, adquiram em sua infância apenas as noções do ensino: Ler e escrever corretamente para que em seus raros espaços possam entregar-se à leitura útil.

"É preciso começar a regenerar o povo, iniciando a educação pelas mulheres. Para isso trabalhamos. Nossa linguagem é simples, nunca tratamos de torná-la difícil. Nosso objetivo não é ser louvada pelos intelectuais mas ser entendida pelos nossos necessitados e os carecentes de conhecimentos novos.

Um pouco mais adiante se refere a um certo tipo humano que tivera a ocasião de observar em múltiplas oportunidades. E anotava com uma admiração sincera e límpida:

— Estas mulheres têm imenso valor, imensa força de vontade e, por

isso, vivem. Pois arrostam privações de toda a sorte e toda a gama de sofrimentos. Não haverá escritores na escola espírita que lhes falem de Deus e da vida eterna do Espírito? Pois elas seriam as primeiras a compreender o porque dos sofrimentos pela lei da reencarnação. Os que mais sofrem são os que mais necessitam dos eflúvios benéficos da verdade...

Esse objetivo, essa meta, esse fervente desejo é o que movimenta sua pena e o que lhe valeu o qualificativo que lhe dera um Espírito, o qual a assistia em todos os momentos: o Padre Germano, que a denominava... "a cronista dos pobres".

Amália era uma rebelde no sentido que emprega Eduard Schuré em sua obra "Precursores e Rebeldes", onde diz:

"Em cada século há um determinado número de espíritos que pertencem mais à centúria seguinte do que à sua e que, por isso mesmo, se apresentam ante seus contemporâneos com o aspecto de inquietantes estrangeiros. Eles recebem em si, como um jorro intenso e sutil, os primeiros influxos dos sentimentos e das idéias que formam esse oceano invisível suspenso sobre a Terra e que inundará o mundo cinquenta ou cem anos depois de sua morte.

Forte, viril, insubornável, firme em sua meta, cruza lanças com as forças da intolerância e do obscurantismo que persistem em sustentar-se com o cetro do poder do obscurantismo que subjugara a Idade Média, valendo-se dos métodos mais absurdos da prepotência e do fanatismo.

Via, por exemplo, com horror, quando chegava o Dia dos Finados, prepararem-se exaltadas caravanas que acorriam em bandos aos cemitérios para render um inútil culto aos mortos. Prantos, gritos, cenas de dor e de luto quase teatrais, brinquedos que se depositavam nos túmulos dos meninos para permanecer ha maior das inutilidades e solidão depois que os pesados portões eram cerrados.

— Já passou o Dia dos Defuntos. A fúnebre paródia. O carnaval do sentimento!

Assim se expressava em um de seus artigos, resultado de uma visita

sua a um desses lugares no decorrer de tais acontecimentos. Os cemitérios forneceram temas para profundas meditações a Amália.

O trabalho se realizava. Vivendo a realidade e transportando-a em seguida para o papel, filtrava-a pela doutrina espírita. A imprensa reclamava seus originais. O texto devia ser "composto à mão", isto é, feita a confecção do artigo em letras móveis, "separadas uma a uma", até que em 1884 Ottmar Mergenthaler (*) patenteou a linotipo, com a qual se dava um salto surpreendente quanto à rapidez da confecção dos textos e publicações. E os escritores respiraram aliviados quanto à antecedência de entrega de seus textos.

(*) *Mergenthaler, Ottmar — Inventor americano de origem alemã. Nasceu em 1854 e desencarnou em 1899. Transferiu-se para os Estados Unidos em 1872, iniciando, pouco depois, experiências com máquinas tipográficas. Inventou a "linotipo" em 1885, a qual sofreu aperfeiçoamentos nos anos seguintes e, ainda hoje, é uma excelente colaboradora dos métodos modernos do "off set".*

Era preciso programar, ordenar, dispor o material para um número; e enquanto este estava circulando na rua, o seguinte já devia estar pronto. Foi assim que, durante vinte anos, circulou "La Luz del Porvenir".

Em 1903, Amália dá publicidade ao seu "Ramos de Violetas". Havia quatro anos que La Luz deixara de circular. Para o livro ela entregava à impressão cerca de mil artigos. Não se conforma, todavia, com seu trabalho. Considera que não está de acordo com o seu desiderato. Em meio a algumas peças literárias em prosa, predominam os versos. Amália mortifica-se no desejo de superar a si mesma e julga o resultado do que faz insuficiente e opaco. Costumava dizer que, se não fosse pela urgência da imprensa, seus trabalhos seriam como "a tela de Penélope", isto é, defazia-se à noite o que fora feito durante o dia.

Não podia fazer mais do que "deixá-los assim mesmo", embora o seu desejo de melhorá-los e, em repetidas ocasiões ou destruí-los, mal satisfeita com eles.

Uma longa lista de pessoas colabora mais ou menos em La Luz del Porvenir. Poucos homens, com honrosas exceções, assinavam os seus

artigos. "Da mulher para a mulher" era o objetivo proposto por Amália.

Joaquim Cepeda, Maria Pujol, que da Argentina enviavam-lhe colaboração ao mesmo tempo em que escreviam para a revista Argentina Constancia, Pilar Rafecas, Joaquina Pasqued, Concepción Llach, filha de Don Luis, Adela Castell, residente em Montevideu, Paulina Sellés de Caballero, Lola Baldoni, Soledad Gustavo, Adela Sánchez de Pinedo, Maria Macias de Parés Llansó, Elvira Villa, Josefa Esparolini e Carrión, Maria del Pilar Simés, Rita Aranó, Avelina Colom y Gutiérrez, Julieta Armstrong de Ponce, Porto Rico, e uma extensa lista de nomes passaram pelas páginas dessa singular expressão do periodismo espanhol.

Concha Seras tem a seu cargo, em diversos números, a exposição e glosa dos princípios doutrinários para maior compreensão dos textos básicos do Espiritismo. Eugênia N. Estopa Fernández começa a colaborar em La Luz em seus floridos 23 anos. Filha de andaluzes, nascida em Gibraltar a 19 de dezembro de 1859, é uma mulher dotada de inteligência pouco comum, com muito boa disposição para os estudos, os quais iniciara em tenra idade. Os pais procuram dar-lhe uma educação esmerada que mais tarde se completa com o cultivo das artes e letras. Modelo de precocidade e aplicação, levanta os primeiros prêmios em todas as situações que se lhe apresentam. Termina seus estudos e conhece várias línguas, tem cultivo musical e executa muito bem ao piano. Também desenha e pinta primorosamente, aperfeiçoando-se no Museu de Belas Artes de Sevilha; ao mesmo tempo se dedica à literatura pela qual experimentou sempre profunda e decidida vocação. Seus escritos, em prosa ou em verso, revelam instrução e talento. Foram publicados na imprensa espanhola de Gibraltar tornando-se o seu nome conhecido e apreciado e sua colaboração solicitada pela imprensa da zona andaluza e de outras importantes províncias. Em La Habana trabalhos seus foram incluídos em uma Antologia de poetas andaluzes contemporâneos. Mulher de caráter observador e um tanto fechado, espiritual e sonhador, possuía um coração terno e apaixonado. Suas poesias se distinguiam pelo sentimentalismo que as inspirava, em sua maioria dedicados a assuntos e efeitos delicados e tristes. Seus artigos eram muito apreciados pelas pessoas ilustres. Neles deixava transparecer os profundos conhecimentos que possuía em literatura, destacando-se as magníficas interpretações que

valorizavam as primeiras páginas de La Luz com uma exaustiva análise e interpretação dos princípios espíritas. Como ato de fé dizia:

"Sou cristã racionalista, espírita desde que minha razão soube apreciar as doutrinas filosóficas, e tendo convicção de minhas opiniões, apregoô aos quatro ventos o conhecimento de que tenho delas".

Era bela de rosto como de alma. Possuía grandes olhos escuros e uma expressão de melancólica amargura que parecia ter sido adquirida ou pela recordação contínua de alguma dor oculta ou quiçá por desenganos e decepções. Sua conversação era suave, elevada e carinhosa, de modo que encantava a quem a escutava. Amava sua família até ao sacrifício, sendo amiga nobre e leal, disposta a atender sempre com admirável rapidez e delicadeza a quem reclamava seus serviços muito especialmente quando estes tinham fins beneméritos.

Além de La Luz, colaborava na Revista de Estudios Psicológicos, El Heraldo, de Madrid, El Globo e La Ilustracion. Foi laureada com títulos honoríficos em diferentes ocasiões, obtendo em 1899 a Palma de Prata no Concurso Internacional desse ano, celebrado pela Academia Montreal de Tolouse (França), com uma composição intitulada Leyenda. Foi sócia benemérita da Junta Poética Malacitana, sócia benemérita com medalha de honra do ilustre Círculo Promotora Partenopeo Giovanni Battista Vico, de Nápoles, membro titular de primeira classe da Academia de Escritores Laureados de Madrid, e foi sócia da Biblioteca de Madri. Outras Academias e Centros Literários propuseram-na como honorável personalidade, para integrar seus quadros. Foi fundadora e presidente-honorária do grupo Espirita Los Hijos de Ia Fé, na Línea de Ia Concepción. Ocupou além disso com muito êxito a tribuna, como distinta oradora.

Antonia Pagés outra colaboradora de La Luz, era uma mulher jovem que havia sofrido e chorado muito durante sua curta existência. Muito tímida e com extremado sentimento de pudor, viveu na solidão com os filhos inadaptados as expansões comuns da idade. Sua primeira juventude não lhe deixara nenhuma recordação agradável. Aos 15 anos perdera a mãe, o que lhe causara uma profunda dor. Educada em um ambiente cegamente religioso não podia dar expansão às suas inatas inclinações para a fé. Sofreu muitas absolvições ao pé do confissionário, pedindo por

fim a seu pai que a internasse numa escola de freiras. Ali, de começo impressionada pelo ambiente monacal, logo percebeu que o favoritismo reinava na chamada casa santa, repugnando sua alma liberal. E começou a rasgar os véus que a envolviam. Ao beijar pela primeira vez o anel episcopal, lembrou-se dos meninos mendigos que diariamente vinham rogar um pedaço de pão e pensou: "Com o valor desta jóia matar-se-ia por muito tempo a fome dessas infelizes crianças." Ao receber de uma alta dignidade eclesiástica o sacramento da Eucaristia, não deu valor a esse ritual, um dos mais importantes do catolicismo. Sua devoção se enfraqueceu tão rapidamente, que, sendo ainda uma menina abjurou o que julgava crassos erros.

Com essa bagagem de instrução e forte complexo de inferioridade, contraiu matrimônio. Sua sorte mudou por algum tempo. Seu pai, esposo e filho dão-lhe período de transição e tranqüilidade, apenas perturbada por um vago pressentimento. Este se concretiza com o falecimento de seu filho, fato que a lança na mais tremenda desesperação. Conhece então o Espiritismo e se relaciona com Fernández Colavida, seu grande amigo e conselheiro. Começam então suas colaborações em La Luz.

Amália Torres de Maresma retrata particularmente um problema que na Barcelona pujante e industrial daqueles tempos fornecia material excelente às páginas de La Luz: A mulher operária.

"Ilustrar a deprimida jovem da classe proletária — Dizia em uma de suas vibrantes notas. — purificar seu espírito no crisol da razão, separar a imensa maioria do perigoso abismo em que a precipita a ignorância, reabilitar o santuário do lar diminuindo o repugnante contingente que invade os serralhos modernos". Eis o seu programa.

Porque segundo dizia outra defensora deste digno setor humano, Angeles L. de Ayala ao referir-se ao assunto, a pobre trabalhadora, ao ingressar na fábrica, tem de abdicar quase sempre de toda noção de pudor, por coação, levada por objetivos ignóbeis que exercem sobre seu espírito os diretores dos centros industriais, pondo aquelas infelizes na cruel alternativa de ceder às suas indignas sugestões ou ser expulsas da oficina, onde ganham um modesto salário. Esta é outra escritora livre-pensadora, maçônica, alma generosa que luta contra a corrente do fanatismo religioso. É excomungada pela igreja pela perigosa mania de discutir.

Antonia Amat de Torres por sua vez discute os conceitos das religiões universais e torna-as fáceis à compreensão por um ensino sintético e claro, sobretudo liberal e amplo.

Conchas Geras por seu lado, era outra colaboradora com uma alma entusiasta que sonhava com o amor universal e que, em todas as suas conversas ou artigos, demonstra sua generosa inspiração.

Belén Sagarra de Ferrero é a diretora de uma escolinha laica de crianças, que leva o nome de Sócrates. Ali se ensinava àquele prometedor contingente humano a saber discernir, a saber gozar da mais sadia moral e a ser conscientes cumpridores dos seus deveres.

La Luz del Porvenir, além das escritoras do quilate que enumeramos, conta em seu corpo de colaboradoras com mulheres extraordinárias. Todas as penas postas ao serviço deste órgão de combate, correspondem a temperamentos equilibrados, em primeira instância, pois não se necessita de pouca coragem para enfrentar o setor religioso de um lado. e o convencionalismo de outro, os quais condenavam a mulher que tivesse dúvidas, intitulado-as com o apelido pejorativo de Marisabidillas ou de niilistas intoleráveis. Por outro lado, eram inteligências bem desenvolvidas, algumas delas com maior capacidade intelectual e preparo que a própria Amália.

Rosário de Acuna e Izabel Pena são duas altas culturas que deram boa parte do grande prestígio de que desfrutavam às páginas de La Luz.

A senhora de Acuna, livre-pensadora, independente, qualifica-se a si mesma da seguinte maneira: "Uma mulher que sente e pensa, que medita e fala, que busca e pergunta, que vive e crê, que duvida e ama, que luta e espera. Tem fé no Absoluto, no Infinito, no Eterno, embora não deseje afiliar-se a nenhuma seita ou organização definida. Crê que deve ser demolido "o último bastão da muralha até o derradeiro alicerce" para criar-se uma nova sociedade. Quando os setores teológicos chamam-na Materialista e as legiões fisiológicas ou naturalistas a dizem Espiritualista, ela responde: "Livre pensadora que respeita integralmente o pensamento alheio, sempre ao sabor da grande corrente da vida que leva por nome este lema indestrutível: Ama aos teus semelhantes". Mulher de uma cultura extraordinária, intrépida, forte, desafia os mais cruéis embates ideológicos e se põe à frente de sua tarefa ocupando as páginas de célebres periódicos

veiculadores do livre-pensamento, encarando com valentia o problema da redenção da mulher, contra os convencionalismos que a prendem a tantas injustiças e a tantos desníveis conceptuais. Amália soube aproveitar essa torrente de inspiração com característico selo catalão, adoçado por uma lúcida inteligência, para incorporá-la à equipe de suas colaboradoras. Esqueceu a diretora a falta de adesão da escritora à sua querida doutrina espírita, aproveitando em amplo sentido de liberdade, tão formosos frutos da inspiração fervente da senhora de Acuna. Uma extensa série de trabalhos seus valorizam as páginas da publicação espírita, onde o útil, o prático, os problemas da vida, os encantos da natureza, a beleza, o amor, o bem, eram pintados com traços secos, cru às vezes, mas sempre claros, nítidos e exemplares. Nem por isso deixava de advertir que, por detrás dessa temperamental literatura, que não chegava nunca a extremismos desnecessários e destoantes, se encontrava um coração palpitante, ferido, mas que ainda não perdera sua capacidade de amar. Ainda vibrava em favor dos desprotegidos da sorte, dos que sofriam, a quem, como Cristo, parecia dizer: "Levanta-te e caminha". A insigne colaboradora de La Luz escrevia páginas dignas de serem reproduzidas em qualquer periódico que apreciasse acolher boa e sensata literatura.

Isabel Pena chegou às páginas de La Luz por recomendação que dela fizera um amigo comum, o engenheiro Juan Marin y Contreras. Este, sendo compatriótico da moça, que era quase uma menina (Isabel não havia ainda completado 17 anos) havia lido algumas páginas de sua inspiração e não tardou a enviá-las a Barcelona para que fossem lidas e se possível publicadas. Os trabalhos foram bem acolhidos estabelecendo entre as duas mulheres uma amizade que durou 27 anos apesar da diferença de idade, pois Amália contava então 47 anos. Izabel, jovem retraída, voluntariosa, não encontrando a tranqüilidade necessária para verter no papel suas inquietações, em sua Cadiz natal, se dirigia ao cemitério local e ali, rodeada pela paz dos túmulos, elocubrava seus trabalhos que começaram a ser estampados na revista catalã. O primeiro artigo publicado no dia 14 de setembro de 1882 — Izabel nasceu em dezembro de 1865. — se intitulava "O Amor". Não é um simples, entusiasmo juvenil, e sim um trabalho medular que Amália encabeçou com um verso dedicado à jovem caditana:

Será tal vez que algún Lazo
 En otra existencia unió
 A Amalia con Isabel?
 Quién lo sabe! Sólo Dios!

Isabel mía; adjunto en bellido de
 25. pesos como pequeño aguinaldo que
 mi cariño maternal te envía.
 Me habia de comprar una bata
 y no me la compro para que tú, te
 compres libros, papel, tinta y lo demás
 lo emplees en lo que veas mas necesi-
 ria.
 Así como te digo me todo, a procura el
 tiempo con laboriosa, sin perjudicar tu
 salud, un trabajo mas de lo que pue-
 das pero procurando siempre emplear las
 horas con acierto.
 Todo lo bueno que hagas ver en tu
 provecho creeme, la providencia no nos
 abandona cuando nosotros cumplimos
 con nuestro deber.
 Contéstame en seguida.
 Salud y progreso para el año nuevo.
 te desea tu hermana
 Amalia
 Granada 26 Diciembre 83

Carta de Amália a Isabel de Córdoba que nasceu em Cádiz, porém, casando-se transferiu residência para a Argentina onde teve destacada atuação no movimento espírita

No número de La Luz del Porvenir de 20 de setembro de 1883, Amália julga tão interessante um artigo enviado pela jovem, intitulado: Impressões que, como se faz com o principal prato de um banquete, cede-lhe o lugar do editorial sempre ocupado pela diretora. Uma copiosa correspondência se trava entre ambas na qual se pode verificar a maneira pela qual Amália tratava seus missivistas e colaboradores. Relação afável, amorosa autoridade moral em seus exemplos e conselhos, amabilidade e um trato familiar comovedor salpicam amiúde suas cartas de fino bom-humor. Um dia, desejando testemunhar-lhe com um presente sua amizade, envia-lhe por intermédio de um amigo, o sr. Felipe de Córdoba alguns objetos. Este gentil mensageiro se enamorou da jovem iniciando-se entre os dois um romance que terminou em casamento. Constituído o lar, os

amorosos esposos decidem tentar a sorte na Argentina. É então Amália quem aproxima sua boa amiga dos senhores Cosme Marino, Antonio Ugarte, Cantar e Sáens Cortés, respeitados membros do Espiritismo argentino que já conheciam os trabalhos de Izabel Pena de Córdoba a qual logo puseram à vontade em sua pátria de adoção, propiciando-lhe oportunidade de exteriorizar sua alta capacidade intelectual.

Muito extenso resultaria o catálogo de colaboradores que, de forma continua ou circunstancial, deixaram seus nomes em La Luz durante 20 laboriosos anos de irradiação. Fazê-lo exigiria um trabalho improfícuo. Encerra o rol, não obstante, uma personalidade singular: Josefa Martinez cuja assinatura era acompanhada pela seguinte legenda: Médium auditiva, Ponce, Puerto Rico.

De Porto Rico chegam à direção de La Luz originais de grande importância que começam a ser publicados a primeiro de julho de 1880. Essa colaboradora era privada da vista — importante circunstância para Amália que a chamavam Cieguita de Ia Cantara. Ao desencarnar a 7 de dezembro de 1881 La Luz de 19 de janeiro do ano seguinte publica a seu respeito:

"Um desgraçado a menos no mundo! Um anjo a mais nas regiões do céu! Nasceu esta menina sob o signo da infelicidade, com os olhos enfermos, perdendo um deles aos dois anos de vida. Fica cega de todo ao completar 8 anos de idade. Aos dez perde sua mãe e fica ao cuidado de uma irmã que vive de seu trabalho. Começou a freqüentar um centro espírita em 1879 onde passou a manifestar a faculdade sonambúlica. Mesmo assim cantava ria e dançava. Dormia com freqüência nas suas sessões e fora dela. Um espírita inteligente advertiu-a que se tratava de estados de obsessão e era necessário tratá-la até canalizar sua mediunidade. Quando isto foi alcançado, vieram os frutos que se esperava, Começa a redigir artigos, que lhe eram inspirados mediunicamente já sem cair em transe. Desde então sempre que seu débil organismo lhe permitia, continuava ditando até os 19 anos terminando sua querida tarefa mediúnica, respeitada por todos quantos a conheciam. Sua última composição tem por título: Beleza da Lua, e nele empreende algo de paradoxal: uma cega quase de nascimento fazendo elogio à luz do Sol.

Desde 4 de abril de 1874, dia em que, com grande emoção, Amália apresentou-se no luxuoso salão da Sociedade Espírita Espanhola, de Madrid, a experiência e o trato continuo com a tribuna lhe haviam dado uma segurança e uma firmeza que a tornavam perfeitamente apta à sua tarefa de oradora, através da qual ampliava a sua ação na difusão do ideal que tanto amara.

Barcelona, pujante e viva cidade, onde se entrecruzavam as mais diversas idéias, era um magnífico âmbito de ação. Se bem que por um lado o clero exercesse suas pressões para impor o dogma e seu poderio, por outro as idéias liberais, as conquistas modernas da liberdade, iam se eclodindo com um vigor extraordinário próprio da exuberância que caracteriza o autêntico catalão.

Apesar dos movimentos revolucionários que comoveram o país, a cidade condal pôde criar um clima de cultura superior, ao menos em cenáculos cada vez mais amplos, que serviam a ateneus, orfeões, centros recreativos, sociedades de socorros mútuos, sociedade de livres-pensadores, eram criados e funcionavam ativamente. Das mais diferentes maneiras com debates políticos, maçons ou simplesmente revolucionários, procuravam melhorar o intelecto humano com o exercício da sabedoria e do sentimento.

Com esta tônica funda-se em Grácia em 1881, uma associação cultural denominada "El Fomento Graciense" que passou em breve de vida ativa a períodos agônicos, por falta de sócios e dificuldades econômicas. Em tais circunstâncias o sr. Derch, tomou o timão da mesma, assumindo a presidência. O homem, amante da luz, trabalhou intensamente por devolver à instituição o vigor com que fizera sua aparição.

Inaugurou sobre sua presidência um novo ciclo de conferências com a colaboração valiosa de Amália e suas companheiras de redação. Orador incansável Derch soube levar seu empreendimento a ponto de substituir os oradores que não se apresentavam na data estabelecida, por tal ou qual circunstância, conformando o auditório que se apresentava e que por esse motivo fortuito corria o risco de ver-se condenado a perder o seu tempo. Este dúctil personagem fazia a substituição e todos ficavam satisfeitos.

Em maio de 1881, quando Amália fez pela primeira vez uso da tribuna, propôs a ardente andaluza em sua peça oratória, que se reunissem, na instituição, escritores das mais diversas escolas fazendo desaparecer as odiosas separações existentes entre umas e outras, buscando especialmente deixar bem claro que a legião espírita não era composta de simples visionários como alguns grupos literários a considerava.

A primeira reunião tivera uma repercussão bastante animadora apesar do cepticismo com que certos grupos haviam visto o empreendimento, duvidando de certo modo, do eu êxito dada a mediana cultura geral então existente.

Fez parte dessa opinião a escritora Josefa Pujol Decollado, que iniciou sua exposição com idéias um tanto desordenadas, sem definições concretas, porém demonstrando inerentes qualidades que lhe serviram para ser, mais tarde, discreta colaboradora de La Luz. Cândida Sanz e Concepcion Llach participam também, fazendo esta ultima, criada em ambiente espírita e formada intelectualmente por sua valiosa mestra, já que era filha de D. Luiz Llach, o seu batismo tribunício. Apesar de seus 18 anos dá expansão nesse dia às inquietudes que lhe ferviam na alma e que logo também canalizou para a revista de Amália.

As noitadas têm resultados peculiares, pois se encontrando presente na sala um jovem escultor, Delfin Reguant, este se entusiasmou com a eloqüência de Amália e da senhora Collado e prometeu fazer a escultura dos bustos das mesmas. Poucos dias mais tarde, em um magnífico ato que se levou a cabo no Fomento Graciense, a 22 de maio se entregaram publicamente as referidas obras.

Em dezembro de 1881 realizou-se a segunda reunião na qual Amália tem a oportunidade de enfocar, como era de sua norma, os temas de sua predileção, os que havia estudado ao vivo com o seu poderoso vigor de raciocínio: o lar, a família, as circunstâncias comuns da vida que a rodeiam, movem e definem. O exemplo anedótico é impressionante, vai marcando pontos de alta exposição, com reflexões filosóficas que cada caso merecia.

Em fevereiro de 1882 toca-lhe ocupar novamente a tribuna dessa muito concorrida entidade, em uma situação especial que se desprende de suas palavras. No mas anterior um senhor por nome Roig y Minguet, havia

ocupado aquela mesma tribuna para fazer uma análise muito pessoal e de qualidade materialista, referindo-se a leviandades do Espiritismo. Sustentava que segundo este, a alma não era mais que as intrínsecas propriedades que possuía a matéria. Pretendia oferecer com luxo de detalhes, habilidade e um cuidadoso jogo dialético, a impressão de que não seria possível rebatê-lo.

A postura do senhor Minguet desvirtua um tanto os propósitos da entidade, que buscava a aproximação das distintas escolas através da discussão franca e fraterna dos problemas do ser e do destino na Vida e nunca com o uso de argumentos demolidores e incisivos, tais como foram os expostos em tal ocasião.

Amália pedira a palavra desejosa de deixar bem clara sua intenção, máxime quando se tratava de uma tribuna da qual o auditório estava disposto antes a conhecer do que dar acolhida às ideologias discutidas.

— Nosso auditório, — Disse ela ao curso de sua explicação. — se compõe em seu maior número de adversários, de mentalidades contrárias à doutrina espírita, à qual pertencemos, e como, na noite de hoje vamos nos ocupar das vantagens e desvantagens do Espiritismo, não nos fica a mínima dúvida de que seremos ouvidas com essa paciência com que se ouve tudo quanto não está conforme com nossas convicções.

O assunto era delicado. Ela confessa ao auditório que nunca ocupara aquele recinto para expor a doutrina espírita a não ser como ouvinte. Apelando para raciocínios, com grande vigor declara, com espírito paladino, que se punha à disposição do orador que a antecederia, tendo em vista que a escola materialista, merecia dela respeito e simpatia. Para provar que "não era hipócrita, nem jesuítica e porque os adeptos do Espiritismo não são "sepulcros caiados de branco" e buscam a verdade e a ciência, tomava tal deliberação".

— Nem o Materialismo, nem o Espiritismo, — Dizia mais adiante. — jamais causaram uma única vítima no mundo. O mesmo não podem dizer as outras religiões positivas, pois as guerras religiosas tem sido as mais horríveis, as mais cruéis, as mais implacáveis, criando torturas inconcebíveis, derramamento de sangue e perseguições inverossímeis...

Feitas essas declarações teve que enfrentar o auditório heterogêneo e ao qual declarou não ter em mira, com sua exposição, fazer proselitismo.

E começou, logo em seguida, a demolir com serenidade os conceitos de Roig y Minguet.

Com singela lógica mas com segurança e firmeza, Amália afirma que a matéria, para ter sua condigna amplitude, necessitava ser fortalecida e apoiada pela inteligência e o pensamento. Para demonstrar isso deu à sua explicação tão valiosos apontamentos como tinha-os fornecido a exposição que a antecederá. Do mesmo ângulo, compreendendo a mentalidade de seus ouvintes, foi, de pouco em pouco, exarando sua crítica. Não pretende, diz ela, fazer os materialistas acreditarem na existência de Deus pois bem o sabia, "por vasta experiência", que "o orgulho dos sábios os torna infalíveis, mais infalíveis que o do Sumo Pontífice".

Não deseja outrossim levar ninguém ao campo da experimentação espírita pois que uns e outros, muito avaros de tempo, não podiam detraírem-se em polêmicas ou testes que os distanciassem de seus trabalhos específicos. Deseja tão somente demonstrar as vantagens morais garantidas pelo ideal que tão valentemente defende.

Amália reconhece que o sr. Minguet em algumas passagens é assistido pela razão, sobretudo naquelas em que se refere aos erros cometidos por muitos titulares espíritas e que o orador tomara como comum denominador, assinalando qual era o verdadeiro sentido da prática e da doutrina Espíritas.

Não se poderá dizer que dessa conferência tenha saído um auditório convicto do que é em essência o Espiritismo, mas graças às vibrantes, seguras e elevadas explicações de Amália, ficou ali bem claro que quem quisesse ocupar-se do tema, devia burilar os seus argumentos, pois que se ela fizera estremecer um orador tido por "fugoso" e "capaz" como o sacerdote Manterola, não se deixaria vencer em seu próprio terreno por quem, esgrimindo a descrença e a falta de fé, pretendesse menoscabar ou desconhecer o que para ela tanto valor continha.

Os grupos espíritas, que reclamavam com intenso interesse sua palavra, fizeram-na uma oradora capaz, bem informada, consciente de sua missão. Todavia quando se tratava, como no caso anterior, de ocupar uma tribuna adversa ao seu ideal, sabia demonstrar que sua cultura de autodidata alcançava grandes alturas e que seus conceitos pessoais podiam medir-se

na liça de qualquer discussão pura, sadia e com finalidades bem intencionadas.

Foi convidada em uma dessas tantas ocasiões, por força de suas vastas relações com os mais diversos círculos, a pronunciar uma conferência no "Círculo Progresso".

Ali, sem mencionar sua doutrina, fazendo uso exclusivamente de seus conhecimentos filosóficos e científicos, realizou uma conferência que arrebatou a admiração de todos quantos tiveram o prazer de ouvir a pequenina mulher que não tinha títulos a exhibir senão suas qualidades morais e intelectuais, amplamente manifestadas através de sua conhecida ação pública.

Sua atuação como oradora levou-a muitas tribunas não-espíritas nas quais entretanto, admirava-se a excelência do seu verbo e o peso rigoroso de seus conceitos plenos de adequada prática. Em suma, expressões de amor e sabedoria extraordinárias.

Um dia, em 1883, — Um exemplo apenas. — foi convidada a pronunciar uma conferência na escola laica dirigida pelo senhor Bartolomé Sabarró. Tomou por tema as "Vantagens do Ensino Laico", apresentando contribuições valiosas, argumentações e recursos de cultura sem precisar de recorrer aos que podiam trazer-lhe a doutrina espírita. Bastou-lhe por em liberdade pequena parte de seu acervo cultural amplo, para alcançar o objetivo desejado.

Terminado o ano letivo do Colégio Luis Blanch foi convidada a pronunciar uma conferência que levou por título: "Da necessidade da agremiação"

— O que faz falta — Foi o extrato de sua oração. — a um povo submerso em profundo abismo de ignorância, é a instrução".

Expôs então sua sólida argumentação em favor da cultura do povo, sendo ouvida atentamente por um culto auditório que não deixou de reconhecer virtudes insuspeitadas em sua missão de proporcionar o bem ao próximo.

No "Círculo Progresso", que logo modificou sua denominação para a de "Centro da Alianza", entidade de cultura geral, deixa também Amália a recordação da explanação das elevadas finalidades que a levavam.

Em dezembro de 1884 foi convidada a falar em uma reunião

promovida pela "Confederación de Enseñanza laica", no "Círculo Ecuéstre". Faz ali um erudito discurso sobre o tema que define a entidade e em seguida passa a comparecer em diferentes ocasiões na revista publicada pelo grupo.

Esta grande mulher era muito respeitosa relativamente às opiniões políticas e religiosas de todos em geral. Acreditava com firmeza em que todo o povo civilizado devia gozar de absoluta liberdade de culto. Sustentava que, junto à mesquita dos filhos de Alá, devia levantar-se o pagode dos orientais, perto das sinagogas judias, os templos católicos romanos, mais além os templos evangélicos com seus salmos, onde os crentes dos diversos cultos, rezem, cantem e façam como melhor lhes apraz. Confessava ingenuamente que não se cansava de procurar almas boas pois podia supor que a Terra fosse um viveiro de víboras.

Rendia culto ao progresso, sonhava com a Humanidade regenerada. Buscava sem descanso os seres virtuosos para seguir-lhes o exemplo e se apressurava a relatar os fatos em sua Luz del Porvenir, para que outras almas se impressionassem e seguissem o mesmo caminho. Ansiava por superar-se, queria ser como os grandes oradores que eletrizam as multidões ou como os escritores que, com sua habilidade e fecundidade, comovem, graças à experiência adquirida nas leis espíritas, inumeráveis leitores.

Mostra amiúde uma febril manifestação de superação pessoal em seus artigos. Apesar de escrever geralmente vuela pluma, dado o excesso de seu trabalho, nota-se em sua individualidade, um estilo próprio, um sentido orientador e uma gama de recursos que só com a frequência assídua aos clássicos e aos bons escritores pode-se obter.

Seu norte, seu objetivo, seu exercício jornalístico, era os humildes, e ela os alcançou apenas iniciada sua tarefa em La Luz del Porvenir. Mas não eram só os humildes que atendia e com os quais tinha relações: eram

todos los pobres, que são os possuidores de muitos bens materiais. Amália sabia muito bem que a pobreza não residia só em bem exteriores. Sabia que existiam criaturas que, adornadas com o maior luxo, levam no fundo de seu ego um pauperismo desesperador.

Visitava em determinadas ocasiões um colégio "desses de grande luxo com profusão de professores, mestres de desenho, de idiomas, de música, de canto, dotado de um bom ginásio de esportes e todo o necessário para uma esmerada educação intelectual e ao mesmo tempo das forças físicas", quando tem ocasião de reforçar suas idéias a respeito.

Havia ali várias meninas que lhe respondiam como papagaios às suas perguntas. Em nenhuma encontrou originalidade, e nem inteligência. Recitavam como cegos, fábulas e conselhos, sem saber o que diziam. Esse não era o ambiente de La Luz...

— Não procuramos os homens — Costumava dizer Amália. — nos ateneus, nem nas academias, nem no Congresso, nem no Senado. Estudamos a Humanidade, nua do esplendor da glória, nas posições mais humildes e obscuras. Quantas vezes vemos um verdadeiro homem vestido com a camisa do operário, que denota pobreza e origem humilde, com as mãos enegrecidas, revelando em seu porte o simples trabalhador! Ao olhá-lo de frente, ao observar a expressão de seu semblante, dizemos: "Eis aqui um homem que vive fora de seu ambiente!... e se temos ocasião de falar-lhe quase sempre nos revela que são criaturas de maior categoria que os intitulados "acadêmicos". Há muitíssimos que passam despercebidos e, que no entretanto, são verdadeiros gênios.

Roque Barcia, um grande filólogo, escritor e dramaturgo, autor do famoso "Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana y Sinónimos Castellanos", que a distinguiu com a sua amizade, contou-lhe uma vez com toda a sua eminência cultural, como apreciava os humildes, pois em bem pouco tinha as opiniões de seus amigos, que tudo admiravam, tudo viam bem e não passavam de invejosos se os passassem por um microscópio de observação. Contava-lhe Barcia em uma ocasião como submetera um de seus escritos à opinião de um humilde homem que carregava carvão para sua casa e que, em várias ocasiões, demonstrava sentir admiração pelos seus trabalhos. Teve de render-se ante o sensato ajuizamento daquela mentalidade não tanto cultivada quanto a sua,

reconhecia o grande filólogo, mas dotado de uma sinceridade e de uma perspicácia pouco comuns, que lhe apontava tanto o que prestava quanto o que era apenas medíocre.

Igualmente, a grande admiração que Amália sentia pelo ilustre tribuno Emilio Castelar não o inibia, quando lhe surgia oportunidade, de revelar seu assombro em declarações de público, mesmo em um dos grandes jornais do país, onde escreveu... "o próprio Deus se mostrará satisfeito contemplando a obra criativa de Amália"...

Lamentava-se a brava andaluza de que essa celebridade expressassem tais conceitos de maneira tão materialista. Não hesita então a descer o seu ídolo um instante do pedestal para mostrá-lo em sua pequenez no que dizia respeito à grandeza divina.

Sabe expressar seu respeito aos livre-pensadores e liberais, que trabalham pelo bem da Humanidade sem fazer questão de posições políticas e ideológicas. La Luz estava sempre disposta a transcrever as expressões luminosas, assim como fazer eco de tudo quanto de bom surgisse em favor dos homens neste áspero mundo.

A Igreja Anglicana publica em Madrid um folheto que se intitula "O Espiritismo à luz do Evangelho". A diretora de La Luz, julga ser necessário dedicar algumas linhas aos adeptos de Lutero.

O opúsculo é dedicado aos que consideram o Evangelho como uma verdade revelada por Deus, propondo questões científicas, físicas e astronômicas relacionadas ao assunto e que pudessem por em juízo suas determinadas e dogmáticas conclusões.

Por esse lado Amália analisa o opúsculo, deixando de lado os versículos e as sentenças bíblicas que, segundo afirma serenamente, são tomadas de acordo com o critério que cada um dá à sua interpretação, adequando suas opiniões a particulares maneiras de ver, pensar e sentir.

Não entra nesse dédalo dogmático, deixando-o à interpretação parcial dos leitores, mas, em troca, fortifica-se quanto ao texto desde as primeiras premissas, seguindo as elocubrações de que nem o cristão pode ser espírita nem o espírita cristão. Assinala com precisão que quem pratica a

moral do Cristo, não pode jamais ser tratado tão desrespeitosamente como o faz a dita publicação.

Cita o seu caso pessoal, através do qual demonstra que mesmo sem a mais elementar educação nem recursos suficientes, jogava por terra tudo quanto o dogma queria impor como dotado de essência crística. Pode entretanto encontrar lógica para todas as referências quando examina o problema totalmente pelo prisma espírita.

Com uma copiosa documentação demonstra ao pastor protestante que sua teoria poderia solidificar-se nos moldes cerrados do dogmatismo porém nunca ao raciocínio dos que cultivavam a autêntica e meridiana verdade, tal como fora ensinado pela mais alta personalidade e perfeição que passara pela Terra.

Manter uma revista ideológica e que é dirigida mais predominantemente aos setores mais humildes da sociedade, como o era La Luz, é e sempre foi uma tarefa de gigantes.

Não era apenas o material de leitura que precisava atrair os leitores; apelava-se, como recurso heróico e muito em moda em tais circunstâncias, fazer-se obséquios extraordinários.

Ao renovar a subscrição de cada ano e enquanto era editada por Torrents, obsequiava-se os subscritores com um almanaque, aqueles interessantes folhetins tão conhecidos até recentemente, nos quais reunia-se um material heterogêneo que incluía horóscopos, conselhos para o lar, divulgações científicas e de arte, poesias, sintéticas manifestações do saber e do sentir humanos tudo em minúsculas expressões.

Sabe-se que grandes homens da História passaram por penúrias, quais sejam manter uma folha jornalística, raiando pelos limites do heroísmo. Imaginemos essa débil mulher, sem recursos econômicos próprios, vivendo ela mesma do auxílio fraterno dos que a rodeavam, do que lhes sobrava, firmar-se na tarefa fiel, febril e que demanda tantos e tão complexos elementos de ação. Imaginemo-la um dia, ao por-se de pé para inicia o labor diário.

Entornemos tanto los ojos...
Pongamos la mente en blanco y...

Vejamo-la em sua mesa de trabalho fitando uma volumosa correspondência que lhe chega de diversos pontos do globo: é a que os Correios lhe trouxeram nos dois ou três dias anteriores. Sobre a escrivaninha se encontra o papel em branco para ser preenchido com sua letra redonda e nervosa, — nada de máquina de escrever nem de secretárias, — para atender à demanda urgente da imprensa. É uma avalanche de dores e angústias que batem à porta de seu coração, procurando consolo, o conselho útil, a 'peseta' que é dada discretamente para que, nesse dia, se leve algo à boca faminta, à enfermidade, ao frio, ao desassossego chamando por ela, rogando o bálsamo que cura tanto o corpo quanto a alma. E todavia a ela também carecia do mais elementar...

A Espanha teve desses heróis. Junto a Amália outros enfrentaram tremendas lides. Valha por exemplo um dos seus grandes amigos, Quintín López Gómez. Não encontrava nem ao menos editor que lhe imprimisse as obras, dadas suas tendências. Um periódico que decidira oferecer à opinião pública, a entidade onde atuava a Sociedade Sartoriana de Estudios Psicológicos, decidiu com seus valentes dirigentes e um grupo de serralheiros, fazer a sua própria máquina, rudimentar, que funcionou na única peça disponível, o quarto que compartilhava com o serralheiro. Este, homem habituado ao ofício, se proveu rapidamente de tipos, tinta e elementos acessórios de imprensa, com os quais pôs mãos-à-obra em uma ação tão particular. Foi assim, nessas precárias condições que Quintín López Gómez converteu-se em um eficaz propagandista do ideal que sustentava como um privilégio intelectual sem preço.

Dizia de si mesmo o estóico idealista:

— Fez-se a prensa e começou a ser publicado o "Iris de Paz", do qual, impressor, prensador, fiz a fachina e a redação de todas as secções. Tudo, como se vê à base de ingentes sacrifícios.

Tudo à custa de sua comodidade, seu tempo e sua própria saúde física. Sobre o ilustre varão, nascido em Salamanca um ano antes de Amália (1864), que sofrera em sua infância os inconvenientes das revoltas promovidas pelos carlistas fazendo com que seu pai tivesse de se mudar

freqüentemente de residência, não pode, por essa razão ter a educação elementar conveniente à sua natural inteligência.

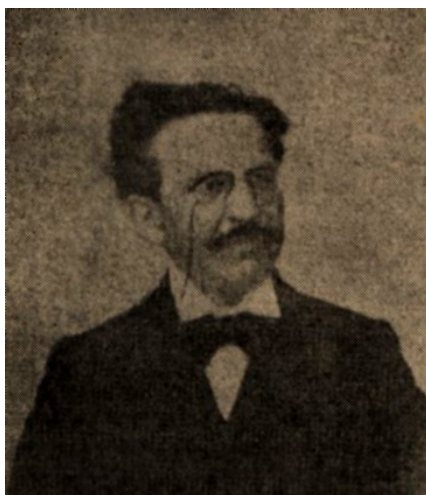
Aos 14 anos de idade ingressou em uma oficina de imprensa em Huesca, onde aprendeu os serviços gráficos. Começou então a redigir pequenas notas que foram publicadas em um pequeno jornal entre as quais "La Abeja del Pirene". Mais tarde, trabalhando em outra oficina existente igualmente em Huesca, que se dedicava à política e era dirigida pelo Visconde de Torres Solanat, teve oportunidade de escrever acerca do Espiritismo.

Rapaz de 17 anos Quintín repetiu uma brincadeira que seus companheiros de oficina costumavam fazer com o imperturbável Torres Solanot. E lhe perguntou com um sorriso matreiro:

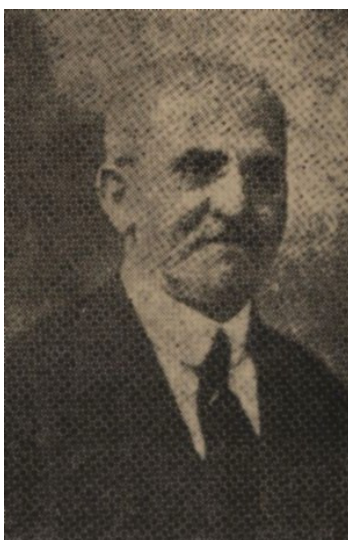
— O que disseram hoje os espíritos?

A pergunta dada pelo interpelado foi a causa de sua conversão ao Espiritismo, cuja leitura começou imediatamente. E enquanto impregnava-se dos princípios doutrinários o assunto mais e mais o empolgava e ele se decidiu passar para o papel os argumentos que lhe tomavam o espírito. Todavia logo rasgava-os e atirava-os à cesta de papéis, julgando que o resultado não correspondia ao que tinha em mente. Um desses artigos foi parar nas mãos de Torres Salanot que paternalmente o aconselhou a "estudar ordenadamente a gramática". Não obstante, corrigiu, ele mesmo, o original que foi publicado.

Anos depois revela-se como o grande filósofo que nele esperava ser despertado e quão oportuno fora o conselho recebido. Sua bibliografia é farta, especialmente em opúsculos, ensaios, crítica, assim como de um valioso "ABC del Espiritismo" onde revela uma pena hábil na exposição de seus ideais, como uma contribuição pessoal à filosofia dos homens encarnados.



Q.L.G. em sua juventude



Quintín Lopes Gómez em seus últimos anos de vida na terra

O Visconde de Torres Solanot, personalidade proeminente no campo político, defensor firme e decidido da filosofia espírita, pode ser pintado com traços rápidos na seguinte anedota:

O filho de uma opulenta duquesa teve com ele um sério desentendimento. Homem ardoroso, que pouca importância dava ao seu

título e aos costumes que lhe eram impostos, aceitou o duelo para o qual fora convidado.

Os jornais se ocuparam interessados com o caso. La Gaceta de Barcelona, escreveu textualmente sobre o incidente:

"O senhor Visconde de Torres Solanot aceitou o desafio, mas na seguinte maneira: o lance proposto era ao primeiro sangue ou morte. No primeiro caso, ao invés de correr ao local, cada um com uma arma para dar crédito a um valor sem finalidade, devia-se empreender uma grande obra de caridade que impusesse verdadeiramente um sacrifício:

O estabelecimento de um asilo, por exemplo, a educação de órfãos, etc... Os padrinhos, depois de realizado o ato seriam chamados para decidir quem havia vencido. Se o duelo era de morte, os desafiados deviam ir a um certo ponto onde reinava uma epidemia e cuidar dos contagiados e dos moribundos até que um dos dois sucumbisse vítima da doença. Ou, se isto não fosse aceito, engajar-se na próxima guerra que ocorresse, — na ocasião havia uma no Oriente, — libertar do serviço um soldado que tivesse família e bater-se até que um dos rivais caísse no campo".

A crônica termina laconicamente dizendo: "O filho da duquesa não aceitou".

Homem público que gozava de especial notoriedade, não hesitou em por-se à frente das instituições espíritas e nem a escrever sobre o tema, com habilidade e emoção singulares, pondo em risco os ensinamentos que a filosofia aprovava e os quais desprezara. Foi precisamente o Visconde quem provocara as primeiras escaramuças polêmicas com o sacerdote Manterola. Com grande dignidade convidou o cura a descer à liça da discussão em público, tomando por tema o mesmo que provocara os ataques do púlpito.

"El iris de Paz", a revista que punha Quintín López Gómez ao julgamento da opinião pública, vincula seu nome ao de outro grande lutador espírita, o qual como o Visconde, teve também destacada atuação política nas hostes que propugnavam pela implantação da república na Espanha. Terminou seus dias na Argentina, depois de viver muitos anos. Trata-se de Bernabé Morera.

Aragones nascido em 1862, abraçou o ideal espírita com o mesmo

fervor com que atuou no campo político, participando da Sociedade Sartoriana e assinando vibrantes colunas em "El Iris". Bem cedo tomou contacto com o público através das revistas portenhas, *Constancia*, dirigida por Don Cosme Marino e "La Fraternidad", dirigida por D. Antonio Ugarte.

Por vezes versejando, suas poesias surgiram nessas publicações e foram um dia recolhidas em um volume que teve por título "Folhas de Amoreira". Aportou às plagas argentinas nos inícios deste século, pondo-se em contacto com os líderes da época e fundando o periódico *La Unión*, outrossim colaborando ininterruptamente com *El Diario Espanol*, editado em Buenos Aires.

Quando Morera decidiu fazer uma viagem às terras da Espanha e desembarcou em Barcelona para tomar seu navio, resolveu ir pessoalmente conhecer a sua bondosa e constante amiga, a quem conhecia tão bem através de seus escritos, bem como através da correspondência travada entre os dois.

Chega à sua casa por volta de um meio-dia de esplendida luminosidade. "Uma brisa suave perfumava o ambiente. Sob uma amendoeira em flor, contrastando a alvura da floração com seu vestido negro ensimesmada em seu trabalho, encontrava-se Amália. Morera aproxima-se acompanhado de Quintín López Gómez. A escritora não se apercebera daquela visita. Quintín exclama em um sussurro:

— Ai tens a nossa heroína, dona Amália Domingo y Soler.

Morera descreve a cena: "Ela parecia absorta em seu trabalho; em torno havia algumas cadeiras e uma mesinha onde se viam livros, jornais e lembretes. Não sabia o que dizer à vista daquela santa mulher. Nos aproximamos lentamente. Quintín chamou-a. Cumprimentaram-se familiarmente e então ele apresentou. Estreitamos as mãos efusivamente. O olhar de Amália e seu rosto mostravam um trejeito entre severo e amável quando me acusou de deixar morrer a Iris de Paz. Uma epidemia de cólera mobilizara todos os trabalhadores daquela folha, convertendo-as em enfermeiros voluntários e gratuitos das pessoas afetadas pelo mal. Isto provocou a interrupção e saída do jornal. Não se podia pensar em continuar editando em tal situação..."

Mas o tempo passou e *El Iris* nunca mais voltou a circular! Amália, que

tanto lutava por sua pequena publicação, mantivera-a sempre viva. Sentia-se, pois, com autoridade de chamar às falas os amigos que não tinham sabido manter acesas essas tochas doutrinárias.

Os visitantes sentaram-se. Falou-se dos assuntos que os interessavam. Enquanto isso Morera observava a sua interlocutora: "Tinha uma expressão especial, — Disse em uma conferência dita e publicada em 1914. — e seu rosto tinha algo de indefinível. Seus olhos pareciam depósitos de água enquanto em seus lábios pervagava um sorriso que a intervalos deixava transparecer um rictus amável quando era dita uma sátira fina, a qual se diluía em frases cáusticas, porém bondosas, com o acento ceceioso da Andaluzia. Com um modo gracioso, porém com razão, fustigou-nos aos dois, aludindo aos espíritas em geral que, sendo tantos, não sabiam manter pujante La Luz del Porvenir, publicação que estava também ameaçada de desaparecer por falta de recursos.

"Seu rosto mostrava tanta altivez, — Conta Morera. — que só argutamente se descobria que havia ali um cansaço que se denunciava sobretudo na maneira pela qual se reclinava no respaldo da cadeira. Quintín e eu comportávamo-nos de início como dois acusados de um crime. Apenas pudemos articular alguns monossílabos em frouxa defesa própria. Sentíamos-nos de sobremaneira encabulados. Talvez dona Amália se encontrasse sobrecarregada de problemas aquela manhã e, por isso, nos provocava com aguda ironia."

A situação se modificou com a entrada de quatro operárias jovens que, voltando do trabalho em uma fábrica próxima, fizeram uma interrupção buliciosa ao saudar a sua amada conselheira.

D. Barnabé descreve a cena: "As quatro jovens se curvaram sobre a insigne lutadora de nossos ideais. Beijaram-lhe as faces, a testa, o queixo e os cabelos. Uma delas tomou-lhe as duas mãos e as beijava ansiosamente. Outra assentava-lhe as pregas do vestido com cuidadoso carinho. Todas tinham, enfim, suas exteriorizações de terna carícia, chamando-a com os apelidos mais carinhosos, formando um grupo encantador... como um ramalhete de flores...

— Ah! Louquinhas, louquinhas minhas! — Disse-lhes ela. — Quereis-me muito porém eu vos quero ainda mais.

Riram as quatro e saíram a correr porém se deteram à entrada para lhe

atirarem beijos com graciosos movimentos. Desapareceram. Durante todo esse tempo Quintím e eu permanecemos esquecidos. As invasoras nem ao menos deram pela nossa presença. Então o tom da conversa de Amália se torna doce e cordial. "A figura de Amália, — conta Bernabé. — era contraída. Tinha os ombros algo voltados para a frente. Era de pequena estatura, e frágil. Seu rosto mostrava por seus sulcos fundos, os amargos pesares de sua vida dolorosa. Como não seria amargo àquele ser, exteriormente algo grotesco, com uma envoltura corpórea pouco estética, conter o espírito de uma artista, uma alma poética... Era um ser todo ternura, todo coração, consagrado ao consolo de seus semelhantes, aos humildes, aos deserdados, aos tristes e caídos, aos que têm fome e sede de justiça, os pobres, os órfãos, os cegos e enfermos, os encarcerados...

"Olhando-se dona Amália, o nosso olhar parecia ignorar a sua aparência física para fixar o seu ser interior, a essência divina e invisível daquele espírito, feliz, intermediário entre os habitantes do Espaço e os da Terra, autora de composições literárias emocionantes e de obras filosóficas que tantos adeptos deu à causa espírita.

Em um artigo de *La Luz del Porvenir* podemos ler esses comentários sobre a heroína espírita:

"Espanta pensar que uma pobre mulher que vive de seu trabalho de humilde costureira, sem mais instrução além da recebida nas escolas primárias, tenha tempo para exercitar sua inteligência, cultivar suas faculdades e se tornar a escritora mais popular, amada por milhares de leitores que ainda hoje, meio século passado, prosseguem lendo os seus livros e a nomeá-la com carinho.

"De uma sensibilidade feminina e educada, constantemente recorda-nos o lar. Tem um terno afeto pela natureza e pela arte. Amada por um lado por sua ingenuidade própria à filha do povo, é admirada por outro graças à sua erudição e cultura. É tão dada a emoções místicas quando se rodeia de correligionários de ambos os sexos, ignorantes e simples, que lhes fala na única linguagem que compreendem. Participa igualmente das emoções humanitárias e não foge às digressões científicas. Segue a escola espiritista, crê na encarnação, em uma verdade ideal e em uma virtude metafísica e psicológica. Livre-pensadora profunda, tem uma contínua tensão dos nervos como se estes fossem caldeados pela febre da difusão

das idéias espíritas. A elas se entrega com toda a paixão de sua alma.

"Amália é pura e simplesmente uma escritora. Existem pessoas que nascem falando e escrevendo. Nossa heroína deve ter nascido esgrimindo com sua caneta na mão direita. Amália reduz sua vida inteiramente a ler, a conversar e escrever. É incansável em suas leituras até que seus olhos o impeçam. Ao conversar é pródiga e diferente de quando escreve. Seus escritos exibem uma erudição castiça e sua conversação é pitorescamente andaluza. Ela abandona-se em devaneios e modismos de sua terra natal.

"Quando escreve, Amália sujeita-se às regras gramaticais e aos cânones do estilo castelhano, conduzindo sua fantasia segundo o mandato da soberana razão. Poetisa de nascimento, dedilha a lira com extraordinária maestria sem ter feito nenhum curso literário e nem sequer ter folheado tratados de poética e retórica. Cantava como os pássaros e à força de escrever versos produziu formosas composições sentimentais, em todas as métricas, com ritmo livre de sua eleição. A respeito de alguns de seus trabalhos não os chamamos obras de arte porque são eclosões puras de sentimento, ecos de uma alma dolorosa que sente, sabe sentir e faz vibrar as fibras da alma do leitor, uma vez que as de sua alma estão de contínuo vibrando até o êxtase. Ferida por espinhos, contrariedades e turbulências do mundo — assim é Amália.

"O afã por escrever, em Amália, se fez sentir desde sua infância no imoderado emprego da pena e no incalculável número de cartas e artigos de sua lavra, impressos em uma multidão de jornais e revistas. Assim se constituíram os volumes de sua obra, já publicados.

"Escrevia a qualquer hora, sobre todos os assuntos imagináveis, descarregando assim de sua cabeça o pessimismo que poderia entristecê-la afoga em seu coração afetos mal dominados; é prazerosa em comunicar suas emoções e irradiá-las como se irradiam das luzes o calor.

"Desse modo escreveu artigos sobre tão diversos temas e tão variados matizes como a policromia de um bosque. Falava da tranqüilidade de um lar terno e culto, de uma mãe atarefada e de um pai bondoso assentado a um canto. De uma tarde em que vira o pôr-do-sol de um cume perto do céu... Não podia ver a migração das aves, voltarem as andorinhas, a flor primaveril perfumar o ambiente, deter-se um pardal no telhado, comentar-se a vida de um filósofo moderno sem que fosse relatar tudo isso em

poesias ou em artigos, aumentando sua produção literária.

"Um certo dia escrevia ao senhor Ansó y Monzó, diretor de La Revelación, de Alicante; outro dia ao senhor Colavida, em Barcelona, fundador da Revista de Estudios Psicológicos, e logo a Don José Amigó, o autor de Nicodemo e diretor de El Buen Sentido, de Lerida, dizendo-lhes, a uns e outros, que aceitassem seus artigos em troca do valor da assinatura, uma vez que não podia pagá-las com dinheiro vivo. E escrevendo durante toda a sua vida, preenchia todas as folhas espíritas da Espanha e da América em uma profusão e profundidade incríveis.

"Não acreditar na dor, vigiar o prazer, desobstruir os ouvidos com avisos quanto aos vícios, fazer da consciência o verdadeiro Sol da vida, não ceder às tentações mais imperiosas da carne, fugir da voluptuosidade e respeitar o dever: eis aí o que Amália propunha aos seus leitores vencer fraquezas e dominá-las.

"É preciso consignar a principal virtude dessa mulher histórica, desta heroína do pensamento livre, apóstolo inolvidável do sublime Espiritismo. Ao dedicar-se à propaganda ativa de suas idéias tão revolucionárias, tão reformadoras e progressivas, corria por um lado o risco de só contar com uma minoria exígua de combatentes decididos; do outro de enfrentar às potentes hostes do obscurantismo religioso, do fanatismo católico, da monarquia entronizada e do poder autocrático triunfante e poderoso. E ainda, em meio às lutas políticas, paixões desatadas, com leis vigentes prontas a fazer emudecer a imprensa e seus redatores, encerrando-os nas prisões, sob a ameaça do desterro e o perigo de morte em caso de rebeldia. Nada mais fácil do que cair a denúncia sobre um periódico liberal, um processo, um castigo brutalmente executado pelas batinas do governo, receioso e inimigo acérrimo de toda invocação ideal e de todo intento progressista.

Neste estado de coisas e afrontando todos os perigos, ergue-se esta pobre mulher defendendo todos os oprimidos e todos os deserdados, pondo-se em comunicação com numerosos presos dos cárceres e prisões do Estado, proclamando a liberdade de consciência frente a frente ao dogma; desafia as iras clericais e duela com um ilustre membro da hierarquia da Igreja Roma, o eloqüente e renomado cônego Don Vicente Manterola, refutando brilhantemente, com razões irrefutáveis os erros e os

absurdos contidos na luxuosa e volumosa obra *El Satanismo*, escrita especialmente para confundir e enodoar a doutrina Espírita.

"E a obra prima de Amália". Assim escreviam anonimamente, penas mais afinadas intelectualmente que a sua. Mas nenhuma podia superá-la em fervor, decisão, coragem e amor a seus semelhantes.

Cada estocada da ativa andaluza tem rebates peculiares. Todas as vezes em que exterioriza suas inquietudes ou suas observações no papel, transportados logo para as páginas de sua querida *La Luz*, descrevia um quadro de vida que arrebatava seus leitores, seduzia-os fazendo-os penetrar na medula mesma dos mais cruentos como dos mais felizes problemas humanos.

Esta tônica, essa temática não só aparece em *La Luz*. Uma grande quantidade de jornais e revistas também receberam em suas páginas essa influência literária, tais *El Critério* e *El Spiritista*, de Madrid; *La Gaceta de Cataluna*, *El Diluvio* e a *Revista de Estudios Psicológicos*, todos de Barcelona; *La Revelación*, de Alicante; *El Espiritismo*, de Sevilha; *La Ilustración Espirita*, de Montevideu; *Constancia* e *La Fraternidad*, da Argentina; *Annali dello Spiritismo*, da Itália; *El Buen Sentido*, de Lérida e outros mais que facilmente podem escapar nesta relação.

Em um desses tantos artigos expõe a via crucis de Milagres. Esta é uma pobre ceguinha que ficou privada da visão aos dois anos de idade. É filha de uma família pudente, dessas que sofrem os reveses da fortuna até cair na mais abjeta miséria. O pai da cega ficou paralítico. A menina vê-se obrigada a cantar pelas ruas para garantir a sopa rala que alimenta escassamente a desditosa família.

Um dia contrai casamento com um moço quase cego, órfão de pai e mãe, criado em um orfanato. Amália promete aos jovens acompanhá-los na cerimônia que deveria uni-los em matrimônio.

O ato, por ser gratuito, deve ser realizado antes das seis da manhã. Sai, pois, de *Villa de Gracia* às cinco e meia, no primeiro bonde que corre para a cidade. A noite não havia ainda retirado os seus escuros mantos...

Chovia e a água se misturava à neve, tornando desagradável e perigoso

o trânsito pelas ruas inundadas. Amália alcança, nessa atmosfera cor de chumbo, a igreja de San Pablo. Esquecida já do costume de penetrar nos templos, experimenta desta vez, ao fazê-lo, uma desagradável impressão. Havia muitos anos que se evadira das sombras que neles impera, de suas luzes trêmulas e vacilantes, desse odor especial, de umidade, incenso e das muitas respirações...

Sua imaginação começa, rebelde, a fazer reflexões que, de quando em quando, arrebatam-na. Seu espírito acovardava-se ante o acúmulo de recordações que se lhe acudiam, de idéias que se entrecruzavam e se confundiam em uma amargura crescente. Aquele angustioso espetáculo alquebrava-lhe o ânimo.

Surgem os noivos com a mãe da jovem. Esta, cumprindo com os requisitos da religião, ajoelha-se diante do confessor para "confiar a um homem estranho suas mais íntimas confidências".

Por acaso não devia ser a mãe, ou pai quem recolhesse aquelas sagradas confissões? — Pensava com amargura. Aquela excêntrica união ativa sua imaginação. Ela pensa! E La Luz receberá a descarga de suas elocubrações.

Vê saírem os noivos, confusos e radiantes. Em seguida assiste a outro resplendor: a luz do verdadeiro amor.

Volta ao seu quarto agora iluminado pelos raios do astro rei. Não obstante parece-lhe sombrio. Era sua própria melancolia que tisonava o ambiente. O quadro que acabava de presenciar a compungia.

"Que destino estava reservado àqueles seres. Apenas uma perspectiva: a vida plena de vicissitudes! — Pensava contristada.

Uma vez mais se sente envolta pela influência do Além. A presença do Padre Germano se faz sentir. Uma vida anterior, uma encarnação mal vivida; um mundo de luz em suas mãos e eles a tinham desperdiçado. Hoje constituíam, um exemplo para aqueles que não seguissem pelo bom caminho...

E a crônica se enriquece com a profunda lição. E vai, nas asas de La Luz penetrar nas almas de seus leitores, como um manancial de redenção humana.

A tarefa de jornalista prossegue. Peculiar, sincera!

"A história de sempre", é o título do editorial que encabeça a revista de 26 de julho de 1883, que se ocupou da intolerância e do absolutismo. — Uma vez mais! — denuncia as hostes católicas no país, naqueles dias.

Inicia rememorando a história de como haviam procedido na Espanha com judeus e maometanos, prejudicando o país nas suas industrias, criadas por essas correntes raciais com pujante impulso. Expulsa-se o caudal de habitantes, por desejarem impor a todo o custo o dogma romano. A história prossegue minuciosa e detalhada, até chegar a um fato recente, no qual o dogmatismo se manifesta em nova forma para exprimir a mesma atitude.

Os alunos do "Centro Escolar Dominical de Operários" haviam tido por tema de estudo A iniquidade ou A superstição do Espiritismo. O fato é publicado por um periódico barcelonês, El Eco de Navarra.

Um estudioso espiritista, — Narra La Luz. — Havia remetido uma nota sensata ao diretor do instituto, chamando sua atenção para a forma como era encarado um assunto tão sério, entregando-o aos jovens educandos com tanta desconsideração e parcialidade. O diretor não se dá por vencido e a carta cai no esquecimento, sem resposta.

Entretanto El Eco de Navarra imediatamente publica, firmado com iniciais, um artigo no qual afrontava-se o Espiritismo. Sem fazer nenhuma menção às invectivas dadas ao Espiritismo, deixava bem claro que aquela nota assumia o caráter de uma resposta à dita carta.

A reação lógica da missivista se manifesta então no envio de outra nota com pedido de publicação ao diretor do jornal. Este responde, em uma das colunas de sua folha que, sendo fiel súdito da Igreja Católica, não podia ceder espaço a publicações contrárias à religião que professava, não obstante o tom respeitoso com que o solicitante tratava do assunto.

Este é, o motivo que provoca a enérgica reação de Amália e leva-a a escrever o citado artigo. Para reforçar os exemplos, consigna dois episódios pitorescos que documente nas mais condignas fontes de informação. Sucederam em Pisa, em 1857, e na Espanha, em Cervera, Rioja, em 1877.

O caso ocorrido na Itália refere-se a um jovem corso que acabara de enterrar um morto, seu amigo, o qual não cedera às solicitações dos sacerdotes de submeter-se, nos últimos instantes, ao ritual em uso. O jovem já ia se deitar aquela noite quando entrou em seu quarto uma figura envolta em um manto branco, arrastando correntes... Ante a aparição, fantasmal, toma prestamente seu revolver e atira em direção à aparição, quase a queima-roupa.

Quando os vizinhos e curiosos acodem a fim de se inteirarem do ocorrido, encontram no solo, moribundo, o sineiro da igreja local. O caso promoveu um grande escândalo, pois o sineiro, obedecendo a ordens dos clérigos mal-satisfeitos com a rebeldia do finado, deixava viúva e quatro filhos pequenos.

O caso ocorrido em Cervera não é muito diferente. Um rico proprietário do local recusa os rituais romanos, pois alimentava idéias contrárias aos mesmos. Não obstante, apresentando-se o cura da paróquia à cabeceira do moribundo, insiste em seus propósitos junto aos parentes do agonizante. Ao ouvir novamente a negativa destes, retira-se irado, proclamando em alta voz de modo que o ouviram todos quantos estavam presentes, que o diabo viria buscar o cadáver para levá-lo ao inferno.

Fazia-se o velório quando apareceu na sala mortuária uma ridícula figura vestida de vermelho, empestando o ar com forte cheiro de enxofre queimado e arrastando uma comprida cauda. O espantinho provocou medo e a debandada dos presentes. Um criado que ouvira o ruído e a gritaria, acudiu pressuroso. Viu o intruso e voltou em busca de um revolver. Descarregou três balaços sobre a aparição, deixando estendido e morto o sacristão da paróquia que se vestira de diabo.

Estes episódios relatados por alto, sem dar-lhes muita importância, demonstrava a que ponto pode chegar a intolerância e a falta de respeito para com as idéias alheias. Deles se serve Amália apenas como pretexto para salpicar seu trabalho com referências episódicas visto que seus leitores não tinham condições para acompanhá-la em elucubrações mais agudas.

Não obstante esta parte que julgava menos importante foi a de que se serviu um culto católico de Calahorra, localidade vizinha a Cervera, Rioja, para publicar em Eco de Navarra um artigo afirmando que o

episódio espanhol não podia ser provado e que a respeito do de Pisa não era apresentada uma documentação pertinente de modo a ser tomado em consideração.

No artigo em referência, intitulado Refutação a uma falsidade, o senhor Serafín Olave y Diez, que é o contestador, refere-se à nota de La Luz del Porvenir, dizendo que desejava saber se a redação da revista aceitava uma polêmica a respeito das importantes questões postas em jogo.

Em um editorial sob o título de O tempo é ouro, Amália publica a 30 de agosto do mesmo ano a sua resposta, fazendo saber ao seu interrogador que seu periódico estava disposto a ceder dois de seus números mensais para transcrever qualquer refutação sempre e quando esta possuísse a dignidade que as circunstâncias requeriam. Ademais, agregava que as informações discutidas por Olave, referentes aos casos de Pisa e Cervera, eram retiradas do jornal El Globo ao qual dava tanto crédito quanto à própria realidade. Disposta estava, dizia, a considerar tudo falso já que os fatos não invalidavam os argumentos sólidos e indiscutíveis publicados na ocasião.

Com uma ironia sutil e uma linguagem finória, artificiosa e tonitroante, o católico prefere destruir os alicerces espíritas se, realmente, ela lhe cedesse o espaço prometido, esperando com isso convencer a sua contendora "por meio de raciocínios matemáticos, apresentando alguns que Amália nunca ouviu nem alcançaria ouvir. Com sub-reptícia linguagem, cheia de florilégios e conselhos no sentido de que Amália se modifique, assim concluiu sua carta o senhor Olave y Diez, o qual afirma não precisa ser-se espírita para comunicar-se com os Espíritos. Basta seguir os conselhos do dulcíssimo Francisco de Sales. Acalentava por fim a esperança de poder convertê-la à sua religião "em cujo seio espero ver-vos algum dia..."

O tempo é a tela da vida, Amália intitula então o artigo com o qual dá fim ao pugilato destituído de substância com o senhor Olave y Diez. Não tem tempo para convencer o arraigado critério de seu rival. E não pensa no momento em modificar suas considerações.

E como os leitores de La Luz, desde os mais humildes lares, aos hospitais e aos cárceres, esperam com avidez a prosa simples e grata à sua mentalidade, empregada por sua diretora, não podia esta perder o seu

precioso tempo em engendrar sutilezas que a nada de prático conduziam; já amplamente postas em discussão não traziam nenhum proveito para os deserdados, os sofredores que necessitavam da palavra de consolo, do conselho amoroso, da mensagem de paz que todas as semanas lhes chegavam com a humilde folha.

Assim termina mais um dos tantos encontros com os senhores defensores das idéias ultramontanas, como costumava chamá-los Amália, Mas não sem antes dar-lhes uma preciosa lição, muito a propósito, de como se devem encarar assuntos tão delicados, distribuindo sobre o tapete da razão conceitos, idéias, exemplos, provas, todo o passado detidamente, passando-os pela fina peneira do raciocínio.

Em outra ocasião... O excelentíssimo e ilustríssimo doutor Jaime Catalé y Albosa, bispo, na ocasião, em Barcelona, administrador católico da Diocese de Ceuta, Cavalheiro Grã Cruz da Real Ordem Americana de Isabel, a Católica, senador do reino, do Conselho de Sua Magestade, que possuía em 1883 o cargo de Principado, dirigiu uma tremenda pastoral ao clero e aos membros de sua paróquia denegrindo os espíritas e os homens de idéias liberais. A palavra de Amália se faz ouvir então em sua tônica clara, sonora, precisa, sem, por isso, deixar de ser altamente respeitosa.

— Com que direito, senhor bispo de Barcelona, dizeis na vossa Pastoral que "o gênio do mal abriu suas amplas e negras asas sobre o âmbito da Igreja?" Com ela fizeste com que de toda parte surgissem sequazes da impiedade, munidos com o aríete de vossas mentiras, investindo ferozmente, reforçados por vossos ministros, dogmas e uma falsa moral, ora disfarçados sob o manto da filantropia, ora em nome da civilização e do interesse humano, mas por todos os meios, alguns inteiramente reprováveis, buscando arrasar mesmo à custa de recursos os mais condenáveis, os alicerces de nossa fé. Diz vossa Pastoral que se trabalhou sem descanso para que desaparecesse o espírito católico das famílias, da sociedade e dos costumes públicos; tentou-se substituir as nossas convicções por uma religião acomodatória que servisse de ponte para a mais descarada impiedade, o caduco Protestantismo e o Espiritismo, com suas artes diabólicas e absurdas, prestaram sua cooperação para a obra nefanda de tornar anticatólico o povo.

"Tudo resulta no mesmo", intitulou o editorial comentando o assunto.

Elucida na valente réplica com que recebe a pastoral, inumeráveis exemplos de que a atitude desses senhores era sempre agressiva e altissonante.

Longe de conclamar a sua grei à paz e à concórdia, de provê-la de recursos necessários à alma para esse fim, dizia, acendiam uma nova fogueira de intolerância... "Tudo resulta no mesmo... Não poderia haver réplica para tão desmedido desplante.

Toda a campanha ou ação, onde quer que transcorresse ou da parte de quem fosse iniciada, viesse em favor do bem, a ela aderiu La Luz del Porvenir com armas e bagagens. É assim que adere a uma campanha iniciada em Londres, quando a "Federação Britânica Internacional Contra a Prostituição", desejosa de combater o tráfico de brancas, e que criava filiais em diversos países do mundo. Amália toma conhecimento de que o juiz San Beltrán está trabalhando enérgica e eficientemente em tal sentido e lhe envia uma carta respeitosa, felicitando-o. O referido Juiz, Dr. Narciso Maestre Gil, se digna a responder-lhe agradecendo os elogios e o apoio pois que, naqueles dias — conforme ele próprio afirma, — a prostituição em Barcelona é uma das chagas que mais o afligem.

No dia 27 de janeiro funda-se em Barcelona uma sociedade denominada Procección Filarmônica, integrada por músicos cegos, dispostos a realizar concertos para arcar com seus gastos sem recorrer à caridade pública. Amália, conhecendo em sua própria carne a gravidade da situação desses infelizes, emprega em propícia ocasião, generosamente as páginas de La Luz para cooperar com eficácia na difusão e êxito de tal obra. Em novembro desse mesmo ano se concretiza o concerto que se realiza em um luxuoso salão no centro da cidade, com páginas de Beethoven.

- Graças a Deus! — Dizia Amália. — Eles poderão ganhar honrada e decentemente seu pão sem recorrer à caridade pública, fazendo soar os seus instrumentos pelas ruas.

Em suas colunas não hesita, por outro lado, em publicar duros reproches quando se tratava de por a descoberto os maus espíritas. Há gente que assim se denominando não cumpria devidamente com os postulados que diziam sustentar. Em Penas de San Pedro, por exemplo, um senhor que se denominava espírita, quis batizar seu filho e o cura, por

sua vez, negou-se a fazê-lo, tendo em vista a ideologia do pai, Amália comenta o fato dando por sua vez um puxão de orelhas no idealista que não soubera bem entender a doutrina que dizia professar.

A este respeito dizia-se que na Espanha... "de tudo há", inclusive tipos cognominados com o apelido satírico de animais anfíbios.

Pois segundo se dizia, lêem as obras de Kardec e acendem uma vela ao Cristo da Saúde. Evocam os espíritos e no dia seguinte vão ouvir missas pela alma dos defuntos, rezando dez ou doze rosários para o aumento de graças ou desagrvos".

Merecem essas criaturas, confundidas ainda no caos da ignorância, — Amália termina interrogativa. — o sagrado nome de espíritas...?

Todo ato indigno, publicações insuficientes ou negativas, encontravam sua réplica, sua admoestação severa e bondosa. — Da mesma maneira as boas ações, os atos exemplares encontravam em La Luz, tão logo ocorridos, o elogio, o estímulo e o aplauso sincero e cordial, sem reticências.

Se a revista de Amália prosperava e ampliava o seu raio de ação, não se tornava menor o centro a que pertencia. A entidade que Luiz Llache dirige com tanto tino, com tanto amor, pode realizar em outubro de 1882 inauguração de novas dependências que, segundo se consigna na crônica da época, estiveram assim dispostas:

No piso inferior se encontravam a biblioteca, o salão de leitura e a secretaria. No piso principal residia o presidente com sua família; no segundo há um salão para sessões, de treze metros de largura por cerca de oito de comprimento, com um estrado à frente no qual se acham colocadas duas mesas, uma coberta por uma toalha e a outra redonda, destinada aos médiuns escreventes; doze cadeiras e uma poltrona. As paredes estavam adornadas por escudos de todos os países e bandeiras dos mesmos, entrelaçadas com a da Espanha significando a irmandade universal. Além disso há retratos dos principais personagens espíritas do mundo. A platéia estava disposta com duzentas e catorze cadeiras e podia ser ampliada em caso de necessidade até trezentas, deixando lugar para o piano e o armônio. Uma galeria extensa serve de local onde os cavalheiros fumam e na ante-sala há um armário para as senhoras; na galeria, outro para os homens.

O propósito principal dessas ampliações são as conferências públicas, destinadas especialmente às mulheres, pois, como publica La Luz, quando Amália chegou a Barcelona as sessões de La Buena Nueva se realizavam quase às escondidas e fugindo geralmente do conhecimento do grande público. A expansão das instalações dizia às claras da grande afluência de público às reuniões da noite.

O ciclo de conferências é inaugurado por Amália que desenvolve o tema: "A influência do jesuitismo na família", e a esta seguiram-se outras brilhantes noitadas lítero-musicais que se realizavam em homenagem a Allan Kardec a 31 de março (dia de seu falecimento) e 3 de outubro (data de seu nascimento). Em 1883 o público lotou inteiramente as instalações da entidade. As atividades desenvolvidas no centro sucessivamente deviam aumentar a fim de conformar-se com as amplas acomodações.

Em sua agitada e ativa vida como conferencista, Amália participou de uma das célebres noitadas que o Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos promovia e que serviam para que fossem expostos conceitos a respeito do ideal que reunira personagens de grande valor intelectual e moral.

Eram presididas pelo Visconde Torres Solanot e nessa noite fizeram-se ouvir Angel Aguarod, o Dr. Manuel Sanz Benito, José Amigó y Pellicer, Quintín López Gómez entre os mais destacados pelas altas virtudes e o saber que os exornavam.



Angel Aguarod

Don Angel Aguarod nasceu em Villa Ayerbe, Huesca, a 2 de outubro de 1860. Foi educado em escola católica e recebeu sua primeira instrução de um tio, pároco de Novares, também de Huesca. Aos 11 anos mudou-se para Barcelona participando com entusiasmo nas lutas sindicais da época, ocupando aos 17 anos o cargo de secretário-geral do Centro Federativo de Sociedades Obreiras.

Aos 20 anos começou a se interessar pelo Espiritismo, consagrando-se a estudos exaustivos das obras da codificação. Iniciou-se em uma sociedade eminentemente racionalista denominada La Cosmopolita, transferindo-se em seguida para o Centro Barcelonés do qual foi um dos fundadores como o foi também da Unión Espirita Kardeciana, dos centros "Sócrates" e Amor y Ciência. Em 1905 mudou-se para a Argentina onde colaborou ininterruptamente na revista *Constancia* e *La Fraternidad*. Foi um destacado e brilhante orador que fez ouvir sua palavra vibrante e consistente em vários auditórios da capital e do interior do país, os quais visitava freqüentemente, sendo recebido em todos com grande entusiasmo.

Retornou à Espanha em 1919, mas fixou residência em Porto Alegre, onde se radicou e viveu até o fim de seus dias terrenos. Em Porto Alegre onde desenvolveu grande atividade, atuando em várias sociedades e

dando colaboração a revistas locais como "A Eternidade" e "Allan Kardec", dirigindo esta última até sua desapareição.

Aderiu aos lutadores brasileiros e, em 1921, fundou em Porto Alegre o grupo idealista "Paz"; em 1922 a sociedade "Paz e Amor", de que foi Presidente até sua morte ocorrida a 13 de novembro de 1932, cumpridos 72 anos de vida. Escreveu vários livros: "Los mensajes Del abuelo Pablo; Orientando hacia los cumbres; Del Maestro al Discípulo; Confidencias espirituales; Grandes y pequenos problemas a la luz de la nueva revelacion; e Voces del más Allá.

Dizia que seus escritos todos provinham de mandato e influência do Mundo Maior do qual era um simples intermediário.

O doutor Samuel Sanz Benito, outro dos atuantes do "Centro Barcelonés" possuía uma linguagem doce e harmoniosa que fazia dele um orador que nunca se impunha com gritos, e não se valia de bombos y platilos conforme narram as crônicas. Alcançava as almas como um suave perfume de violetas.

Segundo ele próprio dizia, não chegara ao Espiritismo pelos caminhos do martírio, como sucede com muita gente, nem pela senda da dor, em que a alma se engrandece e se depura por meio do sofrimento. Acreditava ter nascido espírita pois sempre havia sonhado com a verdade desse ideal, apesar de se ter dado a outros estudos. Sem esforço, sem que nenhum acontecimento o fizesse buscar um lenitivo para seus pesares, jovem ainda se viu, atraído pelos estudos espíritas que se harmonizavam perfeitamente com seus autores prediletos, chegando a ser membro da grande família espanhola que se abrigava sob essa singular bandeira.

Era Sárs Benito, no dizer de Amália, agradabilíssimo de trato. Possuía uma simplicidade e amabilidade que atraía a todos quantos o conheciam. Catedrático de metafísica, era dono de uma memória admirável, que fazia com que se destacasse em todos os âmbitos de sua atuação. Manuel Vives y Vives chamava-o carinhosamente "o menino sábio".

Outra figura de talhe proeminente nesse âmbito de estudos era José Amigó y Pellicer, que em maio de 1873 começou a realizar reuniões com alguns dos seus mais cultos amigos, mal satisfeito com a religião em que nascera, a católica, à qual estivera fortemente vinculado pois que "católicos foram seus pais, católico o país em que nasceu, a Espanha,

católico era por educação e porque só lhe haviam ensinado a pensar com critério católico".

Um dia teve um ato de rebeldia Perguntou a si mesmo: — Por que sou católico?

Ele mesmo respondeu:

— Por sentimento, em virtude de uma série de circunstâncias que desenrolam em torno de ti, independentes de tua vontade, alheias à tua iniciativa, sem convicção, que penetram suavemente por todos os caminhos do espírito e é o resultado progressivo da comparação e da comprovação, sem a convicção que procede da harmonia das leis e dos fatos, com oajuizamento da consciência.

A exteriorização do catolicismo estava muito longe de convencê-lo. Assim começou, um dia, a inteirar-se da filosofia espírita, a princípio com temor de falar a respeito da nova doutrina, na qual julgava, ir encontrar conceitos ridículos, vulneráveis e motivos de sobra para relegá-la ao desprezo, depois ao esquecimento, contando ainda condená-la como atentatória às sábias leis da moral evangélica. Todavia à medida em que se internava em seu estudo e ia recebendo sublimes e convincentes mensagens do Mundo Superior, seus preconceitos se foram desfazendo e em setembro do mesmo ano, (1873) decidiu com seus amigos dar às suas reuniões um "caráter mais formal" e fundaram em Lérida, bairro de Barcelona, o "Círculo Cristão Espírita".

Por decisões próprias e mensagens recebidas é organizado e viu a luz pública em 1874. Lançou Roma e o Evangelho, livro sólido, contendo mensagens bem argumentadas que produziu uma profunda revolução nos meios científicos, religiosos e filosóficos. Seu êxito teve um hiato extraordinário: O primeiro ministro da Restauração, Marquês de Orovio suspende, por essa discordância, como diretor da Escola Normal de Lérida, Don Domingo de Miguel, que também era Presidente do Círculo Cristão Espírita, que imprimiu e publicou o livro. E, em seu cargo de segundo professor do mesmo expediente, o próprio Amigó y Pellicer.

Dezoito anos mais tarde, firmes em seus postos, os integrantes do denodado grupo lançam uma segunda edição da obra. Na Argentina, a Editorial "Victor Hugo" reimprime em 1946, o valioso texto firmado por Amigó y Pellicer.

Em 1879 surge da mesma fonte e com os mesmos recursos, o livro tendo por título Nicodemo, uma importante orientação de quanto se pode fazer através da intervenção mediúnica, assinalando os erros do Catolicismo e, novamente, a interpretação dos princípios crísticos em seu contexto particular. Dizia-se que seus escritos eram tão profundos que "rasgavam o Papel".

Exercia Don Amigó y Pellicer o órgão oficial da entidade, El Buen Sentido, de onde partiam dardos certos contra os erros expressos em tiradas como esta:

"Não nos maldizeis, sacerdotes de Cristo, vós que vos credes depositários da verdade absoluta: somos vossos irmãos e não deixaríamos de sê-lo ainda quando cerrásseis vosso coração à caridade, tão recomendada pelo Enviado do Altíssimo. Nós vos amamos e abençoamos pois que devemos amá-los e bendizê-los como seres emanados do pensamento de Deus. Não nos amaldiçoareis, não é certo? Vós vos intitulais cristãos e procedeis cristãmente: disso, estamos certos, pois que Jesus repreendeu severamente a Tiago e a João que desejavam descesse o fogo dos céus sobre os samaritanos por haverem estes se negado a recebê-los em uma de suas cidades".

E se dirigindo aos humildes com o mesmo diapasão dialético, acrescentava:

"Vós, filhos do povo, pobres filhos do povo, que nasceis envoltos na atmosfera insalubre do infortúnio, que viveis na obscuridade e na miséria, que trabalhais e com vosso trabalho aplacais a fome de vossos filhos; que tiritais de frio por falta de abrigo, de febre, por falta de alimento e de desesperação por vosso futuro, se chegardes à velhice e pelo futuro de vossas infortunadas famílias se uma morte prematura lhes arrebatou vosso amparo; vinde conosco, vinde juntar-se a outros filhos do povo que vos amam como irmãos e lamentam vossas necessidades e amarguras".

Em setembro de 1888 se realizou na cidade condal um magno acontecimento. Sob a iniciativa do Visconde de Torres Solanot e um grupo de seletas personalidades que ilustravam a Barcelona de fins do

século XIX, leva-se a cabo um "Congresso Espiritista Mundial", aproveitando a grande afluência de povo atraído pela famosa Exposição Internacional que, nessa data, de âmbito nacional, irradiava suas luzes e esplendor, com projeções ecumênicas.

O desejo dos organizadores foi o de realizar o ato em uma das melhores e mais amplas salas de quantas havia na cidade, mas os teatros, possuidores de maior capacidade, estavam então ocupados com a programação de repetidas funções, aproveitando o público que afluía.

Teve-se de recorrer a um grande salão de festas, dedicado a bailes populares, denominado Salão Eslava, de considerável amplitude mas não de todo dotado dos esplendores que os organizadores entusiasmados desejavam. Não obstante graças a diligência, o bom gosto e o esforço de todos, a sala pode engalanar-se de modo a se tornar o mais possível de acordo com o desejo geral.

O estrado foi coberto com tapetes de veludo carmesim, mostrando ao centro o busto de Allan Kardec rodeado de palmas e lauréis; o piso foi atapetado, reservou-se uma mesa para os jornalistas, ergueram-se bandeiras de todos os países do globo, providenciou-se uma profusa iluminação, flores e plantas em artística ornamentação, tudo brilhando em sua disposição. A presença era de mais de duas mil pessoas, as quais, ao finalizar-se cada reunião, faziam entusiásticos comentários felicitando e recepcionando as delegações de modo a que, em clima de franca amizade, discutissem os mais importantes aspectos do ideal espírita que sustentavam nos mais longínquos pontos do planeta.

Só da Espanha, de diversas províncias, concorreram mais de cinquenta sociedades. De ultra-mar, — Cuba, Porto Rico, Chile, Peru, México, Venezuela, Argentina, Estados Unidos, Bélgica, Itália apresentaram numerosas delegações, inscrevendo-se igualmente a Romênia e a Rússia. Grande número de revistas e periódicos espíritas se fizeram representar em tão magno acontecimento.

Este famoso conclave, pela qualidade dos organizadores, nomeou como Presidente honorário Don José Maria Fernández Colavida, como homenagem às altas condições intelectuais e morais que o adornavam. Foi eleito Presidente Torres Solanot, Pierre Gaetan Leymarie, ilustre discípulo de Allan Kardec (*) representou a França, o cavalheiro Efisio Ungher, da

Academia Internacional de Roma e o Dr. Huelves Temprado, espanhol. Ocupou a Vice-presidência, como um reconhecimento de mérito, Amália Domingo y Soler, compartilhando esse cargo com o Dr. Giovanni Hoffman, italiano, Facundo Usich e seu grande amigo Miguel Vives y Vives. Para secretário da assembléia foi escolhido o Dr. Manuel Sáenz Benito.

() Este foi o primeiro Congresso Espírita de âmbito universal.*

Um dos mais brilhantes expositores foi o Dr. Victor Oscáriz y Lasaga, autor do livro "Universo Espiritista", catedrático em Retórica e Poética no Instituto de Gerona, professor da Escuela Normal, fundador do periódico "La Solución".

Magnífico é o horizonte de Barcelona, cidade industrial, mercantil, marítima, que escreve no espaço com a fumaça de suas chaminés de suas fábricas, a palavra Progresso. Magnífica é a exposição na qual se ostentam os primores do artista e os triunfos do operário.

Outra razão, a mais para alimentar a fervorosa caneta da incansável escritora.

O Espiritismo sustenta a imortalidade da alma. Este princípio, antigo e mencionado em diversas correntes religiosas e filosóficas, foi incluído no texto da doutrina de Allan Kardec.

O homem é, segundo sustenta o conceito doutrinal, além de uma manifestação biológica, entidade espiritual nascida em um remoto passado e que se manifesta através de sucessivas reencarnações ou avatares, por diversos corpos, através do tempo.

É o Espírito que, ao morrer um de seus corpos, passa um período na erraticidade, no espaço infinito e volta a encarnar em outro corpo, começando uma nova vida com o propósito de purificar o seu valor intrínseco até um ponto ideal que será alcançado ao fim de uma longa jornada evolutiva, de encarnação em encarnação, através do tempo.

É a doutrina da reencarnação sustentada desde os Vedas, na noite dos tempos e por ilustres filósofos da Índia, Grécia e Egito, nas primeiras manifestações da civilização.

O homem é, pois, o artífice de seu próprio destino no processo das vidas sucessivas, em uma carreira imponderável rumo ao infinito e à eternidade.

Amália não só compreendera a teoria espírita; aplicara-a no seu dia a dia e assimilara-a em toda a sua dramática potencialidade. Por isso soube compreender a tragédia de sua vida. Pôde justificar a desdita e sua cegueira quando menina. Compreendeu a causa de sua agonia moral quando, aos 25 anos, viu partir sua querida mãe, único sustentáculo, báculo e consolo de sua vida. Teve uma compreensão exata de seu compromisso ante a vida quando as circunstâncias puseram-na ante a prova de fogo de sua obra jornalística. Firmou-se assim em uma posição que, para outra pessoa poderia ter sido uma aventura sem propósito.

Assim pode, um dia, quando comemorava 58 anos, refletir sobre a sua situação, deixando os seus pensamentos registrados em La Luz para exemplo de seus leitores em uma nota à qual intitulou: Concurso de acredores (Reunião de credores).

— Os incidentes de minha encarnação atual, — Dizia. — não são para deixar em mim a marca de terríveis remorsos nem de inefáveis satisfações. Sempre se adquire responsabilidades, todavia, desta vez, como apenas pude tentar o vôo, não tive ocasião de por em jogo a minha ilimitada vontade. Assim é que minha presente existência não me pode causar nem medo do castigo nem a doce esperança de gloriosa recompensa.

Lamentava-se não obstante de uma profunda tristeza que a agoniava, tristeza que ia aumentando de forma alarmante e que, aparente-mente não tinha motivo de ser.

— "Para dizer a verdade, — Confidencia mais adiante. — se bem que tenha sofrido muito na atualidade, estou tão distante da felicidade quanto da desgraça. Se me comparo aos felizes da Terra, como as mulheres que se uniram aos homens amados, que viram nascer seus filhos, que viveram sempre rodeadas de carinhosas atenções e não sabem o que é a miséria com todo o seu cortejo de horrores, sua solidão, seus perigos e seu enorme abandono, ao lado desses seres venturosos eu indubitavelmente sou uma árvore seca, sem folhas, sem flores nem frutos, um zero sem valor na soma social, um cego que não viu a luz, um surdo que nunca ouviu o

dulcíssimo canto dos rouxinóis, um mundo que jamais pode dizer: "Eu amo!"..., um idiota que passou pela terra sem deixar os sinais de sua passagem. Mas, se me comparo a essas mulheres que prendem seu destino ao de um homem digno e brutal, que se embriaga e, ao entrar em sua casa parece uma fera que atormenta sem piedade para com a esposa e os filhos, e ataca implacavelmente, resultando de tudo isso a entrada da pobre mulher em um hospital, deixando os filhos ao abandono... Ou à rameira que se vende por vício e termina seus dias em uma casa de correção... Ao lado de tais mulheres eu estou na glória pois que ninguém me atormenta nem levanta o dedo, em riste contra mim; porque os agentes da polícia não conhecem o meu nome; porque tenho uma família adotiva com a qual vivo da melhor forma possível e estou presa, por meus ideais filosóficos, família imensa, os espíritas! Por isso o dia de amanhã não me aterra e tenho a comunicação dos espíritos que me encoraja, que me estimulam ao trabalho, que me consolam extraordinariamente, convence-me de que o progresso indefinível libera todos os escravos de suas violentas paixões e eu, que sou uma parte infinitesimal da Humanidade também poderei ser sábio entre os sábios, bom entre os bons, grande entre os grandes e esta convicção íntima de meu progresso eterno me faz viver, não direi... ditosa, mas, pelo menos distanciada da desesperação.

Assim é que, na realidade não tenho motivos para sentir essa tristeza que de tanto e tanto me atormentam. Se de minha atual existência não tenho recordações sorridentes, pois que sempre a miséria e a dor estiveram me rondando, também é certo que hoje minha luta é menos dolorosa que em minha juventude. Minhas aspirações terrenas estão concluídas, os prazeres naturais da vida já não têm atração para mim. Meus pensamentos já não têm objetivo além de despojar-me lentamente de meus inumeráveis defeitos para ter o direito de voltar em melhores condições.

Quando a luta das paixões terminam, cessam também os motivos da desesperação. Por isso digo que estou tão longe da felicidade quanto da desgraça. Minha tristeza não tem razão de ser... No entretanto..."

Ao declinar a tarde, ao avançar das primeiras horas da noite, se ela se encontra longe de seu lar, pelas ruas de Barcelona, as lágrimas afluem a seus olhos e lhe parece que a solidão será interminável. Esquece as

comunicações dos Espíritos, seus conselhos e seus ensinamentos e só experimenta intimamente um deserto incomensurável. Como se fosse projetada por uma película cinematográfica, cruza então por sua mente, nessa hora crepuscular, a lembrança de todos os seres que conheceu em sua existência atual.

Não encontra no detido exame retrospectivo nenhum reflexo de ódio ou de rancor. Todavia, no fundo de sua percepção espiritual ouve inteligíveis e másculas palavras. Alguém sussurra. Logo em seguida, com os olhos da alma, vê refletir-se na bruma do entardecer uma espécie de pontinhos luminosos que se unem formando as sentenciosas palavras:

Reunião de Credores

Atônita fica a ler a singular mensagem espiritual. E compreende que não está sozinha, que o mundo espiritual a assiste, que a tristeza tem a sua razão de ser. Uma legião de Espíritos a rodeia, acusam-na espiritualmente, pedindo contas de seus atos passados. Ela reage. Enfrenta a situação e solicita aos seus credores, ao mais acirrado dentre eles, que a envolva em seus fluidos e que a faça compreender pela psicografia qual é o motivo de seu ódio. Senta-se à sua mesa de trabalho, com a pena na mão e a mente em branco... E a comunicação do Além se vai delineando em palavras nervosas, apressadas, marcando fundamentalmente o papel.

— Já é hora de enfrentares as realidades. No decorrer de longo tempo andaste em pós de delírios e quimeras. A tristeza que te acabrunha também te surpreende. Isto significa a prova total de teu esquecimento do passado. Não disseste muitas vezes, (quando sofrias uma enfermidade na Terra), que é quase mais penosa a convalescência do que o período crítico da enfermidade? Isso porque, na convalescência, se um dia o enfermo tem apetite, sofre depois inapetências intermináveis, levanta-se hoje para retornar ao leito amanhã. E as recaídas são terríveis. Imagina que a encarnação do Espírito é uma enfermidade que pode durar séculos e a convalescência são essas existências expiatórias nas quais se perde um defeito e se adquire mil imperfeições.

Prosseguem explicando suas idéias, seus conceitos refulgem claros, precisos, adequados ao exemplo diário, à própria vida com suas mil

variações.

— E a ti parece, — Continua a sombra do Espaço. — que se nesta existência fizeste o trabalho das formigas já estás em paz com o teu passado? Não! Não estás! Se isto supões, estás em erro. Que é uma gota de água cristalina em um mar de lodo? Que é um pálido raio de luar ante a sombra da noite dos séculos? Que é uma existência sem grandes responsabilidades ante inúmeras encarnações passadas nos torpes prazeres desenfreados? Que é um momento de paixão ante inúmeros séculos de completa indiferença para com as dores alheias? Dizes, — continua se expressando a letra inspirada do Mundo Invisível. — que não queres viver de ilusões, sim de realidades por mais amargas que estas sejam. Pois se queres a amargura da verdade, eu te ofereço em nome de muitos espíritos que não te perdoam os danos que lhes causas-te. Tu te mostras muito satisfeita porque mais de uma vez os Espíritos te disseram que o livro de tua história não tem muitas páginas manchadas de sangue. É certo! Mas, ignoras acaso que há mortes muito mais horríveis do que aquela que uma profunda estocada ou uma bala que encontra por alvo o coração provocam? Não sabe que morrer lentamente é muito mais doloroso que deixar a existência no fragor das lutas no campo de batalha ou em uma emboscada de inescrupulosos traidores?

Em várias ocasiões se haviam mostrado a Amália em sonhos, em quadros vívidos do passado. Ao despertar, dizia com amargura:

— Aquela era eu!... Que horror!...

A escrita automática continuava revelando passagens:

— Não viste montões de cadáveres, nem charcos de sangue, nem moribundos gritando maldições. Não viste nada de extraordinário, somente uma mansão senhorial onde uma família numerosa atravessava os salões dizendo com ansiedade:

— Como tarda!... É preciso sair em busca! Há tantos dias que partiu!... Tu olhavas aquele quadro atentamente quando viste avançar pelo caminho espaçoso um homem jovem e bem posto, trajando um rico costume de caçador. Um dos servidores saiu-lhe ao encontro dizendo: "Senhor, todos vos aguardam. A senhora está desesperada.

— Sim? Pois que esperem. Não digas que me viste. — O homem desapareceu.

"Eras tu, lê-se na escrita psicográfica. — Era teu espírito tangido por uma vida aventureira. Desapareceu, se perdeu no bosque e nunca mais voltou. Molestavas-te com a amorosa atenção dos teus...

De outra feita foste um arrogante senhor que zombava da timidez e da pobreza de uma jovem que fugia de ti motivada por tua pedantesca atitude.

Amália vê a cena.

O homem — seu próprio espírito em uma outra encarnação anterior, — insultava o pudor de uma jovem a quem atirava um punhado de moedas de ouro. Enfatuava-se dizendo que o ouro tudo compra.

Afinal lê com argúcia a comunicação, com os olhos alagados de pranto e compreende... Sua tristeza como que se esfuma. Compreende que deve fazer frente aos seus credores os quais reclamam sua dívida e Amália terá de pagar com a única moeda corrente na praça: a dor.

Recorda também, nesse transe, outra situação de idêntica origem. Sendo muito pequena ainda, tivera um horrível pesadelo. Apesar do tempo transcorrido não se esbate o sonho de sua memória. Via então uma rua ampla. De um lado é bordejada por uma muralha, de outro se alinham casebres de triste aparência. Uns faróis triangulares clareiam, a cena com tétrica luz. Vai sozinha, como se se tivesse perdido nessa rua.

Experimenta uma angústia inexplicável. De súbito uma mão toca-lhe o braço e a detém. Volta a cabeça e vê uma mesa de sapateiro com os respectivos instrumentos. À sua frente encontra-se um homem de mediana estatura, seco de carnes como um esqueleto. Tem os cabelos emaranhados, hirsutos, que dão lúgubre sombra aos seus grandes e impressionantes olhos.

Uma sensação repulsiva se apodera de Amália. Incita-a a fugir desesperadamente. Seu corpo entorpecido permanece, não obstante, como que soldado, fixo, inamovível no lugar onde está. O horror priva-a de qualquer movimento. O homem estava silencioso, mas, à medida em que o tempo transcorria — Incomensurável em sua brevidade onírica. — o seu rosto se aproximava mais e mais do dela com uma muda amaldição em sua terrível expressão.

Amália não sabe quanto tempo dura aquele martírio. Talvez um fugaz instante na imensurável transitoriedade do sonho. A recordação é

imperecível. Grandes trabalhos tinha custado à sua bondosa mãe: distraí-la e fazê-la esquecer o triste espetáculo.

Certa noite de Verão passeava com sua mãe pela principal via pública de Sevilha: a Plaza del Duque. Uma mulher vestida de negro, tresloucada se aproximou tocando o ombro da menina com sua ossuda mão e pronuncia uma frase incongruente, própria de uma mente desequilibrada.

O episódio pode não ter importância, mas a menina o associa ao sonho e permanece em sua memória como um selo vivo e perdurável. Corria o ano de 1893 quando, tendo à sua frente uma folha de papel em branco, Amália se dispõe a preparar o material para o número de La Luz daquela semana. O fato acode-lhe com notável precisão.

Tenta abordar o assunto referindo-se às razões ou falta de razão dos sonhos quando percebe que a envolvia uma influência pesada, angustiada, pesada de ódio, a mesma sensação que ficara impressa em sua alma no sonho infantil.

Um forte estremecimento move-lhe o corpo. Sente uma opressiva inibição que, dominando sua vontade, exige que trace em seu trabalho, começado, uma linha cortante, incompreensível.

Correspondia essa sensação à influência de um Espírito que fora um de seus grandes inimigos de uma vida anterior. Um drama passional de que tinham sido atores em encarnações passadas, engendrara um terrível ódio naquele Espírito. Uma má ação, uma baixa traição do ser que encarnara então como Amália, dotado de poucas e elogiáveis disposições. O ódio daquela entidade espiritual, já no além, persegue sua antagonista, projeta seus influxos carregados de ódio sobre o leito infantil, tentando envolver a que agora é vítima, em uma atmosfera de infelicidade. O êxito coroou-se de reprováveis resultados. As vicissitudes vividas por Amália em sua infância o demonstram claramente.

Ao desencarnar sua mãe, o espírito liberto cria um biombo de proteção espiritual em torno dela, preservando-a de certa forma do rancor do obsessor o qual declara no escrito em que agora se manifestava, que tivera de enviar seus fluidos à distancia da couraça materna protetora.

Não há ódio que não se desfaça quando surge a circunstância que torna isso propício. O grande sofrimento, a grande dor de Amália em sua angustiada existência, conseguem aplacar as iras daquele Espírito, que

propõe-lhe, nessa ocasião, fazerem as pazes. Dá por terminada a perseguição embora não saiba ainda como iniciará a reconciliação.

Uma insegurança terrível atenuava a alma de Amália durante a transcrição do apontamento. Muitas vezes tentou deixá-lo inconcluso, agoniada por terríveis impressões. Uma voz interior lhe dizia: "Chega até o fim!"

O resultado obtido deu motivo a um convite. Quando pôs, finalmente, o ponto final na comunicação, sentiu-se libertada de um peso terrível. Um profundo suspiro, lento e penoso desprende-se de sua alma e levou consigo a amargura descrita, em boa parte, por sua própria pena.

Teve então plena consciência de que desde então tinha em seu haver espiritual um inimigo a menos...

Assim era a vida íntima desta grande mulher, a quem geralmente se evoca com pensamentos de serenidade e beleza nos seus cálidos poemas, entrelaçando rimas e cantando loas. Mui outra era a atormentada vida dessa jornalista atilada, que enfrentou todos os embates da vida e esteve submetida à falta de recursos físicos, aquém do necessário. Amália foi, em sua mais ampla expressão, o que se pode ter por uma lutadora. Lutava contra um terrível mundo visível, contra todos os revezes que este se lhe impunha, mas lutava também contra um mundo mais terrível ainda: o espiritual.

A 18 de fevereiro de 1897 começou a publicar em La Luz o texto da comunicação mais importante do catálogo das obras solerianas, recebidas no Centro La Buena Nova, sob o título de Te Perdono, e que constitui um valioso volume de mais de 400 páginas.

A 27 de maio desse mesmo ano, entrando La Luz no último mês de seu XVIII aniversário, começam a surgir as mais sérias dificuldades para dar continuidade à sua existência. Solicitava-se, logo após o cabeçalho solicitações dirigidas aos subscritores no sentido de se saber se estavam dispostos a prosseguir com suas assinaturas. Justamente no exemplar em que se publicava o 17. E capítulo de Te Perdono, foi preciso fazer a este respeito um parêntese algo lamentável.

As comunicações transmitidas pelo Espírito que se dava o nome de Iris, ocasionam controvérsias. Alguns leitores achavam misteriosas contradições no que se relatava. Desejavam, com impaciência fossem esclarecidos pelo próprio Espírito comunicante. Outros, entretanto, eram capazes de ler nas entrelinhas e iam tirando conclusões das mais formosas dos capítulos redigidos.

Amália se desculpou de não poder dar resposta a tantas perguntas. O médium atuava uma vez por semana e como as comunicações já iam longe não podia estar interrompendo a tarefa para solicitar esclarecimentos.

O Espírito comunicante confirma o que escreve e declara que, em tempo certo oferecerá resposta e esclarecimento a todos.

La Luz sofria tropeços, porém, graças aos bons ofícios de anônimas almas caritativas prosseguia sua marcha e ultrapassava o seu XVIII aniversário com uma tranqüilidade que não se podia prever quando foi iniciado.

A formiga do Espiritismo, como Amália apreciava chamar o seu La Luz, pôde iniciar o XIX ano de publicação em junho de 1897 mantendo-se sua diretora junto à sua grande família, essa parentela do espírito que eram seus leitores, a quem muito amava apesar de muitos se encontrarem a grandes distâncias. Tudo isso diz em um tom familiar, carinhoso, estimulante, mas... deixando entrever no emprego dos vocábulos de que algo não ia bem.

Para seus pobres recebe nesse período setecentas e quarenta e seis pesetas, com as quais acode embora precariamente, os mais necessitados. As comunicações de Iris vão sendo publicadas à medida em que são recebidas. Por essa razão o número de 17 de fevereiro de 1898 não pôde levar o texto correspondente, uma vez que o médium se encontrava enfermo. Abaixo do título na primeira página de La Luz de 31 de março de 1898 lê-se um apelo dramático:

Aos Espíritas — intitula-se. — e diz: "Meus irmãos, com muito sentimento devo molestar vossa atenção. Os responsáveis por La Luz del Porvenir, por efeito talvez da situação dolorosa que atravessamos, não cumprem como deveriam com sua publicação. Há assinantes que nos devem 500 pesetas. É humanamente impossível prosseguir publicando La

Luz se não nos ajudardes, uns pagando o que devem, outros remetendo o donativo que possa, por pequeno que seja. É-nos muito doloroso ter de nos socorrer a vós, pois sabemos que na maioria careceis de bens de fortuna. Mas como não podemos dispor de nosso trabalho para sustentá-la, é La Luz o único meio legal para que possamos viver. Por isso uma vez mais vos dizemos: Irmãos, La Luz del Porvenir que é a nossa vida, está ameaçada de morte se vós outros não ouvirdes o nosso rogo. Vossa irmã em crença.

Amália Domingo y Soler

Sua prudência e severidade crítica no que diz respeito aos seus escritos se vai tornando cada vez mais firme e cautelosa. Muitas das cartas que recebe contêm o lamento de pessoas desditosas que desejam que os Espíritos resolvam sua própria situação. Isso foge ao que a doutrina ensina. Por um lado Amália deseja de todo o coração satisfazer a todos os sofredores, os pobres material e espiritualmente. Por outro lado teme que suas respostas não sejam explícitas, que não se comunique de maneira doutrinariamente satisfatória. Todavia, de cada vez, surge a inspiração do Padre Germano e suas palavras inspiradas, uma vez lidas por Amália, surgem apropriadas e conformes. Amália as publica amenizando de alguma maneira, a angústia dos necessitados de consolo, já que, segundo a informação espiritual "muitas perguntas não podem ser respondidas pois que há verdades tão amargas que não podem ser ditas".

Em 1898 Amália completa 63 anos de pesada e amarga existência. Envelhecera com a alma cintilando de virtudes, embora o contra-peso de muitas angústias e dores, superiores ao que de comum se suporta. Lutas e ansiedades... Glórias e carências de toda a sorte...

No número de La Luz de 26 de maio de 1898, ao findar o décimo nono ano para entrar no vigésimo, Amália volta a lançar o seu S.O.S. Roga aos assinantes, colaboradores e amigos que enviem o numerário de praxe a

fim de que ela continue sua obra. Te Perdonó vai chegando à sua fase final.

Ela agradece o prosseguimento, por honra e justiça, — de uma ajuda fraterna e valiosa que, anonimamente, equilibrou a revista estremecida em seus alicerces. Uma desgraça familiar impede Amália de publicar uma edição que correspondia ao mês de novembro. O problema fora a doença do médium Eudaldo que impossibilitou a sessão no decorrer da qual seria recebido o capítulo a ser publicado. Todavia, logo em seguida as publicações continuam em seu ritmo.

Todavia...

Nesse campo de lutas, tropeços, decepções e de lágrimas furtivas que a miúdo rolavam pelo rosto envelhecido da infatigável diretora, chega-se a dezembro de 1898 com o fatal anúncio de que La Luz suspenderia sua saída por falta de recursos. A guerra que estala em Cuba rouba um grande número de assinantes desse país e de Porto Rico, agravando a situação econômica paupérrima imperante e que ameaça a própria estabilidade da Espanha. A delicada situação se torna premente.

e...

"Com enorme sentimento suspendemos a publicação de La Luz del Porvenir, e, na impossibilidade do momento, inclinamos a cabeça abatidos pelo infortúnio, abatimento que durará pouco tempo. Recobramos nossas forças e seguiremos trabalhando na propaganda racional do Espiritismo".

Assim termina a nota de 8 de dezembro de 1898. E a suspensão se cumpre até o reaparecimento a 24 de agosto de 1899 com o reinício da publicação dos derradeiros capítulos de Te Perdonó. Todos esses altos e baixos não aniquilam a decisão e o dinamismo da diretora, já uma anciã.

No número de 26 de outubro de 1899, não obstante se anuncie a edição do primeiro livro de Amália, Memórias do Padre Germano, com as notas ditadas à médium nas sessões de La Buena Nova por um largo espaço de tempo que vai de 29 de abril de 1880 a 10 de janeiro de 1884, solicita-se aos leitores que, nessa situação, reservem seus pedidos, a fim de que se ajuste a edição. Não apenas se anuncia a edição deste livro como também de um outro de maior envergadura. Notifica-se que enquanto esteve suspensa a publicação de La Luz, "As Memórias de um espírito: Te

"Perdono" foram publicadas em oito tomos tão grandes é o número de páginas.



Uma das últimas fotografias de Amália, muito pouco conhecida. Mostra a grande lutadora com uma fisionomia que não concorda com sua vibrante personalidade, em pleno vigor até o último instante de sua vida

Termina-se de divulgar o texto em La Luz a 23 de novembro de 1899. Falta ainda a publicar, para encerrar o ano XX, catorze números da revista. Em breve, em maio de 1900, se encerraria o ciclo de vinte anos de vida que não pôde chegar ao final por razões muito justas e de força maior.

As energias exaustas da direção impossibilitam seguir adiante nesse estado de coisas. É forçoso suspender novamente a publicação "até reunir fundos suficientes para terminar o XX aniversário"...



VIII

Apaga-se uma luz

1899 — 1900. Entra a Humanidade em um novo período cronológico. Põe-se atrás o século XIX com suas valiosas conquistas científicas e uma séria promessa de evolução social. Tudo permitia pensar que vinha abaixo um mundo caduco para ceder lugar ao século da Luz.

No entanto, no terreno das transições não se produz a concretização esperada, as promessas desejadas. Incerteza! Indecisão! Choques de idéias e de opiniões, divisões entre os que sustentam os poderes vigentes, tradicionais, e os que pregavam a renovação total dos valores e instituições existentes. Esse estado de coisas, infelizmente, vai preparando o resultado trágico da 1ª Grande Guerra, entre 1914 e 1918. A Espanha começa a se apagar em planos inferiores no panorama mundial, onde fora principal figura em épocas não muito distantes, até o reinado de Alfonso XII, em permanente fermentação interna, sempre com repercussões exteriores e vice-versa. Já se encontrava morto Alfonso XII e sob o reinado de Maria Cristina o país se transforma em um abismo de silêncio. Dir-se-ia que sua ardente imponência se aniquilara na quietude da indiferença.

Por sorte o declínio espanhol foi mais no aspecto político e guerreiro. Encontrou nos numes tutelares nos generais Prin e Espartero. Já em 1898 se projetava para o mundo todo uma geração de brilhantes expressões nas letras que a colocaria em alta consideração no plano universal do

intelecto.

Ramon do Valle Inclán, Miguel de Unamuno, Pio Baroja, Ramiro de Maeztu, Azorin, Manuel e Antonio Machado, Juan Ramon Jimenez, chamados com justiça, a potência intelectual que definia o país, como a geração de 98, entravam na liça mundial em outro campo que não era o de Agramante. Definiam uma revolução: a revolução do pensamento, que não podia ser esquecida ou desconhecida mas que cairia vencida porque levava a inspiração divina e sua arma mais potente era a alma.

Seria essa angustiada situação geral vivida nesses instantes o que provocara uma diminuição alarmante entre os assinantes de La Luz? A crise econômica conseqüente e imperante teria sido o motivo único e a causa final?

Em janeiro de 1899, culminando uma série de desastres, arriara-se a bandeira espanhola do castelo do Morro depois de quatro séculos de dominação espanhola sobre Cuba, rompendo os vínculos entre as duas nações. Os assinantes da ilha do arquipélago das Antilhas, com esse acontecimento que desde há muito vinha perturbando a atmosfera geral, faz com que La Luz perca um grande contingente de fiéis sustentáculos com más conseqüências, pois, se bem o fato tivesse gravidade para a própria Espanha, não deixava de repercutir de forma crítica para periódico de Amália.

Não foram estranhas tão pouco a essa situação crítica, as guerras sustentadas pela nação ibérica nos anos de 1894 em Melila, durante 1896-1897 com as Filipinas e em 1898 com a América do Norte. Perdidas as assinaturas de além-mar perdia-se também com a continuidade de comunicações. A crise nacional fazia diminuir a lista de contribuintes e falta o numerário necessário. Um acúmulo de acontecimentos demasiado graves estremecia os alicerces das instituições espanholas. Fora preciso pesquisar cuidadosamente todos os fatos, examinar tanto as questões aparentemente minúsculas, quanto as mais proeminentes, para chegar-se às razões reais da situação. Pesquisando estas últimas talvez as encontrássemos nos cochichos desagradáveis e amargos. Deixemos, pois, o assunto e prossigamos...

Ao longo deste itinerário extenuante, falou-se na Amália periodista. Poder-se-ia examinar até os recônditos de sua alma, através precisamente

da eurritmia de suas palavras escritas no período jornalístico, de suas páginas postas a serviço do bem humano. Paralisado o instrumento de provações e de trabalhos, temos agora que rumar por um caminho impreciso onde situá-la. Havendo terminado sua função jornalística, grande parte da vida de Amália, — de 45 a 65 anos de idade, em que exerceu função de diretora em La Luz del Porvenir, — dá por finalizado o seu trabalho. Deixara de existir a cronista dos pobres, tal como era chamada.

Mas...

Por acaso entra em eclipse com La Luz o espírito dinâmico de Amália? Deixa de ser famosa? Terminam seus dissabores? Deixa de existir a jornalista?

Até o dia 29 de abril de 1909, dia em que esfuma sua existência física, se mantêm ativas e vivas suas virtudes, angústias e capacidades. Sua celebridade ultrapassa sua presença física e perdura mais de meio século. Os dissabores prosseguem atezanando sua alma até o final de seus dias terrenos. Se por um lado seus muitos amigos rendiam-lhe preitos de amor, reconhecimento e consideração, não faltavam por isto conflitos e complicações que lhe arrancavam lágrimas dos débeis olhos. A jornalista, ágil, destra, modelar, já não tinha a filha de suas inquietações: La Luz. Em Cuba, Porto Rico, Argentina, México, não faltavam jornais e revistas ávidos por seus escritos plenos de humanidade, vida e calor. Aí está, pois, ativa, radiante, colossal, tanto por sua celebridade quanto por seu sofrer, nas encruzilhadas dos séculos, 1899-1900 esta insigne escritora que se chamou Amália Domingo y Soler.

Amália já atravessa os sessenta anos, muitos para sua saúde alquebrantada e, ademais submetida, como o estava, a uma faina de trabalhos e emoções intensas e sem trégua. Embora o tipógrafo nunca estivesse de pé ante sua mesa, esperando material para encerrar a edição de um número de La Luz, não descansava sua pena ágil. Todos os temas que tinham ferido sua inquietude, encontravam devido eco nas páginas em branco, sempre à mão. E voavam por terra e por mares, valorizando

publicações de dois continentes. Uma nova atividade reclama-a também: seus livros.

Na febril produção, deu material para vários volumes bibliográficos que, em folhetos ou em livros, formaram valiosas separatas que estenderam o seu trabalho em um campo mais amplo.

Em 1880 se havia produzido a separata editada pelo próprio Torrents de El Espiritismo refutando los errores del Catolicismo, um alentado volume. Contam-se outros muitos folhetos: Cânticos, especialmente dedicado à Escola dominical de La Buena Nueva, no qual se encontram 44 canções para dar às crianças uma noção elementar dos princípios espíritas especialmente em seu aspecto moral. Impressiones y comentarios sobre los sermones de un escolapio y un jesuíta, editado através das refutações de La Luz, rebatendo os sermões pronunciados contra o Espiritismo pelos sacerdotes Sallarés, e o escolápio Fita, da Companhia de Jesus. Consejeros de ultratumba, é uma história de duas almas, outro filho de sua inspiração e experiência filosófica. Historia de un presidiário, "dedicado aos que pagam culpas nos cárceres". Salvador Sellés é o título de outra separata dedicada ao grande poeta e amigo. Versos de Amália é o título de uma seleção de poesias, conhecidas mas inéditas. Há várias outras que não tiveram tanta procura e não resistiram a reedições, especialmente na Argentina onde seu nome ainda gozava e goza hoje de grande simpatia e respeito.

"Memórias do Padre Germano" inicia a mais importante etapa da bibliografia soleriana, depois de La Luz. A história do Sacerdote que em Espírito fora seu guia, seu mestre e permanente estímulo surge à consideração de um enorme contingente de leitores como um êxito de livraria que se prolonga até os nossos dias. São 354 páginas com uma série de relatos comovedores, simples e dramáticos, de uma vida exemplar, sublime, dedicada ao bem de seus semelhantes e ao amor às crianças tendo por seu grande inspirador o Mestre da Galiléia.

Desde 29 de abril de 1880 até 12 de março de 1884, Amália copiou fielmente todas as semanas, o que era transmitido através de Eudaldo, inspirado pelo Padre Germano. Além de ter publicado esses relatos em La Luz, em sucessivos números, surge entre seus amigos a idéia de lançá-los ao conhecimento geral, como um exemplo vivo de virtudes.

Em fevereiro de 1900 este livro já havia tido várias reedições. Imediatamente depois surge *Te perdono: Memórias de um Espírito*, (*) também publicado angustiosamente nos derradeiros números da revista de Amália.

() No Brasil Perdôo-Te! (Memória de um espírito) foi traduzido por José Fakira e lançado em um único volume de 720 páginas por Zelio Valverde — Livreiro Editor, do Rio de Janeiro, em 1943.*

Este último livro, que foi inicialmente publicado em 8 tomos, tal a sua extensão, 870 páginas de tipo comum, se torna uma realidade graças às comunicações obtidas em La Buena Nueva pelo Espírito de Iris, que teria sido Maria de Magdala, a mulher convertida por Jesus, Tereza D'Avila em outra encarnação e parceira do Rabi Galileu em sucessivas situações. É um livro profundamente dramático, discutível, pois se faz necessário penetrar-se nas entrelinhas para captar seu profundo significado, requerendo, conforme Amália adverte no prólogo à obra, "saber ler e não se fixar apenas na letra sem buscar o espírito que dá vida àquelas frases hiperbólicas".

Nos primeiros dias do ano de 1897 inicia-se a cópia de seu texto e, com breves intermitências, trabalhando um dia por semana, foi o livro dado por findo em meados de 1899. No dia 5 de janeiro de 1904 estavam encadernados os oito volumes pela boa-vontade dos editores Carbonell y Esteva, que aprovavam as idéias contidas em suas páginas e julgavam uma ciclópica aventura editar o volume, embora já tivessem editado outras obras fundamentais, espíritas, de menor porte. Em 1944 se fez uma reedição em dois tomos na Argentina e continuou cativando e intrigando a uma ampla quantidade de leitores.

Talvez como uma homenagem, inspirados nos sacrifícios de Amália quando à testa de La Luz, os seus muitos amigos, de várias partes do mundo julgam oportuno reunir em livros os escritos aparecidos na revista. Em uma ocasião chegou-se a pensar na gigantesca tarefa de imprimir suas obras completas, empresa de uma proporção extraordinária e impossível, devido o grande número de trabalhos assinados por Amália. Seus muitos amigos de Cuba iniciam uma subscrição para colaborar na impressão desse empreendimento. Um impressor, Loberia, da cidade da província de Buenos Aires, na Argentina, se oferece para imprimir as obras completas

pelo simples custo do papel.

De todo esse conjunto de trabalhos, aparece em 1903, em dois tomos, de mais de 300 páginas cada um, "Ramos de Violetas" uma valiosa seleção de artigos e poemas que haviam sido publicados em La Luz, com um prólogo emocionado da autora. Em 1947, em Buenos Aires, lança-se a quarta edição destes livros.

Sua obra continua sendo impressa mesmo depois de Amália ter deixado o plano terreno. Imediatamente depois de seu trespasse, uma entidade de La Pampa, na Argentina, Caridad Cristiana, custeia a edição, impressa com o timbre da grande casa editora barcelonesa Maucci, de outra interessante seleção de escritos, precisamente com o título de "Sus más hermosos escritos".

Em 1913 se publicam suas memórias, que Amália deixara inacabadas compreendendo o período que vai até 1891. Este livro possui a originalidade de conter um prólogo ditado por Amália do Mundo Espiritual em 1912, três anos depois de sua partida, bem como a continuação, a partir de 1891 até sua desencarnação, com particularidades e impressões sobre a vida no Além. O Espírito usou as faculdades mediúnicas de Maria, com os quais Amália continuara seus trabalhos na entidade de seus amores, depois que Eudaldo também partiu rumo à vida espiritual.

Em 1956 realizou-se outra interessante seleção de trabalhos, todos baseadas no filão da Lei reencarnatória, sob o título de "Hechos que prueban". (*) Contém 41 relatos tomados na mesma fonte, com rigorosa seleção feita pelo Ateneo de Propaganda Allan Kardec, da cidade de Avellaneda, Argentina. Esta mesma entidade edita em 1961 outro tomo com um valioso extrato da famosa polêmica de Amália com o cura Vicente Manterola: Refutaciones de Amália.

(*) *Hechos que prueban* foi lançado no Brasil com o título de "Reencarnação e Vida", em tradução de Jurema de Castro, revisão de Dr. Hércio Marcos Cintra Arantes e Elias Barbosa, com apresentação e nota biográfica de Salvador Gentile, pelo Instituto de Difusão Espírita, de Araras, SP, em 1972.

Desaparecido o instrumento que a punha em contacto com os desditosos da Terra, nem por isso Amália abandonou os mais angustiados, os que, por correspondência, lhe enviavam suas queixas. Obtinha respostas do Mundo Espiritual, consultando o médium do grupo. Na resposta ia o consolo, a esperança com que se poderia de alguma forma vencer as vicissitudes.

Nó lar de D. Luis Llach, onde vivera querida e respeitada por essa honorável família, começam também a surgir os incidentes dolorosos. O chefe da família torna-se enfermo e com isso o abatimento moral cai sobre a casa. Aquele homem dinâmico, campeão de todos os obstáculos, mostra sua virilidade ante a dor física.

Amália compreende então que pode, em tais circunstâncias, pagar a dívida de afeto contraída com aqueles seres. Começa a trabalhar para dar ânimo ao enfermo a fim de que suas forças não esmoreçam. Toma por um compromisso moral não se deixar vencer e nem desfalecer. Imagina um tema: "Agora chegou o momento de dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César"...

O padre Germano, em suas mensagens, lhe diz: "Agora é chegado o momento de dares a mão ao teu protetor". Sente nascer uma nova responsabilidade. Já não está no abismo da angústia em que se precipitara ao findar de La Luz. Quando a esposa de D. Luis partiu para o infinito, este confiou Amália à atenção de sua filha Concepción, a "menina" que, desde muito pequena, Amália acostumara-se a ter por companheira afetuosa.

Amália agora ia ser "mãe"!!!

Tratou, na medida de suas possibilidades, de ser uma tutora amorosa, conselheira, guardiã zelosa dos problemas da jovem em idade de casar-se, compromisso que se agravava para ela, pois desejava cumprir com seus deveres sem falhas, tendo em vista o afeto que nutria por Don Luis e os seus.

Um dia a moça contrai matrimônio e parte para longe, indo estabelecer o seu próprio lar. Deixa um vazio de saudade em sua alma quando a desditosa anciã já se acostumara à missão maternal.

Don Luis contrai novo matrimônio. Sua cônjuge não compartilhava dos ideais de seu marido pelo que se agravam as distâncias entre os dois. Amália perde, desta forma, o afeto do amigo e vê a situação se agravar com a partida do mundo terreno do senhor Llach. O desamparo em que fica é minorado por Eudaldo que constantemente acorria em seu favor e, nos momentos angustiosos que vivia a anciã, punha-se em contacto com o amparo do Padre Germano do qual promana o consolo oportuno com o qual vai vencendo e superando as angústias. Amália dirigia então sua atenção com maior empenho para o seu querido Centro que, sem a presença, auxílio, autoridade e capacidade de organização do incomparável Luis Llach recaia-lhe sobre os ombros. Entre os remanescentes do grupo não se encontrava pessoa capaz de assumir a tremenda responsabilidade, de modo que tudo ameaçava a cada instante sucumbir, dado o alto nível que o centro alcançara graças ao porte social de seus diretores.

Amália depositava toda a sua atenção no Centro, buscando dar consolo aos humildes que, antes, atendia pelas colunas de La Luz. Um dia, Maria, humilde componente do grupo lhe comunica que o Mundo Espiritual a inspira, quer ajudá-la em sua missão valendo-se de suas faculdades mediúnicas.

Acostumada à segurança e fidelidade de Eudaldo, Amália desconfia dos muitos aspectos que a mediunidade apresenta. Pode cair em fraude ou em erro e não ser bem sucedida. Não quer, pois, a princípio, tomar a sério à notícia.

Mulher de raciocínios, reflexiva, preferia seguir o critério de seu mestre dileto, Allan Kardec, quando dizia que mais vale negar 9 verdades a aceitar um erro. Mas os acontecimentos vieram provar-lhe que sua apreensão não tinha razão de ser. Maria, uma humilde mulher, dava-lhe, dia a dia, provas concludentes da autenticidade de seus dons mediúnicos. Eudaldo mesmo a aprovava. Sentia-se ele, — Já idoso. — não muito seguro de si quanto ao equilíbrio mental necessário à sua mediunidade. Estava enfermo e sem as forças dos tempos das grandes mensagens do

Padre Germano e Iris. À medida em que se eclipsavam as forças de Eudaldo, iam tomando vulto e confiança as de Maria. Amália, insensivelmente substituía um auxiliar pelo outro, sem solução de continuidade em sua delicada tarefa espiritual.

— Não só na Terra, mas também no espaço ser-te-á útil! — Dizia o Mundo Espiritual através de Maria.

Eudaldo se esforçava por superar a enfermidade e arrastava o corpo enfraquecido para permanecer ao lado da bondosa companheira dos grandes momentos, auxiliando-a a levar a bom termo, nos extremos de sua existência, o valioso acometimento. Tanto assim que, finalmente, resolve compartilhar a solidão de Amália indo viver ao seu lado, levando consigo os filhos que ela vira nascerem e que considerava como seus próprios filhos. As circunstâncias dão-lhe uma nova família, fazendo com que Amália aproveitasse imediatamente os momentos de lucidez e de forças de Eudaldo para manter o sublime intercambio com o mais além. O filho e a filha de Eudaldo fazem entrar na casa de Amália, com suas presenças, um hálito primaveril. Os jovens amavam entranhadamente a querida amiga e com seus beijos e carícias deram-lhe momentos de grande felicidade terrena, de que tanto necessitava o seu atribulado espírito. Todavia a fraternal união não durou muito. Eudaldo foi chamado a prosseguir sua missão para além da Terra. Sua vida física tocava ao fim.

As crianças ficam aos cuidados de Amália e, com isso, uma dupla preocupação: a de ver-se privada do grande aliado, que lhe proporcionara as maiores satisfações e a de sustentar os órfãos. A situação se complica.

Ela deve lançar mão da venda de todos os seus livros e de quantos objetos de valor possuía. Eram recordações dos inumeráveis amigos ao longo de sua carreira de jornalista. Vende-os para dar cumprimento à nova missão que sobrecarrega ainda mais seus ingentes compromissos. Ela consegue de alguma maneira, equilibrar a situação. Mas permanece o problema central. Este segue agravando-se. Chama os correligionários de maior confiança para revelar a situação em que se encontra. Tudo fazia sugerir o esfacelamento da instituição. A reunião não surtiu bom resultado. Ninguém encontrava uma solução ou parecia disposto a encontrá-la... A ponto de perder a fé, apela para a mediunidade de Maria, solicitando conselho e a inspiração do mundo espiritual. Do Mais Além

concitam-na a não se desesperar. Com efeito a comissão diretora de um centro oferece colaboração à La Buena Nueva, de modo a que continue funcionando como em seus melhores dias. Com isso se vão mantendo as coisas, embora de forma precária.

Suas forças se iam cedendo cada vez mais. Sua saúde de per si aquebrantada, piora dia a dia. A medicina já não tinha influência sobre seu organismo. Este alcançava a decrepitude e sua alma já não dispunha dessas forças que vêm de dentro e ajudam a viver. Por fim, a instâncias de Maria, vai consultar um médico amigo da médium.

Este inspira confiança à enferma e já na primeira consulta percebe que a moléstia é mais da alma que do corpo. A terapêutica somática carecia, para aquela enferma, do calor do afeto que dantes lhe fora tão benéfica.

Assim foi com o diagnóstico do facultativo, que sabia curar: promoveu-se uma aproximação de amigos em torno de Amália, dispensando-lhe solidariedade afetiva para isso, valendo-se de seus muitos amigos. Estes montaram uma espécie de guarda afetiva junto dela durante oito meses, postados aos pés da cama da enferma, de modo que a todo o momento ela pudesse "sentir a presença", o afeto, a atenção de suas amigas que não esqueciam a singular mulher. Faziam-no por si mesmas e em nome da multidão que física e espiritualmente recebera dela consolo e auxílio em suas angústias, à viva voz ou pelo magnetismo sublime surgido de sua adestrada pena. Essa movimentação cordial provou que o médico estava certo pois que a enferma começou a melhorar sensivelmente. O ir e vir de gente amiga deu também nova vida ao Centro já pouco freqüentado.

Foi nesse período que o médium de um centro amigo decidiu-se a colaborar com suas faculdades na tarefa de reorganização de La Buena Nueva, que então era visitada por aguda crise. O médium pôs-se à frente da instituição, com sua esposa, uma das senhoras que velavam por Amália no seu leito de enferma.

Mas... não teria descanso às inseguranças da anciã. Longe de encontrar nesse casal os colaboradores de que tanto carecia, só encontrou novos motivos de preocupações, dadas as discrepâncias por eles criadas. Foi preciso dispensá-los da tarefa, pois situações insustentáveis, fizeram nascer um profundo abismo entre os mesmos. Desesperada, Amália

exclamou nestas dramáticas circunstâncias: "Agora sei que meu centro deixará de existir!"

Mas isso não haveria de ocorrer. Lembrando-se da médium Maria, que em tantas ocasiões reiterara seus oferecimentos recorre à mesma para consultar o seu grande amigo, o Padre Germano.

— Dizem-me que não sejas covarde, — Disse a sensitiva ao captar as influências espirituais... Isto tudo ocorreu porque devia ocorrer; as mesquinhas do homem em nada influirão no funcionamento de teu Centro. — Dizem-me do Além — Acrescentava a médium. — que de hoje em diante recobrará nova vida, uma nova mediunidade vai inaugurar uma nova fase e que sustentará o Centro por muito tempo. Surge nesses dias, como que movido por influências sutis, o sempre necessário mecenas, que oferece, com seu dinheiro, cooperar no que fosse preciso.

Amália, recobrando-se dos padecimentos da enfermidade que a manteve tanto tempo prostrada, fortalecida pelo mundo espiritual que a todo instante lhe repetia, por seus Mensageiros, "que ainda havia muito por fazer"; anuncia-lhe também a chegada do Milionário. Sabendo que esse homem sentia especial inclinação para com as crianças, solicitou-lhe que montasse uma escola onde se desse ensino primário, ao mesmo tempo que se ministrasse aos educandos sadios conceitos de moral e o respeito aos mais velhos, embora não se lhes ditassem nenhum ensino especificamente espírita, apenas o apreço mútuo, os sãos preceitos da moral e o espírito de Humanidade que deles se desprende. A mestra a quem se dera a responsabilidade das aulas, era uma idealista consciente de sua missão e sabia como plasmar a mentalidade infantil.

Uma tormenta a mais havia passado. Retornava a calma e Amália, já convalescente; toma novamente o timão da "nave". O Centro voltava ao seu apogeu.

Mas... não se havia dado a calma convalescença à permanente lutadora. Dentro em breve sentia-se sob a cruz de novos contratemplos. O "mecenas" se apresenta com uma enfermidade grave. É preciso que se submeta a uma urgente operação, da qual não sai com vida. Torna a ruir o edifício quando cai uma das colunas mestras. Perigo para La Buena Nueva!

Não fosse por sua inabalável crença nos ensinamentos da doutrina que

abraçara, a qual lhe ensinava que todo esse processo que vivia era uma conseqüência do passado espiritual e que já se lhe projetavam um futuro promissor de redenção e superação, teria claudicado mais uma vez nessa luta sustentada permanentemente.

E os pobres, pobres de alma e pobres de possibilidades econômicas, recorriam a ela em volumosa correspondência, rogando-lhe constantemente o consolo, o conselho próprio à superação de suas angústias pessoais, desconhecendo que aquela a quem pediam paz era quem dela mais carecia; aquela a quem pediam fé era a que mais necessitava refazer sua bagagem de esperanças para sustentá-la...

Na intensa determinação de responder e responder, assistida pelas faculdades de Maria, superada a cada dia, ia diluindo suas próprias angústias e a imensa solidão, ao verificar, que, em meio a tanta desdita, não era ela apenas quem sofria neste mundo.

O Mundo Espiritual dá-lhe, em um desses graves momentos, outra amostra de sua assistência e ajuda. Em muitas sessões mediúnicas auguravam-lhe que havia ganho a palma. Um dia chega da Argentina a senhora Maria K. de Senillosa, que se detivera de passagem, pois se destinava a Bordeus. Esposa de um grande lutador espírita argentino, Don Felipe Senillosa (*) iria terminar na França os seus dias na Terra pouco antes de Amália.

() Felipe Senilosa desencarnou em Buenos Aires e foi trasladado para o Cemitério de Barcelona, estando a poucos passos do túmulo de Amália.*

A senhora de Senillosa, já viúva, mulher de fortuna, havia continuado auxiliando Amália como o fizera o esposo em vida, com oportunas e valiosas somas de dinheiro.

Desta vez chega com uma médium que a acompanha. Esta sensitiva, que não conhecia Amália senão pelas referências que dela faziam, entrou em transe e, solicitando papel e lápis de diferentes cores, começa a desenhar. Ao fim da tarefa entrega a Amália uma formosa "palma", dizendo-lhe:

—Dizem-me as vozes do invisível que esta "palma" é vossa e que muito merecidamente a ganhastes.

A obsequiada entendeu muito bem o simbolismo da mensagem espiritual...

—Agora sim, sei que conclui minha tarefa! — Disse embargada pela emoção. — Minha campanha está finda. Felizmente! O meu corpo dá sinais inequívocos de que já não suporta mais.

Em um torvelinho de desencontradas sensações, ia da dor ao prazer, da felicidade à tristeza, pensando na sorte que estava reservada ao seu querido Centro e ao mesmo tempo experimentando o prazer de ter concluído, por fim, uma vida tão intensamente marcada por sofrimentos.

Estava pronta para partir!

Apenas uma nuvem obscurecia a felicidade que se ia apoderando de sua alma: "O que se daria com La Buena Nueva quando ela faltasse?"

Eleva suas últimas preces ao Senhor, rogando que seu Centro não sucumba. Ouve então uma voz grave e distante que lhe promete solenemente que o centro subsistirá até quando fosse possível. Esta foi a sua última relação consciente com este mundo de sofrimentos.

Por uma janela aberta penetravam os perfumes primaveris naquela manhã de 29 de abril de 1909. O corpo examine entregava a Terra o que lhe restava...

A presença de sua inesquecível mãe, de Don Luis, de Colavida, Eudaldo, Benisia, de todos aqueles que a precederam em seu vôo ali se faziam sentir, resplandescentes, cercando-a, esperando-a... Momento crítico... A transição...

Krainfort de Nínive, um eloqüente cantor das musas, terminava um poema dedicado ao desprendimento nestas estrofes:

No Ilories terrenales... En cel cielo
um ángel más nos quieri y nos espera.
Continuemos su obra en este pueblo,
sea ela la estrella y el modelo
mientras siga nuetra alma su carrera.

Um imenso cortejo seguia o coche fúnebre. As mais insignes personalidades do Espiritismo espanhol, teosofistas e mulheres do povo,

mudos, estáticos revigoravam as forças de seus puros pensamentos orando pelo ángel que renascia, espírito liberto da escravidão da carne.

O ángel nesse clima amoroso eleva-se, parte rápido em sua carreira a libertação...

Nos portais, de suas casas, seja em pontas de aventais, seja em lenços de rendas, as pessoas enxugam lágrimas à passagem da comitiva. Sabe-se que ali transportavam a última expressão carnal de Dona Amália Domingo y Soler.

Todos quantos leram seus escritos, os que admiraram sua valentia, os frutos opimos de sua pena, os que sentiram os arroubos de seu peculiar estilo; os amigos, os adversários, todos sabem que "novamente" partia para o infinito, para a Eternidade, como sustentara ela durante 37 anos, aquela que ia renovar a sua vida permanente, toda a sua potência, força, no clima puramente espiritual...

...Quando o espírito rompe os laços que o prendem ao corpo, os guias e amigos o envolvem com seu manto fluídico para que não se aperceba do crítico momento. Passada a primeira impressão, quando tudo na Terra volta ao seu costumeiro lugar, desdobram o véu e deixam que contemplem os locais tão queridos pelas recordações, pois quando alguém sofreu e chorou no santuário de seu lar, em santuário se transforma, permitindo que se contemple quão proveitosa foi àquela existência de amarguras.

— "Quando na Terra tudo voltara aos seus lugares costumeiros, foi que eu, como a pomba-correio, retornei ao meu pombal sem querer distanciar-me dali embora estivesse plenamente convencida de que ninguém me via nem ouvia pensando apenas que ainda lhes podia ser útil. E assim era em realidade..."

Assim se expressou o Espírito de Amália por meio da mediunidade de Maria.

Prezado leitor:

A ti que tiveste constância e disposição para dar tua valiosa atenção, tempo e paciência para chegar até aqui, dedico estas reflexões que, comumente vêm no prólogo do autor, responsável pelo trabalho lido. Considera-se que em um prólogo se exteriorizam coisas tão íntimas que lhe pertencem e que dedica a um ocasional amigo — como és de agora em diante — que não pode nem deve ser lido por qualquer desprevenido leitor.

Quem folheia ao acaso um livro, dirige geralmente o olhar para o prólogo, a fim de inteirar-se, — curioso, — de que se trata, embora não tenha intenções nem tempo para ler todo o texto. E se informa ali, de confidências do autor, que, nesses momentos, está longe de pensar que essa revelação de sua alma, tem um intruso que se informa de algo que não ganhou o direito de saber por não possuir o título honorífico que outorga a amizade.

E perde-se a confidência...

Ouvimos, em 1953, a escritora e jornalista, sra. Ethí Gilbert, em uma conferência pronunciada sob o título de "Amália Domingo y Soler no periodismo e nas letras espanholas", onde a oradora se ocupou de preferência da personalidade da jornalista andaluza. Terminada a conferência, dissemos a sra. Gilbert que o seu trabalho poderia ser o alicerce de uma biografia de Dona Amália, que haveria de interessar a seus muitos admiradores espalhados por todo o mundo.

O texto da conferência foi publicado pela Editorial "V́ictor Hugo" e tudo ficou nisso. Certo dia chegaram às nossas mãos alguns exemplares de La Luz del Porvenir. Folheando-os se nos foi fortalecendo a idéia de que D. Amália merecia uma biografia, dada a sua vigorosa personalidade e sua obra, máxime quando, apesar de seu nome ser muito conhecido como poetisa e escritora, ao ponto de ser denominada "La Cantadora del Espiritismo, não se dera ao prelo o livro que esboçasse sua figura de tão resplandecente personalidade.

Talvez se acredite, até certo ponto, que esta tarefa é cumprida em suas Memórias. Entretanto esse livro foi escrito em vida, com a modéstia

pessoal que caracterizava a autora e terminava-se por uma comunicação mediúnica. Por isso resulta, a nosso ver, insuficiente, sem que por isso se negue o valor que possui.

Como dissemos, sua primeira parte, escrita em vida, não diz quanto ela representa e dá forma apenas sumária do que uma pessoa pode dizer a seu respeito, sobretudo porque esse trabalho não é de seu agrado. Ela obedeceu ao desejo de grande número de admiradores e amigos que o reclamavam, mas realizou a obra a contra-gosto. Disse muito de si porém o melhor ficou nas linhas corridas tangidas pelo imperativo do tempo e das circunstâncias, nos intervalos de suas notas jornalísticas.

A segunda parte, a mediúnica, não acrescenta muito mais. Talvez acedendo aos pedidos daqueles que a invocavam em suas preces e nas sessões espíritas, o seu Espírito se dispusera a terminar o trabalho que havia deixado inconcluso, encerrado em 1891. Tinha, pois, um déficit informativo que abarcava dezoito anos.

A leitura daqueles exemplares de *La Luz* fez vibrar profundamente a fibra de nossa simpatia pela sua tarefa jornalística. E de uma expressão recolhida ao passar, do Padre Germano, nasceu nossa intenção de iniciarmos a empresa que tu leitor, tiveste a deferência de ler. O Espírito do cura em um dos colóquios sustentados, com Amália, chamou-a: *Ia Cronista de los Pobres*.

A frase gráfica nos pareceu justa e digna de um trabalho em que se manifestasse especial e detidamente, as singulares condições para o jornalismo de nossa heroína e que havia era muito a ser dito por nossas possibilidades.

De um surgiu o outro. Longe de permanecer satisfeito com nossos esforços, temos a plena consciência de haveremos apenas composto uma minúscula faceta da que é digna da brilhante pena de por exemplo, de um êmulo de Stephan Zweig.

Sabemos bem que em nossa empresa há, quanto ao rigor histórico e o ordenamento cronológico dos fatos, não poucos erros que não pudemos corrigir, em primeiro lugar pela imprecisão das fontes de informação de que nos pudemos valer, tão distantes no tempo, embora encontrássemos ao nosso alcance colaboradores tão generosos quanto amáveis.

Mas, para o humilde propósito empreendido, não nos interessa

especialmente isso, mas, antes, advertir o leitor estudioso das possíveis lacunas que haveria ao largo do texto. Fazemos esta declaração destinando-a àqueles que poderiam pedir maior precisão de detalhes, pois que nosso primordial interesse foi o de fazer surgir de toda essa fonte de informação, a jornalista in vivo, com toda a exteriorização de sua expressão viril.

Em nossos esforços, limitados por certo, penetramos no maravilhoso terreno do anedótico, sempre apaixonante, com o qual acreditamos dar maior dinamismo, interesse e amenizar o trabalho. Se alcançamos tal propósito, só o leitor poderá dizê-lo. O certo é que, logo após havermos terminado nosso esforço, prosseguimos considerando que faz falta para a cultura o exemplo dos grandes espíritos, uma biografia de D. Amália Domingo y Soler que deve estar a cargo de uma pena digna de tal personagem, de estatura, — como disse. — do malgrado autor mencionado.

Procuramos colocar Dona Amália no cenário telúrico em que atuara e isso da melhor maneira. Por vezes dada a importância de certos detalhes queurgia por em destaque, tive de recorrer à síntese, como esses cenários teatrais esquemáticos que, no proscênio, com traços breves e justos, dão a pauta de todo um ambiente impossível de ser recriado minuciosamente.

Aqui e ali roga-se a inteligência do público e do leitor, para que sua imaginação e seu discernimento complete o quadro apenas sugerido. Contamos, pois, em que a valiosa cooperação de nossos leitores nos seja prestada para superar essas passagens difíceis de nossa história.

Se este trabalho conseguir incitar a uma boa pena no sentido de fazer a supra dita biografia, será compensada boa parte o esforço realizado. Nenhum êxito maior poderia alcançar o escritor.

Leia-se *La Idea de Dios* transportando-se em imaginação ao ambiente reinante na Espanha em 1879 e se notará que um calafrio nos percorre a espinha pensando na audácia, valentia, virilidade intelectual e espiritual dessa débil e pequenina mulher que se atreveu a enfrentar o gigante, movimentando-se ainda entre as cinzas da inquisição e que de seu modesto quarto pretendia unir as idéias e as consciências com recursos de força difíceis de reunir.

Isso era Amália!.. **Fim**

(*) *"La Idea de Deus"* pode ser lido em nossa edição do livro de Amália, *A AURORA DOS MORTOS*, Edição "O Clarim" — Matão.